

C H R I S T I N A D A L C H E R

v o x



ARQUEIRO



**“Ler é aprimorar seus conhecimentos e
compreender a vida ao seu redor.”**

~ e-Livros.SITE, e-Livros.WIN ~

VOX

“Com uma linguagem clara e uma narrativa tocante, Christina Dalcher ao mesmo tempo alerta e cativa, fazendo-nos lembrar de Margaret Atwood, George Orwell e Aldous Huxley. *Vox* é um livro para o presente distópico. Ele me fez despertar.”

– MELISSA BRODER, autora de *The Pisces*

“Qualquer mulher que já foi silenciada reconhecerá a visão aterrorizante tão vividamente retratada em *Vox*.”

– RÓISÍN INGLE, *The Irish Times*

“Ambientado em um futuro próximo e reconhecível, comparável a *O conto da Aia*, *Vox* é um romance perfeito para a era do #MeToo.”

– JULIA VITALE/KEZIAH WEIR, *Vanity Fair*

“Tive que me lembrar constantemente de que isto é ficção e não alguma notícia deturpada surgida no Twitter. Leia e grite sobre isso em mais de 100 palavras, se precisar.”

– NINA POTTELL, *Prima*

“Uma história perturbadora que deixará o leitor extremamente incomodado, independentemente de gênero.”

– *Starburst*

“Vox é inteligente, provocativo, tenso... tudo que um grande romance deve ser.”

– LEE CHILD, autor da série Jack Reacher

“Uma estreia corajosa, brilhante e inesquecível.”

– ALICE FEENEY, autora de *Sometimes I Lie*



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

C H R I S T I N A D A L C H E R

v o x



Em memória de Charlie Jones, linguista, professor, amigo

UM

Se alguém me dissesse que um dia eu seria capaz de derrubar o presidente, o Movimento Puro e aquele merdinha incompetente do Morgan LeBron na mesma semana, eu não acreditaria. Mas também não questionaria. Não diria nada.

Virei uma mulher de poucas palavras.

Esta noite, no jantar, antes de eu dizer as últimas sílabas do dia, Patrick dá uma batidinha no dispositivo prateado preso ao meu pulso esquerdo. É um toque

leve, como se estivesse compartilhando minha dor, ou talvez me lembrando que devo ficar em silêncio até o contador reiniciar à meia-noite. Essa magia vai acontecer enquanto durmo, e vou começar a terça-feira com uma página em branco. O contador da minha filha, Sonia, fará o mesmo.

Meus meninos não usam contadores de palavras.

À mesa, todos estão envolvidos na conversa de sempre sobre a escola.

Sonia também vai à escola, mas nunca desperdiça palavras contando sobre seu dia. No jantar, entre garfadas de um cozido simples que eu fiz de cabeça, Patrick pergunta a ela sobre seu progresso em economia doméstica, educação física e um novo curso intitulado Contabilidade Simples para o Lar. Ela está obedecendo aos professores? Vai tirar boas notas este semestre? Ele sabe exatamente que tipo de perguntas fazer: diretas, exigindo apenas uma confirmação ou negação com a cabeça.

Observo e ouço, minhas unhas escavando meias-luas na palma das mãos. Sonia assente quando é adequado, franze o nariz quando os gêmeos pedem para a irmã contar como são os professores, como são as aulas, de que matérias ela gosta mais, sem entender a importância das perguntas do tipo sim/não e das respostas limitadas. Muitas perguntas com respostas abertas. Eu me recuso a acreditar que eles fazem isso de propósito, que estão jogando iscas, provocando palavras. Mas, com onze anos, os dois já têm idade para saber. E já viram o que acontece quando usamos palavras demais.

Os lábios de Sonia tremem enquanto ela olha de um irmão para o outro, a língua rosada surgindo entre os dentes ou pressionando o lábio inferior como se tivesse mente própria, ondulando. Steven, meu filho mais velho, pousa um dedo na boca da irmã.

Eu poderia responder o que eles querem saber: agora só há homens na frente das salas de aula. Sistema de mão única: professores falam, alunas ouvem. Isso me custaria dezoito palavras.

Mas só tenho cinco.

– Como está o vocabulário dela? – pergunta Patrick, olhando para mim. Ele refaz a pergunta: – Ela está aprendendo?

Dou de ombros. Com seis anos, Sonia deveria ter um exército de dez mil lexemas, soldados que se reúnem, ficam em posição de sentido e obedecem às ordens dadas por seu cérebro pequeno e maleável. Deveria, se os três elementos básicos (leitura, escrita e aritmética) não estivessem reduzidos a um: aritmética simples. Afinal de contas, um dia minha filha deverá fazer compras e cuidar da casa, ser uma esposa dedicada e obediente. Para isso é preciso aprender

matemática, não soletração. Ela não precisa de literatura. Muito menos da voz.

– Você é a linguista cognitiva aqui – comenta Patrick, juntando os pratos vazios, instigando Steven a fazer o mesmo.

– Era.

– É.

Apesar do ano de treino, as palavras extras escapam antes que eu possa impedir: – *Não. Não mais.*

Patrick observa o contador indicar mais três palavras. Sinto a pressão de cada uma delas no pulso como um tambor sinistro.

– Chega, Jean – diz ele.

Meus filhos trocam olhares preocupados, pois sabem o que acontece se o contador ultrapassar os fatídicos três dígitos – um, zero, zero. Então digo minha última palavra da segunda-feira. Para minha filha. Sussurro apenas “noite”, nem posso falar “boa”, mas ainda assim logo o olhar suplicante de Patrick encontra o meu.

Pego Sonia no colo e a levo para a cama. Agora ela está mais pesada, quase grande demais para eu carregar, e preciso dos dois braços.

Sonia sorri para mim quando a ajeito sob as cobertas. Como sempre, não há história para dormir, nada de Dora, a Aventureira, Ursinho Pooh e Leitão, nada de Pedro Coelho e suas aventuras na horta do Sr. McGregor. É assustador o que ela aprendeu a aceitar como normal.

Cantarolo até Sonia dormir: uma canção sobre passarinhos e cabritinhos, os versos surgindo como imagens imóveis e silenciosas na minha mente.

Patrick observa da porta. Seus ombros, que já foram largos e fortes, estão caídos; a testa franzida com rugas na mesma direção. Tudo nele parece apontar para baixo.

DOIS

No meu quarto, como em todas as noites, me enrolo numa colcha de palavras invisíveis, fingindo que leio, deixando os olhos dançarem sobre páginas imaginadas de Shakespeare. Se estiver me sentindo extravagante, meu texto preferido pode ser Dante em italiano antigo. Hoje me sinto presa a um léxico esquecido. Imagino como as mulheres italianas iriam se virar se os novos caminhos do nosso país se tornassem internacionais.

Talvez elas passassem a falar mais com as mãos.

Mas a chance de nossa doença se expandir para outros países é pequena. Antes que a televisão se tornasse um monopólio federalizado, antes que os contadores fossem postos nos nossos pulsos, eu assistia aos noticiários: Al Jazeera, BBC, três canais da rede italiana RAI e algumas outras emissoras com programas de entrevistas. Patrick, Steven e eu os víamos depois de as crianças irem para a cama.

– A gente precisa mesmo ver isso? – resmungou Steven.

Ele estava relaxado na poltrona de sempre, uma das mãos numa tigela de pipoca, a outra digitando no celular.

Aumentei o volume.

– Não precisamos. Mas podemos.

Quem sabia por quanto tempo isso ainda seria verdade? Patrick já estava falando sobre como os privilégios da TV a cabo estavam na corda bamba.

– Nem todo mundo tem isso, Steven.

O que não falei foi: *Aproveite enquanto pode*. Só que não havia muita coisa para aproveitar. Todos os programas eram iguais. Um depois do outro, eles riam de nós. A Al Jazeera nos chamava de “Novo Extremismo”. Eu poderia ter rido se não soubesse que era verdade. Os comentaristas políticos ingleses balançavam a cabeça, como se dissessem: *Ah, esses ianques malucos... O que inventaram agora?* Os especialistas italianos, apresentados por mulheres atraentes com pouca roupa e muita maquiagem, gritavam, apontavam e riam.

Riam de nós. Diziam que precisávamos relaxar para não acabar cobrindo o cabelo com lenços e usando saias compridas demais. Num canal italiano, um esquete lascivo mostrava dois homens vestidos como puritanos praticando um ato de sodomia. Era realmente assim que eles viam os Estados Unidos?

Não sei. Não voltei à Itália desde que Sonia nasceu, e agora não posso mais ir. Nossos passaportes foram confiscados antes que fizéssem o mesmo com nossas palavras. Ou melhor, *alguns* dos nossos passaportes foram confiscados.

Descobri isso em uma ocasião trivial. Em dezembro, percebi que os passaportes de Steven e dos gêmeos tinham vencido e entrei na internet para preencher três pedidos de renovação. Sonia, que nunca tivera nenhum documento além da certidão de nascimento e uma carteira de vacinação, precisava de um formulário diferente.

A renovação dos garotos foi fácil, como a de Patrick e a minha sempre tinham sido. Quando cliquei no link para solicitar um passaporte novo, ele me levou a uma página que eu nunca tinha visto, um questionário com apenas uma

linha: *o candidato é do sexo masculino ou feminino?*

Olhei para Sonia, que brincava com blocos coloridos no tapete do meu escritório improvisado em casa, e marquei a caixa onde estava escrito *feminino*.

– Vermelho! – gritou ela, olhando para a tela.

– É, querida. Vermelho. Muito bem. Ou podemos chamar de...?

– Escarlate!

– Melhor ainda.

Sem ser instigada, ela continuou: – Carmim! Cereja!

– Isso mesmo, querida. Continue assim – falei, afagando a cabeça dela e jogando outro conjunto de blocos no tapete. – Tente com os azuis agora.

Virando-me de volta para o computador, percebi que Sonia estava certa: a tela estava vermelha. Vermelha como sangue.

Por favor, entre em contato conosco pelo número abaixo. Ou então mande um e-mail para o endereço solicitacoes@estado.gov. Obrigado!

Tentei ligar para o número dezenas de vezes antes de partir para o e-mail. Muitos dias se passaram antes de eu receber uma resposta. Ou uma espécie de resposta. Uma semana e meia depois, a mensagem na minha caixa de entrada me instruía a visitar o centro de emissão de passaportes local.

– Posso ajudar, senhora? – perguntou o funcionário quando cheguei com a certidão de nascimento de Sonia.

– Pode, se você trabalha com solicitações de passaporte.

Empurrei a papelada pela abertura no guichê de acrílico.

O funcionário, que parecia ter no máximo dezenove anos, pegou os documentos e me mandou esperar.

– Vou precisar de seu passaporte também. Para fazer uma cópia.

Ele explicou que o passaporte de Sonia demoraria algumas semanas para ficar pronto. O que não disse foi que o meu tinha sido invalidado.

Descobri isso muito tempo depois. E minha filha nunca recebeu o dela.

No início as pessoas ainda conseguiam deixar o país. Algumas atravessaram a fronteira para o Canadá; outras partiram em barcos para Cuba, México, as ilhas do Caribe. Não demorou muito até que as autoridades estabelecessem pontos de inspeção. O muro na fronteira do sul da Califórnia, do Arizona, do Novo México e do Texas, que os separava do México, já tinha sido construído, de modo que a emigração foi interrompida relativamente rápido.

– Não podemos permitir que nossos cidadãos, nossas famílias, nossas mães e nossos pais fujam – disse o presidente em um dos seus primeiros discursos.

Ainda acho que poderíamos ter conseguido se fôssemos apenas Patrick e eu. Mas com quatro crianças era impossível – ainda mais que uma delas não sabia que não podia ficar pulando no banco de trás do carro e gritando “Canadá!” para os guardas da fronteira.

Portanto, não estou me sentindo extravagante hoje, sobretudo depois de me lembrar da facilidade com que nos tornaram prisioneiros em nosso próprio país, depois de Patrick me abraçar e dizer para não ficar pensando em como as coisas eram antes.

Antes, permanecíamos acordados até tarde conversando. Nos fins de semana enrolávamos na cama de manhã, adiando as tarefas e lendo o jornal de domingo. Organizávamos coquetéis, festas e churrascos aos domingos quando o tempo estava bom. Jogávamos espadas e bridge; mais tarde, quando os meninos tinham idade para diferenciar um seis de um cinco, *war* e *go fish*.

Eu tinha amigas. “Festa da fofoca” era como Patrick chamava minhas noites com elas, mas sei que não estava sendo grosseiro. Era só uma daquelas coisas que os homens falam. Pelo menos é o que eu dizia para me convencer.

Gostávamos de organizar clubes de leitura e conversar em cafés; discutíamos política tomando vinho em bares, mais tarde em porões – nossa versão de *Lendo Lolita em Teerã*. Patrick nunca pareceu se importar com minhas saídas semanais, só fazia piada às vezes, até isso perder a graça. Nas palavras dele, éramos as vozes que não podiam ser caladas.

Bom... Dá para ver como Patrick não se engana nunca.

TRÊS

Quando tudo começou, antes que qualquer um de nós pudesse perceber o que o futuro reservava, uma mulher em especial chamava atenção, pois era uma das mais barulhentas. Seu nome era Jackie Juarez.

Não quero me lembrar de Jackie, mas de repente me vejo um ano e meio atrás, pouco depois da posse, sentada na sala. Estou assistindo à TV com as crianças, pedindo que riam baixo para não acordar Sonia.

Steven aparece com três tigelas de sorvete e comenta que a mulher na televisão está histérica.

Histérica. Odeio essa palavra.

– O quê? – pergunto.

– As mulheres são todas malucas – continua ele. – Isso não é novidade, mãe. É aquela história das mulheres histéricas e de “surtos da mãe”.

– O quê? Onde você ouviu isso?

– Aprendi hoje na escola. Um cara chamado Cooke, ou sei lá o quê. – Steven distribui a sobremesa. – Droga. Uma das tigelas é menor. Mãe, você quer a menor ou a maior?

– A menor.

Eu vinha lutando para controlar o peso desde a última gravidez.

Ele revira os olhos.

– Espere só chegar aos quarenta, aí você vai ver seu metabolismo – retruquei. – E quando foi que você começou a ler Crooke? Eu não sabia que *Descrição do corpo do homem* tinha sido adotado no ensino médio. – Pego a primeira colherada de sorvete de chocolate com nozes e marshmallow. Acho que só dá para mais duas. – Mesmo em Literatura Avançada.

– Na verdade, foi em Estudos Religiosos Avançados – diz Steven. – Cooke, Crooke... Enfim, qual é a diferença?

– Um *r*, garoto.

Eu me viro de volta para a mulher furiosa na TV. Ela já apareceu antes naquele programa, tagarelando sobre as diferenças salariais entre gêneros e o teto de carreira para mulheres, sempre dando um jeito de divulgar seu último livro de título inspirador, no estilo de uma pregação do Juízo Final: *Eles vão nos calar*. Subtítulo: *O que você precisa saber sobre a sua voz e o patriarcado*. Na capa, uma série de bonecas em technicolor – de todo tipo, desde Moranguinhos até Barbies e bonecas de pano – olhando para a frente, com uma mordada de bola na boca, feita no Photoshop.

– Macabro – digo a Patrick.

– Um exagero, não acha? – Ele olha, um pouco desejoso demais, para meu

sorvete meio derretido. – Você vai comer isso aí?

Entrego a tigela sem tirar os olhos da TV. Alguma coisa naquelas mordanças me incomoda – mais do que uma boneca de pano com uma bola vermelha na boca deveria me incomodar. São as tiras de couro, acho. O X preto com o centro vermelho-sangue riscando o rosto de cada boneca. Parecem véus malfeitos, cobrindo tudo menos os olhos. Talvez esse seja o objetivo.

Jackie Juarez é autora de meia dúzia de outros livros, todos com títulos tão aflitivos quanto unhas arranhando um quadro-negro, como *Cale a boca e apenas obedeça*, *Dona de casa e parideira: o que a direita religiosa quer que você seja*, e o predileto de Patrick e Steven: *O útero ambulante*. Neste, a arte de capa é medonha.

Agora ela está gritando com o entrevistador, que provavelmente não deveria ter dito “feminazi”.

– Sabe o que acontece se você tira o “feminista” de “feminazi”? – Jackie não espera uma resposta. – Nazi. Nazista. Prefere assim?

O entrevistador fica sem jeito.

Jackie o ignora e crava seus olhos enlouquecidos, os cílios cheios de rímel, na direção da câmera, de modo que parece me encarar.

– Vocês não fazem ideia, senhoritas. Absolutamente nenhuma ideia. Estamos a um passo de voltar à pré-história, meninas. Pensem nisso. Pensem onde vocês vão estar, onde suas filhas vão estar, quando os tribunais atrasarem os relógios. Pensem em expressões como “permissão do cônjuge” e “consentimento paterno”. Pensem em acordar um dia e descobrir que não têm voz em nada. – Ela faz uma pausa depois de cada uma das últimas cinco palavras, com os dentes trincados.

Patrick me dá um beijo de boa-noite.

– Preciso acordar bem cedo amanhã, amor. Tenho uma reunião no café da manhã com o figurão, você sabe onde. Boa noite.

– Boa noite, querido.

– Ela precisa tomar um calmante – diz Steven, ainda olhando para a TV.

Agora ele está com um saco de Doritos no colo, mastigando cinco de cada vez, uma lembrança de que a adolescência não é totalmente ruim.

– Sorvete de chocolate e Doritos, filho? Isso vai arruinar seu rosto.

– Sobremesa dos campeões, mãe. Ei, será que a gente pode ver outra coisa? Essa mulher é muito chata.

– Claro. – Dou o controle remoto para ele e Jackie Juarez se cala, substituída por uma reprise de *Os reis dos patos*.

– Sério, Steve? – pergunto, olhando montanhesees barbudos com roupa camuflada soltarem baboseiras filosóficas sobre a situação política.

– É. Eles são engraçados pra caralho.

– São malucos. E veja como fala.

– É só uma piada, mãe. Caramba... Não existe gente de verdade assim.

– Já estive na Louisiana? – Pego o saco de salgadinhos e me explico: – Seu pai comeu meu sorvete todo.

– Há dois anos, no Mardi Gras. Mãe, estou começando a me preocupar com a sua memória.

– Nova Orleans não é Louisiana.

Ou talvez seja, penso. Afinal, qual é a diferença entre um caipira escroto aconselhando os homens a se casar com adolescentes e um punhado de bêbados fantasiados jogando colares de contas para qualquer uma que mostre os peitos na St. Charles Avenue?

Provavelmente nenhuma.

E eis o país resumido em vinhetas de cinco minutos: Jackie Juarez em seu terninho e maquiagem profissional pregando o medo; o pessoal dos patos pregando o ódio. Ou talvez seja o contrário. Pelo menos o pessoal dos patos não fica me acusando através da tela.

Steven agora está na segunda lata de Coca-Cola e na segunda tigela de sorvete – uma imagem imprecisa, na verdade, porque ele largou a tigela e está raspando o resto de sorvete direto do pote. Depois de terminar, ele anuncia que vai para a cama.

– Tenho prova de Estudos Religiosos Avançados amanhã.

Quando foi que os alunos do segundo ano começaram a ter matérias avançadas? E por que ele não está estudando alguma coisa útil, como biologia ou história? Resolvo questioná-lo.

– O curso de estudos religiosos é novo. Eles ofereceram a todo mundo, até aos calouros. Acho que ano que vem vão colocar na grade regular – explica ele da cozinha. – Bom, isso significa que não vai sobrar tempo para biologia ou história este ano.

– E sobre o que é o curso? Teologia comparativa? Acho que dá para tolerar, mesmo numa escola pública.

Ele volta para a sala com um brownie. Seu encerramento do dia.

– Não. É mais tipo... sei lá, filosofia do cristianismo. Enfim, boa noite, mãe. Te amo.

Steven dá um beijo no meu rosto e desaparece no corredor. Volto para

Jackie Juarez.

Ela era muito mais bonita pessoalmente, e é impossível saber se ganhou peso desde a faculdade ou se a câmera acrescentou uns cinco quilos, como se costuma dizer que acontece na TV. Por baixo da maquiagem profissional e do cabelo arrumado, Jackie parece cansada, como se vinte anos de raiva tivessem se desenhado em seu rosto, uma ruga de cada vez.

Mastigo mais um Doritos e lambo o pó alaranjado dos dedos antes de fechar o saco e colocá-lo fora do alcance.

Jackie me encara com aqueles olhos frios que não mudaram, acusadores.

Não preciso das acusações dela. Não precisava há vinte anos e não preciso agora, mas ainda me lembro do dia em que começaram. No dia em que minha amizade com Jackie começou a azedar.

– Você vai à passeata, não vai, Jean?

Jackie estava parada, sem sutiã e sem maquiagem, junto à porta do meu quarto, onde eu estava esparramada no meio de metade da coleção de neurolinguística da biblioteca.

– Não posso. Estou ocupada.

– Caramba, Jean, isso é mais relevante do que um estudo idiota sobre afasia. Que tal se concentrar nas pessoas que realmente importam?

Olhei para ela, inclinando a cabeça para a direita, numa pergunta silenciosa.

– Certo. Certo. – Ela ergueu as mãos. – Os afásicos são importantes. Desculpe. Só quero dizer que essa coisa que está acontecendo na Suprema Corte é... bom... *agora*.

Jackie sempre chamava as situações políticas (eleições, indicações, confirmações, discursos, tudo) de “coisas”. A coisa da corte. A coisa do discurso. A coisa da eleição. Isso me deixava maluca. Era de se imaginar que uma sociolinguista tiraria um tempo para trabalhar no próprio vocabulário de vez em quando...

– De qualquer modo, eu vou – disse ela. – Você pode me agradecer mais tarde quando o Senado confirmar a nomeação de Grace Murray. É a única senadora agora, caso você esteja interessada. – Ela começou a falar de novo sobre “aqueles escrotos misóginos que estavam na comissão de inquérito há dois anos”.

– Obrigada, Jackie – respondi, me contendo para não sorrir.

Ela tampouco sorriu.

– Certo. – Empurrei o caderno para o lado e enfiei o lápis no rabo de cavalo. – Quer parar de pegar no meu pé? Poxa, essa aula de neurociência está

muito puxada. A professora deste período é a Wu, e ela é um verdadeiro carrasco. Joe abandonou. Mark abandonou. Hannah abandonou. Aquelas duas garotas de Nova Délhi, que sempre andam de braço dado e deixaram a bunda gravada nos cubículos da biblioteca, abandonaram. A gente não fica sentada trocando historinhas sobre maridos raivosos e esposas tristes e compartilhando toda terça-feira nossa visão de como a linguagem das SMS dos adolescentes é o futuro.

Jackie pegou um dos livros da biblioteca na minha cama e o abriu, lendo o título no topo da página.

– “Etiologia do derrame em pacientes com afasia de Wernicke”. Fascinante, Jean.

Ela largou o livro, que atingiu o edredom com uma pancada abafada.

– Também acho.

– Ótimo. Fique aqui na sua bolhinha de laboratório enquanto todo mundo vai à passeata. – Jackie pegou o livro, escreveu duas linhas no verso da contracapa e o deixou cair de novo. – Só para o caso de você conseguir um minuto de folga para ligar para os seus senadores, Garota da Bolha.

– Gosto da minha bolha. E esse livro é da biblioteca.

Jackie não parecia que ia se importar nem se tivesse acabado de picar a Pedra de Roseta com spray.

– É. Claro que gosta, você e o resto das feministas brancas. Espero que ninguém estoure essa bolha.

Ela foi embora, carregando um monte de cartazes coloridos.

Quando nosso aluguel venceu, Jackie disse que não queria renovar. Ela e algumas outras mulheres decidiram pegar um apartamento em Adams Morgan.

– Curto mais o ambiente de lá – explicou ela. – Parabéns, por sinal. Você vai fazer um quarto de século ano que vem. Como disse Marilyn Monroe, isso faz uma garota pensar. Fique fria, cara. E pense no que precisa fazer para continuar livre.

O presente que ela deixou era uma variedade de bugigangas, um pacote temático de bolhas e bolas. Enrolado no plástico-bolha havia um saco de chiclete, daqueles com figurinhas idiotas dentro de cada tijolinho embrulhado individualmente; um frasco de sabão líquido rosa e outro de bolinhas de sabão; uma garrafinha de espumante californiano; e um pacote com 25 balões de festa.

Naquela noite, bebi o espumante direto da garrafa e estourei cada bolha do plástico. Todo o resto foi para o lixo.

Nunca mais falei com Jackie. Em noites como esta, gostaria de ter falado.

Talvez as coisas – a coisa da eleição, a coisa da nomeação, a coisa da confirmação, a coisa da ordem executiva – não tivessem chegado a este ponto.

QUATRO

Às vezes risco letras invisíveis na palma da mão. Enquanto Patrick e os meninos falam com suas bocas, eu falo com os dedos. Grito, reclamo e xingo sobre, nas palavras de Patrick, “como era antes”.

Agora as coisas são assim: temos uma cota de cem palavras por dia. Meus livros e revistas – até os exemplares antigos de Julia Child e (que ironia) uma publicação para donas de casa que uma amiga me deu como um presente de

casamento brincalhão – estão trancados em armários para que Sonia não possa pegá-los. Isso significa que eu também não posso. Patrick guarda as chaves como um fardo, e às vezes acho que é esse peso que o faz parecer mais velho.

É das coisas pequenas que mais sinto falta: porta-lápis nos cantos de cada cômodo, cadernos enfiados entre livros de receitas, a lista de compras no quadro da parede ao lado do armário de temperos. Até os velhos ímãs de geladeira com poemas, com os quais Steven costumava inventar frases ridículas no dialeto ítalo-americano, morrendo de rir. Tudo se foi, se foi, se foi. Como minha conta de e-mail.

Como todo o resto.

Algumas atividades simples permanecem iguais. Ainda dirijo, vou à mercearia nas terças e sextas, compro vestidos e bolsas novas, faço o cabelo uma vez por mês no Iannuzzi's. Não que tenha mudado o corte – eu precisaria de muitas palavras preciosas para dizer ao Stefano quanto tirar daqui e quanto deixar ali. Minha leitura se limita a cartazes anunciando a última bebida energética, listas de ingredientes em frascos de ketchup, instruções de lavagem em etiquetas de roupas: *Não use água sanitária*.

Uma leitura fascinante.

Nos domingos levamos as crianças para ver um filme e compramos pipoca, refrigerante e aquelas caixinhas retangulares com chocolate coberto de bolinhas de confeitos brancos, do tipo que a gente só encontra nos cinemas, nunca nas lojas. Sonia sempre ri dos desenhos animados que passam enquanto a sala vai se enchendo. Os filmes são uma distração, a única vez em que ouço vozes femininas sem limitação de palavras. As atrizes têm uma autorização especial quando estão trabalhando. Suas falas, claro, são escritas por homens.

Nos primeiros meses eu dava uma olhadinha em algum livro de vez em quando, rabiscava uma pequena anotação na parte de trás de uma caixa de cereal ou numa embalagem de ovo, escrevia um bilhete de amor com batom para Patrick no espelho do nosso banheiro. Tinha motivos muito, muito bons para só escrever dentro de casa (*Não pense nelas, Jean; não pense nas mulheres que você viu no supermercado*). Até que, numa manhã, Sonia chegou, viu a mensagem em batom que ela não sabia ler e gritou: – Letras! Ruim!

A partir daí, mantive a comunicação dentro de mim, apenas escrevendo algumas palavras para Patrick à noite, depois de as crianças estarem na cama, sempre me lembrando de queimar os pedaços de papel numa lata depois. Mas, do jeito que Steven está agora, nem me arrisco a isso.

Na varanda dos fundos, perto da janela do quarto, Patrick e os garotos estão

trocando histórias sobre a escola, política, o noticiário, enquanto grilos trilam na escuridão em volta do nosso bangalô. Fazem barulho demais, esses garotos e esses grilos. É ensurdecedor.

Todas as minhas palavras ricocheteiam na cabeça enquanto escuto, emergem da minha garganta num suspiro pesado, sem sentido. E só consigo pensar nas últimas palavras de Jackie para mim.

Pense no que precisa fazer para continuar livre.

Bom, pensar mais do que em “foda-se tudo” poderia ser um bom ponto de partida.

CINCO

Nada disso é culpa de Patrick. É o que digo a mim mesma hoje.

Ele tentou se manifestar quando o conceito reverberou pela primeira vez nas paredes côncavas de uma sala azul num prédio branco na Pennsylvania Avenue. Sei que tentou. É difícil não ver o pedido de desculpas em seus olhos, mas protestar nunca foi seu forte.

E não foi Patrick que fez chover votos para Sam Myers antes da última

eleição, não foi ele o homem que prometeu mais votos ainda na próxima vez que Myers se candidatasse. O homem que, anos antes, Jackie gostava de chamar de São Carl.

Tudo que o presidente precisava fazer era ouvir, obedecer a instruções e assinar umas merdas – um pequeno preço a pagar por oito anos como o homem mais poderoso do mundo. Mas quando ele foi eleito não restava muita coisa para assinar. Cada detalhe demoníaco já estava encaminhado.

Em algum momento, o que era conhecido como Cinturão da Bíblia, o conjunto de estados sulistas onde a religião era influente, começou a se expandir. Transformou-se de cinturão em espartilho, só não cobrindo os membros do país – as utopias democráticas da Califórnia, Nova Inglaterra, o noroeste do Pacífico, o Distrito de Colúmbia, as jurisdições sulistas do Texas e da Flórida –, lugares tão distantes no espectro democrata a ponto de parecer intocáveis. Mas o espartilho acabou se transformando num macacão de corpo inteiro, alcançando até o Havaí.

E nós não previmos nada disso.

Mulheres como Jackie previram. Ela chegou a liderar uma passeata dos dez membros do grupo Ateus pela Anarquia em volta do campus, gritando profecias ridículas como *Alabama agora, Vermont em seguida! E Não o seu corpo... um corpo PURO!* Jackie não estava nem aí para as pessoas que riam dela.

– Fique de olho, Jeanie – disse ela. – Ano passado 21 mulheres faziam parte do Senado. Agora só temos 15 senadoras naquela porra de recinto divino. – Ela levantou a mão e começou a contar nos dedos, uma por uma. – Virgínia Ocidental. Não foi reeleita. Iowa. Não foi reeleita. Dakota do Norte. Não foi reeleita. Missouri, Minnesota e Arkansas renunciaram por “motivos desconhecidos”. A representação feminina caiu de 21% para 15% em menos de um ano. E correm boatos de que Nebraska e Wisconsin tendem a eleger candidatos que... estas são as palavras exatas: “têm em mente o bem do país”.

Antes que eu pudesse impedi-la, ela citou os números da Câmara: – Caíram de 19% para 10%, e isso somente por causa da Califórnia, de Nova York e da Flórida. – Jackie fez uma pausa para se certificar de que eu estava escutando. – Texas? Nada. Ohio? Nada. Todos os estados do Sul? A porra do vento levou, é isso aí. E você acha que é coincidência? Quero dizer, a gente vai voltar ao início dos anos noventa depois da próxima eleição de meio de mandato. Se a representatividade tornar a cair pela metade de novo, vamos retornar à idade das trevas de 1970 e poucos.

– Honestamente, Jacko... Você está ficando histérica.

Suas palavras dispararam como flechas envenenadas: – Bom, alguém precisa ficar histérica por aqui.

A pior parte de tudo era que Jackie estava errada. Nós não diminuimos de 20% para 5% de mulheres no Congresso. Nos quinze anos seguintes, fomos reduzidas a praticamente zero.

Nessa última eleição chegamos até mesmo àquele objetivo impensável, e a previsão de Jackie de *voltar ao início dos anos noventa* parecia sólida – se a pessoa estivesse se referindo ao início da década de 1890. O Congresso tinha toda a diversidade de um pote de sorvete de baunilha, e as duas mulheres que ainda possuíam mandatos foram substituídas rapidamente por homens que, nas palavras de Jackie, “tinham em mente o bem do país”.

O Cinturão da Bíblia havia se expandido, espalhado e crescido até se transformar numa Dama de Ferro, numa câmara de tortura.

Mas o que ela precisava era de um punho de ferro, de um braço executor. De novo, Jackie foi clarividente.

– Espere só, Jeanie – disse ela enquanto fumávamos cigarros de cravo baratos na única janela do nosso apartamento. Ela apontou para as cinco fileiras bem organizadas de estudantes marchando. – Está vendo aquele pessoal do CPOR?

– Estou – respondi, exalando fumaça pela janela, com uma lata de odorizador de ambientes a postos para o caso de a senhoria aparecer. – O que é que tem?

– Quinze por cento pertencem a algum tipo de grupo batista. Vinte por cento são católicos. Quase outros quinze dizem que são cristãos não confessionais, o que quer que isso signifique.

Ela tentou fazer alguns anéis de fumaça e observou-os dançar para fora da janela.

– E daí? Com isso resta o quê? Quase metade é de agnósticos.

Jackie gargalhou.

– Ficou sem espaço no cérebro, Jeanie? Eu nem mencionei os mórmons, os metodistas, os luteranos ou a Conferência Cristã do Rio Tioga.

– Rio o quê? São quantos?

– Um. Acho que está na Força Aérea.

Agora foi minha vez de rir. Engasguei com um trago mais longo, apaguei o cigarro e me envolvi em spray odorizador.

– Então não é grande coisa.

– Ele não é. Mas os outros são. É uma organização com enorme peso

religioso. – Jackie se inclinou pela janela, para ver melhor. – E são principalmente homens. Homens conservadores que amam seu Deus e seu país. – Ela suspirou. – As mulheres, nem tanto.

– Isso é ridículo – falei, deixando-a destruir o outro pulmão com um segundo cigarro. – Eles não odeiam mulheres.

– Você precisa sair mais, garota. Que estados você acha que têm as maiores taxas de alistamento? Dica: não é a porra da Nova Inglaterra. Eles são os bons e velhos rapazes.

– E daí? – Eu sabia que a estava exasperando, mas não conseguia enxergar a conexão que Jackie tentava fazer.

– E daí que eles são conservadores. Na maioria brancos. Na maioria héteros. – Jackie apagou o cigarro de cravo ainda na metade, enrolou-o num saquinho plástico e me encarou com os braços cruzados. – Quem você acha que são os mais irritados agora? No nosso país?

Dei de ombros.

– Os afro-americanos?

Ela fez um som de campainha, tipo “você perdeu mas temos lindos prêmios de consolação”.

– Tente de novo.

– Os gays?

– Não, sua tonta. Os brancos héteros. Estão morrendo de raiva. Acham que sua masculinidade está sendo afetada.

– Fala sério, Jacko.

– Estou falando sério. – Jackie apontou uma unha roxa para mim. – Espere só. Daqui a alguns anos vai ser um mundo diferente se a gente não fizer alguma coisa. Expansão do Cinturão da Bíblia, uma representação de bosta no Congresso e um bando de garotinhos famintos por poder que estão cansados de ouvir dizer que precisam ser mais sensíveis. – Então ela deu um riso maligno que sacudiu todo o seu corpo. – E não pense que serão todos homens. As Recatadas do Lar vão estar do lado deles.

– Quem?

Jackie apontou para meu moletom e meu cabelo despenteado de quem acabou de acordar, para a pilha de pratos do dia anterior na pia e, finalmente, para a própria roupa. Era uma das criações de moda mais interessantes que eu a via usar em um bom tempo: calça leggings estampada, um suéter de crochê enorme que antes era bege mas agora havia adquirido a cor de várias outras peças de roupa, e botas roxas de salto agulha.

– As Recatadas do Lar. Aquelas garotas com saias e suéteres iguais e sapatos discretos indo para seus cursos de dona de casa. Você acha que elas são como a gente? Não mesmo.

– Qual é, Jackie!

– Espere para ver, Jeanie.

E eu esperei. Tudo acabou acontecendo mais ou menos do jeito que Jackie achou que aconteceria. Até pior. Foi uma conjunção de forças tão silenciosa que nem tivemos chance de organizar nossas fileiras.

Uma coisa eu aprendi com Jackie: você não pode protestar contra o que não vê se aproximar.

Aprendi outras coisas nesse último ano. Aprendi como é difícil escrever uma carta para meu congressista sem ter uma caneta, ou postar uma carta sem ter selo. Aprendi como é fácil para o vendedor da papelaria dizer “Sinto muito, senhora, não posso vender isso para você”, ou para o trabalhador dos correios balançar a cabeça quando uma pessoa sem o cromossomo Y pede selos. Aprendi com que rapidez uma conta de celular pode ser cancelada e como os rapazes alistados podem ser eficientes em instalar câmeras.

Aprendi que, assim que um plano é estabelecido, tudo pode acontecer da noite para o dia.

SEIS

Patrick está se sentindo fofoso esta noite, ainda que eu não esteja. Ou isso ou está querendo aliviar o estresse antes de outro dia no emprego que lhe dá dinheiro para abastecer o carro e pagar as consultas das crianças no dentista. Nem mesmo um emprego de alto nível no governo parece suficiente, agora que não estou mais trabalhando.

As luzes na varanda se apagam, os garotos desabam nas suas camas e

Patrick despenca na nossa.

– Te amo, amor.

As mãos perambulantes de Patrick dizem que ele não está pronto para dormir. Ainda não. E já faz um tempo desde a última vez. Alguns meses, acho. Talvez mais.

Assim, partimos para a ação.

Nunca fui de falar muito enquanto faço amor. As palavras pareciam desajeitadas; interrupções bruscas de um ritmo natural, de uma cópula básica. E esqueça os mantras pornôis idiotas: *Vai, vai mais rápido. Vou gozar. Mete com força. Ai amor, ai amor, ai amor*. Isso tinha lugar nos flertes de cozinha ou nas piadas sujas com as amigas, mas não na cama. Não com Patrick.

Mesmo assim nós conversávamos. Antes e depois. Durante. Um *eu te amo*, seis fonemas suaves, um ditongo, o som nasal, com apenas um *t* enfático, uma consoante oclusiva, forte, adequada ao cenário. Nossos nomes, sussurrados. *Patrick. Jean*.

Esta noite, com as crianças na cama e Patrick em mim, sua respiração pesada no meu ouvido, meus olhos fechados para o brilho da lua refletido no espelho da penteadeira, penso no que eu preferiria. Será que estaria mais feliz se ele compartilhasse meu silêncio? Seria mais fácil? Ou será que eu preciso das palavras do meu marido para preencher as lacunas no quarto e dentro de mim?

Ele para.

– Está tudo bem, amor?

Há preocupação na sua voz, mas acho que ouço um traço de outro sentimento, um tom que jamais quero escutar de novo. Parece pena.

Seguro o rosto dele e puxo sua boca para a minha. Com o beijo falo com ele, o tranquilizo, digo como tudo vai ficar bem. É mentira, mas é uma mentira adequada para o momento, e ele não fala de novo.

Esta noite, quero que tudo esteja quieto. Silêncio total. Um vácuo.

Agora estou em dois lugares ao mesmo tempo. Estou aqui, embaixo de Patrick, com o peso dele sobre minha pele, fazendo e não fazendo parte dele ao mesmo tempo. Estou no meu outro eu, tentando abrir os botões do vestido do baile de formatura do ensino médio no banco de trás do Grand National de Jimmy Reed, a maior viatura do sexo que já existiu. Estou ofegando, rindo e tonta de ponche enquanto Jimmy tateia e agarra. Então estou cantando no coral da escola, torcendo para nosso time de futebol americano sem grandes destaques, fazendo o discurso na cerimônia de formatura da faculdade, gritando palavrões para Patrick quando ele me diz para fazer força *só mais uma vez*,

amor, antes de a cabeça do bebê aparecer. Estou num chalé alugado, dois meses atrás, deitada sob o corpo de um homem que quero desesperadamente ver de novo, um homem cujas mãos ainda posso sentir na minha pele.

Lorenzo, sussurro na minha mente antes de empurrar as três sílabas deliciosas para longe, para que não doam demais.

Meu eu está ficando cada vez mais fragmentado.

Em ocasiões assim, penso nas outras mulheres. Na Dra. Claudia, por exemplo. Uma vez, no consultório dela, perguntei se as ginecologistas gostam mais de sexo do que nós ou se elas se perdem na natureza clínica do ato. Será que se deitam e pensam: Ah, agora minha vagina está se expandindo e se alongando, agora meu clitóris está se retraindo, agora o primeiro terço (mas só o primeiro terço) das paredes vaginais está se contraindo com uma pulsação a cada oito décimos de segundo.

A Dra. Claudia tirou o espécuro num movimento suave e respondeu: – Na verdade, quando entrei para a faculdade de medicina, era exatamente isso que eu fazia. Não dava para evitar. Graças a Deus meu parceiro também estudava medicina; caso contrário, acho que ele teria se vestido e ido embora, me deixando rindo histérica embaixo dos lençóis. – Ela deu um tapinha no meu joelho e tirou um pé, depois o outro, dos estribos cobertos de pelúcia cor-de-rosa. – Agora eu simplesmente curto. Como todo mundo.

Enquanto estou pensando na Dra. Claudia e seu brilhante espécuro de aço, Patrick chega ao orgasmo e desmorona em cima de mim, beijando minhas orelhas e meu pescoço.

Imagino o que as outras mulheres fazem. Como elas lidam com isso. Será que ainda encontram alguma coisa para curtir? Será que ainda amam os maridos como antes? Será que os odeiam, nem que seja só um pouquinho?

SETE

Na primeira vez que ela grita, acho que estou sonhando. Patrick ronca ao meu lado; ele sempre teve o sono pesado e sua rotina no trabalho este mês o deixou exausto. Então ele ronca, ronca, ronca.

Minha simpatia já se esgotou. Que eles trabalhem doze horas por dia para compensar o déficit inevitável provocado pela anulação de quase metade da força de trabalho. Que se enterrem em papeladas e burocracias ridículas e depois

se arrastem até em casa para dormir como uma pedra, acordar e fazer tudo de novo. O que eles esperavam?

Não é culpa de Patrick. Meu coração e minha mente sabem disso. Com quatro filhos para criar, precisamos do salário dele. Mesmo assim, minha simpatia se esgotou.

Ela grita de novo, e não é um grito sem palavras, mas uma enxurrada de palavras capaz de gelar o sangue.

Mamãe, não deixa ele me pegar não deixa ele me pegar não deixa ele me pegar...

Estou fora da cama, num emaranhado de cobertas e colchas, a camisola embolada nas pernas. Meu tornozelo bate no canto duro da mesinha de cabeceira, acertando o osso em cheio. Vai sangrar, deixar cicatriz, mas não estou pensando nisso. Estou pensando na cicatriz que vou carregar se não chegar ao quarto de Sonia a tempo de silenciá-la.

As palavras continuam jorrando, voando pelo corredor na minha direção como dardos envenenados vindo de um milhão de zarabatanas hostis. Elas ardem, furam minha pele que já foi grossa com a precisão de um bisturi, penetrando minhas entranhas. Quantas palavras ela disse? Cinquenta? Sessenta? Mais?

Mais.

Ah, meu Deus.

Agora Patrick está de pé, de olhos arregalados e pálido, a própria imagem do herói de cinema cheio de medo ao descobrir o monstro no armário. Ouço seus passos rápidos às minhas costas, acompanhando as pancadas do sangue pulsando nas minhas veias, ouço-o gritar “Corre, Jean! Corre!”, mas não me viro. Portas se abrem enquanto passo voando pelo corredor, primeiro a de Steve, depois a dos gêmeos. Alguém – talvez Patrick, talvez eu – bate no interruptor de luz do corredor, e três rostos turvos, brancos como fantasmas, aparecem na minha visão periférica. Claro, o quarto de Sonia tinha de ser o mais distante do meu.

Mamãe, por favor não deixa ele me pegar não...

Sam e Leo começam a chorar. Por uma fração de segundo, registro um único pensamento: *mãe desnaturada*. Meus filhos estão aos prantos e eu passo direto por eles, sem me importar nem perceber. Vou refletir sobre isso mais tarde, se estiver em condições de refletir sobre qualquer coisa.

Dou dois passos dentro do quarto de Sonia, salto para a cama dela, uma das mãos procurando sua boca, pressionando-a. Minha mão livre se enfia embaixo das cobertas procurando o metal duro do contador no pulso.

Sonia geme através da minha mão e eu vejo seu relógio na mesa de cabeceira com o canto do olho: onze e meia.

Não me restam palavras, pelo menos durante meia hora.

– Patrick... – falo sem som quando ele acende a luz.

Quatro pares de olhos encaram a cena na cama de Sonia. Deve parecer uma violência, uma escultura grotesca: minha filha se retorcendo, a camisola translúcida devido ao suor; eu, esparramada em cima dela, sufocando seus gritos e prendendo-a no colchão. Que cena horrível devemos estar representando. Infanticídio em carne e osso.

Meu contador reluz com o número 100 acima da boca de Sonia. Eu me viro para Patrick, implorando com o olhar, sabendo que, se falar, se o LED passar para 101, ela vai levar o choque junto comigo.

Patrick se junta a mim na cama e substitui a minha mão pela dele, cobrindo a boca de Sonia.

– Shh, querida. Shh. Papai está aqui. Papai não vai deixar nada acontecer com você.

Sam, Leo e Steve entram no quarto. Eles se empurram para chegar mais perto e de repente não há mais espaço para mim. *Mãe desnaturada* se transforma em *mãe inútil*, duas palavras jogando pingue-pongue na minha cabeça. Obrigada, Patrick. Obrigada, meninos.

Eu não os odeio. Digo a mim mesma que não os odeio.

Mas às vezes odeio.

Odeio que os homens da minha família digam a Sonia como ela é bonita. Odeio que eles a tranquilizem quando ela cai da bicicleta, que inventem histórias para contar sobre princesas e sereias. Odeio ter de apenas olhar e ouvir.

É um esforço me lembrar de que não foram eles que fizeram isso comigo.

Foda-se.

Sonia se acalmou; o perigo imediato passou. Mas, enquanto saio do quarto da minha filha, noto que seus irmãos têm o cuidado de não tocar nela. Só para o caso de ela ter outro ataque.

No canto da sala fica o bar, um robusto carrinho de madeira com seu variado estoque de anestésico líquido. Vodca e gim transparentes, uísque e bourbon caramelo, dois centímetros de azul-cobalto na garrafa de curaçu que compramos anos atrás para um piquenique com temática polinésia. No fundo está o que procuro: grapa, também conhecida como aguardente italiana. Pego-a junto com um cálice e levo os dois para a varanda dos fundos, esperando o relógio soar meia-noite.

Beber é uma coisa que não tenho feito muito. É deprimente demais tomar um gim-tônica gelado e pensar em noites de verão em que Patrick e eu nos sentávamos lado a lado na varanda minúscula do nosso primeiro apartamento, falando sobre as minhas bolsas de pesquisa e sobre os meus textos de qualificação, sobre as horas infernais dele como residente no hospital da Universidade de Georgetown. Também tenho medo de ficar bêbada, de que o álcool me dê coragem suficiente para esquecer as regras. Ou zombar delas.

A primeira dose de grapa desce feito fogo; a segunda é mais suave, paliativa. Estou na terceira quando o relógio anuncia o fim do dia e um *ping* fraco no meu pulso esquerdo me concede mais cem palavras.

O que vou fazer com elas?

Volto pela porta de tela, atravesso o tapete da sala e recoloco a garrafa no bar. Sonia está sentada na cama quando entro no seu quarto. Segura um copo de leite, sustentado pela mão de Patrick. Os garotos voltaram para as camas e eu me sento ao lado dele.

– Tudo bem, querida. A mamãe está aqui.

Sonia sorri para mim.

Mas não é isso que acontece.

Levo minha bebida para o gramado, passando pelas roseiras que a Sra. Ray escolheu e plantou com cuidado, indo até aquele trecho de gramado escuro, com cheiro adocicado, onde florescem os lilases. Dizem que a gente deve falar com as plantas para que elas fiquem mais saudáveis; se é verdade, meu jardim está moribundo. Mas hoje não ligo a mínima para os lilases, as rosas ou qualquer coisa. Minha mente está em outro tipo de criatura.

– Seus escrotos filhos da puta! – grito mais de uma vez.

Uma luz se acende na casa dos King e as persianas verticais estremecem e se separam. Não estou nem aí. Não me importo se acordar todo o bairro, se me ouvirem até no Congresso. Grito, grito e grito até minha garganta secar. Depois tomo mais um gole da garrafa de grapa, derramando um pouco na camisola.

– Jean! – A voz vem de trás de mim, seguida pela batida de uma porta. – Jean!

– Sai daqui! Ou eu vou continuar falando.

De repente não me importo mais com o choque ou a dor. Se eu continuar gritando em meio a ela, se mantiver a raiva no máximo, afogar a sensação com bebida e palavras, será que a eletricidade vai continuar a correr? Será que isso acabaria me matando?

Provavelmente não. Eles não vão nos matar pelo mesmo motivo que não

autorizam abortos. Nós nos transformamos em males necessários, objetos para ser fodidos e não ouvidos.

Agora Patrick está gritando: – Jean! Querida, pare! Por favor, pare!

Outra luz se acende na casa dos King. Uma porta se abre com um rangido. Passos.

– Que diabo está acontecendo aí, McClellan? As pessoas estão tentando dormir!

É o marido, claro. Evan. Olivia ainda está espiando meu show noturno através das persianas.

– Vai se foder, Evan – digo.

Em termos não tão educados, Evan anuncia que vai chamar a polícia. Então a luz na janela de Olivia se apaga.

Ouçõ gritos – alguns meus –, então Patrick está em cima de mim, me jogando na grama molhada, implorando e adulando, e sinto gosto de lágrimas nos seus lábios quando ele me beija para eu ficar quieta. Meu primeiro pensamento é se eles ensinam essas técnicas aos homens, se entregam panfletos aos maridos, filhos, pais e irmãos nos dias em que fomos algemadas com brilhantes pulseiras de aço. Então decido que eles certamente não se importam tanto assim.

– Me solta.

Estou caída na grama, com a camisola grudada no corpo como uma segunda pele, como se fosse uma cobra. É quando percebo que estou sibilando.

Também é quando percebo que meu coração está acelerado.

Patrick agarra meu pulso esquerdo, verifica o número.

– Acabou, Jean.

Tento me soltar dele, um ato tão vazio quanto meu coração. A grama é amarga na minha boca, até que percebo que estou mastigando um bocado de terra. Sei o que Patrick está fazendo; sei que está decidido a dividir o choque comigo.

Por isso fico em silêncio e deixo que ele me leve de volta para dentro enquanto o uivo das sirenes fica mais alto.

Patrick pode falar com os policiais. Não me resta nenhuma palavra.

OITO

Idiota, idiota, idiota.

O olhar vazio de Sonia enquanto sigo com ela pela chuva até o ponto de ônibus é a pior censura, meu castigo pelo surto regado a grapa no quintal. Certamente é pior do que os policiais Fulano e Sicrano me dando um sermão sobre não perturbar a paz da vizinhança.

É a primeira vez que não digo que a amo antes de mandá-la para a escola.

Jogo um beijo e me arrependo imediatamente quando ela leva a mãozinha aos lábios e joga outro de volta.

O olho negro de uma câmera me encara da porta do ônibus.

As câmeras estão em toda parte. Nos supermercados e nas escolas, nos salões de cabeleireiro e nos restaurantes, esperando para captar qualquer gesto que possa ser considerado uma tentativa de comunicação não verbal, até em sua forma mais rudimentar.

Porque, afinal de contas, nenhuma das merdas que fizeram com a gente tem a ver com a fala de fato.

Acho que foi um mês depois da chegada dos contadores de pulso que aquilo aconteceu. Na seção de hortifrúti do supermercado. Eu não conhecia as mulheres, mas já tinha visto as duas fazendo compras. Como todas as mães do bairro, elas andavam em duplas ou bandos, fazendo tarefas em sincronia, prontas para dar uma mão caso os bebês abrissem o berreiro na fila dos caixas. Mas essas duas eram muito unidas, grudadas. Agora sei que essa união é que era o problema.

Você pode tirar muitas coisas de uma pessoa: dinheiro, emprego, estímulo intelectual, qualquer coisa. Pode tirar até suas palavras, mas isso não vai mudar sua essência.

Mas tirar a camaradagem é bem diferente.

Fiquei olhando aquelas mulheres se revezando para vigiar o bebê uma da outra, apontando para os corações e as têmporas num dialeto silencioso. Olheias soletrar com os dedos perto de uma pilha de laranjas, rindo quando erravam uma letra que provavelmente não usavam em língua de sinais desde o sexto ano, quando trocavam mensagens sobre Kevin, Tommy ou Carlo. Vi seus rostos horrorizados quando três homens uniformizados se aproximaram, vi a pilha de laranjas despencar quando tentaram resistir e vi quando foram levadas pelas portas automáticas, elas e suas filhinhas, as quatro com uma larga algema de metal no pulso.

Não perguntei sobre elas, claro. Mas não é necessário. Desde então, nunca mais vi aquelas mulheres nem seus bebês.

– Tchau – diz Sonia, e entra no ônibus.

Volto até a porta de entrada, sacudo o guarda-chuva na varanda e o deixo aberto para secar. A caixa de correios trancada, com sua única fenda, parece rir de mim. *Está vendo o que você fez, Jean?*

O furgão do nosso carteiro para na esquina, e ele sai, envolto numa daquelas capas de chuva de plástico transparente que os correios dão aos

funcionários para o tempo inclemente. Parece que está usando uma camisinha.

Minha amiga Ann Marie e eu ríamos dos carteiros nos dias de chuva, zombando das bermudas e dos chapéus de safári no verão, das galochas fazendo barulho na neve meio derretida nos meses de inverno. Acima de tudo, ríamos das capas de chuva de plástico, porque nos lembravam as roupas que as senhorinhas idosas usavam. Ainda usam. Certas coisas não mudaram. Se bem que não temos mais mulheres trabalhando nos correios. Acho que isso é uma mudança enorme.

– Bom dia, Sra. McClellan – diz ele, chapinhando pela calçada até a casa. – Tem um monte de correspondências hoje.

Quase nunca vejo nosso carteiro. Ele costuma chegar quando estou fora fazendo tarefas ou durante meu banho. Às vezes, se estou na cozinha, ouço a pancada metálica da aba da caixa de correio enquanto estou tomando a segunda xícara de café. Imagino se ele planeja os horários para não me encontrar.

Respondo com um sorriso e estendo a mão, só para ver o que ele vai fazer.

– Desculpe, senhora, preciso colocar a correspondência na caixa. São as regras, a senhora sabe.

Eles têm mesmo essas regras novas, a não ser que Patrick esteja por perto nas manhãs de sábado. Então nosso carteiro cumpridor de normas entrega as cartas para Patrick. Para poupar meu marido do trabalho de ir buscar a chave, acho.

Olho a caixa de correio engolir uma pilha de envelopes e fechar a boca com um estalo.

– Tenha um bom dia, Sra. McClellan. Se puder, com uma chuva dessas.

A resposta automática fica presa na minha garganta; por pouco não a solto.

E então algo inédito acontece: ele pisca três vezes, e cada piscadela é pontuada por uma pausa longa, como um batimento de cílios mecânico.

– Eu tenho esposa, sabe. E três meninas.

Essa última frase emerge num sussurro enquanto o carteiro... qual é mesmo o nome dele? Sr. Powell? Sr. Ramsey? Sr. Banachee? Fico sem graça por nem ao menos saber o nome desse homem que nos visita seis dias por semana.

Ele repete as piscadelas, mas antes verifica, por cima do meu ombro, a posição da câmera da varanda e se alinha de modo que eu bloqueie a visão da lente. Nesse caso eu sou o sol ou a lua? Provavelmente Plutão, o planeta que não é mais planeta.

E eu o reconheço. Meu carteiro é o filho da mulher que deveria ter sido o primeiro ser humano a receber o soro antiafasia, Delilah Ray. Não é de espantar que ele estivesse tão preocupado com meus honorários no ano passado, que

teriam sido exatamente zero se eu tivesse chegado ao estágio de testes do meu soro Wernicke X-5; ele não deve estar ganhando muito como carteiro.

Eu gostava do sujeito. Ele tinha um ar de sensibilidade quando trouxe a mãe para uma consulta, aliado a um sentimento pueril diante da poção mágica que eu me propunha a injetar no cérebro dela. Familiares de outros pacientes tinham ficado pasmos, mas esse homem foi a única pessoa que chorou quando falei sobre minhas projeções, explicando que, se o teste corresse bem, Delilah Ray falaria suas primeiras palavras coerentes depois de um ano de confusão linguística pós-derrame. Aos olhos dele eu não era simplesmente mais uma cientista ou fonoaudióloga numa longa fila de produtores de diagnóstico e gente bem-intencionada. Eu era uma deusa que podia trazer de volta vozes perdidas.

Era.

Agora ele me olha com ar interrogativo, esperando uma resposta, por isso faço a única coisa que posso: levo a mão ao rosto com o visor do contador virado para ele.

– Sinto muito – diz o carteiro.

Antes de ele sair da varanda para ir até o furgão dos correios, fecho e abro os olhos três vezes, como ele.

– Conversamos outra hora. – É só um sussurro. E então vai embora.

À minha direita uma porta bate, o som metálico do alumínio atingindo o batente. Olivia King, escondida por um guarda-chuva estampado, emerge do abrigo de sua varanda. A echarpe em volta da cabeça é cor-de-rosa, de seda ou poliéster. Isso lhe dá uma aparência de vovó, apesar de Olivia ser pelo menos dez anos mais nova do que eu. Ela examina o céu, estende uma das mãos e fecha o guarda-chuva.

Sem tirar a echarpe, sai da varanda e se senta no banco do carro. As manhãs dos dias de semana são as únicas ocasiões em que Olivia dirige; se sua igreja fosse mais próxima, ela caminharia.

Nesse momento, Olivia parece pequena, quase encolhida, um camundongo correndo de um refúgio para outro, com medo do que pode estar esperando ao longo da trajetória. É o que Jackie chamaria de cérebro de ervilha, contente com seu lugar na hierarquia: Deus, homem, mulher.

Meu repertório de doutrina religiosa é uma bosta, exatamente como eu gosto. Mas, quando Steven chegou em casa com o livro daquele curso avançado – um título de aparência inocente, *Fundamentos da filosofia cristã moderna*, gravado na capa, letras azuis inócuas em um fundo branco –, eu o folheei depois do jantar.

– Bem ruinzinho, não é? – disse Steven em sua segunda viagem até o armário de biscoitos na cozinha.

– Eles vão colocar isso no currículo de todos os alunos no ano que vem? Foi isso que você disse?

Meu olhar não se afastou da página, um capítulo intitulado “em busca da ordem natural na família moderna”. Como todos os outros, era precedido por uma citação bíblica. A passagem da Primeira Carta aos Coríntios informava ao leitor que “Cristo é a cabeça de todo homem; o homem é a cabeça da mulher; e Deus é a cabeça de Cristo”.

Fantástico.

Mais adiante, o capítulo 27 começava com esta máxima do livro de Tito: “Sejam capazes de ensinar o que é bom. Assim, poderão orientar as mulheres mais jovens a ser moderadas, a amar os maridos e os filhos, a ser discretas, castas, dedicadas ao lar, bondosas e a obedecerem aos maridos.” A essência do texto era uma espécie de chamado às armas, um apelo às gerações de mulheres mais velhas.

Havia capítulos sobre o feminismo e sua desconstrução insidiosa dos valores judaico-cristãos (além da masculinidade), conselhos aos homens em seus papéis de marido e pai, orientação aos filhos para respeitar os mais velhos. Cada página berrava um fundamentalismo de extrema direita.

Fechei o livro com força.

– Me diga que essa não é a única leitura exigida.

– Esse é o livro – disse Steven depois de beber um copo de leite e enchê-lo de novo até a metade.

– E qual é o objetivo dessa matéria? Esclarecer sobre as armadilhas do cristianismo conservador?

Ele me olhou, inexpressivo, como se eu tivesse acabado de fazer uma pergunta em grego.

– Não sei. A professora é legal. E levanta algumas questões boas. Sabe, tipo como é duro para os filhos quando os dois pais trabalham, como nós chegamos a um ponto onde as pessoas se esqueceram das coisas simples.

Coloco a caixa de leite de volta na geladeira.

– Que tal você guardar um pouco para o café da manhã dos seus irmãos? Mas que coisas simples?

Uma apresentação de slides passou na minha cabeça: mulheres cuidando do jardim, mulheres preparando pêssego em conserva, mulheres bordando fronhas à luz de velas. A seita dos Shakers praticando a abstinência até desaparecerem de

vez.

– Tipo... bom... cuidar do jardim, cozinhar e coisas assim. Em vez de trabalhar com coisas idiotas.

– Você acha que eu deveria cuidar do jardim e cozinhar mais? Acha que o trabalho que eu faço é menos importante do que... por exemplo... artesanato?

– Você, não, mãe. Outras mulheres. As que só querem sair de casa e ter algum tipo de identidade. – Ele pegou o livro e me deu um beijo de boa-noite. – De qualquer modo, é só uma aula idiota.

– Eu gostaria que você largasse – falei.

– Nem pensar. Preciso dos créditos avançados para a faculdade.

– Por quê? Para se formar em pensamento cristão moderno?

– Não. Para entrar na faculdade.

E foi assim que eles conseguiram. Enfiando uma matéria aqui, um clube ali. Qualquer coisa para atrair os jovens com promessas de aumentar a competitividade.

Foi muito simples, se pararmos para pensar.

NOVE

A esposa do presidente está próxima dele na TV, alguns passos atrás e à direita, o cabelo louro coberto por uma delicada echarpe cor de malva que combina com o vestido e destaca os olhos.

Não sei por que ligo a televisão. Quando requeitei meu café, a chuva voltou a cair num ritmo constante, molhando tudo, então não estou muito a fim de sair. Além disso, é mais seguro ficar dentro de casa, sozinha. Sem a tentação

de falar.

A primeira-dama é linda. Quase uma reencarnação de Jackie Onassis, só que loira e de olhos azuis, em vez de castanhos. Eu me lembro dela, quando ainda não era casada e enfeitava as páginas da *Vogue* e da *Elle*, quase sempre servindo de modelo em roupas de banho cavadas ou lingerie, sorrindo nas revistas, como se dissesse: *Vamos, pode tocar*.

Agora, vendo-a plácida atrás do marido, fico pasma com a mudança. Na verdade, uma metamorfose. Ela parece mais baixa, mas talvez seja pela escolha de calçados. O presidente não é muito alto, e acho que há uma questão estética em jogo, como se os fotógrafos decidissem equilibrar a figura dos dois, nivelando os fotografados.

Quem estou querendo enganar?

Ela não sorri mais, não usa mais nada que fique a menos de dez centímetros abaixo dos joelhos ou que seja mais cavado do que a base da concavidade da garganta, cujo nome jamais consigo lembrar. Fossa supra-não-sei-das-quantas. As mangas são sempre infalivelmente três-quartos, como hoje, e o contador no pulso esquerdo combina com o vestido. Parece uma joia antiga, o presente de uma bisavó.

A primeira-dama deveria ser nosso modelo, uma mulher pura, firme ao lado do marido em todas as ocasiões.

Claro, ela só está junto dele nos eventos públicos. Quando as câmeras e os microfones são desligados, Anna Myers, *née* Johansson, é imediatamente escoltada de volta para sua casa por um trio de agentes armados do serviço secreto. Nunca filmam isso, mas Patrick sabe porque esteve presente em mais de um discurso do presidente.

O trio fica com ela dia e noite.

Em outra época, essa supervisão constante da primeira-dama seria aceita como mera rotina de segurança. Mas a verdade está nos olhos azuis de Anna Myers: são vazios, sem brilho, os olhos de uma mulher que agora enxerga o mundo em tons de cinza.

Havia uma garota no meu alojamento, cinco portas à esquerda, que tinha os olhos iguais aos de Anna. Parecia que os músculos em volta deles jamais se mexiam, jamais se contraíam ou se esticavam para acompanhar o sorriso que ela dava quando lhe perguntavam se estava tudo bem, se estava se sentindo melhor naquela manhã, se queria conversar. Eu me lembro de quando encontramos seu corpo, de olhos abertos e opacos, como poços rurais ou poças de café derramado. Se você quer saber como é a depressão, basta fitar os olhos de uma pessoa

deprimida.

É estranho como consigo me lembrar dos olhos da garota, mas não do seu nome.

Anna Myers vive numa prisão com rosas nos jardins, mármore nos banheiros e lençóis de dois mil fios na cama. Patrick me contou sobre ela, depois de uma de suas visitas de cortesia ao presidente Myers, disse que os homens do serviço secreto verificam o banheiro de Anna duas vezes por dia, revistam sua cama procurando objetos que podem ter migrado da cozinha sem ser vistos, controlam seus medicamentos e entregam um comprimido de cada vez. Não existe álcool na casa de Anna, nem trancas na porta, a não ser as do armário onde ficam os materiais de limpeza. Nada em sua casa é feito de vidro.

Mudo de canal.

Ainda temos TV a cabo, mais de uma centena de opções em esportes, jardinagem, culinária, decoração, desenhos animados infantis, alguns filmes. Todos os filmes são de censura livre – nada de terror, um pouquinho de comédia leve, aqueles épicos de quatro horas sobre Moisés e Jesus. E há os outros canais, mas todos são protegidos por senha, podendo ser assistidos apenas pelo chefe do lar e pelos homens com mais de dezoito anos. Ninguém precisa de imaginação para adivinhar que tipo de programa passa nesses canais.

Hoje escolho golfe: puro tédio envolvendo um taco de metal e uma bola.

Quando meu café está frio e o jogador que está na frente chega ao décimo oitavo buraco, a campainha toca. É um acontecimento incomum durante o dia. Afinal, para que visitar alguém? As únicas pessoas que não estão fora, trabalhando, são mulheres, e o que elas fariam? Ficariam sentadas em silêncio assistindo ao golfe? Ter companhia só destaca o que não temos mais.

Percebo que ainda estou de roupão quando abro a porta e dou de cara com Olivia, de echarpe cor-de-rosa amarrada na cabeça, sem um fio de cabelo fora do lugar.

Ela me examina, um olhar lento e desaprovador desde o meu pescoço até os pés, e estende um saco de açúcar quase vazio e um copo de medida.

Assinto. Se não estivesse chovendo, eu a deixaria esperando na varanda enquanto enchia o copo com açúcar na cozinha. Em vez disso, sinalizo para ela entrar, para não se molhar.

Olivia me acompanha até a cozinha, e a pilha de pratos sujos do café da manhã recebe a mesma expressão julgadora que meu roupão recebeu à porta da frente. Eu gostaria de lhe dar um tapa, ou pelo menos dizer o que acho de sua atitude hipócrita. Quando pego o copo de medida de sua mão, ela agarra meu

pulso. As mãos de Olivia estão frias, principalmente por causa da chuva.

Espero algum som, algum “Hum” metido a besta, mas ela fica em silêncio, observando meu contador piscar incessantemente o número de três dígitos.

Ela sorri, e o sorriso me traz uma lembrança de outro dia, outro toque inesperado da campainha, outro pedido de uma xícara de açúcar, meio litro de leite, um ovo.

– Posso me sentar um pouco? – perguntou Olivia dois anos antes, sem esperar um sim, acomodando seu traseiro amplo no sofá da sala.

Eu tinha deixado a TV ligada em algum programa de entrevistas enquanto corrigia cadernos com trabalhos de fim de ano. Jackie Juarez estava discutindo com três mulheres vestidas de modo antiquado.

– Ah, ela não é incrível – disse Olivia. Não foi uma pergunta.

– Qual delas? – perguntei, estendendo a caixa de leite.

– A de terninho vermelho. A que se parece com Satã.

Jackie estava passando um pouco do ponto, até mesmo para Jackie. O vermelho se destacava como uma ferida supurando no meio das outras mulheres, sem graça e opacas em seus conjuntinhos de cores pastel. Cada uma delas usava um colar de pérolas, tão junto ao pescoço a ponto de parecer uma coleira; o medalhão de Jackie – uma coruja – pendia entre os seios, empinados devido ao milagre do arame e do bojo nos sutiãs modernos.

– Eu a conheço – falei. – Conhecia. Nós fizemos faculdade juntas.

– Faculdade – repetiu Olivia. – O que ela cursou?

– Sociolinguística.

Olivia bufou, mas não pediu para eu explicar, então voltou sua atenção para o quarteto de mulheres e o moderador.

Como sempre, Jackie estava esbravejando: – Vocês acham mesmo que as mulheres devem obedecer aos maridos? No século XXI?

A mulher à sua direita, a do cardigã azul-bebê, sorriu. Era o tipo de sorriso que uma professora do jardim de infância atarantada poderia dar a uma criança durante um chique, um sorriso cheio de pena e compreensão. *Você vai superar isso*, dizia o sorriso.

– Deixe-me dizer algumas coisas sobre o século XXI, querida – começou a Sra. Cardigã Azul-Bebê. – Não sabemos mais quem são os homens e quem são as mulheres. Nossos filhos estão crescendo confusos. A cultura da família teve uma ruptura. Houve um aumento de engarrafamentos, poluição, crianças autistas, viciados em drogas, pais solteiros, presidiárias femininas, tiroteios em escolas, pessoas obesas, endividadas e homens com disfunção erétil. Isso para

citar apenas algumas coisas. – Ela brandiu uma pilha de pastas de papel pardo na frente de Jackie enquanto as outras bonecas Barbie dos anos setenta (Mulheres Puras, como elas se chamavam) assentiam numa concordância melancólica.

Jackie ignorou as pastas.

– Aposto que a próxima coisa que vocês vão dizer é que o feminismo é o verdadeiro culpado pelos estupros, não é?

– Ainda bem que mencionou isso, Srta. Juarez – disse a Sra. Cardigã Azul-Bebê.

– Não sou senhorita. Nem senhora.

– Tanto faz. Sabe quantos incidentes de estupro violento foram denunciados em 1960? Nos Estados Unidos?

– É interessante você usar a palavra “denunciados” – interrompeu Jackie.

– Dezesete mil. Mais ou menos. Este ano o número foi cinco vezes maior.

Jackie revirou os olhos e as outras duas Mulheres Puras partiram para o abate. Elas tinham os números. Tinha gráficos e pesquisas. Uma apresentou um conjunto de gráficos de pizza – deviam ter se preparado com antecedência, pensei – enquanto Jackie lutava para ganhar tempo no ar.

No sofá ao meu lado, Olivia mordeu o lábio.

– Eu não fazia ideia.

– Não fazia ideia de quê?

– Desses números.

Ela apontou para um dos gráficos, agora sendo televisionados com uma narração pré-gravada na voz de Azul-Bebê. A mulher já não falava de estupro, mas recitava estatísticas sobre o uso de antidepressivos.

– Meu Deus. Uma em cada seis? Isso é medonho.

Ninguém na plateia do estúdio estava prestando atenção ao que Jackie dizia sobre estatísticas distorcidas ou a falácia de correlação-causalidade ou o fato de que, claro, ninguém tomava inibidores de serotonina em 1960 porque eles não existiam.

Foi assim que tudo começou. Três mulheres com uma pilha de gráficos de pizza e pessoas como Olivia.

DEZ

Olivia demorou uma eternidade para ir embora, ela e seu maldito copo de açúcar. Ela provavelmente nem precisava do açúcar e só veio xeretar, ver o que eu estava fazendo. Olivia se tornou a mais pura das Mulheres Puras, sempre se balançando na cadeira da varanda com sua Bíblia abreviada e cheia de anotações, sempre cobrindo o cabelo, sempre sorrindo e baixando a cabeça – literalmente – para Evan quando ele estaciona o Buick na entrada de veículos.

As Bíblias ainda são permitidas, se forem do tipo certo.

A de Olívia é rosa; a de Evan é azul. Você nunca os vê trocar, nunca vê o livro azul nas mãos de Olivia enquanto ela está sentada à sombra com sua xícara de chá adoçado ou vai aos cultos no outro carro. É um veículo compacto, muito menor do que o que Evan usa para ir ao trabalho.

Às duas da tarde eu quase desejo que Olivia ainda estivesse aqui.

Tiro dois pacotes de hambúrguer do freezer e coloco na bancada para descongelar. Não há batatas suficientes para todos nós, quanto mais para três garotos em fase de crescimento que parecem ter solitárias persistentes, de modo que arroz terá de servir. Ou eu poderia fazer biscoitos, se conseguir me lembrar da receita. Automaticamente me viro para a estante ao lado do que costumava ser minha mesa de leitura na cozinha e procuro pelo exemplar manchado de *A alegria de cozinhar*, como se esperasse que ele estivesse ali. No lugar dele, e no lugar de todos os outros livros, estão algumas fotos das crianças, uma dos meus pais, uma de Patrick e eu em nossas últimas férias. Sam ou Leo tirou essa, e estou cortada ao meio, o lado direito do rosto escondido pela moldura de palitos de picolé que Sonia fez na escola. Parece que ainda fazem trabalhos de arte.

Se eu mudar as fotos de lugar, a estante não ficará parecendo tão abandonada, por isso mexo nos porta-retratos, coloco o cronômetro de cozinha e a balança nos espaços vazios e dou um passo atrás para examinar o feito do dia. Com um pouco de imaginação, posso me convencer de que acabei de esculpir a porra do monte Rushmore. Que comece a chuva de papel picado.

Meus pais estão agora numa posição muito mais proeminente do que antes desta empreitada na área de decoração de interiores. Não sei se quero que eles fiquem desse jeito. Eles ligam da Itália ou falam com Patrick pelo Skype, no laptop que ele mantém trancado em seu escritório, o que tem registrador de digitação, câmera e mil outros alarmes conectados. Em geral isso acontece nos domingos, quando as crianças estão em casa e a diferença de fuso horário permite que elas digam olá a toda a família. Deveria ser uma ocasião alegre, mas minha mãe termina toda ligação chorando ou entrega o telefone para o meu pai antes de desmoronar.

Bom... O jantar.

As crianças adorariam biscoitos. Estou vestindo calça jeans e uma velha blusa de linho, pronta para me arriscar a uma ida ao mercado, quando o carro de Patrick vem rugindo pela rua. Sei que é o dele – se há uma habilidade que desenvolvi enormemente no ano passado é a de discriminar sons. Mustang, Corvette, Prius, Mini Cooper. É só dizer o nome do carro que eu reconheço o

som.

O que me incomoda, enquanto olho pelas persianas, não é Patrick chegar cedo em casa, mas os três utilitários pretos atrás dele. Já vi esses veículos antes.

O interior deles também.

ONZE

Merda.

Três carros significam pelo menos três homens. Algo me diz que eles não estão trazendo presentes. Hoje não, principalmente depois do meu ato no quintal dos fundos ontem à noite.

Haverá um sermão. Talvez mais do que isso.

A senhora tem o direito de permanecer calada... Ok, piada ruim.

Solto as persianas e retorno à cozinha, pronta para exibir minha melhor cara de dona de casa (um avental terá de bastar) e ser a própria imagem da bem-aventurança doméstica. No caminho, pego o controle remoto da TV e mudo de canal, do golfe para a CNN. O canal não é como antigamente – nada é –, mas o emprego de Patrick pode ter mais chance de permanecer intacto se acharem que andei recebendo uma overdose de propaganda presidencial em vez de assistir a bolas voando sobre campos de golfe bem cuidados.

Notícia de última hora: o presidente anuncia...

É só isso que consigo ouvir antes que Patrick e seus acompanhantes – eu estava errada, são seis – invadam meu espaço.

– Jean McClellan? – diz o primeiro sujeito de terno, um homem bronzeado com um rosto anguloso.

Já o vi antes, claro. Todo mundo viu, só que durante as aparições públicas ele costumava usar um daqueles colarinhos clericais pretos e brancos em vez de gravata. Nas manhãs de domingo, enquanto Jackie e eu engolíamos café para espantar uma ressaca de fim de semana, ele aparecia na TV, astro de seu próprio programa. Jackie assistia todas as vezes como se fosse uma das ovelhas do rebanho; dizia que isso aumentava sua raiva.

– Escute. São Carl vai começar o show outra vez.

E ali estava ele em seu uniforme de pastor, pregando sobre a queda da família americana numa semana, o júbilo de se entregar a Deus na outra. Gostava de receber histórias, experiências da vida real, e a faixa na parte de baixo da tela de TV sempre mostrava o mesmo número para ligações grátis. Alguns anos depois ele acrescentou um segundo número; nos últimos tempos havia links do Facebook e, depois, uma conta no Twitter. Deus lhe havia mandado um rebanho, dizia ele, e ele cuidaria disso usando qualquer meio que o Senhor proporcionasse.

Na época, Jackie e eu imaginávamos que só algumas centenas de batistas sulistas do Mississippi seguissem o reverendo Carl Corbin.

É uma merda estar errada.

– Dra. Jean McClellan?

Bom, isso é diferente. Eu não sou “Dra.” desde a primavera passada. Além disso, Patrick está sorrindo.

Eu assinto, porque não posso falar.

Na sala, na televisão, um dos apresentadores diz duas palavrinhas mágicas: *trauma cerebral*.

Só essas palavras, essas cinco sílabas, bastariam para me deixar de orelha

em pé, mas as palavras que as cercam me acertam como um trem descarrilhado. *Presidente. Acidente de esqui. Irmão.*

– Dra. McClellan, nós temos um problema.

É o reverendo Carl de novo. Pessoalmente, sua pele parece menos pastosa do que quando está na frente da câmera, falando pelo presidente. Ainda assim, tem uma aparência porosa esquisita.

– Ótimo. Resolva – digo. – O que eu sou, a porra de Houston?

Não, não digo isso. Não digo nada.

– Jean – fala Patrick. Não “amor”, não “querida”, nenhuma dessas expressões carinhosas que os casais compartilham. Agora ele se porta de forma totalmente profissional. – Jean, aconteceu uma coisa.

Na televisão, a CNN está histriônica. Entre imagens ao vivo de alguma montanha coberta de neve, Aquele Que Governa o Mundo Livre surge, a própria imagem da solenidade. Anna está ao lado dele, linda em seu conjunto azul e bege. Parece que está sorrindo, ainda que somente com os olhos.

O reverendo Carl sinaliza para um dos outros, que entra na minha cozinha. Não gosto dessa intromissão; se devo ser uma dona de casa silenciosa, pelo menos me deixe manter algum refúgio doméstico que seja só meu.

– Vá em frente, Thomas – diz o homem que está no comando.

E então a coisa mais surpreendente acontece.

Thomas, de terno escuro e semblante sombrio, estende a mão na direção da minha mão direita. Retraio-me instintivamente, como um cão-selvagem que conhece a dor de uma armadilha, mas Patrick vem até mim.

– Tudo bem, querida. Deixe que eles façam isso.

Com a mão livre, Thomas pega uma chavinha. É como uma chave de elevador, um daqueles negócios redondos e com função única, que não parecem ter motivo para existir a não ser num elevador, uma ferramenta que traz à mente todas as outras invençõezinhas idiotas: abridores de lata, espremedores, boleadores. Coisas que têm apenas uma serventia. Temos muitas delas.

Onde a gente arranja essas merdas? Chás de panela e presentes de casamento, lembrancinhas de Natal, compras de última hora na Ikea. Todas são praticamente inúteis, ficam escondidas no fundo das gavetas da cozinha, consideradas óbvias e jamais usadas. É isso que passa pela minha mente quando Thomas me liberta com o equivalente tecnológico de um abridor de lata.

– Pode falar agora, Dra. McClellan.

O reverendo Carl estende a mão na direção da minha sala, como se tivesse se transformado num anfitrião magnânimo.

Não é a única reversão de papéis no dia de hoje. Tudo que eles querem está sendo transmitido pela CNN como a história do acidente de esqui do irmão do presidente. À medida que mais detalhes são informados – hemisfério esquerdo posterior, alerta mas incapaz de se comunicar, balbuciando –, descubro o que mais o reverendo Carl e seu pessoal querem.

Eles *me* querem.

Se fosse Anna Myers que tivesse se desviado da pista de esqui e dado de cara numa árvore, eu sairia pela porta sem pensar duas vezes – mesmo duvidando de que haveria homens vindo em utilitários se fosse a esposa do presidente que estivesse internada na UTI.

– O que os senhores querem que eu fale?

Minhas palavras brotam lentamente, hesitantes, enquanto eu saio da cozinha, desligo a televisão ao entrar na sala e me sento numa poltrona. Não quero ter de dividir o espaço com nenhuma dessas pessoas.

– Está quente hoje – diz o reverendo Carl, olhando para a geladeira com dispensador de água e gelo.

– É verdade – concordo.

Um dos outros homens, não Thomas, tosse.

Capto a deixa.

– Patrick, querido, por que não pega um copo d’água para nossos visitantes, já que você está de pé?

Ele obedece, e nenhum de nós deixa de perceber o ligeiro balanço da cabeça do reverendo Carl. Eu sou a esposa. Eu é que deveria servir.

– E então? – digo. – Parece que Bobby Myers pode estar com dano cerebral. Foi o *locus coeruleus*?

O reverendo Carl se ajeita no pequeno sofá que fica de frente para a minha poltrona.

– Você é o homem da área médica, Patrick. Mostre a ela os relatórios que o hospital mandou por fax hoje de manhã.

Meu marido, que aparentemente é íntimo do indivíduo que colocou aquela algema de metal em mim, entra na sala trazendo uma bandeja com copos d’água e uma pasta de papel fina. Para à minha frente antes de entregar os copos.

– Acho que você vai se interessar, Jean.

E me interessa mesmo. A primeira página é toda de texto, e na segunda linha meus olhos encontram o motivo para a visita inesperada do reverendo Carl: lesão na seção posterior do GTS. Giro temporal superior. Hemisfério esquerdo. O paciente é destro, portanto o hemisfério esquerdo é dominante.

– Área de Wernicke – digo em voz alta.

Enquanto continuo lendo, meu braço esquerdo parece leve e há uma faixa de pele mais clara no pulso, como se eu tivesse tirado o relógio antes de mergulhar numa piscina. Um dos homens do serviço secreto – presumo que eles sejam isso, dada a presença de Carl Corbin – esfrega o próprio pulso. Ele usa uma aliança de ouro no dedo anelar da mão esquerda, por isso conhece a sensação. Não está clara qual é sua especialização; como Patrick, todos são treinados para seguir ordens, como cachorrinhos.

O reverendo Carl assente.

– O presidente está muito preocupado.

Claro que está. Penso que o Sr. Presidente confia bastante no irmão mais velho. E terá uma tremenda dificuldade para passar informações a Bobby ou recebê-las dele. Trechos de conversas futuras passam na minha mente: *Há uma situação no Afeganistão, Bobby*, dirá o presidente.

A reação de Bobby será algo do tipo *Belos brilhos nas chamas da sua banana*. A fala será precisa e fluida, cada sílaba articulada perfeitamente e sem hesitação. O que sairá será uma algaravia completa: não em código, não um discurso entrecortado, mas as incoerências de alguém que antigamente chamávamos de idiota, no sentido clínico da palavra, claro.

Preciso me esforçar para não sorrir. Preciso morder a parte interna da bochecha – com força – para manter a aparência adequada de seriedade, preocupação e dever.

Folheio as páginas seguintes. As imagens de ressonância magnética mostram uma lesão substancial exatamente onde espero, na área de Brodmann 22.

– Isso foi devido a um acidente de esqui? Sem indicação de danos anteriores?

Claro que eles não sabem. Homens de 54 anos não têm o hábito de fazer ressonâncias cerebrais, a não ser que haja um motivo.

– Ele sofria de dores de cabeça?

O reverendo Carl dá de ombros.

– Isso é sim ou não, reverendo?

– Não tenho essa informação.

Agora me viro para Patrick, mas ele balança a cabeça.

– Você precisa entender, Jean. Não podemos divulgar o histórico médico da família do presidente.

– Mas querem que eu ajude.

– A senhora é a principal especialista do país, Dra. McClellan.

O reverendo Carl intervém, inclinando-se por cima da mesinha de centro. Seu rosto anguloso está a centímetros do meu. Apesar de ter um quê de personagem de *anime*, ele é bonito. Ainda está usando o paletó do terno, apesar do calor, mas por baixo do tecido há uma estrutura sólida. Imagino se mulheres como Olivia King estão secretamente apaixonadas por ele.

A chance de corrigir seu tempo verbal é boa demais para deixar passar.

– Era. Não preciso lhe dizer que não trabalho há um ano.

O reverendo Carl não reage, apenas se recosta e junta as pontas dos dedos das duas mãos, formando um triângulo isósceles perfeito. Talvez ele treine isso na frente do espelho.

– Bom, é por isso que estamos aqui hoje.

Ele faz uma pausa, como costumava fazer durante seus sermões televisivos, com um pouco de suspense teatral.

Mas já sei o que ele vai dizer. Meu olhar vai dos olhos dele para os de Patrick e dos outros homens na sala.

– Dra. McClellan, gostaríamos de tê-la na nossa equipe.

DOZE

Na nossa equipe.

Uma centena de respostas borbulham dentro de mim, 90% das quais significariam demissão – ou algo pior – para Patrick. Mas qualquer coisa que se aproxime de concordância ou ansiedade em concordar jamais percorrerá o caminho do meu cérebro até minha boca. Em vez de empolgação, sinto como se tivesse levado um soco no estômago, como se as palavras do reverendo Carl

tivessem me perfurado feito garras. Eles podem precisar de mim, mas precisar é diferente de querer. E não confio em nenhum desses homens.

– Eu tenho escolha? – Parece uma pergunta segura.

O reverendo Carl separa as mãos num gesto santificado de oração. Já o vi fazer isso, na TV, quando está pedindo ajuda, pedindo que mais Mulheres Puras, Homens Puros e Famílias Puras se juntem ao seu rebanho, quando está pedindo dinheiro. Neste momento essas mãos se parecem mais com um torno pronto para me apertar até eu ser esmagada.

– Claro – diz ele, a voz exageradamente generosa e falsamente gentil. – Sei como a senhora deve se sentir, sei que deixar seu lar e seus filhos para voltar à labuta diária deve ser...

Ele procura uma palavra enquanto seus olhos examinam minha casa. Há bagunça e confusão em toda parte: há três pares de sapatos meus num canto, para onde os chutei na semana passada, poeira nos parapeitos das janelas, uma velha mancha de café no tapete perto dos sapatos dele.

Nunca fui uma boa dona de casa.

Ele continua:

– Nós conversamos com outra cientista, a Dra. Kwan, para o caso de precisarmos de uma segunda opção. Creio que a senhora a conhece.

– Conheço.

Lin Kwan é a chefe do meu antigo departamento. Ou era, até que a substituíram pelo primeiro homem que puderam encontrar. Não preciso perguntar por que não o procuraram para esse projeto: se Lin tivesse conseguido impor sua vontade, as verbas do sujeito teriam sido cortadas depois do primeiro experimento desastroso. Para ver como ele era inepto.

– Então... – Agora as mãos do reverendo Carl se abaixaram e ele não mais me olha, mas fita a alga de aço que Thomas está segurando nos últimos vinte minutos. – A escolha é sua. A senhora pode montar um novo laboratório, recomençar sua pesquisa e ir adiante. Ou...

– Ou...? – pergunto, meus olhos encontrando os de Patrick.

– Ou tudo pode voltar ao normal. Tenho certeza de que sua família gostaria disso. – O reverendo não me olha enquanto está falando; ele encara Patrick, como se estivesse estudando a reação do meu marido.

Como se alguma coisa da nossa vida no último ano tivesse sido normal. Então entendo: Carl Corbin acredita mesmo no que prega. A princípio eu tinha achado que ele havia engendrado o Movimento Puro, que suas motivações para ressuscitar o culto vitoriano da domesticidade e manter as mulheres fora da

esfera pública eram puramente misóginas. Com certeza era melhor que isso fosse verdade; é menos assustador do que a alternativa.

Steven foi o primeiro a me explicar, numa manhã de domingo dois anos atrás.

– É meio tradicional, mãe. Tipo nos tempos antigos.

– Tempos antigos? Como o quê? Grécia? Suméria? Babilônia?

Ele se serviu de uma segunda tigela de cereal misturado com duas bananas e cobriu tudo com leite. Quando Sam e Leo chegarem aos quinze anos, terei de comprar ações da Cherrios.

– Bom, é. A ideia das esferas pública e privada já estava lá na época dos gregos, mas ela é ainda mais antiga. Desde as comunidades de caçadores-coletores. Biologicamente, nós somos adequados a coisas diferentes.

– Nós? – perguntei.

– Homens e mulheres. – Ele parou de mastigar e flexionou o braço direito.

– Está vendo isto? Você poderia malhar todo dia, durante um ano, e ainda assim não teria músculos como eu. – Provavelmente vendo minha expressão de pura incredulidade, ele mudou de rumo: – Não quero dizer que você é fraca. Só é diferente.

Meu Deus.

Apontei para minha têmpora.

– Está vendo isto, garoto? Com mais dez anos de escola talvez você tenha um igual. Ou talvez não. E isso não tem merda nenhuma a ver com sexo. – Minha voz estava subindo de volume.

– Calma, mãe.

– Não diga para eu me acalmar.

– Você está ficando histérica. Só estou dizendo que, em termos biológicos, as mulheres fazem certas coisas, e os homens, outras. Por exemplo, você é uma professora fantástica, mas provavelmente não duraria uma hora se... não sei... se tivesse de trabalhar cavando valas.

Chega.

– Sou uma cientista, Steven, e não professora do jardim de infância. E não estou histérica.

Bom, estava um pouco.

Servi minha segunda xícara de café com as mãos trêmulas.

Steven não deixou para lá. Abriu o livro daquela maldita aula da turma avançada – Babaquices Religiosas 1, ou sei lá como chamavam – e começou a ler: – “A mulher não deve ir às urnas, mas tem uma esfera própria, de incrível

responsabilidade e importância. Ela é a guardiã do lar, nomeada por Deus... Ela deve ter total consciência de que sua posição de esposa e mãe, e de anjo do lar, é a tarefa mais santa, mais responsável e régia designada para os mortais; e descartar qualquer ambição de algo mais elevado, já que não existe nada tão elevado para os mortais.” Esse texto é do reverendo John Milton Williams. Está vendo? Você é uma rainha.

– Fantástico. – Eu precisava do café, mas não queria que Steven visse como eu estava à beira de explodir, por isso deixei-o na bancada. – Acho que você deveria abandonar esse curso.

– De jeito nenhum. Eu estou até curtindo. Quer dizer, há uma tonelada de coisas em que pensar. Até algumas garotas dizem isso.

– Acho difícil acreditar – falei, não me incomodando em esconder o escárnio.

– Julia King, por exemplo.

– Julia King não representa toda a população feminina. – *Coitada*, pensei, imaginando qual lavagem cerebral meus vizinhos tinham feito na filha. – Estou falando sério, Steven. Largue o curso.

– Não.

Quinze anos. A idade do desafio. Eu a conhecia bem, tinha passado por isso.

Patrick entrou na cozinha, esvaziou a jarra de café numa caneca e colocou o resto do leite.

– O que está acontecendo? – perguntou, bagunçando o cabelo de Steven e depois me dando um beijo no rosto. – Está meio cedo para uma briga.

– Ela quer que eu largue a aula de religião da turma avançada.

– Por quê? – perguntou Patrick.

– Não sei. Pergunte a ela. Acho que ela não gosta do livro.

– O livro é uma bosta – falei.

Patrick pegou-o e folheou as páginas como se fossem um velho desenho animado.

– Não me parece tão ruim.

– Talvez se você tentasse ler, querido.

– Qual é, amor. Deixe Steve cursar o que quiser. Não vai fazer mal.

Talvez tenha sido nesse momento que comecei a odiar meu marido.

Agora estou de volta à sala, odiando os sete homens sentados ou de pé ao meu redor, esperando que eu me junte às suas fileiras.

– Preciso de mais detalhes...

Talvez eles não notem que estou embromando.

Talvez você ache que sou louca por não agarrar essa chance de voltar ao trabalho. Dá para entender.

O dinheiro extra seria bom. É um ponto relevante. E sinto falta da minha pesquisa, dos meus livros, da colaboração com Lin e meus assistentes de pós-graduação. Senti falta de falar.

Acima de tudo, senti falta de ter esperança.

Estávamos tão perto, porra!

Foi ideia de Lin abandonar nosso trabalho inicial sobre a afasia de Broca e passar para a de Wernicke. Eu conseguia entender seu raciocínio: os pacientes da afasia de Broca gaguejavam com uma frustração palpável, mas conseguiam se expressar. No geral, a linguagem continuava intacta; apenas a capacidade de transmiti-la em palavras fora prejudicada por um derrame, uma queda numa escada, um ferimento na cabeça enquanto percorria algum país desértico usando fardas do mundo livre. Eles ainda podiam compreender, ainda tinham as esposas, as filhas e os pais encorajando-os. Eram as outras vítimas – as que sofriam danos numa parte posterior do cérebro, como Bobby Myers – que sofriam a pior perda. Para eles a linguagem havia se transformado num labirinto inescapável de falta de significado. Imagino que deve ser como estar perdido no meio do oceano.

Então sim, quero voltar. Quero continuar a pesquisa sobre o soro e – quando estiver pronta – injetar aquela poção nas veias idosas da Sra. Ray. Quero ouvi-la me contar sobre a *Quercus virginiana*, a *Magnolia stellata* e a *Syringa vulgaris*, como fez quando veio pela primeira vez à minha casa, identificando os carvalhos, as gigantescas árvores estreladas e os lilases com um cheiro que nenhum perfumista conseguiu igualar. Ela os considerava presentes de Deus, e eu tolerava isso. Independentemente do que existisse lá em cima, ele ou ela fez um serviço fantástico com as árvores e as flores.

Mas estou pouco me lixando para o presidente, seu irmão ou, na verdade, qualquer homem.

– E então, Dra. McClellan? – pergunta o reverendo Carl.

Quero dizer que não.

TREZE

Caramba, como está quente aqui. Deve haver um vazamento no compressor do ar-condicionado de novo. Não seria um tremendo azar?

Fico de pé, a calça jeans grudando na parte de trás das pernas, e vou à cozinha encher de novo meu copo d'água.

– Patrick, pode vir aqui um segundo? – peço.

Ele roda pela sala recolhendo os copos vazios e se junta a mim.

Enquanto encho um copo depois do outro com gelo, ele segura meu pulso esquerdo.

– Você não quer isso de volta, quer?

Balanço a cabeça por hábito.

– Você deveria ver isso como uma troca, amor. Tanto você quanto eles vão ganhar alguma coisa.

– Eu deveria ver isso como é: a porra de uma chantagem.

Ele suspira como se estivesse segurando todo o universo nos pulmões.

– Então faça pelas crianças.

As crianças.

Steven não está nem aí. Está ocupado preenchendo formulários para faculdades, escrevendo trabalhos de admissão e se preparando para as provas, que estão logo ali adiante. Além disso, está de olho em Julia King durante a maior parte deste semestre. Os gêmeos, com apenas onze anos, têm o futebol e a liga infantil de beisebol. Mas há Sonia. Se vou trocar meu cérebro por palavras, farei isso por ela.

A roda de hamster na minha cabeça deve estar fazendo barulho, porque Patrick para com os copos d’água nas mãos e me vira para ele.

– Faça isso por Sonia.

– Primeiro quero mais detalhes.

De volta à sala, recebo as informações.

O reverendo Carl se transforma de político em vendedor.

– A senhora vai ficar sem o contador durante todo o projeto, Dra. McClellan. Se concordar em nos ajudar, claro. Terá um laboratório de última geração e toda a verba e apoio de que precisar. Podemos... – ele verifica a papelada em outra pasta – lhe oferecer um belo estipêndio com um bônus se a senhora encontrar uma cura viável nos próximos noventa dias.

– E depois? – pergunto, de volta à minha poltrona com a calça jeans grudando na pele.

– Bom... – Ele se vira para um dos homens do serviço secreto.

O sujeito assente.

– De volta a cem palavras por dia? – pergunto.

– Na verdade, Dra. McClellan, e estou dizendo isso estritamente em segredo, entende? Na verdade, vamos aumentar a cota em algum momento no futuro. Assim que tudo voltar aos eixos.

Ora, isso é novidade. Espero para ver que outros segredinhos ele tem na manga.

– Nossa esperança – agora o reverendo Carl está totalmente em modo de pregador – é que as pessoas se acostumem, entrem no novo ritmo, e não precisaremos mais dessas pulseirinhas.

Ele faz um gesto desdenhoso, como se estivesse falando de um acessório de moda trivial, e não de um instrumento de tortura.

Claro, nós só sentimos dor se violarmos as regras.

Lembro-me do dia em que fiquei sabendo de tais regras.

O procedimento demorou apenas cinco minutos, lá no prédio branco do governo. Os homens falaram para mim – jamais *comigo*, sempre de forma impessoal. Patrick seria notificado e receberia instruções; uma equipe viria à nossa casa (seria conveniente esta tarde?) instalar câmeras na porta da frente e na dos fundos, trancar meu computador e empacotar nossos livros, até *O bebê aprende o alfabeto*, de Sonia. Os jogos de tabuleiro iriam para caixas de papelão, que por sua vez ficariam num armário no escritório de Patrick. Eu deveria levar Sonia, que tinha saído do meu corpo apenas cinco anos antes, ao mesmo lugar naquela tarde, para que seu pulso pequenino fosse medido. Eles me mostraram uma seleção, um arco-íris de cores dentre as quais eu poderia escolher.

– Rosa seria adequado para uma menininha – disseram.

Apontei para uma prateada para mim e uma vermelho-sangue para Sonia. Um ato trivial de desafio.

Um dos homens saiu e voltou com o bracelete que substituiria meu Apple Watch, com o qual Patrick havia me surpreendido no Natal do ano anterior. O metal era leve, liso, uma espécie de liga, estranho à minha pele.

Ele ajustou o contador à minha voz, colocou-o no zero e me mandou para casa.

Naturalmente não acreditei em uma palavra daquilo. Nem nos desenhos que eles me mostraram em seus livros ilustrados nem nos avisos que Patrick leu para mim em voz alta enquanto tomávamos chá à mesa da cozinha. Quando Steven e seus irmãos chegaram da escola, cheios de notícias de treinos de futebol e resultados de provas, enquanto Sonia ignorava suas bonecas, hipnotizada pela nova pulseira brilhante, eu abri a represa. Minhas palavras fluíram, sem controle, automáticas. A sala se encheu com centenas delas, de todas as cores e formas. Na maior parte azuis e afiadas.

A dor me derrubou.

Nossos corpos têm um mecanismo, um modo de esquecer o trauma físico. Como aconteceu com minhas não memórias da dor do parto, bloqueei tudo associado àquela tarde, tudo a não ser as lágrimas nos olhos de Patrick, o choque

– que palavra adequada! – no rosto dos meus filhos e os guinchos deliciados de Sonia brincando com o instrumento vermelho. Esta é outra coisa que lembro: o modo como minha menininha levou aquele monstro vermelho aos lábios.

Como se o estivesse beijando.

cATORZE

Finalmente eles vão embora.

O reverendo Carl entra em seu Range Rover; os homens do serviço secreto e Thomas vão nos outros carros. Patrick e eu somos deixados na sala com oito copos vazios marcando os descansos embaixo deles.

Nada foi decidido por enquanto.

Ele está andando de um lado para outro na sala, o suor fazendo seu cabelo

geralmente arrumado com gel se grudar em tufo de cabelos em volta do rosto. Nesse momento, parece menos meu marido e mais um felino enjaulado. Ou talvez um cão-selvagem seja a melhor escolha; cães são animais de matilha.

– Eles não vão tirar o contador de Sonia – digo.

– Vão. Em algum momento. Pense em como seria se ela aparecesse na escola sem a...

– Não ouse chamar de pulseira.

– Certo. Contador.

Coloco os copos na bandeja usando só o polegar e o indicador, porque não quero tocá-los mais do que o necessário. Apertar a mão do reverendo Carl me deixou com vontade de me esfregar com água sanitária.

– Você não pode mexer uns pauzinhos? Foi você que disse que era uma troca, então vamos fazer uma troca: eu trabalho para os filhos da puta, eles deixam minha filha falar.

– Verei o que posso fazer.

– Patrick, você é a porra do conselheiro de ciências do presidente. É melhor ser capaz de fazer alguma coisa.

– Jean...

– Não me venha com “Jean”!

Bato o copo que estou segurando na bancada e ele se despedaça.

Patrick salta feito uma bala de revólver, tentando estancar o sangue que pinga da minha mão.

– Não toque em mim.

Há um único caco de vidro cravado na carne macia embaixo do polegar. E sangue. Um bocado de sangue.

Enquanto a água escorre em cima do ferimento, recuo trinta minutos, de volta a quando o reverendo Carl estava dominando minha sala, me informando sobre os planos para o futuro.

Algo estava errado. Talvez fossem os olhos, que não sorriam junto com a boca, ou o padrão das frases. Eram ensaiadas demais, quase treinadas demais na cadência e na entonação equilibradas. Mesmo assim, a hesitação era audível – uma quantidade um pouco exagerada de *ah* e *ééé* atulhavam seu recital das mudanças, alterações e concessões pretendidas pelo presidente.

Não consegui identificar exatamente o momento em que percebi que não confiava nele.

– E se eles estiverem planejando alguma coisa pior, Patrick?! – gritei por cima da água corrente enquanto ele catava os cacos de vidro e os jogava na

lixeira.

Não me virei para olhar; aqueles cacos se pareciam demais com nosso casamento.

Mas nem sempre tinha sido assim. Não se tem quatro filhos por acaso.

Ele se junta a mim perto da pia, lava as mãos como só um médico consegue, até os cotovelos, e me olha com ar interrogativo antes de segurar meu pulso. Ainda tem aquele toque gentil.

– Você quer primeiro a boa ou a má notícia?

– A boa.

– Certo. A boa é que você não vai morrer.

– E a má?

– Vou pegar meu material de sutura.

Pontos. Merda.

– Quantos?

– Dois ou três. Não se preocupe, parece pior do que é. – Quando ele volta com sua maleta preta, me serve uma dose de uísque. – Aqui. Beba. Vai diminuir a dor.

Então me senta na bancada da cozinha e pega o equipamento, pronto para brincar de médico com o talho na minha mão.

Tomo um gole longo da bebida forte, e a agulha penetra na minha pele desinfetada sem muita dor. Mesmo assim, não olho, apenas entrego a pinça quando ele pede.

– Ainda bem que você não estudou enfermagem, amor – diz ele, e há ternura de novo entre nós.

Por um instante.

Ele dá um nó hábil, corta o excesso de fio e dá um tapinha na minha mão.

– Aí está, Dra. Frankenstein. Nova em folha.

– O Dr. Frankenstein não era a criatura com zíper no pescoço. De qualquer modo, o que você acha? Eles estão planejando alguma coisa ou falaram sério?

– Não sei, Jean.

“Jean” de novo. Ele está irritado.

– Olha, se eu pegar esse trabalho, como saberei se eles não vão... não sei... usar minha pesquisa para promover o mal em todo o mundo?

– Com um soro antiafasia? Como?!

A perda de sangue e o uísque me deixaram tonta.

– Não confio neles.

– Certo, então. – Ele se serve de uma dose, depois bate com a garrafa na

bancada com força suficiente para meus ouvidos doerem. – Não pegue o trabalho. A gente cuida do ar-condicionado quando o dinheiro entrar na semana que vem, você pode colocar de novo a porcaria da pulseira e todos voltamos exatamente ao ponto em que estávamos hoje de manhã.

– Vai se foder.

Ele está com raiva, magoado e frustrado. Mas nada disso justifica as palavras que saem de sua boca em seguida, as que ele jamais poderá retirar, as que cortam mais fundo do que qualquer caco de vidro e me fazem sangrar por inteiro.

– Quer saber, amor? Acho que era melhor quando você não falava.

QUINZE

Mesmo sem a geringonça de metal no meu pulso, o jantar esta noite é silencioso.

Steven, que normalmente tagarela em meio às garfadas de comida, não falou da escola, de Julia King nem do futebol. Os gêmeos parecem confusos e se remexem um pouco nas cadeiras. Sonia se alterna entre olhar para o prato e para meu pulso esquerdo, mas está em silêncio desde que chegou da escola. Outra

coisa: não houve nenhum soquinho brincalhão entre ela e Steven.

Quanto a Patrick, ele come, leva seu prato para a cozinha e escapa para o escritório com um copo de uísque e algumas palavras curtas sobre a necessidade de cumprir um prazo. É impossível saber de quem ele sente mais raiva: de mim ou de si mesmo.

– Explique você a eles, Jean – diz Patrick antes de fechar a porta para seu santuário forrado de livros.

Bom, isso é esquisito. Não tenho uma conversa de verdade com meus filhos há mais de um ano. O que antigamente seria um debate animado sobre se *Pokémon Go* era perda de tempo ou a inovação mais inteligente nos jogos desde o Xbox se transformou em quatro rostos jovens em silenciosa expectativa. E eu sou o evento principal.

É melhor acabar logo com isso.

– E aí, Steven, como está indo na escola esses dias? – pergunto.

– Duas provas amanhã. – É como se ele é que tivesse uma cota diária de palavras.

– Quer que eu ajude você a estudar?

– Não. Estou bem. – Então, resolve acrescentar: – Obrigado, de qualquer modo.

Sam e Leo estão ligeiramente mais ansiosos, me golpeando com notícias sobre o novo treinador de futebol e sobre como pregaram uma peça no treino da manhã, cada um fingindo que era o outro. Os dois dominam a conversa. Acho que se acostumaram com isso.

Apenas Sonia me espia com os olhos arregalados, o tipo de olhar que faz com que eu me sinta uma pessoa nova. Ou como se tivessem brotado pelos no meu corpo. Ou tivesse me transformado num dragão. Ela não comeu nenhuma almôndega do seu prato, só umas poucas batatas que eu tinha corrido para comprar depois da briga com Patrick à tarde.

– Vou ter outro pesadelo? – pergunta ela.

Respondo automaticamente com o tipo de pergunta errada: – Por que acha isso, querida? – Então refaço a pergunta: – Não. Não vou deixar os pesadelos acontecerem. E vou contar uma história quando colocar você na cama, está bem?

Ela assente. O número em seu pulso reluz: 40.

– Estou com medo – diz ela.

– Não precisa ter medo.

Sam e Leo trocam um olhar nervoso e eu balanço a cabeça para eles. Steven leva o dedo aos lábios, seu sinal silencioso para a irmãzinha, algo normal.

Então Sonia assente de novo. Seus olhos, cor de mel e esverdeados como os de Patrick, estão úmidos com lágrimas que não caíram.

– Ainda está com medo? – pergunto.

Outra confirmação de cabeça.

– Dos pesadelos?

Agora ela balança a cabeça.

A questão é que Sonia não sabe o que os contadores de pulso fazem além de brilhar, mostrar números e pulsar, uma vez para cada palavra que ela fala. Nós tivemos o cuidado de manter isso em segredo. Talvez seja bobagem, mas nunca pude descobrir exatamente como descrever um choque elétrico para uma criança tão pequena. Seria como contar sobre os horrores da cadeira elétrica para instilar alguma noção de certo e errado. Medonho e desnecessário. Que pai relataria o funcionamento exato de uma cadeira elétrica para fazer com que o filho não minta ou roube?

Quando os contadores foram postos nos nossos pulsos – não houve período de aclimação, nem para as crianças –, decidi abordar a situação por outro ângulo. Um pouco de sorvete, um biscoito extra antes de dormir, chocolate quente com o máximo de marshmallows que coubesse na caneca sempre que Sonia assentisse, balançasse a cabeça ou puxasse minha manga em vez de falar. Reforço positivo, em vez de castigo. Eu não queria que ela aprendesse do modo mais difícil. Como eu tinha aprendido.

Além disso, eu sabia outra coisa sobre os contadores: a dor aumenta a cada infração.

Naquele primeiro dia não tive tempo de processar o aumento constante na carga. Depois Patrick me informou, enquanto aplicava um creme frio na cicatriz do meu pulso.

– Na primeira palavra depois das cem, você recebe um choque leve, Jean. Nada que machuque, só um pequeno tremor. Um alerta. Você vai perceber, mas não vai doer de verdade.

Fantástico, pensei.

– Para cada dez palavras além da cota, a carga aumenta em um décimo de microcoulomb. Se receber meio microcoulomb, você vai sentir dor. Se chegar a um microcoulomb... – ele parou e desviou o olhar – a dor fica insuportável. – Ele pegou minha mão esquerda e verificou o número no contador. – Uau, 196. Graças a Deus você não continuou falando. Mais algumas palavras e teria chegado a um microcoulomb.

Patrick e eu tínhamos ideias diferentes sobre o significado de “dor

insuportável”.

Ele continuou a falar enquanto eu apertava um saco com ervilhas congeladas na queimadura circular e mantinha os olhos voltados para a porta fechada do quarto de Sonia. Os meninos estavam lá com a irmã, por insistência de Patrick, sem dúvida para garantir que ela não falasse. Ninguém queria uma repetição do show da Mulher Eletrocutada, principalmente com uma criança de cinco anos no papel principal.

– Acho que aconteceu o seguinte, amor. Acho que você falou tão rápido que o dispositivo não conseguiu acompanhar. – Agora havia lágrimas em seus olhos. – Amanhã de manhã vou falar com alguém sobre isso. Prometo. Meu Deus, sinto muito.

Só precisei de um segundo para imaginar minha menininha caindo da cadeira, sem ideia do motivo para estar sentindo dor, e para minhas entranhas se transformarem em fogo líquido. Por isso preferi a abordagem pavloviana, me concentrando na recompensa, como se estivesse treinando um cachorro, tudo pelo bem maior, pensei na época.

Agora, no meio dessa estranha não conversa à mesa de jantar, percebo que não precisaria ter me incomodado.

As lágrimas de Sonia começaram a rolar, caindo no prato de almôndegas intocadas e batatas como gordas gotas de chuva.

– Aconteceu alguma coisa ruim na escola hoje?

Um único movimento de cabeça confirmando. Subindo uma vez, descendo uma vez, uma confirmação enfática. Consigo pescar qualquer segredo que ela esteja guardando.

– Certo, menininha. Pronto, pronto... – Estou acariciando seu cabelo, tentando acalmá-la enquanto só quero gritar. – Alguém disse alguma coisa a você?

Um gemido minúsculo escapa dos seus lábios.

– Outra menina?

Agora sua cabeça se move para a direita, depois para a esquerda, embaixo da minha mão. Não foi uma aluna.

– Um professor? – Capto seu olhar, só um movimento rápido, indo de mim até Steven. E eu entendo. – Steven, é sua vez de lavar os pratos, está bem?

Ele me lança o Olhar.

– Por favor.

Não espero que isso funcione, mas seus olhos se suavizam, e meu filho pega os pratos, tendo o cuidado de não os empilhar antes de estarem lavados.

Faz uma pequena reverência, uma coisa insignificante, mas não consigo deixar de ver o reverendo Carl Corbin e o modo como ele estendeu a mão esta tarde, me oferecendo um lugar para me sentar na minha própria sala.

Oferecendo, penso, e palavras surgem na minha cabeça como peças de Scrabble. Oficioso. Oficial. Ofensivo. Of... *foda-se*.

Os gêmeos se juntam à turma da limpeza com Steven, sem muita objeção, e Sonia e eu somos deixadas sozinhas à mesa.

– Você está bem, querida?

Encosto a mão na sua testa. Há um instante minha menina estava suando feito um gim-tônica esquecido numa varanda no verão; agora se acalmou um pouco. Não está suando, mas também não está tranquila.

Agora, olhando Sonia acompanhar Steven com o olhar, vejo-a ficar mais calma a cada passo que ele dá na direção da cozinha. Isso é o pior, porque agora sei do que Sonia está realmente com medo.

Não falo, só inclino a cabeça na direção do lugar onde Steven está raspando restos de carne moída e batatas dos pratos, cantarolando alguma música antiga.

E ela assente.

Steven tinha onze anos quando sua irmãzinha nasceu. Tinha jeito com ela, mantinha-a distraída e feliz, trocava fraldas cheias de cocô sem mais do que um “Nossa, mãe, que fralda mais cagada!”. Poucos pré-adolescentes aprendem a linguagem de sinais dos bebês, mas meu filho mais velho aprendeu. Com pouco mais de um ano, Sonia tinha sinais para todo o seu mundo: comer, beber, dormir, brincar e – seu predileto – fazer cocô. Steven imitava esse gesto específico, frequentemente acompanhado pelas palavras, uma tradução de alguma língua primitiva, um sistema tão misterioso que nem a Dra. Jean McClellan seria capaz de decifrar.

Ele se lançou numa música tão grotescamente modificada que eu não sabia o que pensar. Patrick quase cuspiu o café ao som de Steven cantando.

Havia o The Police e seu du-du-du-da-da-da – ou seja lá como é. Havia aquela do Lou Reed sobre as “garotas de cor” cantando “du-du-du” – ultrarracista agora, mas era o Lou Reed e ele podia fazer qualquer merda naquela época que ninguém se importava. Havia aquelas bandas da Motown e os brancos que queriam tocar como uma banda da Motown, e havia tudo quanto é compositor no mundo moderno que tropeçava numa letra e acabava enchendo o espaço com todo tipo de som. E, finalmente, havia meu filho cantando todo o repertório desde Brahms até Beyoncé, substituindo cada palavra por “cocô”.

Essas lembranças tornam o presente muito mais difícil, mas por fim eu

digo: – Steven foi na sua escola hoje?

Confirmação de cabeça.

– Você quer contar?

Não. Ela não quer.

– História para dormir, então? – pergunto.

Deixo-a ir para o quarto, lembrando-a, sem muita convicção, para escovar os dentes. Eu a observo se levantar da mesa de jantar e seguir pelo corredor até o banheiro que ela tem só para si, agora que os gêmeos estão naquela idade em que o local de mijar separado se torna importante. As dobradiças da porta de Patrick nem ao menos guincham quando Sonia passa correndo por ela.

Arranco a história de Steven. Talvez não seja a melhor tática materna, mas estou furiosa.

– O que aconteceu na escola da Sonia hoje, Steven? – pergunto depois de mandar Sam e Leo para a sala.

Eles estão ansiosos para ir, principalmente porque, sem o irmão mais velho, os dois têm alguns minutos sozinhos com o controle remoto.

Steven dá de ombros e não se vira para mim.

– Eu gostaria de uma resposta, filho – insisto, e aperto seu ombro, forçando-o a se virar.

Só agora vejo o pequeno broche na sua gola, mais ou menos do tamanho de uma unha do mindinho. Dentro do círculo prateado, em um fundo branco, está a letra P em azul vívido. Já vi isso antes.

A primeira vez foi na televisão, durante aquele programa ridículo em que as três mulheres vestidas com conjuntinhos combinando e brandindo Bíblias destroçaram Jackie Juarez. Menos de uma semana depois vi aquilo decorando um dos vestidos de igreja de Olivia King quando ela bateu à minha porta perguntando se eu tinha um ovo para emprestar.

Deveria ser um símbolo de solidariedade, acho, esse discreto P que agora é usado tanto por homens quanto por mulheres. A filha de Olivia, Julia, tem um, e às vezes eu via o mesmo broche quando ia à mercearia ou à lavanderia a seco pegar as camisas de Patrick. Encontrei a Dra. Claudia, minha ex-ginecologista, no correio, e até ela estava com um, mas suspeitei que o marido dela tivesse mais a ver com essa escolha de acessório do que a própria Claudia. Sei que o P significa “Puro”: Homem Puro, Mulher Pura, Criança Pura.

O que não sei é por que meu filho está usando esse broche.

– Quando você começou a usar isto? – pergunto, passando o dedo no seu colarinho.

Steven afasta minha mão como se fosse uma mosca incômoda e volta a enxaguar os pratos e colocá-los na lavadora.

– Arranjei um dia desses. Não é grande coisa.

– Arranjou? Tipo... como? O broche caiu do céu? Você achou no meio da rua?

Sem resposta.

– Não se arranja simplesmente uma coisa dessas, Steven.

Ele passa por mim, enche um copo com leite e toma tudo em um só gole.

– Claro que ninguém arranja, mãe. A pessoa precisa merecer.

– Sei. E como isso acontece?

Outro copo de leite desce pela goela de Steven.

– Guarde um pouco para o cereal amanhã – digo. – Você não é o único ser humano nesta casa.

– Talvez você devesse ir comprar mais uma caixa, então. É seu trabalho, não é?

Minha mão voa por vontade própria e a impressão da minha palma surge, nítida, na bochecha direita de Steven.

Ele não se abala, não levanta a mão, não reage, a não ser dizendo: – Legal, mãe. Muito legal. Um dia isso vai ser crime.

– Seu merdinha.

Agora ele está presunçoso, o que torna tudo pior.

– Vou dizer como mereci o broche. Fui recrutado. Eles precisavam de voluntários da escola dos garotos para fazer rondas nas escolas das meninas e explicar umas coisas. Eu aceitei. E nos últimos três dias estive em campo demonstrando como os braceletes funcionam. Olha. – Ele levanta uma das mangas e mostra a marca de queimadura no pulso. – A gente vai em duplas e se reveza. Assim, todas as garotas, como Sonia, sabem o que vai acontecer. – Como se quisesse me desafiar de novo, ele engole o restante do leite e lambe os lábios. – Por sinal, eu não a encorajaria a aprender a língua de sinais.

– Por que não?

Ainda estou tentando absorver o fato de que meu filho levou choques de propósito para que “garotas como Sonia saibam o que vai acontecer”.

– Mãe, sinceramente... você, mais do que ninguém, deveria saber. – Sua voz assumiu o timbre de alguém muito mais velho, alguém cansado de explicar como as coisas são. – Trocar sinais é contra o propósito do que estamos tentando fazer aqui.

Claro que é.

– Olha, não posso contar os detalhes, mas há pessoas pesquisando novos... você sabe, dispositivos. Vão ser mais parecidos com luvas. É só isso que eu posso dizer. – Ele fica mais empertigado. – Ah, e que eu me ofereci como voluntário para testar.

– Você o quê?

– Isso se chama liderança, mãe. E é o que os Homens Puros fazem.

Não sei o que dizer, por isso falo a primeira coisa que me vem à mente: – Seu babaca.

Steven dá de ombros.

– Tudo bem.

Em seguida, sai da cozinha pisando duro, deixando o copo na bancada ao lado de um bilhete que diz *Comprar leite*.

Sam e Leo estão junto à porta da cozinha, me olhando, por isso não ousou chorar.

DEZESSEIS

Depois de ler a história para Sonia dormir e me deitar ao lado dela, esperando ouvir a respiração tranquila que me diz que ela caiu no sono, vou para o meu quarto. Nossa cama. Esta noite ela é toda minha, porque Patrick ainda está no escritório, apesar de ser quase meia-noite. Raramente ele fica acordado até tão tarde.

Esta noite penso em homens.

Quando coloquei os gêmeos na cama, Steven estava na sala tomando sorvete e assistindo a parte de uma série de palestras do reverendo Carl – agora acredito que ele seja o herói do meu filho. Os dois combinam, ambos firmes em suas ideias de reversão a um tempo anterior, uma época em que homens eram homens e mulheres eram mulheres e glória aleluia, *as coisas eram muito mais fáceis quando todos sabíamos quais eram nossos papéis*. Não posso odiar Steven porque ele acredita numa coisa tão errada, ainda que eu odeie aquilo em que ele acredita.

Mas outros homens são diferentes.

Pouco depois do quinto aniversário de Sonia, depois de recebermos os contadores, telefonei para a casa da minha médica, preparada com um conjunto de perguntas feitas com palavras exatas, uma espécie de *pidgin*. Aparei as frases, eliminando verbos de ligação e adjetivos, indo ao cerne o mais rapidamente possível. O gravador captaria cada palavra, até um sussurro.

Quem sabe o que eu esperava dela? O que minha médica por mais de dez anos poderia dizer? Talvez eu quisesse uma companheira no silêncio. Talvez só quisesse ouvir como ela estava puta da vida.

A Dra. Claudia atendeu, ouviu, e um gemido baixo escapou antes que seu marido surgisse na linha.

– De quem você acha que foi a culpa? – perguntou ele.

Fiquei parada na cozinha, querendo me explicar, tendo cuidado para não fazer isso, enquanto ele dizia que tínhamos feito passeatas demais, escrito cartas demais, gritado palavras demais.

– Vocês, mulheres. Agora precisam aprender uma lição.

E desligou.

Não liguei de novo para ela, para perguntar como a haviam silenciado, se tinham invadido seu consultório ou sua cozinha, se a haviam colocado num furgão junto com as filhas e descrito o futuro numa sala cinza e escura antes de pôr pulseiras brilhantes em todas elas e mandá-las para casa, para cozinhar, limpar e serem Mulheres Puras que apoiam os pais e maridos. Para aprender nossa lição.

A Dra. Claudia nunca teria colocado aquele broche na gola, não sem lutar, mas sei que ela ainda o usa. Provavelmente suas filhas também, assim como Julia King, a filha da vizinha. Eu conhecia Julia quando ela usava shortinhos jeans e blusas curtas, quando corria de bicicleta pela rua com um tocador de MP3 no volume máximo, cantando junto com as Dixie Chicks, quando me viu no quintal e contou mais uma história sobre como sua mãe estava esquisita, e

revirou os olhos diante do ridículo de toda aquela merda Pura. Quando seu pai a flagrou falando comigo – acho que foi há cerca de um ano e meio –, ele pegou Julia pelo braço e a empurrou pela porta de tela nos fundos da sua casa.

Ainda me lembro do choro dela quando Evan a espancou.

A porta do escritório de Patrick se abre com um rangido e ouço seus passos no corredor, seguindo para longe do nosso quarto, em direção à cozinha. Eu poderia ir até ele, servir uma bebida forte para nós dois e contar o que aconteceu com Steven depois do jantar. *Deveria*. Sei disso.

Mas não vou.

Patrick é o terceiro tipo de homem. Não é crente e não é um escroto que odeia as mulheres; só é fraco. E prefiro pensar em homens que não são.

Assim, esta noite, quando Patrick finalmente deita na cama, mesmo depois de se desculpar comigo, decido sonhar de novo com Lorenzo.

Nunca sei o que provoca isso, o que me faz imaginar que é o braço dele, e não o do meu marido, que está envolvendo minha cintura à noite. Não falo com Lorenzo desde meu último dia na universidade. Bom, e naquela única outra vez, algum tempo depois, que não envolveu uma abundância de vocalizações.

Eu me desvencilho do braço pesado que me envolve. Esse gesto é muito parecido com propriedade, é possessivo demais. Além disso, a pele muito lisa de Patrick, sua mão macia de médico e os pelos finos estão interferindo em minhas lembranças, bloqueando-as.

Lorenzo já deve ter voltado para a Itália. Não tenho certeza. Faz dois meses desde que segui meu coração e minha libido e saí com ele. Dois meses desde que arrisquei tudo por uma transa.

Transa não, Jean. Amor, lembro a mim mesma.

O plano dele, desde o início, era voltar ao que chamávamos de “a Bota” assim que o período como professor visitante tivesse terminado. Ele sentia falta da cozinha e do mar, de laranjas e pêssegos engordados com o rico solo vulcânico até crescerem grandes como o sol. E da sua língua. Nossa língua.

Patrick se mexe ao meu lado, e eu me levanto. Na cozinha, pego a velha *macchinetta* num armário, comprimo pó para *espresso* no copinho perfurado e encho a parte de baixo com água antes de colocar sobre fogo baixo no fogão. São quase cinco da manhã e não vou dormir mais.

Teria sido o café que começou tudo? Ou o italiano? De repente me sinto fria e quente ao mesmo tempo.

Ele mantinha um fogareiro elétrico no escritório, um daqueles com queimador único que a gente encontra em quitinetes e motéis baratos. Enfiado

entre aquilo e seus textos de semântica estava uma lata de café, café de verdade, não a poeira moída que colocavam na copa dos professores. Nós tínhamos nos encontrado para rever o progresso da recordação léxica nos meus pacientes com anomia. Por algum motivo, os anômicos tinham me deixado num beco sem saída; sua incapacidade de conjurar os nomes dos objetos mais comuns ao mesmo tempo que conseguiam descrevê-los perfeitamente tinha mandado minha pesquisa de volta à estaca zero. Se não conseguisse entregar um relatório positivo no fim do mês, diria adeus à verba e *sayonara* ao cargo.

Lorenzo pôs o café para coar e nós olhamos os últimos exames. Ali, em meio às ressonâncias magnéticas, aos eletroencefalogramas e ao café italiano, tudo começou.

A primeira coisa que notei foi sua mão ao encher uma xícara com o *espresso* preto e espesso. Sua pele era morena, não tinha nada do rosa pálido da mão de Patrick. Uma unha estava lascada e havia calos nas pontas dos dedos, que eram compridos e finos.

– Você toca violão? – perguntei.

– Bandolim. E um pouco de violão.

– Meu pai tocava bandolim. Minha mãe cantava junto; todos nós cantávamos. Nada fantástico, só as músicas folclóricas de sempre: “Torna a Surriento”, “Core ’ngrato”, coisas assim.

Ele riu.

– Qual é a graça?

– Uma família americana cantando “Core ’ngrato”.

Agora foi minha vez de rir.

– O que faz você pensar que sou americana? – Só que não falei desse jeito. Falei em italiano.

Nós nos conhecemos assim, no escritório dele, onde ficava o fogareiro elétrico e a pequena cafeteira. Assim que entreguei o projeto da anomia, garantindo meu futuro um tanto instável por mais um semestre, continuamos a nos encontrar.

– Comprei um pedacinho da Itália para você – disse ele certo dia, não muito depois de ter voltado de uma visita à família nas férias de primavera.

Nossa conversa tinha migrado de uma mistura de inglês e italiano para napolitano total, e o escritório de Lorenzo virou um oásis de continentalismos: *caffè*, música, os crocantes biscoitos *taralli* que ele trazia nas segundas-feiras depois de trabalhar todo o fim de semana na receita de sua avó.

Ele empurrou um objeto embrulhado em jornal por cima da mesa.

– O que é? – perguntei.

– Um pouco de música para você, Gianna. Abra.

Abri. Dentro do jornal havia uma caixa de madeira envernizada com um padrão de rosas de cinco pétalas ao longo da borda. Não se parecia muito com música, até que Lorenzo levantou a tampa com um dedo.

Ainda me lembro disso, de como ele levantou a tampa com tanto cuidado, como um recém-casado deslizando uma saia de renda por cima do joelho da esposa, preparando-se para puxar a liga. Um ato lascivo tornado afetuoso pela gentileza.

Foi a primeira vez que imaginei a mão de Lorenzo na minha pele nua; naquela segunda-feira em seu escritório atulhado, com a caixa de música tilintando “Torna a Surriento” e a cafeteira de *espresso* borbulhando seu café espesso e doce.

Lorenzo não é crente, não odeia mulheres nem é covarde. Está numa categoria própria, escondido num canto escuro e agradável da minha mente.

DEZESSETE

Steven é o primeiro a acordar e sai de casa antes que Patrick ou eu comecemos nossa rotina matinal. Os gêmeos, num raro feito de autossuficiência – ainda que não de coordenação de cores –, se vestiram e agora colocam o resto do leite em tigelas cheias de torrões de açúcar multicoloridos feitos para apodrecer dentes. Leo está com o suéter pelo avesso e Sam o arruma. Nenhum dos dois diz muita coisa enquanto comem o cereal.

– O que aconteceu ontem foi só uma discussão – digo.

– É estranho ouvir você falar, mãe – observa Leo.

Acho que deve ser, depois de um ano.

Quando Patrick entra, aparentando ter dormido menos do que dormiu, os gêmeos estão a caminho do ponto de ônibus e estou vestindo Sonia, enfiando um braço de cada vez no agasalho. Minha mão se demora em seu bracelete vermelho, e ela puxa o pulso, com a mãozinha escapando da minha.

– Sinto muito pelo que você precisou ver ontem. Com o Steven.

Ela assente, como se também lamentasse ter visto aquilo.

Vamos até o ônibus juntas, silenciosas como em todos os outros dias. Agora tenho palavras, mas nenhuma ideia de como usá-las, nenhuma pista de como fazer a vida da minha filha um pouco melhor, nem que seja por pouco tempo.

– Não teve mais pesadelos, não é?

Sonia assente de novo. Claro, ela não teria nenhum pesadelo na noite passada, não com a pequena dose de sonífero que coloquei em seu chocolate quente. Patrick ainda não sabe disso e não sei se vou contar.

– Seja boazinha na escola – digo, e a ajudo a entrar no ônibus.

Seja boazinha na escola. Que monte de bosta.

Imagino minha filha sentada numa carteira, daquele tipo que tem um nicho embaixo, onde livros, estojos de lápis coloridos da Hello Kitty e, mais tarde, bilhetinhos secretos dizendo *Você gosta do Tommy? Acho que o Tommy gosta de você!* ficariam escondidos. Tampas de fórmica onde a gente riscava corações e iniciais, ou onde a gente acompanhava as gravações feitas por algum outro garoto ou garota em outro ano, imaginando se BL chegou a se casar com KT ou se o Sr. Pondergrass, professor de álgebra, era mesmo um monstro com remela nos olhos. Cadernos com capa em preto e branco, que mais tarde ficavam mais finos e mais azuis quando as tarefas de redação mudavam de “O que eu fiz nas férias de verão” para “Compare e contraste Hamlet com Macbeth, de Shakespeare”. Todas essas coisas, simples e corriqueiras, que presumimos que nunca iríamos perder.

O que nossas meninas estudam agora? Um pouco de soma e subtração, ver as horas, saber contar o troco. Contar, claro. Devem aprender a contar primeiro. Até cem.

Quando Sonia entrou no primeiro ano, no outono passado, a escola era aberta. Patrick e eu entrávamos, junto com os outros pais. Não cheguei a ver o aviso que foi mandado aos pais – não às mães – ou aos avôs, no caso de uma das meninas ter duas mães. Claro, não existe mais nenhuma família com duas mães

ou dois pais; as crianças dos casamentos entre pessoas do mesmo sexo foram postas para morar com seu parente do sexo masculino mais próximo – um tio, um avô, um irmão mais velho – até o pai biológico se casar do modo adequado. Engraçado, com todo o papo anterior de terapia de conversão e cura da homossexualidade, ninguém jamais pensou no modo perfeito de colocar os gays na linha: tirar seus filhos.

Imagino que o comparecimento naquela noite tenha sido obrigatório, se bem que Patrick não disse isso, só me instigou a verificar as instalações, que supostamente eram de última geração.

– Como assim “de última geração”? – perguntei, olhando meu contador antes de falar.

Descobrimos uma hora depois. Ainda existiam salas de aula, com carteiras e telas de projeção. Os quadros de avisos estavam cobertos de desenhos: uma família fazendo piquenique aqui, um homem de terno segurando uma pasta ali, uma mulher com chapéu de palha plantando um canteiro de flores roxas em outro canto. Crianças num ônibus escolar, meninas brincando de boneca, meninos organizados num campo de beisebol. Não vi nenhum livro, mas, claro, não esperava ver.

Não passamos muito tempo nas salas de aula até que os professores, cada qual usando um pequeno broche com o P na gola, nos levaram pelo corredor para a visita.

– Aqui é a sala de costura – disse o líder do nosso grupo, abrindo uma porta dupla e nos levando para dentro. – Cada menina, assim que tiver idade para usar as máquinas sem dar uma de Bela Adormecida – ele riu da própria piada –, terá sua própria Singer digital. É de fato um equipamento incrível. – Ele acariciou uma das máquinas de costura como se fosse um bichinho de estimação. – Agora, se me acompanharem, daremos uma espiada na cozinha antes de irmos para a área de jardinagem.

Era um curso de economia doméstica metido a besta, não muito mais que isso.

Aceno para Sonia enquanto o ônibus se afasta do meio-fio. Hoje ela vai estar numa sala com 25 outras meninas do primeiro ano. Vai ouvir histórias, treinar contas, ajudar os outros alunos na cozinha a cortar biscoitos, misturar massa e assar tortas. É isso que a escola é agora, e o que vai ser por algum tempo. Talvez para sempre.

A memória é uma maldição.

Sinto inveja da minha filha; ela não precisa se lembrar da vida antes das

cotas nem dos dias de escola antes que o Movimento Puro decolasse. É uma dificuldade me lembrar da última vez que vi um número maior do que quarenta em seu pulso frágil. A não ser, claro, há duas noites, quando vi o número subir até cem. Para o resto de nós, minhas ex-colegas e alunas, para Lin, para minhas amigas do clube de leitura, a mulher que era minha ginecologista e a Sra. Ray, que nunca mais vai fazer paisagismo em outro jardim, a memória é tudo que existe.

Não posso vencer de jeito nenhum, mas há um modo de me sentir vitoriosa.

No minuto que demoro para atravessar a rua de volta e subir os degraus da nossa varanda, eu me decido.

Patrick está assistindo a uma entrevista coletiva do reverendo Carl na TV. A sala na Casa Branca tem a mesma aparência de sempre, só que não há mulheres, apenas um mar de ternos escuros e gravatas imponentes. Todos os repórteres assentem ouvindo as últimas informações do reverendo Carl sobre o estado de Bobby Myers.

– Temos alguém que pode ajudar – diz Carl.

Um coro de “Quem?” e “Onde o senhor o encontrou?” e “Que notícia maravilhosa!” se irradia pela sala de imprensa. Patrick se vira para mim.

– É você, amor. De volta à ação.

Mas não quero estar de volta à ação, não por Bobby Myers, pelo presidente ou por qualquer um dos homens naquela sala.

O reverendo Carl faz seu gesto usual de comprimir o ar com as duas mãos, como se estivesse esvaziando um colchão de ar. Ou espremendo algum objeto mais fraco.

– Bom, ouçam. O que vamos fazer é um pouquinho não convencional, até mesmo radical, mas tenho certeza de que a Dra. Jean McClellan é a pessoa certa para o serviço. Como muitos de vocês sabem, o trabalho dela sobre a reversão da... – Ele verifica suas anotações para acertar os termos técnicos – afasia fluente, também conhecida como afasia de Wernicke, foi revolucionário. Claro, esse trabalho foi pausado temporariamente até resolvermos as coisas, mas quero dizer...

Desligo a TV. Não estou nem aí para o que o reverendo Carl quer dizer. Nunca vou ligar.

– Não vou fazer – aviso a Patrick. – Portanto, ligue para o reverendo Carl antes de sair para o trabalho.

– O que devo falar?

Olho para meu pulso, sem a queimadura, sem a coleira prateada.

– Diga que eu recusei.

– Jean. Por favor. Você sabe o que vai acontecer se você não concordar.

Talvez seja o modo como ele diz isso. Talvez seja seu olhar, aquele olhar cansado, derrotado feito um cachorrinho desobediente. Talvez seja o cheiro azedo de leite e café em seu hálito quando ele fala. Pode ser uma combinação das três coisas, mas nesse momento, na casa onde concebemos quatro filhos, percebo que não o amo mais.

Penso se algum dia amei.

DEZOITO

Desta vez o reverendo Carl vem à minha casa sozinho. Seu terno é da mesma lã cinza e cara de ontem, mas trespassado, e não simples. Conto os botões: três do lado direito, três do esquerdo, quatro em cada manga. Os botões nas mangas são do tipo que se sobrepõem por alguns milímetros, botões beijando, como dizia meu pai quando tinha seu armarinho, sinal de um terno feito sob medida. Além disso, são botões de verdade, que funcionam, e o reverendo Carl deixa os de

baixo abertos. Quer que o mundo veja como ele tem gosto refinado, acho.

Lorenzo nunca quis se mostrar assim.

Enquanto tomávamos café numa tarde – acho que foi há dois invernos, enquanto tentávamos superar outro impedimento no projeto Wernicke –, sem querer rocei a manga do seu paletó com minha caneta, deixando uma marca pequena mas feia no tecido cinza.

– Deixa pra lá – disse ele.

– Já volto.

Naquele tempo eu mantinha uma lata de spray de cabelo na minha sala. Em “naquele tempo” quero dizer o período depois de Lorenzo e eu começarmos a trabalhar juntos. Antes eu não me incomodava, geralmente me contentando em deixar os cachos escuros que herdei da minha mãe caírem como quisessem. Mas naquela tarde eu tinha uma lata de Paul Mitchell Freeze and Shine espreitando numa gaveta junto de uma lixa, um palito de unha e um kit de maquiagem de emergência. Só para o caso de Lin convocar alguma reunião surpresa para o projeto.

As coisas que nós, mulheres, fazemos.

Depois de borrifar o spray e enxugar a marca de tinta, passei a unha pela cachoeira de quatro botões. Eles estalaram quando os toquei.

– Botões beijando – falei. – Não vejo desses há tempos.

Meu pai tinha dito que só colocavam botões de mangas assim na Itália.

E então... foi assim que aconteceu. Um comentário idiota, de improviso, sobre uma memória de infância, e o pé de Lorenzo fechou a porta enquanto sua boca encontrava a minha.

Era um bom lugar para estar, mas agora voltei à minha sala, com Patrick, o reverendo Carl e seus botões das mangas, o de baixo aberto.

– Nós esperávamos, Dra. McClellan, que a senhora... – começa o reverendo Carl, olhando desejoso para minha caneca de café.

Não ofereço nenhuma bebida e não deixo que ele termine.

– Bom, não vou fazer.

– Nós podemos aumentar o pagamento.

Os olhos de Patrick lampejam, primeiro para o reverendo Carl, depois para mim.

– Nós conseguimos nos virar – digo, e tomo outro gole de café.

Eu me acostumei com o desafio em pequenas atitudes, como quando escolhi aquele contador vermelho-sangue para Sonia.

Não há desespero na voz dele, nenhum tom suplicante, apenas os cantos dos

lábios se inclinam para cima quando diz: – E se eu dissesse que temos outros incentivos?

Agora me imagino numa sala em algum lugar, um local sujo e estéril, com paredes que abafam o som, sem janelas e com homens suados, de olhos cruéis, que seguem ordens do tipo “Acho que ela aguenta mais um pouco”, “Deem um momento para ela repensar” e “Vamos recomeçar”. Preciso fazer força para não me encolher, para manter o olhar firme.

– Por exemplo?

Seu sorriso se alarga.

– Poderíamos, por exemplo, aumentar a cota da sua filha. Para cento e cinquenta, talvez? Não. Duzentas.

– Pode aumentar para dez mil, reverendo. Ela já não fala o suficiente para a cota atual.

– Lamento – diz ele, mas nada em seu tom indica que lamenta mesmo.

Era isso que ele queria: mulheres e meninas dóceis. As gerações mais velhas precisam ser controladas, mas por fim, quando Sonia tiver filhos, o sonho do reverendo Corbin, de Mulheres Puras e Homens Puros, dominará o mundo. E eu o odeio por isso.

– Mais alguma coisa? – pergunto.

Patrick me lança um olhar, mas permanece em silêncio.

O reverendo Carl pega uma caixinha de metal no bolso.

– Então precisarei colocar isto de volta.

O “isto” a que ele está se referindo é o contador preto dentro da caixa.

– Esse não é o meu – digo. – O meu é prateado.

Outro sorriso, mas agora os olhos do reverendo também brilham.

– É um modelo novo. A senhora vai descobrir que ele funciona exatamente como sua pulseira antiga, mas esta tem duas características extras.

– O quê? Um chicote em miniatura?

– Jean! – exclama Patrick.

Eu o ignoro.

– Nada disso, Dra. McClellan. A primeira novidade é um moderador de linguajar.

– Um o quê?

– Nós gostamos de pensar que é um suave empurrãozinho na direção certa, nada mais. Só mantenha as coisas limpas e tudo vai funcionar normalmente. Nenhum palavrão, nenhuma blasfêmia. Se a senhora escorregar, tudo bem, mas sua cota se reduz em dez números a cada infração. Com o tempo, vai se

acostumar.

Estou me sentindo igual ao Cartman naquele filme do *South Park*, quando implantam um chip em sua cabeça que lhe dá um choque sempre que ele diz “porra” – como é *South Park*, isso acontece o tempo todo.

– A segunda novidade exige um pouco mais de ação de sua parte. – Ele aponta para o botão vermelho na lateral do contador. – Uma vez por dia, numa hora de sua escolha, a senhora vai apertar este botão e falar com a pulseira. Há um microfone embutido aqui. – Ele aponta para o outro lado, oposto ao botão vermelho. – Esperamos que essa prática ajude as pessoas...

– As mulheres – interrompo.

– Sim. As mulheres. Esperamos que ela ajude a colocar vocês no clima, a entender o que é fundamental.

– Como?

Ele tira do bolso do peito um papel dobrado e o alisa. É uma lista digitada.

– A senhora vai ler isso uma vez por dia ao microfone. Aperte o botão vermelho duas vezes antes de começar, e duas quando terminar. Isso não vai ser descontado da sua cota.

– O que não vai ser descontado?

Minha boca ficou seca. Tomo mais um gole de café, agora frio.

Ele me entrega a folha.

– Por que não lê agora, enquanto ajusto o dispositivo à sua voz? Desse jeito matamos dois coelhos com uma cajadada só.

A primeira palavra que leio está destacada em azul no topo da página:

ACREDITO que o homem foi criado à imagem e glória de Deus, e que a mulher é a glória do homem, pois o homem não foi feito da mulher, mas a mulher foi feita do homem.

– Não posso ler isso.

O reverendo Carl verifica seu relógio.

– Dra. McClellan, eu tenho uma reunião no centro da cidade em uma hora. Se não pudermos terminar isso, terei de chamar alguém que possa.

Visualizo Thomas, do terno escuro, pele escura e olhos mais escuros ainda, o homem que tirou meu contador ontem de manhã. O que eu vi uma vez antes, há um ano, quando vieram me buscar pela primeira vez.

No dia em que anunciei o progresso da nossa equipe a um auditório

apinhado de gente, uns vinte homens uniformizados, com o brasão presidencial numa braçadeira, armas pretas na mão direita, atravessaram a plateia. A luz do projetor diminuiu enquanto eu prendia a respiração. Atrás de mim permaneciam apenas fantasmas das minhas fórmulas na tela branca.

Tinha começado. A coisa terrível, impensável, sobre a qual Patrick havia me alertado apenas alguns dias antes.

Eles separaram a plateia, mandando os homens para fora, obrigando o resto a fazer fila e levando cinquenta alunas e professoras, algumas titulares, por corredores vazios. Lin foi a primeira a verbalizar sua resistência.

Thomas partiu para cima dela como um puma, apontando aquele seu cassete de tortura preto ameaçador para o corpo pequeno de Lin Kwan.

Olhei-a se dobrar, se curvar e desmoronar, sem palavras, com apenas o fiapo de um suspiro de dor, agudo e retesado, saindo dos lábios. Cinco de nós corremos para a mulher caída no chão de ladrilhos, mas fomos afastadas violentamente. As que se demoraram também receberam choques ou levaram coronhadas. Como animais desobedientes. Vacas. Cachorros.

O que estou dizendo é que nada disso aconteceu sem luta.

– Dra. McClellan?

Agora o reverendo Carl está com o telefone na mão, um dedo comprido prestes a completar a ligação, pronto para convocar um homem com pouco charme e técnicas longas e persuasivas.

– Ótimo. Eu leio – digo, achando que posso falar aquelas palavras horríveis sem deixar que elas me invadam.

Assim eu começo.

Quando estou na metade da página, a pele de Patrick empalideceu até ficar sem cor. O reverendo Carl assente toda vez que falo uma das crenças, afirmações ou declarações de intenção para a pulseira preta.

– Como mulheres, devemos manter o silêncio e obedecer. Se precisarmos saber de algo, perguntemos aos nossos maridos na intimidade do lar, porque é vergonhoso uma mulher questionar a liderança do homem, ordenada por Deus.

Ele assente.

– Quando obedecemos à liderança do homem com humildade e submissão, reconhecemos que a cabeça de cada homem é Cristo, e que a cabeça de cada mulher é o homem.

Ele assente.

– O plano de Deus para a mulher, seja casada ou solteira, é que ela se adorne com pudor e sobriedade, e que exiba modéstia e feminilidade sem

demonstrações de capricho ou orgulho.

Ele assente.

– Procurarei me adornar interiormente e ser pura, modesta e submissa. Desse modo glorificarei o homem, assim glorificando Deus.

Ele assente.

– Honrarei a santidade do matrimônio, tanto o meu quanto o dos outros, pois Deus julgará os adúlteros sem hesitação.

Ele assente.

Espero que Patrick interprete minha voz embargada como sinal de desconforto.

O reverendo Carl assente mais uma vez quando termino a página, e bate duas vezes no botão vermelho.

– Muito bem, Sra. McClellan. – Há uma ênfase no “Sra.”. – Patrick, pode fazer as honras?

Patrick se levanta e põe sua xícara de café ainda cheia na mesa, derramando um pouco. Em seguida, pega o contador preto da mão do reverendo Carl, põe no meu pulso e fecha.

E é assim que perco a voz pela segunda vez. Com um estalo que parece uma bomba.

DEZENOVE

Acho que desenvolvi audição sobre-humana.

Esta tarde, enquanto espero que o ônibus de Sonia venha lentamente em direção ao nosso bangalô, ouço cada som. Não os sons que costumava escutar: não os repórteres da CNN debatendo política na TV pequena da cozinha; não John, Paul, George e Ringo dizendo que querem segurar minha mão; não minha própria voz cantando junto – mal, admito. Ouço o som molhado da massa

enquanto a soco até a submissão, o zumbido ensurdecador da geladeira, o gemido em alta frequência do computador de Patrick através da porta fechada do escritório. Ouço meu próprio coração batendo, firme, incessante.

Agora ouço o motor, o efeito Doppler aumentando a frequência enquanto o ônibus se aproxima. Já tenho minhas três palavras planejadas para quando Sonia chegar: *Mamãe te ama*. Outras podem ser ditas mais tarde, mas por enquanto essas bastam.

Ponho a massa numa grande tigela de vidro para descansar pela segunda vez e tiro com uma toalha a farinha que se grudou entre meus dedos. Deveria ter tirado o anel, mas esqueci. Então forço um sorriso – não muito largo, não muito caricato; não quero que pareça uma maquiagem ruim – e vou esperar na porta.

Sonia pula dos degraus do ônibus, acena para o Sr. Benjamin antes de ele partir para o próximo ponto e percorre os trinta metros entre o ponto e a varanda como um felino cheio de adrenalina. Normalmente calma, esta tarde ela está saltitando, com uma ansiedade elétrica. Minha menina está reluzindo de empolgação enquanto pula nos meus braços, sua bochecha grudenta e doce manchada de chocolate, o envelope que segura roça na minha orelha esquerda.

– Mamãe te ama – digo.

Pulsação, pulsação, pulsação. Mal registrei minhas palavras quando ela interrompe o abraço.

– Ganhei prêmio! – guincha Sonia, pondo o envelope nas minhas mãos, apontando para a própria boca, lambendo-a com a língua rosada.

Quando franzo a testa, ela aponta três vezes para a mancha de sorvete no canto da boca. Pego sua mão e a afasto da boca, balançando a cabeça. Às vezes ela se esquece das câmeras.

E do Steven.

Sonia aponta para a boca de novo, desesperada para que eu veja a mancha de chocolate, e de novo empurro sua mão para baixo, segurando os dedos dela. Alguns segundos apontando ou gesticulando em casa talvez não sejam nada de mais – a não ser que virem hábito. Uma única imagem dolorosa de Sonia fazendo isso em público lampeja diante de mim – ou pior, diante de Steven, aquele maldito espião mirim. Aperto os dedos dela com um pouco mais de força enquanto a outra mão vira o envelope que ela trouxe.

Na frente há uma etiqueta endereçada ao Sr. Patrick McClellan. E, claro, o envelope está lacrado.

Portanto, cá estamos. Minhas três palavras do dia, a não ser que você conte a lista de ingredientes no saco de farinha e a mensagem em LED verde *Sua*

bebida está pronta reluzindo no micro-ondas quando requeitei o café.

– Por quê? – pergunto, levando Sonia para dentro, tentando ignorar as duas pulsações. – Escolha bem as palavras.

É uma conversa mais longa do que costumamos ter, mas estou desesperada para saber que novidade minha filha trouxe para casa. Também estou desesperada para impedir que ela fale mais do que deve. Ainda não verifiquei o número em seu contador.

Na cozinha, enquanto preparo uma caneca de chocolate quente para nós – nosso ritual silencioso da tarde –, Sonia sobe numa banqueta, vira o visor do contador para mim e fala uma palavra capaz de rachar os tímpanos: – Menor!

Então leio o contador na pulseira vermelha. Chamam de pulseiras na escola, no consultório médico, nos anúncios que passam antes dos filmes. Penso nisso enquanto molho uma toalha de papel e limpo a mancha de chocolate – que suspeito ser o prêmio de Sonia – e a vejo criar um novo bigode marrom enquanto ela bebe o chocolate quente. Anúncios de silenciadores que provocam choques: escolha sua cor, acrescente umas estrelinhas ou listras. Existe um modelo que muda de cor de acordo com as roupas, se você gosta de tudo combinadinho, uma variedade de musiquinhas, imagens de personagens de desenho animado para as crianças.

Eu me contenho para não xingar os homens que fizeram isso, ou os marqueteiros e seus esforços sinistros para nos convencer de que temos algum tipo de escolha. Acho que, se algum dia as coisas voltarem ao normal, eles vão usar aquele velho clichê: *Eu só estava cumprindo ordens*.

Onde foi que já ouvimos isso?

Não posso ficar nessa cozinha agora, não posso olhar minha filha tomando chocolate e estudar o envelope branco na bancada como se ele contivesse a porra de uma medalha de honra. Por isso vou para outro lugar. Tento imaginá-la no parquinho, pulando corda, participando de jogos de alfabeto, cantando “Miss Lucy Had a Steamboat” e rindo dos palavrões mal disfarçados na letra. Vejo-a entrando em fila, sussurrando sobre o novo menino da turma, escrevendo bilhetes de amor e previsões num papel que ela vai dobrar e guardar. Ouço-a falar milhares de palavras inúteis e preciosas antes da primeira aula do dia.

Outro motor ronrona, depois ronca, o som atravessando a porta de tela da varanda dos fundos, e saio do meu devaneio. Pelo menos Patrick chega em casa antes que os garotos voltem da escola. Não tenho nada para dizer a ele, mas preciso dele sozinho; preciso ver que segredos guarda a misteriosa carta de Sonia.

Mas na verdade eu já sei a resposta. Do outro lado da ilha da cozinha, o contador da minha filha reluz seu informe horrendo.

Ganhei prêmio!, disse ela. *Menor!*

Sei o que a escola de Sonia está aprontando. Sei porque o contador no pulso fino dela mostra o número 3.

Minha filha ficou em silêncio o dia todo.

VINTE

Eu estava certa: é uma competição.

A carta que Patrick abre e lê para mim anuncia com grande prazer o início de uma competição mensal para todas as alunas matriculadas na EMP 523 – EMP significa Escola para Meninas Puras. Obviamente, os meninos estudam na Escola para Meninos Puros. Steven frequenta a escola do ensino médio, Sam e Leo frequentam outra, com turmas do quinto ao oitavo ano. Eles não dividem as

meninas desse modo, possivelmente um método para reforçar outra declaração do manifesto – que as mulheres mais velhas ensinem e treinem as mais jovens – ou porque não querem dobrar o número de máquinas de costura e equipamentos de jardinagem.

– Primeiro estão fazendo disputas diárias – diz Patrick, acomodando-se na banqueta do outro lado da ilha da cozinha, depois de pegar uma cerveja na geladeira. É cedo para ele, mas não digo nada. – Sorvete para a menina de cada turma que tenha o menor... – ele toma um gole bem longo direto da garrafa – ... que tenha o menor número no contador.

Então era exatamente como eu pensava.

Ele continua:

– No fim do mês eles somam todos os números e...

– Palavras – interrompo.

A pulseira preta no meu pulso esquerdo pulsa uma vez.

– Certo. Há um prêmio que eles estão chamando de “presente adequado à idade”. Uma boneca para as meninas menores, jogos para as das turmas do fundamental e maquiagem para as maiores de dezesseis anos.

Fantástico. Trocando vozes por prêmios de merda.

O pior é que Patrick está sorrindo.

– Chega – diz ele. – Não importa.

– Não importa é o cacete.

A geringonça em volta do meu pulso solta cinco *pings*, e eu olho o número subir de 45 para 50. Em seguida, emite um som como de um sapo doente e o 50 vira 60. Certo, agora “cacete” está fora do meu vocabulário. Gostaria de saber por que Patrick está sorrindo para mim.

Como se lesse minha mente, ele sai da cozinha, pega sua pasta no corredor e a coloca na bancada entre nós.

– Presente do presidente, amor – diz, tirando um envelope da pasta de couro.

No canto superior direito está o timbre presidencial. No canto esquerdo, onde normalmente ficaria um selo, há um P gravado em prata, o modelo para o novo broche do Steven.

E por falar no diabo: os garotos chegaram.

Leo e Sam entram na cozinha primeiro, me dão um beijo e vão direto para a gaveta de biscoitos. Steven, mais sereno do que já costuma ser, se dirige à geladeira depois de um curto “Oi, pai. Oi, mãe”.

Ele procura o leite, que, óbvio, me esqueci de comprar.

– Ótimo – diz Steve, agitando as últimas gotas de leite que há na caixa. Ele parece surpreso quando não respondo, depois vê o último acréscimo ao meu figurino. – Você ganhou o modelo novo! Incrível. Julia também tem um, só que o dela é roxo com estrelas prateadas. Ganhou hoje. Ela me mostrou quando descemos do ônibus.

Não odeio meu filho. Não odeio meu filho. Não odeio meu filho.

Só que nesse momento odeio, um pouquinho.

– Leia a carta, Jean – diz Patrick.

O presidente Myers apareceu na televisão de novo hoje. Parece que ele está sempre na televisão, sempre trombeteando um novo plano para revirar o país, dizendo constantemente como estamos melhor. A economia está crescendo (mas não na nossa casa, como me lembra o ar-condicionado quebrado) e a taxa de desemprego caiu (desde que você não conte os setenta milhões de mulheres que perderam o trabalho). Tudo está fantástico.

Tudo não estava tão bem hoje enquanto ele enfrentava as perguntas da imprensa.

– Vamos encontrar alguém – disse ele. – Não importa o que for necessário, vamos encontrar alguém para curar meu irmão.

Até parece, penso. O mesmo sorriso nos lábios de Anna Myers me diz que ela acha o mesmo. Bom para você, irmã.

Mesmo se eu tivesse aceitado, não haveria garantias de sucesso. A afasia de Wernicke é uma condição complicada. Talvez houvesse mais chances se Lin Kwan fosse membro da equipe, e não só a substituta que o reverendo Carl mencionou. Melhor ainda, Lin e Lorenzo.

Mas não quero pensar em Lorenzo. Não gosto de pensar nele quando Patrick está por perto.

– Vai abrir? – pergunta Patrick.

Enfio uma unha embaixo da aba do envelope. Dentro há uma folha de papel creme, de qualidade, dobrada em três. Está endereçada a mim, Dra. Jean McClellan. Voltei a ser “Dra.” por enquanto.

A carta é composta por uma única frase.

– E então? – Patrick faz a pergunta, mas seus olhos dizem que ele já sabe o que o presidente tem a dizer.

– Espere aí.

Ele pega outra cerveja na geladeira, mas não bebe com o mesmo clima comemorativo da primeira garrafa. Esta é medicinal, anestesia líquida para ajudá-lo a esperar enquanto eu saio da cozinha com minha decisão ainda não

verbalizada. Talvez ele esperasse que eu desse cambalhotas de alegria. Não sei.

De qualquer modo, aqui está quente demais para pensar. O quintal dos fundos, embaixo da magnólia da Sra. Ray, é melhor.

Por favor, me ligue dizendo seu preço, diz o presidente. É bem prazeroso ver que o sacana está cedendo.

Meu preço. Meu preço é voltar o relógio, mas isso não é viável. Meu preço é erradicar o Movimento Puro de uma vez só, como se faz com ervas daninhas. Meu preço é ver o reverendo Carl Corbin e seu rebanho enforcados, estraçalhados por cães-selvagens ou queimados até virar cinzas no inferno.

A porta dos fundos se abre com um rangido e se fecha com uma pancada, e espero ver Patrick vindo até mim, mas não é ele. É Sonia. Ela está segurando um pedaço de cartolina rosa, a mesma cor de seus lábios. Quando chega perto, ela o estende.

Para uma menina de seis anos, ela tem algum talento, e esse desenho é um dos melhores, de certa forma. As seis figuras realmente se parecem conosco – Patrick, Steven, os gêmeos, eu e Sonia. Estamos todos de pé no nosso quintal, de mãos dadas embaixo de uma árvore florida com estrelas brancas. Ela fez os gêmeos com roupas iguais e desenhou algo que se parece mais com uma mala do que com uma pasta na mão livre de Patrick. Steven está com seu broche novo; meu cabelo aparece preso num rabo de cavalo. Em volta do meu pulso e do de Sonia há braceletes: vermelho para ela e preto para mim. Todos estamos sorrindo sob um sol que ela enfeitou com corações laranja.

– Lindo – digo, pegando o desenho.

Mas não acho lindo. É a coisa mais feia que já vi na vida.

Em vez de estar ao lado de Patrick, ou mesmo na ponta da fila da família, os dois ladeando nossos filhos, sou a quinta. Depois do meu marido, de Steven, depois dos gêmeos de onze anos. E Sonia me fez menor do que todo mundo, a não ser ela. Consigo dar um sorriso forçado e pego-a no colo, pressionando sua cabeça contra mim de modo que ela não veja as lágrimas que estão brotando, que não vou conseguir conter.

Penso em Jackie e nas últimas palavras que ela me disse no nosso apartamento vagabundo em Georgetown, nas acusações e censuras. Jackie estava certa: eu vivia numa bolha. Eu mesma a inflei, um sopro de cada vez.

E cá estamos nós. Eu, minha filha e os contadores que nos mantêm na linha. Imagino o que Jackie diria sobre isso. Provavelmente algo do tipo: *Muito bem, Jean. Você abasteceu o carro e o dirigiu direto para o inferno. Agora curta o fogo.*

É. É o que ela diria. E estaria certa.

Enxugo as lágrimas com a manga da blusa e tento suavizar a expressão antes de virar a cabecinha de Sonia para mim e lhe dar um beijo na bochecha. Então verifico meu contador de palavras.

Até agora 63. Resta o suficiente para o que tenho a dizer ao presidente Myers.

VINTE E UM

Posso fazer isso, penso.

Posso fazer com menos do que as 37 palavras que me restam. Ensaio na cabeça minha parte da conversa ao telefone: *Quero três coisas, Sr. Presidente. Quero o contador da minha filha retirado. Que ela seja dispensada da escola; vou educá-la em casa de sexta a segunda. Quero Lin no projeto em tempo integral, não na reserva.*

Não há necessidade de mencionar mais nenhum nome. Afinal, a esta altura Lorenzo já deve ter voltado para a Itália.

Sonia e os meninos estão na sala de recreação que montamos para eles, assistindo a desenhos animados cujos efeitos sonoros chegam fracos à cozinha. Lá está mais fresco, por causa do ar-condicionado de parede, e isso deixa Patrick e eu a sós.

– Anda, amor – diz ele depois de gritar para Steven baixar o volume. – Ligue.

Nunca liguei antes para a Casa Branca. Patrick começou a trabalhar lá depois de os primeiros contadores terem sido distribuídos e tenho poucos motivos para telefonar para ele no serviço, a não ser que meu objetivo seja ficar ofegando de forma sexy. Não. Pelo menos não com Patrick.

Meus dedos encontram os números e apertam cada um, pairando acima do último. Quase erro e digito um cinco em vez de um quatro – para se ter uma ideia de como minhas mãos estão tremendo. Uma voz atende, não de uma secretária ou algum outro intermediário. É o presidente, e falo minhas 36 palavras.

– Sinto muito, Dra. McClellan, mas não posso fazer isso.

Só que não são essas as palavras que ele diz em sua voz rouca, uma voz que às vezes acho pouco natural em sua aspereza porque suspeito que, no fundo, o presidente seja um homem fraco e inseguro. Suspeito que todos sejam.

O que ele fala, depois de uma pequena pausa, é: – Muito bem, Dra. McClellan.

E desliga.

– Uau – diz Patrick.

Ele estava perto de mim, bafejando cerveja nas minhas narinas enquanto escutava. Parece chocado.

Um instante depois, o telefone toca. Patrick atende com um “Alô!” animado, e suas respostas são monossilábicas.

– Sim. Ok. Uhum.

Não faço ideia de qual é o assunto.

– Thomas vai chegar em meia hora – explica ele. – Para tirar as... os...

Não ouse chamar de pulseiras.

– Contadores – conclui Patrick.

Assinto e pego dois pacotes de macarrão para o jantar. Amanhã vai ser bife, já decidi. Uma montanha de bife. Não comemos muita carne ultimamente.

Enquanto estou espremendo tomates pelados numa panela para fazer o

molho, penso em Sonia, que em menos de trinta minutos estará livre daquela coleira metafórica, livre para cantar, tagarelar e responder a perguntas que implicam mais do que uma confirmação ou uma negativa com a cabeça. O que não sei é como ela vai receber essa liberdade.

Na faculdade, antes de eu mudar de marcha e mergulhar no buraco negro da neurociência e do processamento linguístico, estudei psicologia. Comportamental, infantil, anormal, a coisa toda. Agora, olhando essa panela com tomate esmagado e alho, estou pensando que fiz um serviço fantástico na parte comportamental, condicionando Sonia com subornos de biscoitos e marshmallows para que palavras não fossem ditas. Alguém deveria cassar minha licença de mãe.

Tento me convencer de que não é minha culpa. Eu não votei no Myers.

Na verdade, eu não fui votar.

E aqui está a voz de Jackie de novo, dizendo que sou uma merda complacente.

– Você precisa votar, Jean – disse ela, jogando a pilha de panfletos de campanha que estivera distribuindo no campus enquanto eu me preparava para o que sabia que seria uma prova oral monstruosa. – Você precisa.

– As únicas coisas que preciso fazer é pagar impostos e morrer – respondi, sem esconder o desprezo na voz.

Aquele semestre foi o começo do fim da nossa amizade. Eu tinha começado a namorar Patrick e preferia nossas discussões noturnas sobre processos cognitivos aos discursos de Jackie sobre qualquer coisa nova que ela havia encontrado para protestar. Patrick era seguro e calmo, e me deixava me concentrar no meu trabalho enquanto ele estudava para uma prova de medicina depois da outra.

E é claro que Jackie o odiava.

– Ele é um babaca, Jean. Um babaca intelectual.

– Ele é legal.

– Aposto que ele cita *Grey's Anatomy* enquanto está comendo você.

Pus minhas anotações de lado.

– O livro ou o seriado?

Daquela vez foi Jackie quem fez cara de desprezo.

– Ele não fala de política, Jacko. – Era o apelido que eu usava para ela. – É só isso que eu escuto na porra desta cidade.

– Um dia, querida, você vai mudar de ideia. – Ela jogou um livro de bolso no nosso sofá de brechó, no qual eu estava esparramada. – Leia isso. Todo

mundo está falando nele. Todo mundo.

Peguei o livro.

– É um romance. Você sabe que eu não leio romances.

Era verdade; com quinhentas páginas de artigos científicos por semana eu não tinha tempo para ficção.

– Apenas leia a quarta capa.

Eu li.

– Isso nunca vai acontecer. Jamais. As mulheres não aceitariam.

– Agora é fácil falar.

Jackie estava usando sua roupa de sempre: calça jeans de cintura baixa; uma camiseta cortada que não cobria a barriga, que Jackie não se incomodava em esconder, mesmo com a ligeira pancinha; sandálias feias mas confortáveis e três argolas na orelha direita. Hoje seu cabelo curto e espetado tinha algumas mechas verdes. Amanhã poderiam ser azuis. Ou pretas. Ou vermelho-cereja. Com Jackie, nunca dava para saber.

Ela não era feia, mas seu queixo quadrado, nariz afilado e olhos parecidos com gotas de petróleo não faziam os caras baterem à nossa porta implorando sua companhia. Jackie não parecia se importar, e eu descobri isso numa noite de setembro depois de ela me arrastar para uma festa. Bom, estava mais para um comercial da Federação de Paternidade Planejada com salgadinhos e bebida do que uma festa, e Jackie devorava tudo como se não houvesse amanhã. Não tínhamos dinheiro sobrando para comprar bebida e lanches, se bem que Jackie sempre conseguia arranjar alguns trocados para os cigarros.

Meu Deus, ela estava bêbada. Acabei tendo de arrastá-la pelas ruas de paralelepípedos até o apartamento, tarefa nada simples quando a pessoa que você está carregando tenta fumar um cigarro depois do outro.

– Eu te amo, Jeanie – disse ela quando finalmente a fiz passar pela porta.

– Também te amo, Jacko – respondi automaticamente. – Quer uma xícara de chá ou alguma outra coisa?

Nós não tínhamos chá, por isso abri uma lata de Coca-Cola e tentei fazer com que ela engolisse algumas aspirinas.

– Quero um beijo – pediu depois de cair na cama, me puxando junto com ela. Jackie cheirava a patchuli e vinho tinto. – Venha cá, Jeanie. Me beija.

O que Jackie queria não era um selinho; era um beijo de língua com tudo que tinha direito.

No dia seguinte, tomando café, ela fez pouco-caso.

– Desculpe se fiquei meio maluca ontem à noite, querida.

Jamais contei isso a Patrick.

– Está pensando em quê, amor? – pergunta Patrick, me dando um susto e fazendo um tomate pelado voar contra a parede.

Em que estou pensando? Talvez no que aconteceu com Jackie Juarez, se decidiu se converter ou se acabou num dos campos junto com o pessoal LGBTQIA. Aposto no campo.

Foi o reverendo Carl que teve a ideia, um grande sucesso com a Maioria Pura até que todo mundo hesitou diante da ideia de colocar gays e lésbicas em celas separadas por sexo. Argumentaram que seria contraproducente; pense no que eles aprontariam. Assim, Carl Corbin modificou seu plano e decidiu colocar uma mulher e um homem em cada cela.

– Logo eles vão captar a ideia – garantiu ele.

Claro, os campos são apenas temporários. “Até tudo voltar aos eixos”, nas palavras do reverendo Carl.

Os campos na verdade são prisões. Ou eram prisões antes que as novas ordens executivas sobre crimes foram assinadas. Não existe mais muita necessidade de prisões, o que não significa que não exista crime. Existe, mas os criminosos não precisam ser trancados em lugar nenhum, pelo menos por muito tempo.

Respondo ao Patrick depois de limpar os restos de tomate nos ladrilhos: – Nada.

Pulsação. Por hoje é só, pessoal. Os ponteiros do relógio decidiram se mover a passo de lesma desde que nosso telefone tocou.

Ele me dá um beijo no rosto.

– Mais alguns minutos e tudo vai voltar ao normal.

Confirmo. Claro que vai. Até eu encontrar uma cura.

VINTE E DOIS

Apesar dos meus esforços para reproduzir o molho da minha mãe, o jantar é um desastre.

Sonia não está à mesa e, sim, no seu quarto. Fiquei com ela durante uma hora, depois de Thomas, do terno escuro e atitude sombria, chegar e retirar os contadores. A vez de Sonia foi mais demorada porque ela não parava de se retorcer. Minha filha até mordeu a mão dele na segunda tentativa. Não saiu

sangue, mas Thomas ganiu feito um cachorrinho assustado e resmungou por todo o caminho até o carro.

– Tudo bem, querida. Agora você pode falar – expliquei, tranquilizando-a quando estávamos sozinhas no quarto dela.

Sonia disse uma palavra:

– Não.

– Você não precisa ir mais à escola. Vamos ter aulas aqui em casa. Vamos ler histórias. E, enquanto eu estiver no trabalho, você pode assistir a desenhos animados na casa da Sra. King.

Eu odiava a ideia de Sonia passar um minuto que fosse na companhia de Evan e Olivia King, mas isso era melhor do que mandá-la de volta para a EMP.

Ultimamente tudo parece ser uma escolha entre o pior e o menos pior.

À menção da escola, ela começou a chorar de novo.

– Você não gosta mesmo de lá, gosta?

Ela assentiu.

– Use as palavras, Sonia.

Ela se sentou e comprimiu os lábios. A princípio achei que estava bancando a durona – o máximo que uma menina de seis anos é capaz quando está envolta em lençóis cor-de-rosa e cercada por coelhinhos e unicórnios de pelúcia –, mas ela só estava se preparando.

– Eu ia ganhar amanhã! – exclamou Sonia, e sua boca se fechou de novo.

Quase pude ouvir o estalo de uma chave de aço girando na fechadura enquanto ela olhava desejosa para o pulso nu.

Por fim, Leo enfiou a cabeça pela porta.

– O molho está fervendo, mãe. Borbulhando.

– Que tal desligar o fogo? – perguntei, imaginando como eu iria trabalhar, ensinar Sonia e lidar com uma casa cheia de homens incompetentes nos próximos meses. Depois, me virando de novo para minha filha, falei: – Amanhã vamos trabalhar num tipo de prêmio diferente, está bem? Vamos comer.

Ela só balançou a cabeça e agarrou Coelhinho Fofo.

À mesa é Steven que verbaliza minhas preocupações.

– Como você vai ensinar Sonia, trabalhar e cuidar da casa, mãe? – pergunta ele com a boca cheia de macarrão. – Ainda não temos leite.

Na minha mente, eu o agarro pelo colarinho e o sacudo até ele ficar tonto. Na verdade, digo: – Você poderia ir de bicicleta ao Rodman's e comprar. Ou andar até o 7-Eleven.

– Esse não é meu trabalho, mãe.

Sam e Leo enterram os narizes nos pratos.

Patrick fica vermelho.

– Steven, mais uma palavra e você pode sair da mesa.

– Você precisa continuar com o programa, pai. – Steven pega mais uma porção de comida, na verdade duas ou três, e se apoia nos cotovelos. Ele ergue um dedo. – Veja bem, é por isso que precisamos das regras novas. Para que tudo possa prosseguir como deve.

Steven não parece notar que estou encarando-o como se ele fosse um extraterrestre.

– Veja o que está acontecendo entre eu e Julia...

– Entre mim e Julia – corrijo.

– Tanto faz. Eu e Julia planejamos. Quando nós nos casarmos e tivermos filhos, ela vai cuidar da casa enquanto eu estiver no trabalho. Ela adora. Eu vou tomar todas as decisões e Julia vai concordar. Moleza.

Pouso meu garfo, que ressoa na borda do prato.

– Você é novo demais para se casar. Fale com ele, Patrick.

– Ouça sua mãe – diz Patrick. – Você é novo demais.

– Nós já conversamos sobre isso.

– Vocês conversaram sobre isso – repito, ainda sem comer. – Como, exatamente, vocês conseguiram, com as cem palavras por dia da Julia? Estou curiosa.

Steven se recosta, depois de terminar o segundo prato.

– Não falei com a Julia – explica ele, num tom presunçoso. – Falei com o Evan.

Meu sangue está começando a ferver.

– Julia não pode opinar?

Meu filho não responde, só me lança um olhar perplexo, como se de repente eu tivesse começado a falar uma língua alienígena. Nós nos encaramos como estranhos, até que Patrick interrompe: – Deixa isso pra lá, Jean. Não adianta brigar. Ele é novo demais, de qualquer modo. – Então olha para Steven. – Novo demais.

– Errado outra vez, pai. Um cara do Departamento de Saúde e Bem-estar foi à nossa escola hoje. Assembleia dos mais velhos. Falou que no ano que vem eles vão começar um programa novo. Veja só: dez mil pratas, bolsa integral na faculdade e um emprego garantido no governo para qualquer um que esteja casado aos dezoito anos. Estão falando dos garotos, claro. E mais dez mil para cada filho que a gente tiver. Legal, não é?

Legal feito veneno de cobra, penso.

– Você não vai se casar com dezoito anos, garoto.

Um sorriso surge no rosto de Steven, só um leve sorriso que não é acompanhado pelos olhos. Na verdade, não é um sorriso.

– Você não tem nada a ver com isso, mãe. A decisão é do meu pai.

Talvez tenha sido isso o que aconteceu na Alemanha com os nazistas, na Bósnia com os sérvios, em Ruanda com os hutus. Às vezes eu refletia sobre isso, sobre como crianças podem se transformar em monstros, como aprendem que matar é certo e a opressão é justa, como em uma única geração o mundo pode mudar tanto até ficar irreconhecível.

É fácil, penso, e empurro a cadeira para trás.

– Vou ligar para os meus pais – digo.

Tentei ontem e ninguém atendeu. Hoje cedo ninguém atendeu. Antes do jantar, ninguém atendeu. Deve ser tarde lá, quase meia-noite, mas quero falar com a minha mãe.

Faz tempo demais.

VINTE E TRÊS

Na quinta-feira de manhã, visto um terninho pela primeira vez em mais de um ano. Precisei ir até o sótão atrás das caixas onde guardei minhas melhores roupas depois de Sonia e eu recebermos os contadores. Mal me lembro do que estava fazendo na época, só sabia que precisava manter as mãos ocupadas com tarefas triviais. Caso contrário, elas teriam socado o que vissem pela frente.

Escolho um conjunto de linho bege, pois está quente. Mal há tempo de passar a ferro um ano de amassados e me arrumar antes de a campainha tocar. Patrick deixa o homem entrar e eu o reconhecimento de imediato.

É Morgan LeBron, do meu antigo departamento, o merdinha jovem demais e completamente incapaz que ficou com o cargo de Lin. Não é de espantar que o presidente tenha concordado tão depressa com minhas condições; Morgan é um idiota que não sabe que é idiota. O pior tipo.

Ele entra e estende a mão bem cuidada.

– Dra. McClellan, estou muito feliz em tê-la na minha equipe. Muito feliz.

É claro que está.

E é a equipe dele. Não apenas a equipe, não nossa equipe.

Sempre tive um aperto forte para uma mulher, e apertar a mão de Morgan é como apertar um gatinho recém-nascido.

– Também estou feliz.

Babaca.

– Bom, vamos ao que interessa? Eu tenho uma papelada para você assinar e precisaremos estabelecer um depósito direto para a conta do seu marido. Nossa, está quente aqui.

– O ar-condicionado pifou. Podemos ir para a sala dos fundos. Tem um ar de parede.

Não adianta perguntar por que meu pagamento irá para a conta de Patrick; todo o meu dinheiro está lá desde o ano passado. Palavras, passaportes, dinheiro... até os criminosos podem ter duas dessas três coisas. Ou pelo menos podiam.

Conduzo-o pela casa, parando na cozinha para encher de novo a xícara de café de Patrick e a minha e servir uma para Morgan. Ele toma a sua com três colheres de açúcar e dois centímetros de leite, que me lembrei de comprar ontem à noite depois do jantar desastroso com Steven e do berreiro de Sonia. Ela pareceu se animar um pouco quando Olivia King veio buscá-la, possivelmente porque disse que a Sra. King tinha um canal de desenho animado na TV a cabo e faria uns biscoitos mais tarde. Talvez o sorriso no rosto da minha filha tivesse a ver com o contador cor de lavanda no pulso da vizinha. Uma coisa normal.

Os primeiros papéis que Morgan tira da pasta são um contrato, um acordo de não concorrência (como se eu tivesse outras perspectivas de trabalho), um acordo de sigilo e um acordo de trabalho por encomenda. Este último é um lembrete de cinco páginas em jargão jurídico dizendo que tudo que eu criar não pertence a mim e, sim, ao governo. Pego a caneta que Morgan oferece e assino tudo sem ler, imaginando por que eles ao menos precisam de uma assinatura, já que, de qualquer modo, farão o que quiserem. Patrick assina os formulários de depósito direto e os entrega.

Noto os termos de pagamento: cinco mil dólares por semana, e um bônus de cem mil se eu conseguir a cura até 31 de agosto, que é reduzido em 10% a cada mês depois dessa data. Portanto, há um incentivo para trabalhar rápido, de certa forma. Porém, quanto antes eu terminar, mais cedo os contadores de metal voltam para meu pulso e o de Sonia. Sei que eles acabarão voltando; é apenas questão de tempo.

– Perfeito – diz Morgan, retirando uma máquina da pasta. O objeto preto e fino é como um iPhone, só que maior. Ele o coloca na mesinha de centro entre nós. – Verificação de segurança. – Aperta um botão e digita meu nome. – Primeiro o polegar, depois o indicador e assim por diante. Apenas siga as instruções e mantenha o dedo na tela até ouvir um bipe.

É claro que eles iriam querer verificar minhas digitais. Obedeço e, assim que a máquina termina de escanear meu mindinho esquerdo, Morgan a pega de volta e espera.

– Só vai levar alguns segundos. Se você estiver liberada, podemos destrancar seus arquivos e ir para meu laboratório.

De novo o “meu”. Imagino quanto do meu trabalho – isto é, meu e de Lin – vai acabar tendo a assinatura de Morgan.

– Perfeito – diz ele quando a máquina solta um bipe. – Você está liberada. – Ele se vira para Patrick, que estivera segurando um molho de chaves durante a festinha de assinar e escanear digitais. – Senhor?

Patrick sai e as portas começam a se abrir. Primeiro a do escritório dele. Depois a do arquivo de metal junto à janela. Depois a do armário onde acho que meu laptop e minhas pastas moraram durante o último ano. Enquanto meu marido está ocupado, Morgan folheia mais um maço de papéis.

– Este é o restante da equipe – diz, me entregando uma cópia.

Pelo menos não disse “minha” de novo. Se dissesse, talvez eu precisasse lhe dar um tapa.

O chefe da equipe, claro, é o próprio Morgan LeBron. Há uma pequena

biografia depois do nome dele, inclusive uma referência ao seu último cargo: Chefe do Departamento de Linguística, Universidade de Georgetown. Embaixo, o resto de nós está em ordem alfabética: primeiro Lin Kwan e suas credenciais, que incluem a palavra “ex”; depois eu, também “ex”. A cada aparição dessa palavra, meus olhos doem.

Mas não estou preparada para o soco na barriga que vem em seguida.

O terceiro nome da lista é Rossi. Lorenzo Rossi.

VINTE E QUATRO

Faz tanto tempo que não uso o laptop que me preocupo com a possibilidade de ele não ligar, que um ano sem uso o tenha posto no mesmo silêncio adormecido em que eu caí. Mas é obediente, como um velho amigo esperando um telefonema ou um cachorro sentado pacientemente junto à porta até que o dono volte para casa. Passo um dedo sobre as teclas lisas, limpo uma sujeira na tela e respiro fundo.

Um ano é muito tempo. Caramba, quando a internet por fibra ótica da nossa casa parava de funcionar por duas horas já parecia o fim do mundo.

Oito mil setecentos e sessenta horas é muitíssimo mais do que duas, por isso preciso de um momento antes de sair de casa, ligar o Honda e acompanhar Morgan até o laboratório onde vou passar três dias por semana a partir de agora, até terminar de curar o irmão do presidente.

Além disso, preciso de um momento para dar uma olhada nos meus arquivos, os que copiei e mantive em casa para não ter de carregar a mesma coisa todo santo dia para minha sala no campus e trazer de volta. Há relatórios que não quero que Morgan veja, pelo menos até eu conversar com Lin.

A última pasta é a que eu quero, a pasta com o X vermelho na frente. Patrick já foi trabalhar e Morgan está no Mercedes dando telefonemas, provavelmente contando vantagem para o reverendo Carl sobre a equipe fantástica que ele montou, logo estou sozinha aqui na sala forrada de lambris com o ar-condicionado zumbindo e – sei lá – uns cinco milhões de quilos de livros. Eles não pesam tanto assim, mas as pilhas meio inclinadas de textos e periódicos são como montanhas acadêmicas atulhando o cômodo.

Não usamos o sofá-cama há um ano e meio, desde o último visitante. Ninguém nos visita mais. Não há motivo. Nós tentamos uma vez, organizamos um jantar para alguns velhos amigos que eu tinha conhecido quando Steven ainda usava fraldas, mas depois de uma hora com os homens conversando e as mulheres encarando os pratos de salmão, todo mundo decidiu ir para casa.

Levanto a almofada do assento ao meu lado e enfio a pasta com o X vermelho no meio de migalhas de biscoito, pedaços de pipoca e moedas.

O conteúdo desta pasta de papel pardo comum, luzidia de tanto ser esfregada pelas minhas mãos, é o trabalho que, quando eu estiver pronta, irá reverter a afasia de Wernicke. Pensei em encontrar um esconderijo mais permanente, mas, dado o ano de lixo que encontro embaixo das almofadas do sofá, não vejo necessidade.

Ninguém, nem Patrick, sabe que passamos do status “próximo da conclusão” para o “concluído”, mas acredito que Lin e Lorenzo têm suas suspeitas.

Um dia antes de Thomas e seus homens com armas de choque virem me procurar pela primeira vez, eu preparara uma palestra sobre processamento linguístico no hemisfério posterior esquerdo – a área do cérebro onde os lóbulos temporal e parietal se encontram. A área de Wernicke, e a perda da linguagem que acompanha os danos causados a esse complexo aglomerado de matéria

cinzenta, era o motivo para a maioria dos meus alunos se inscrever para esse seminário, e naquele dia a sala estava apinhada com colegas de colegas, o reitor e alguns pesquisadores de fora da cidade, intrigados com as últimas descobertas do nosso grupo. Lin e Lorenzo ficaram sentados na última fileira enquanto eu falava.

Eles devem ter notado o brilho nos meus olhos quando mostrei os slides de imagens cerebrais no projetor, dando um zoom na área-alvo. O soro que iríamos usar não era meu. Reparos aconteceriam naturalmente com a ajuda de um antagonista do receptor de interleucina-1 – uma droga já usada amplamente para se contrapor aos efeitos da artrite reumatoide – e de células-tronco embrionárias, que aumentariam a plasticidade do cérebro do paciente, encorajando a rápida regeneração. Uma das minhas contribuições – das *nossas* contribuições – implicava determinar o local exato da aplicação sem afetar as áreas de tecido cortical ao redor nem causar mais danos.

Tínhamos mais uma carta na manga. Numa manhã de quarta-feira na primavera passada, quando as cerejeiras haviam explodido em flores fotogênicas e Washington tinha começado a ser inundada com o ataque anual de turistas, Lorenzo me puxou para sua sala.

Claro, ele me beijou. Ainda posso sentir o gosto do *espresso* amargo em seus lábios. É estranho como um beijo pode transformar o amargo em doce.

Ele me beijou com força e vontade, como os amantes fazem quando os beijos são roubados ou têm um preço muito alto, mas depois se afastou e sorriu.

– Ainda não terminei – falei.

Seu olhar foi da raiz dos meus cabelos até os sapatos pretos de salto, os que eu tinha começado a usar no trabalho em vez dos baixos, mais confortáveis.

– Eu também não. Mas tenho uma surpresa para você.

Eu gostava das surpresas de Lorenzo. Ainda gosto.

Enquanto ainda estava distraída por causa do beijo, ele mexeu numa pilha de pastas e artigos de periódicos na mesa até encontrar o que estava procurando.

– Aqui. Verifique os números para mim.

As estatísticas eram excelentes. Os valores *p* pareciam promissores; qui-quadrados confiáveis e modelos experimentais me diziam que ele sabia que as estatísticas eram excelentes. Absorvi os dados como se fossem água e maná enviados para um Robinson Crusó abandonado.

– Tem certeza? – perguntei, verificando os dados outra vez.

– Sim. – Ele parou atrás de mim, os braços envolvendo minha cintura, os dedos se esgueirando como aranhas de cinco patas até meus seios. – De algumas

coisas.

Não tínhamos feito *aquilo* no campus, não o santo graal da intimidade física, só beijos e apalpadas atrás da porta trancada da sala de Lorenzo. Ou da minha. Uma vez ele me acompanhou até o banheiro dos professores e – sinto vergonha de dizer – me fez chegar ao orgasmo usando apenas um dedo. Depois de dezessete anos de casamento e quatro filhos, não demorou muito.

Ele deve ter sentido o calor crescendo por dentro de mim, porque me soltou e me deixou ler os relatórios.

– Puta que pariu – falei. – Você isolou a proteína?

Nós vínhamos procurando essa última peça do quebra-cabeça, a substância bioquímica que sabíamos que estava presente em algumas pessoas e ausente em outras. Lorenzo tinha examinado os exames de mais de duas mil pessoas, procurando algum indicador que pudesse prever a capacidade léxica. Chamou isso de Projeto Kissinger, e sua formação em bioquímica e semântica faziam dele a pessoa perfeita para encontrar o elo entre metaeloquência e química cerebral.

– Você tem o mapa e eu tenho a chave, amor – disse ele enquanto enfiava a mão dentro da minha saia.

– Que tal treinarmos destrancar um pouco? – perguntei. Lorenzo provocava o surgimento do meu lado mais sedutor. – Mais tarde?

– Mais tarde. No mesmo lugar.

Tínhamos um pequeno chalé – a Cabana do Caranguejo, como chamávamos – no condado de Anne Arundel, perto da baía de Chesapeake, suficientemente longe do bangalô suburbano de Maryland que eu divido com Patrick e os garotos. O aluguel ainda estava no nome de Lorenzo dois meses atrás.

Melhor não pensar nisso agora. Além do mais, ele já deve ter entregado o lugar.

Ponho meu laptop e os arquivos, todos menos um, na pasta de couro que carreguei desde os dias de faculdade com Jackie, e saio pela porta com um sorriso agradável no rosto, que espero que esconda minha trapaça. Quero ganhar o máximo de tempo possível neste verão, estender o trabalho tempo suficiente para colocar Sonia nos trilhos.

No carro, indo da área rural de Maryland para o congestionamento de Washington, me lembro de como encontrei o local específico e como o trabalho de Lorenzo sobre fluência verbal e semântica identificou a proteína. Eu sabia. Lin e Lorenzo sabiam. Mas Morgan não precisa saber. Pelo menos por enquanto.

VINTE E CINCO

Minha sala é algo entre uma caverna e uma cela de monge, porém menos luxuosa, devido aos pares de mesas e cadeiras espremidas dentro. Além disso, não tem janelas, a não ser que você conte o painel de vidro na porta, que dá ao local de trabalho toda a privacidade de um aquário. Um lenço e uma bolsa, ambos bem esgarçados pelo uso, estão em cima de uma das mesas. Reconheço os dois objetos; são de Lin.

Morgan sai e me deixa à vontade. Diz que vai voltar em alguns minutos para mostrar o laboratório, me arranjar um crachá e mostrar onde fica a sala da copiadora e a área da impressora. Agora sei que nada que eu fizer aqui deixará de ser visto por outros olhos.

Estranhamente, não me importo. A ideia de rever Lin, de falar com ela e trabalhar ao seu lado me deixa empolgada como uma adolescente no primeiro baile.

– Ah, meu Deus – diz um fiapo de voz junto à porta.

Lin Kwan é uma mulher pequena. Eu vivia dizendo a Patrick que ela poderia caber numa das pernas da minha calça – e eu só tenho 1,67 metro e peso 55 quilos, graças à dieta de estresse que fiz nos últimos meses. Tudo nela é pequeno: a voz, os olhos amendoados, o cabelo liso que mal chega às orelhas. Os seios e a bunda de Lin me fazem parecer uma modelo voluptuosa de Peter Paul Rubens. Mas seu cérebro... seu cérebro é um leviatã de matéria cinzenta. Só podia ser: o MIT não concede um doutorado duplo à toa.

Como eu, Lin é neurolinguista. Diferentemente de mim, é médica. Cirurgiã, para ser mais específica. Abandonou o trabalho de neurocirurgiã há quinze anos, com pouco menos de cinquenta, e se mudou para Boston. Cinco anos depois, saiu com um doutorado em cada mão, um em ciência cognitiva e um em linguística. Se alguém é capaz de fazer com que eu me sinta a burra da turma, é Lin.

E eu a adoro por isso. Ela eleva a expectativa até o Everest.

Lin entra e olha meu pulso esquerdo.

– Você também, é?

Então me dá um abraço de urso, o que é interessante, já que ela é mais baixa e mais estreita do que eu. É meio como ganhar um abraço de urso de uma Barbie.

– Eu também – digo, rindo e chorando ao mesmo tempo.

Depois do que parece uma hora, ela me solta e se afasta.

– Você não mudou absolutamente nada. Talvez esteja até parecendo mais nova.

– Bom, é incrível o que um ano sem trabalhar para você fez.

A piada não surte efeito. Ela balança a cabeça e levanta a mão, com o polegar e o indicador separados por menos de um centímetro.

– Eu cheguei perto assim de ir à Malásia visitar minha família. Perto assim. – Seus dedos se separam como uma estrela-do-mar. – *Aí puf.* Acabou. Acabou num maldito dia. Alguém lhe contou sobre o último modelo de monstro do

pulso?

– Não só me contaram. – Em seguida, expliquei minha experiência de oito horas com a novidade. – Se eu tiver de reler aquela bosta de manifesto de novo, vou cortar minha própria língua.

Ela se empoleira na mesa, uma perna nua balançando no ar, e abaixa a voz depois de olhar para a porta.

– Você sabe que eles vão colocá-las de volta, Jean, não sabe? Assim que terminarmos.

– Não precisamos terminar rápido – digo de costas para a porta. – Mesmo se pudermos, não precisamos. – Pego o lenço de seda. – Por favor, me diga que você não começou a usar isso na cabeça.

– O que você acha?

Acho que – nos termos de Lin – isso é tão provável quanto um porco com asas. Quando digo isso, ela dá uma gargalhada.

Então fica séria de novo.

– Precisamos fazer alguma coisa, Jean. Alguma coisa além de trabalhar no projeto Wernicke.

– Eu sei. Que tal revertermos o soro e jogar no suprimento de água da Casa Branca?

Sei que isso é menos provável ainda do que Lin andar por aí com um lenço de cabeça e um broche de Pura na gola.

– Bom, é uma ideia. – Não sei se sua voz tem uma sugestão de sarcasmo ou de aprovação.

Ela se levanta e pega meu braço.

– Vamos tomar um *espresso* antes que Morgan, o Panaca, volte.

– Eles têm uma máquina de *espresso* aqui? – pergunto, deixando que ela me leve para fora da sala, pelo corredor cinza.

Todos os postos de trabalho e escritórios pelos quais passamos estão vazios.

– Não. Mas Lorenzo tem a cafeteirinha dele.

Ah, caramba.

VINTE E SEIS

A sala de Lorenzo é uma cópia exata da que Lin e eu estamos dividindo, só que tem o dobro do tamanho, a mesa é de madeira e não de metal, a cadeira parece de um cenário de *Jornada nas Estrelas* e há uma janela com vista para um parque cheio de cerejeiras em flor. Rosno por dentro.

Lin me empurra porta adentro e escapa pelo corredor antes que eu possa protestar.

– *Ciao*.

A voz de Lorenzo é igual e diferente ao mesmo tempo. Ainda grave e musical, com as consoantes suavizadas que me levam de volta ao sul da Itália, a uma vida com ritmo mais lento. Porém, há um cansaço naquela palavra que combina com as rugas em seu rosto, agora mais pronunciadas depois de apenas dois meses. Não posso deixar de olhar para seus olhos escuros e, quando faço isso, vejo as palavras presas dentro dele.

De repente, um nó do tamanho de uma bola de praia se forma na minha garganta. Tento dizer “Ciao”, e o que sai tem toda a força de um peido de camundongo. Meus joelhos cedem enquanto a sala gira, múltiplos Lorenzos, cafeteiras e estantes, todos num redemoinho de cores e texturas.

Ele me segura antes de eu cair e me senta na grande poltrona de couro atrás da mesa, pegando para si a cadeira menor, de visitantes.

– Bom saber que ainda consigo deixá-la com as pernas bambas, Gianna.

Numa realidade eu me recupero do que as mulheres chamavam de *la petite mort*, encaro Lorenzo e o abraço. Nós nos beijamos, a princípio lentamente, depois furiosamente. Então o inferno abre as portas e eu estou com ele em cima da mesa ou ele está comigo em cima da mesa ou nós estamos juntos embaixo da mesa. É fantástico, barulhento, molhado, suado e perfeito.

E há a outra realidade, a que está acontecendo neste momento, aquela em que tenho apenas tempo suficiente para pegar a lixeira de plástico no canto da sala antes de despejar meu café da manhã dentro dela com um barulho nada sexy.

Tudo que Lorenzo diz é:

– Uau.

– Preciso ir... – falo, me levantando, usando a mesa como apoio – ... ao banheiro feminino.

Acho que o verdadeiro teste para um homem é ver como ele age diante de uma mulher vomitando na sua sala, no seu cesto de lixo. Logo antes de me acompanhar até a porta do banheiro feminino na extremidade do corredor oposta à minha sala, Lorenzo sorri. Um “uau” e um sorriso, nada mais.

Eu o amo por isso.

– Vou ficar bem. Só preciso de um minuto – afirmo, abrindo a porta e indo para o cubículo mais próximo.

O resto do meu pãozinho e do café sobe e eu mando tudo descarga abaixo antes de me sentar no vaso com a cabeça entre as pernas, a bile amarga e o ácido estomacal queimando a garganta.

Nunca fico enjoada, não tenho estômago sensível e não me lembro da última vez que vomitei.

Lembro, sim.

A caixa de aço inoxidável com tampa de dobradiça e forro de plástico está à minha direita, no lado oposto ao dispensador industrial de papel higiênico capaz de limpar as bundas de uma republiqueta antes de ficar vazio. Não tenho nada para colocar nela, nenhum absorvente bem embrulhado, nenhum lenço enrolado e preso com fita adesiva, nem mesmo um absorvente interno.

Ah, puta que pariu.

Estou com 43 anos. Tenho quatro filhos, graças a Patrick e sua virilidade irlandesa. Tive gêmeos há onze anos. E sei o suficiente sobre biologia reprodutiva para perceber que minhas chances de ter múltiplos é maior agora do que naquela época.

Também sei que tenho uma chance em duas de dar à luz outra menina. Será que vão colocar um contador de palavras no pulso dela logo após o parto? Ou será que vão esperar alguns dias? De qualquer modo, isso vai acontecer rapidamente e não terei mais nenhum trunfo para barganhar.

Assim, faço o que qualquer mulher na minha posição faria: vomito de novo.

VINTE E SETE

Lin está me esperando do lado de fora do banheiro, o rosto franzido de preocupação.

– Você está bem, querida?

– Estou ótima. Só que metade do meu café da manhã está na sala do Lorenzo.

Ela passa o braço pela minha cintura e me leva de volta à nossa toca de

hobbit, limpa uma mancha de rímel com um lenço úmido tirado do poço sem fundo da sua bolsa e vai direto ao ponto: – Você fez uma exibição perfeita do que é estar doente de amor, Jean. E não finja que não tem ideia do que estou falando. Ainda tem uma quedinha pelo nosso colega italiano?

Afundo na cadeira de escritório atrás da minha mesa.

– É tão óbvio? – Agora estou imaginando se todo o departamento, inclusive Morgan, sabia dos meus encontros regulares com Lorenzo na sala dele. – Quem mais sabe?

Lin se inclina para mim, os cotovelos apoiados na mesa entre nós.

– Não precisa se preocupar com Morgan. Ele é idiota e egocêntrico, além de ser homem. Não reconheceria uma euforia pós-transa nem se tropeçasse nela. E duvido que ele tenha notado a mudança no figurino. – O sorriso dela se desfaz aos poucos até virar uma expressão séria. – Mas tenha cuidado. Você não quer que o camburão do adultério de Carl Corbin venha atrás de você.

– Não mesmo – digo, e me sinto enjoada de novo.

No nosso mundo novo e anormal, um número surpreendente de coisas continua exatamente como antes. Nós comemos, fazemos compras, dormimos, mandamos os filhos para a escola e transamos. Só que agora há regras até para transar.

– Desde quando isso acontece? – pergunta Lin.

– Tem uns dois anos, acho.

Não há sentido em lhe contar que sei a data exata em que notei pela primeira vez a mão de Lorenzo na madeira acetinada da caixinha de música, quando senti um arrepio agradável subir e descer pelo meu corpo ao imaginar aquela mão acariciando minha pele.

– Só antes? Ou depois também?

Agora estou longe dali, minha mente flutuando da funcionalidade estéril da nossa sala para a Cabana do Caranguejo atulhada em Maryland, com as paredes cobertas, do piso ao teto, de objetos kitsch de temática marinha. Uma rede de pesca ali, um barco numa garrafa no parapeito da janela, uma âncora enferrujada encostada num canto da parede. E uma cama. É da cama que me lembro melhor, porque era encalombada, barulhenta e estreita demais para nós dois nos deitarmos confortavelmente sem sobrepor membros. Eu adorava aquela cama.

Nós a compartilhamos apenas uma vez depois que o Movimento Puro se tornou nacional, e era isso que Lin queria dizer com “Só antes? Ou depois também?” Eu tinha pegado o metrô até o Eastern Market no início de março para ir à loja de queijos que pertencia a um casal idoso e agora era cuidada apenas

pelo marido. Não me lembro do que estava procurando, talvez *scamorza* defumado, talvez ricota fresca. Ou talvez não estivesse procurando queijo.

Ele estava ali, na barraca do padeiro, com um braço cheio de compras e flores, e um olhar distante. Tínhamos passado dez meses sem nos ver nenhuma vez, e continuaríamos sem nos ver se eu não tivesse saído da loja de queijos e atravessado direto o corredor do mercado.

Arrisquei duas palavras:

– Ainda aqui?

– Ainda aqui. Tenho uma passagem para casa em agosto – disse ele. – Depois do verão. Não posso mais ficar no seu país. – Enquanto falava, ele evitou meus olhos e encarou a pulseira prateada. – Eu não teria ficado durante o verão, mas eles fizeram uma oferta generosa.

Faltavam cinco meses para agosto. Quando Lorenzo fosse embora, eu sabia que ele jamais voltaria aos Estados Unidos. Quem voltaria?

Lorenzo pagou pelo pão.

– Não saia daqui. Já volto.

Ele desapareceu no mercado apinhado, indo até a extremidade oposta, onde ficavam o café e a loja de vinhos. Era uma manhã de terça-feira, fazia um calor incomum para março, que tinha o hábito de atingir Washington com um sopro de inverno, como a nos lembrar que a estação ainda não havia terminado, não sem uma última despedida. Minha cabeça disse para eu fugir pela porta lateral, esquecer o queijo e entrar no trem seguinte de volta para casa. Ou para qualquer lugar. Meus pés desobedeceram e continuaram grudados no chão. E então ele voltou, com outra sacola acrescentada à coleção de compras que já havia feito.

– Me encontre no beco da Eight Street em dez minutos – foi só o que disse.

Oficialmente, o sexo fora do casamento era ilegal. Sempre tinha sido ilegal na maioria dos estados, um resquício dos dias de leis pré-Idade Média que proibiam até os cônjuges de fazer qualquer coisa que não fosse o intercursos vaginal. Os rótulos eram “imoral” e “antinatural”. Mas raramente alguém era acusado e criminalizado por sexo oral ou anal, e consideravam-se normais os casos extraconjugais, ainda que não louváveis.

E o controle de natalidade? Essa é boa. As prateleiras das farmácias onde ficavam as caixas de camisinhas estão cheias de fórmulas para bebês e fraldas. Uma substituição lógica.

O reverendo Carl tinha algumas coisas a dizer sobre a moralidade sexual quando ascendeu ao poder. Não foram feitas eleições, não houve audiências de confirmação – o presidente queria votos e os obteve. Tudo que Sam Myers

precisou fazer foi ouvir um conselheiro não oficial, um homem com a atenção de milhões de pessoas que achavam que recuar cem anos era desejável.

Bendita seja a brecha.

Não sei se existe realmente um camburão do adultério, mas sei o que aconteceu com Annie Wilson, da minha rua, quando seu marido a denunciou. Passou na TV, alguns dias depois de o meu mundo virar de cabeça para baixo.

Annie Wilson era uma vagabunda com um figurino de mulher do lar – ou pelo menos se vestia de modo mais discreto quando seu marido estava em casa. Imagino que ela corria direto para o guarda-roupa nas manhãs de quarta-feira depois de o marido sair para o trabalho, e no início da tarde revertia o processo de se emperiquitar, depois que o homem da velha picape azul ligava o motor e partia por mais uma semana. Eles tinham um arranjo.

Eu não deveria chamá-la de vagabunda. Não sou melhor, e o marido de Annie não era nenhum príncipe encantado. Fazia dois anos que ela queria deixá-lo, e assim que ele cancelou seu cartão de crédito e parou de pagar pelo carro dela, Annie parecia viver numa prisão de segurança máxima. Numa quarta eu me lembro de ficar torcendo por ela, instigando-a em silêncio para simplesmente sair de casa, entrar naquela picape azul e nunca mais olhar para trás.

Se ela não tivesse os dois meninos, ambos com menos de dez anos, talvez fizesse isso. E, se tivesse fugido naquela tarde, talvez eu não precisasse vê-la na televisão naquela noite, enquanto o reverendo Carl a entregava a duas mulheres com roupas sem graça e rostos cinzentos que combinavam com os hábitos longos. Talvez não precisasse ouvi-lo falar sobre o convento em Dakota do Norte onde Annie Wilson passaria o resto da vida com um contador de pulso ajustado para uma cota diária sem palavras.

O que me fez decidir deixar o Eastern Market e ir para o carro de Lorenzo no beco do outro lado da rua não foi somente luxúria, nem a discussão unilateral que eu tivera com Patrick naquela manhã. A fúria vinha crescendo dentro de mim como um incêndio, primeiro em brasa, depois virando um inferno. Eu sabia tudo sobre a hipocrisia, sobre os clubes privados que surgiram nas cidades, onde homens solteiros com certos meios podiam liberar o estresse e o esperma com damas que trabalhavam no ramo do entretenimento. Patrick tinha me contado sobre os clubes depois de ouvir uma conversa no trabalho. Eram os últimos lugares onde seria possível pôr as mãos em camisinhas.

Dizem que a prostituição é a profissão mais antiga. E não é possível acabar com uma coisa tão velha. Além disso, os gays tinham sido postos em campos de concentração; as adúlteras como Annie Wilson estavam trabalhando em fazendas

na Dakota do Norte ou no cinturão de grãos do Meio-Oeste. Os Puros precisavam fazer alguma coisa com as mulheres solteiras que não tinham famílias para sustentá-las – elas não poderiam viver sozinhas, sem palavras e sem rendimentos. Tinham uma escolha: casar-se ou viver em um bordel.

Quando eu pensava em Sonia – no que aconteceria com ela se Patrick e eu estivéssemos fora de cena, se ela seria forçada a um casamento sem amor ou mandada para um puteiro onde não poderia fazer nada com a boca além de chupar e gemer –, meu sangue começava a ferver. Até as putas tinham que ficar quietas e se comportar.

Assim, eu saí do Eastern Market e atravessei a rua, me desviando de buracos e poças parcialmente congeladas, e entrei no carro de Lorenzo. Era o único método ao meu alcance para dizer “foda-se” ao sistema.

Graças aos hormônios furiosos e minha própria idiotice, o sistema disse “foda-se” de volta. Lorenzo e eu transamos três vezes. Uma com camisinha. As outras duas? Sem nada.

Meu Deus, como foi bom.

Lin pega minha mão, me trazendo daquela tarde para esta manhã.

– Tenha cuidado, querida. Você tem muito mais a perder do que sua voz.

– Eu sei – digo, e me controlo justo quando Morgan bate à nossa porta.

VINTE E OITO

Morgan nos guia pelo corredor, bate na sala de Lorenzo e franze o nariz quando ele abre a porta.

– Que cheiro é esse? – pergunta.

– Não estou sentindo nada – responde Lorenzo de modo inexpressivo, mas seus olhos estão sorrindo para mim.

Lin entra no jogo.

– Também não estou sentindo.

– Hum. Bom, vamos, pessoal. Temos muito trabalho a fazer se quisermos cumprir o prazo.

É a primeira vez que ouço falar num prazo, e qualquer respeito que eu pudesse ter nutrido por Morgan encolhe e morre. Ele não faz ideia de que já descobrimos a cura para a afasia de Wernicke, e sabe-se lá o que prometeu ao presidente. Não é como se estivéssemos assando a porcaria de um bolo.

– Que prazo? – pergunto.

Morgan hesita, como se estivesse inventando uma história para nos contar. Quando fala, por fim, a frase parece bem ensaiada: – O presidente deve viajar à França no fim de junho, para a cúpula do G20. Ele precisa do irmão.

– Estamos em maio. Achei que tínhamos mais tempo. O contrato não diz nada...

Ele me interrompe:

– A senhora não leu de verdade seu contrato, Dra. McClellan. Se tivesse lido, teria visto o prazo claro, 24 de junho, uma semana antes de o presidente viajar para a Europa. Mais alguma pergunta?

– Nós somos cientistas. Não obedecemos a prazos.

Lorenzo, que estivera em silêncio até então, fecha a porta da sala.

– Eu explico para elas mais tarde, Morgan. Vamos cuidar da merda administrativa para podermos começar a abordar logo o seu problema.

Lanço um olhar de incredulidade para ele, assim como Lin, mas Lorenzo balança a cabeça como quem diz “mais tarde conversamos”.

Nossa primeira parada é no escritório de segurança, uma série de salas e cubículos onde trabalham vinte homens. Não fica na nossa seção do prédio, que está deserta a não ser por Lorenzo, Lin e eu, mas um andar abaixo. Aqui não há janelas, nem na porta principal, que Morgan abriu com o crachá que está pendurado em seu pescoço.

– Somos muito preocupados com segurança aqui – diz ele, levando-nos por um mar de computadores e equipamento de vigilância em direção a um dos cubículos menores.

Lin e eu trocamos um olhar.

– Segurança para quê? – pergunto.

Morgan não responde, mas sei que ele me ouviu.

Repito a pergunta.

– Só segurança geral, Dra. McClellan. Não é algo com que a senhora precise se preocupar. – Ele se vira para o homem que está no cubículo. – Vamos

precisar de cartões-chave para minha equipe, Jack.

De novo o “minha”.

Jack resmunga, carrancudo. Acho que ele tem uns cinquenta anos, talvez sessenta. Seu paletó está pendurado na cadeira, amarrotado e gasto. A camisa branca se estica na ampla barriga de chope e há manchas amarelas sob as axilas. O colarinho tem um broche prateado com um P azul num círculo. Imagino se é casado, se alguma coitada precisa ficar deitada embaixo dele enquanto o sujeito grunhe e sua. Ou, se é solteiro, será que está suficientemente alto na hierarquia para ter acesso a um dos clubes privados masculinos da cidade? Pela segunda vez hoje, visualizo Sonia com vinte anos bancando a cortesã, satisfazendo o apetite de algum monstro.

– Sente-se – diz Jack, assentindo para mim e indicando a cadeira ao lado da sua mesa. – Mão direita aqui, palma para baixo. – Ele aponta para uma tela plana no tampo da mesa, polida até brilhar.

Ponho a mão na superfície de vidro. É fria, mas não tanto quanto Jack. A máquina zumba e uma faixa de luz escaneia a palma da minha mão.

– Olhe para a frente. Não sorria – ordena ele.

A câmera tira uma foto.

– Acabou. Sua vez. – Jack aponta para Lin, e ela passa pelo mesmo procedimento.

Quando Jack resmunga outra ordem, ela se levanta.

– Você está tão perdida quanto eu, não é, Jean? – pergunta Lin.

– Fique quieta. – Jack se vira para Lorenzo. – Dr. Rossi, sente-se, por favor. Mão direita na tela.

Escroto, penso.

Não há fotos na mesa de Jack, nenhum retrato de família, nem imagens escolares de crianças contra um fundo de nuvens ou de floresta, nenhum enfeite. Seu almoço – ou o que acho que é seu almoço – está num saco de papel pardo amarrotado que parece não suportar ser esvaziado e cheio mais uma vez. Acho que Jack não é casado e gosto desse pensamento. É melhor sofrer alguns minutos de apertos, cutucões e respiração ofegante uma vez por semana do que viver com ele 24 horas por dia, sete dias por semana.

Lorenzo terminou, e a impressora atrás de Jack cospe três crachás de plástico. Jack estende a mão para Morgan, e eles se cumprimentam. Quando ele estende a mesma mão para Lorenzo, nada acontece.

– Melhor não – diz Lorenzo. – Posso contrair alguma coisa.

É por isso que amo Lorenzo, ou esse é um dentre mil motivos. Patrick teria

apertado a mão daquele escroto. Patrick teria sorrido e dito “obrigado” quando Jack lhe entregasse o cartão-chave de plástico. Patrick estaria fumegando por dentro, mas entraria no jogo.

Saímos do cubículo de Jack, e Morgan nos leva para uma pequena sala de reuniões no complexo da segurança. Não está arrumada no estilo clássico: a mesa foi empurrada para o lado, com duas cadeiras posicionadas atrás dela e três dispostas à frente, como carteiras escolares. Morgan ocupa um lugar à mesa e sinaliza para nós três nos sentarmos nas cadeiras viradas para ele.

Troco um olhar com Lorenzo, mas ele balança a cabeça, quase imperceptivelmente.

E esperamos.

Depois de dez minutos ouvindo o tique-taque do relógio na parede, um homem sério, com uma cicatriz na bochecha direita e o charme de um veterano das Forças Especiais, entra pela porta.

– Bom dia, Morgan. Bom dia, equipe.

Ele não se senta, optando por ficar de pé atrás da mesa, olhando sua plateia de cima.

Um homem daquele tamanho teria feito pelo menos algum barulho no corredor, mas apenas se esgueirou até aqui. Demoro exatamente cinco segundos para perceber que não fui com a cara dele. Pela expressão azeda de Lin, ela demorou menos ainda para avaliar sua simpatia.

– Vou ser breve e ir direto ao ponto, porque vocês têm trabalho a fazer – diz ele. – Sou o Sr. Poe e estou encarregado da segurança deste projeto.

Seus lábios mal se movem enquanto ele fala; o peito amplo não parece subir e descer. Não creio que ele tenha piscado uma vez desde que entrou na sala.

– Vocês têm um serviço a fazer aqui. As palavras importantes são “um” e “aqui”. Isso quer dizer que vocês trabalham, vão embora e voltam no dia seguinte. Não quero nenhuma conversa sobre o trabalho feito aqui com o resto do pessoal do laboratório nem qualquer socialização entre vocês fora do horário de serviço. Está claro?

– Como água – diz Lorenzo, examinando as próprias unhas.

Poe o encara, sério.

– Vocês não devem falar com ninguém sobre o projeto fora destas paredes. Não levem trabalho para casa. Se precisarem trabalhar mais de oito horas por dia, farão isso aqui. O almoço é no refeitório do terceiro andar. – Ele verifica um horário impresso. – O almoço de vocês é uma da tarde.

Lin se remexe na cadeira, descruza as pernas e cruza de novo. Seu pé roça o meu, e eu o empurro de volta. *É, isso é esquisito.*

Falo primeiro:

– Com licença, Sr. Poe, mas e os assistentes de laboratório? Precisamos montar experiências e...

Poe me interrompe:

– Qualquer instrução ao pessoal do laboratório será feita através de Morgan. Além disso, vocês não levarão seus laptops para casa. Um dos meus homens vai se encontrar com vocês esta tarde para configurar a segurança de seus equipamentos eletrônicos e estabelecer a intranet para sua parte da equipe.

– Achei que nós éramos a equipe – diz Lorenzo um tanto secamente.

– É isso que o Sr. Poe quis dizer – observa Morgan. Seu olhar salta para o homenzarrão parado junto dele. – Certo, Sr. Poe?

– Exato. Mais alguma pergunta? – Ele não espera a resposta. – Cada um de vocês vai passar por uma verificação de segurança ao entrar e ao sair do prédio. Este edifício tem funcionários 24 horas por dia.

Poe assente uma vez para Morgan antes de nos dar as costas e sair por onde tinha entrado. Em silêncio.

– Certo. – Morgan bate palmas uma vez, como se estivesse pedindo silêncio a uma turma bagunceira. – Vamos trabalhar. Se me acompanharem, eu mostro o laboratório.

Saímos da sala de reuniões, passamos pelo gordo Jack, que está bebendo uma Coca-Cola, e voltamos pela porta principal, sem janela. Morgan a abre com seu crachá, que, diferentemente do meu, de Lorenzo e de Lin, é azul. Os nossos são brancos.

Lin e eu ficamos para trás enquanto seguimos em direção aos elevadores.

– Aquele tal de Poe. Silencioso, mas mortal – diz ela.

– Muito. Que negócio é esse de segregação e prazo?

– Não sei. Mas, se vamos almoçar sozinhos, teremos a chance de conversar. Parece que Lorenzo sabe de alguma coisa.

– Venham, senhoras! – grita Morgan, segurando a porta do elevador aberto.

Aceleramos o passo. Morgan entra primeiro, Lorenzo por último. Quando estamos lá dentro, ele estica a mão para trás e aperta a minha.

– Dia muito empolgante – diz Morgan.

É, sim.

VINTE E NOVE

A primeira coisa que ouço quando andamos os três metros do elevador até o complexo do laboratório são os ratos. Sei que se trata de uma necessidade, mas ainda fico incomodada em injetar soros não testados naqueles bichinhos. Eles são impotentes, como bebês. Não suporto segurá-los e fitar seus olhinhos enquanto espremo minha última poção em suas veias inocentes. Lin não tem problema com isso; talvez sua formação médica a torne imune. Sempre deixei

que ela administrasse as injeções.

– São só ratos, Jean – dizia ela no nosso laboratório em Georgetown. – Você colocaria ratoeiras se eles invadissem sua cozinha, não é?

Bom, aí ela me pegou. Mas as ratoeiras eram instrumentos passivos. Eu podia lidar com elas melhor do que com agulhas cheias de substâncias químicas. Sempre fui o tipo de garota que curti livros técnicos sobre qualquer coisa relacionada ao cérebro. Que os médicos cuidassem da parte prática.

Morgan está parado com seu crachá junto à porta, depois reconsidera.

– Seria bom vocês experimentarem um dos seus, para ver se estão funcionando. Dra. McClellan? Que tal fazer as honras?

Lorenzo dá um risinho.

– Vamos, Gianna. Você não vai saber o que há lá dentro se não abrir.

Enfio meu cartão no leitor, imaginando se Lorenzo percebe que me sinto como Pandora quando a porta dupla se abre e somos ofuscados momentaneamente pelas luzes fluorescentes. Não pode haver nenhum mal aqui, penso, só a esperança que também se esconde dentro da antiga caixa de Pandora.

Mesmo assim, algo no lapso de Poe sobre nossa parte da equipe – se é que foi mesmo um lapso – me deixa inquieta. Por sinal, o próprio Poe me deixa inquieta. Ele é do tamanho de uma geladeira e silencioso feito uma sepultura. E tem a aparência de um homem que matou por Deus ou pelo país. Ou por dinheiro.

Morgan sorri como se o laboratório fosse seu filho primogênito e sinaliza para o acompanharmos. De novo Lorenzo espera que Lin e eu passemos pela porta antes de entrar.

Os guinchos de algumas centenas de ratos soam das gaiolas que cobrem a parede do lado esquerdo. No lado direito há coelhos, os focinhos cor-de-rosa se remexendo diante da intrusão. Nunca tivemos coelhos antes, e sei que Lin vai ter de cuidar das injeções quando formos usar os animais maiores. De jeito nenhum vou injetar qualquer coisa num coelhinho da Páscoa, a não ser que tivesse bastante certeza do que estava fazendo.

Mas tenho certeza, e esse é o problema. Se quiser estender o projeto pelo maior tempo possível, precisarei matar ratos e coelhos.

Mesas de laboratório, dez ao todo, cada uma com sua própria estação de trabalho, ocupam a área vazia entre as fileiras de gaiolas. Como todas as salas e todos os cubículos em nosso departamento de três pessoas, elas estão desocupadas.

Há outra porta no lado oposto, também com leitor de cartão-chave. Agora é

a vez de Lin, e de novo Morgan passa por nós, entrando na área central do laboratório.

– Puta que pariu – diz Lin.

Morgan estremece ao ouvir isso. Ótimo.

Lorenzo pronuncia uma única palavra em italiano, tão ubíqua e produtiva quanto o nosso “porra”.

– *Cazzo*.

Os dois estão certos. Este lugar é diferente de tudo que eu já vi.

À minha direita há três portas com placas onde está escrito: SALA DE PREPARO DE PACIENTES: POR FAVOR, BATA ANTES DE ENTRAR. Um pouco mais adiante vejo uma área aberta com uma fila de computadores e armários com equipamentos menores. ULTRASSOM PORTÁTIL, EMT e ETCC estão impressos em etiquetas abaixo dos armários.

– Ótimo – diz Lorenzo. – Estimulação magnética transcraniana e estimulação transcraniana por corrente contínua. Quantas unidades?

– Cinco de cada – responde Morgan, abrindo um armário de cada vez. – E três kits de ultrassom portáteis, todos com vários transdutores. – Ele lê as etiquetas. – Linear, setor, convexo, neonatal, transvaginal.

Há uma pausa antes do último item, como se ele tivesse ficado sem graça com a menção à anatomia feminina, ainda que Morgan soubesse que precisamos das sondas transvaginais para nossos pacientes menores. Como falei antes, ele é um cientista de merda.

Lorenzo pisca para mim.

– Tem mais – diz Morgan, e conduz nosso grupo minúsculo em direção aos fundos.

Ali, duas portas levam a salas de ressonância magnética.

– Vocês têm dois equipamentos completos de ressonância magnética? – pergunto, cutucando Lin, que está quase babando.

Em Georgetown nós precisávamos implorar para usar o do hospital, que ficava a uns vinte minutos de caminhada. E isso quando nos davam permissão, o que não era frequente.

Morgan sorri.

– Dois equipamentos de ressonância Tesla. E aqui fica a sala de tomografia. Ele abre outra porta e nos deixa espiar dentro.

Nós precisávamos esperar meses para ter acesso ao equipamento de tomografia por emissão de pósitrons, ou PET scan, do hospital.

– E eletroencefalogramas? – pergunta Lorenzo. – E o laboratório de

bioquímica?

– Tudo aqui. O material de eletrocefalograma fica na área de equipamentos pequenos.

– Eletroencefalograma – corrijo.

Morgan franze a testa.

– Tanto faz. Bem, eu me esqueci de mencionar, mas vocês vão encontrar os eletrodos e a impressora no último armário da direita. O laboratório de bioquímica fica atrás dessa porta. – Ele indica o cartão-chave de Lorenzo. – Vá em frente. Sem dúvida você vai se interessar mais pelo módulo de expressão de proteínas. Fica aqui, à direita.

Morgan aponta, mas Lorenzo ainda está examinando a sala, onde poderiam caber cinco laboratórios escolares de química.

Somos apenas três. Quatro, se contarmos Morgan, mas não creio que nenhum de nós o inclua. E só um é bioquímico.

– Certo, pessoal. – Morgan olha o relógio. – Tenho uma reunião com os figurões, então vou precisar deixá-los.

– Sem problema – diz Lorenzo, e enfia a chave na porta do laboratório de bioquímica. – Vamos ficar bem.

– Internet? – pergunto, apontando para uma fila de computadores com monitores do tamanho de TVs de tela plana no laboratório principal.

– Nem pensar, Jean. – Morgan liga uma das estações de trabalho. – Excel, Word, SPSS para o caso de precisarem rodar estatísticas. LatLab. Tudo de que vocês precisarem.

Tudo de que eu preciso se quiser trabalhar no vácuo, penso.

– Que tal acesso ao mundo dos periódicos, Morgan? Não estou carregando os últimos cinco anos do *Journal of Cognitive Neuroscience* na bolsa.

– Ah, isso. Certo. – Ele vai em direção a uma prateleira cheia de tablets. – Todos estão conectados aos bancos de dados acadêmicos. Se não encontrarem o que quiserem, liguem pelo interfone. Eu faço acontecer. – Morgan sorri, mostrando duas fileiras de dentes pequenos. Lembram os dentes de um hamster. Ou de um rato de laboratório. – Preciso ir, pessoal – diz ele, e desaparece pela sala dos roedores e pela porta principal.

Finalmente estamos sozinhos.

– Quinze milhões só pelos dois equipamentos Tesla e a máquina de PET scan – diz Lin quando ouvimos o estalo duplo da porta principal do laboratório. – Quinze milhões. E ainda tem todo o resto.

Nós conhecemos os números. A Fundação Nacional de Ciência fez tudo,

menos grudar um emoticon sorrindo na nossa última proposta de verba, quando solicitamos um único equipamento de ressonância. Fiz alguns cálculos de cabeça e cheguei a uma cifra.

Lorenzo assente.

– Vinte e cinco milhões parece uma boa aposta. Mas não é isso que me incomoda.

– Também não – digo.

Nós nos encaramos, os três, alternadamente, e sei que estamos pensando a mesma coisa. Cada equipamento é novo, brilhante, instalado recentemente. E é exatamente do que precisamos para trabalhar na cura da afasia de Wernicke. Você não monta um laboratório de 25 milhões de dólares em três dias. Além disso, havia o cheiro de animais na primeira sala. Os ratos e coelhos já estão aqui há um tempo.

Há mais tempo do que o irmão do presidente está na UTI.

– É quase como se eles já soubessem – diz Lin. – Como se tivessem planejado isso.

Olho em volta, indo do laboratório de bioquímica, passando pelas salas de tomografia e ressonância, em direção à área aberta onde ficam os equipamentos pequenos. No nosso mundo, pequeno não significa barato.

– Precisamos conversar – digo aos dois, mas sei que estou olhando apenas para Lorenzo.

TRINTA

Lin nos deixa na área dos equipamentos pequenos, com a desculpa de que quer verificar os tubos das máquinas de ressonância Tesla. Para uma mulher tão pequena, seu olhar é penetrante como o soco de um boxeador peso pesado. *Cuidado*, é o que ela diz.

– Venha comigo.

Lorenzo curva um dedo comprido e fica quieto até voltarmos ao laboratório

de bioquímica, perto de uma pia. Ele abre a água e se encosta na bancada de epóxi preta. Bate no ouvido direito e olha para o teto.

Câmeras.

Entendo. Se há câmeras, também há microfones. Eu me inclino para frente e finjo ler o relatório que ele tirou do bolso do peito. É uma conta de luz, mas eu me concentro na página como se fosse o último teorema de Fermat.

– Você disse a eles que teríamos concluído em um mês? Por quê? – pergunto.

– Porque Morgan não ia chamar você. Nem Lin. Ele não queria nenhuma mulher no projeto. Eu garanti que faríamos uma tentativa bem-sucedida antes que o presidente fosse para a França, mas só se você estivesse na equipe. – Depois de um momento, ele acrescenta: – E nós já chegamos lá.

Não sei se lhe dou um beijo ou um tapa.

– Você sabe o que vai acontecer comigo quando terminarmos, não sabe? E com Lin?

Lorenzo olha para meu pulso, para o círculo desbotado de uma queimadura antiga em volta dele.

– Sei.

Sua voz soa triste, mas percebo a fúria borbulhando por baixo. De novo me lembro da diferença entre Patrick e Lorenzo: os dois sentem simpatia, mas apenas Lorenzo é capaz de lutar.

– Além disso, eu preciso do dinheiro do bônus – diz ele.

– Para quê?

– Um projeto pessoal.

– Que tipo de projeto pessoal custa cem mil dólares?

Seu olhar encontra o meu acima da torneira aberta.

– Uma coisa muito pessoal – diz ele antes de fechar a água. – Certo, está se sentindo melhor?

– Sim – respondo, sem entender se ele está falando do meu festival de vômito hoje cedo ou de nossa conversa. – Estou ótima.

– Que bom. Porque temos trabalho a fazer.

– Espere. – Abro a água fria de novo. – Quando eles contataram você para falar do projeto?

– Logo depois de Bobby Myers quebrar a cabeça.

Assinto.

– Ninguém consegue encomendar, receber e instalar dois tubos de ressonância Tesla em três dias, Enzo. Nem o governo.

Ele abre um sorriso ao ouvir seu antigo apelido.

– É. Eu sei. Venha. Vamos tirar Lin do tecno-orgasmo e almoçar.

A torneira é fechada pela segunda vez, e nós voltamos à seção de neurologia do laboratório quando o relógio marca uma hora.

– Quem você tem em mente para o primeiro teste? – pergunta Lorenzo.

– Delilah Ray, sem dúvida. Eu encontrei o filho dela outro dia, sabe? Ele é nosso carteiro.

E também é o homem que piscou três vezes para mim e disse que tinha esposa e três filhas. Faço uma anotação mental de estar à porta na próxima vez que ele fizer a entrega. Neste momento, a única outra coisa que tenho na mente é comida.

TRINTA E UM

Esta tarde, enquanto me arrasto com a fileira de carros pela Rock Creek Parkway, encolhida diante do volante para evitar os olhares dos motoristas do sexo masculino que povoam a hora do rush, penso de novo em Jackie Juarez.

Ela chamou Patrick de babaca intelectual; Jackie jamais falaria algo assim sobre Lorenzo.

– Os homens são de dois tipos – disse ela uma vez. – Os homens de verdade

e as ovelhas. Esse cara que você está namorando...

– ... é uma ovelha – completei. – Acho que você pensaria isso.

– Eu não penso, Jeanie. Eu *sei*.

Jackie acendeu um cigarro, estava em sua fase Virginia Slims (e naquele ano o cartaz de propaganda kitsch que dizia *Você percorreu um longo caminho, baby* decorava nosso apartamento) e soprou uma nuvem de fumaça mentolada.

– Quer dizer, se eu fosse mudar para seu time, ia querer um homem que... sei lá... me defendesse.

– Olhe só, que romântica!

Ela me ignorou.

– Talvez. Só queria alguém que fosse forte quando necessário.

– Patrick é gentil. Isso não vale nada?

– Para mim, não.

Quando defendi minha tese e Patrick começou a residência, nós nos casamos. Convidei Jackie, esperando que ela fosse.

Não foi.

Talvez eu também não fosse.

Saio da via expressa e paro no sinal ao lado de um homem de meia-idade num Corvette preto brilhante. *Carro esportivo da andropausa*, penso. A janela de trás está cheia de adesivos: MYERS PARA PRESIDENTE!, SOU PURO, CLARO, E VOCÊ? e TORNE A AMÉRICA MORAL DE NOVO! Ele buzina, espera eu virar a cabeça e baixa a janela. Faço a mesma coisa, achando que ele quer alguma orientação nas ruas labirínticas de Washington com suas diabólicas avenidas diagonais.

Ele cospe no meu carro enquanto o sinal muda de vermelho para verde, depois parte rugindo.

Percebo que ainda estou com o adesivo do outro candidato no meu para-choque.

O que Jackie faria? Aceleraria atrás dele? Talvez. Cuspiria de volta? Certamente. Mas o que fica na minha cabeça é o que Patrick faria: absolutamente nada.

Suspiraria e balançaria a cabeça diante dessa barbárie, depois limparia o catarro e se esqueceria do Sr. Crise da Meia-Idade. E Lorenzo? Encheria o cara de porrada.

Por algum motivo acho isso atraente. Antes, não acharia. Percebo que me transformei mais em Jackie do que esperava, e de repente quero vê-la mais do que qualquer coisa.

Duvido que ela queira me ver. E, mesmo se quisesse, Jackie está num lugar

onde a palavra “visitante” não existe.

Jackie está num campo (*Diga, Jean: prisão*) em algum lugar no meio do país, onde trabalha numa fazenda, num sítio ou num viveiro de peixes da manhã até a noite. Seu cabelo – não importando a última cor que tivesse – exhibe raízes grisalhas e pontas duplas, e os braços estão queimados de sol, dignos de um agricultor. Bronzeado caipira, como costumávamos chamar, do tipo que deixa os ombros pálidos e o pescoço vermelho. Ela usa uma larga pulseira de metal que não mostra nenhum número, porque no mundo novo de Jackie não existem palavras para ser contadas. Como aquelas mulheres com bebês no mercado, que não faziam nada mais do que tentar fofocar com os dedos, uma mensagem de conforto, um corriqueiro *também sinto falta de conversar com você*.

Jackie Juarez, feminista transformada em prisioneira, agora dorme à noite numa cela com um homem que não conhece.

No outono passado, vi um documentário sobre esses campos de conversão na TV. Steven tinha posto naquele canal.

– Tarados – disse ele. – Merecem isso e muito mais.

Minhas últimas palavras voaram, pequenas adagas apontadas para o meu primogênito, que tinha começado a agir menos como meu filho e mais como o reverendo Carl Corbin.

– Você não pode estar falando sério, garoto.

Ele botou a televisão no mudo enquanto uma fila interminável de homens e mulheres saíam de um buraco num muro de concreto para a área de trabalho da fazenda. Jipes com soldados armados flanqueavam o grupo de prisioneiros.

– É uma escolha, mãe – disse Steven. – Se você pode escolher uma sexualidade, pode facilmente escolher outra. É só isso que eles estão tentando fazer.

Fiquei sentada, muda, olhando os rostos daquelas pessoas vestidas de cinza, que antes tinham sido mães, pais, contadores e advogados, indo do muro para os campos. Jackie podia estar entre eles, cansada e com bolhas depois de dias e dias ao sol.

Steven aumentou o volume e apontou para uma tela de estatísticas.

– Está vendo? Funciona. Dez por cento depois do primeiro mês, chegando a 32 por cento no fim de setembro. Está vendo?

Ele estava se referindo à taxa de conversão.

Eu não via isso. Mas via, e ainda vejo, Jackie Juarez com botas de trabalho e um uniforme cáqui, arrancando ervas daninhas e colhendo até ficar com as mãos em carne viva e sangrando.

Ou...

Jackie casada. Talvez com um escroto gordo como Jack, o segurança, talvez com um dos gays que ela conhecia antes. Usa um contador de palavras e passa os dias assando bolo e esperando engravidar, de modo que as autoridades saibam que o casamento é real, mais do que um arranjo de conveniência para escapar da vida nos campos.

Não. Jackie jamais aceitaria isso, jamais se curvaria diante do sistema, jamais se prostituiria com os homens do presidente em troca de dinheiro, de uma voz ou de um mês de liberdade. Patrick faria isso, claro. Lorenzo, não. Essa era a diferença entre meu marido e meu amante.

Mas Lorenzo fez o mesmo, no segundo em que assinou o contrato e concordou em trabalhar no projeto da afasia.

Quando entro na minha garagem, percebo a verdade: Lorenzo tem outro objetivo, e acho que está ligado ao meu nome.

TRINTA E DOIS

Ponho minha máscara de mãe e esposa quando entro pela porta dos fundos. Sonia e os gêmeos estão jogando cartas no tapete da sala; Patrick está cortando legumes na cozinha, com uma garrafa de cerveja aberta perto da tábua de corte. Imagino se é a primeira da tarde.

– Oi – digo, largando a bolsa na bancada. Ela foi meticulosamente revistada na inspeção de segurança antes de eu sair do laboratório.

– Oi, amor. – Patrick larga a faca e me dá um abraço apertado. – Correu tudo bem?

– Muito bem.

– Como foi?

– Podemos ser torturados se falarmos sobre isso. – Provavelmente é mais verdadeiro do que imagino. – Cadê Steven? Ele vai perder o lanchinho pré-jantar das seis horas.

Patrick inclina o queixo para o lado esquerdo da nossa casa.

– No vizinho.

– Ele e Julia devem estar conversando de novo. Você precisa mesmo falar com ele sobre esse negócio de casamento. Ele é novo demais.

– Vou falar. Ah, e seus pais ligaram pelo FaceTime. Falei que você ia ligar amanhã, mas sua mãe quer falar com você hoje.

– Posso usar seu laptop?

– Cadê o seu?

Neste momento está de quarentena com um dos gênios da computação do Poe.

– Trancado num prédio sem nome em algum lugar de Washington – respondo. – Tem certeza de que não quer ajuda?

Ele sacode um pano de prato para mim.

– Anda. Vai. Não preciso de críticos culinários na minha cozinha.

Nós dois rimos de sua tentativa de piada.

Bom, isso é diferente.

Depois de uma partida-relâmpago de um jogo de cartas com as crianças (Sonia diz algumas palavras cautelosas), vou para o escritório de Patrick, que ele deixou destrancado, e ligo para meus pais. A princípio, o italiano volta lentamente, depois entra numa cadência firme, todo cheio de vogais e sílabas rimando. Papà não tem nada de positivo a dizer sobre o presidente, sobre o irmão do presidente ou sobre qualquer outra parte deste país; Mamma está mais contida, mais quieta do que o usual.

– *Tutto bene, Mamma?* – pergunto.

Ela me garante que está tudo bem, só tem umas dores de cabeça ultimamente.

– Você precisa parar de fumar – digo.

– Aqui é a Itália, Gianna. Todo mundo fuma.

Isso é verdade. Depois do futebol, fumar é o principal passatempo do país, especialmente no Sul. Por enquanto, deixo isso para lá e me concentro em

conversas mais felizes. Durante um tempo, escuto enquanto eles me contam sobre os limoeiros e as laranjeiras do quintal, a horta, as fofocas sobre o Signore Marco, o peixeiro, que finalmente vai se casar com a Signora Matilda, a padeira. Já não era sem tempo: juntos, Marco e Matilda devem ter 170 anos.

A bomba explode quando minha mãe pergunta se vou visitá-la no verão.

– Você não quer que eu morra sozinha – diz ela.

– Ninguém vai morrer, Mamma. – Mesmo assim, um calafrio desce pela minha coluna. – Prometa que vai se consultar com o Dr. Michele, está bem?

Entre os “Ciaos”, os beijos e as promessas de nos falarmos de novo amanhã, demoramos dez minutos para encerrar a ligação. Se as italianas tivessem cotas, como nós, gastariam até a última palavra na despedida de uma conversa telefônica.

Só depois de fechar o FaceTime eu noto o envelope pardo com ALTAMENTE SECRETO carimbado em cima da mesa de Patrick. Quem teve a ideia de rotular documentos sigilosos com carimbos vermelhos gigantes que anunciam – ou pelo menos sugerem – o conteúdo, é um imbecil, penso. Seria o mesmo que colocar uma etiqueta dizendo ME ABRA! Se fosse eu, esconderia todos os segredos em exemplares antigos da *Reader's Digest*.

Patrick assobia na cozinha, e agora as crianças estão discutindo se Sam trapaceou ao pegar uma dama de espadas de outro baralho e escondê-la na manga da camisa.

Seria fácil demais dar uma espiada no conteúdo do envelope. Posso praticamente sentir o peso daquele diabinho vermelho no meu ombro esquerdo, instigando: *Vamos, Jean. Dê uma olhada. Ninguém precisa saber.*

Portanto, é o que eu faço.

O conteúdo não me surpreende. Como conselheiro de ciências do presidente, Patrick, claro, estaria sabendo do projeto Wernicke. O que não entendo é por que a primeira página dentro do envelope altamente secreto do meu marido se refere a três equipes diferentes: Dourada, Vermelha e Branca. Lorenzo, Lin e eu estamos na equipe Branca. Outros nomes, todos desconhecidos para mim, estão listados sob “Dourada” e “Vermelha”. Alguns têm postos militares.

– Mamãe! – A voz de Sonia no corredor me dá um susto. – Ganhei o jogo!

Agora a dama de espadas sequestrada por Sam faz sentido. Rapidamente enfio o memorando do projeto de volta no envelope, esperando ter deixado as coisas como estavam na mesa de Patrick, que sempre parece organizada com a ajuda de uma régua T.

– Fantástico, querida. Que tal a gente ir ver o que o papai está fazendo na cozinha?

– Eu te amo, mamãe. Eu te amo muito.

Bastam oito palavras para fazer meu coração palpitar.

TRINTA E TRÊS

– *Alguma notícia interessante?* – pergunta Patrick quando volto à cozinha.

Sempre fui péssima em guardar segredos. A menor sugestão de mentira força meus lábios a se curvar, então meus olhos entregam o jogo. Só uma vez tentei fazer uma festa surpresa para Patrick – quando ele completou trinta anos, acho –, combinando com sua secretária da época e alguns caras do trabalho. Quando o dia finalmente chegou, Patrick pareceu atônito como se uma bomba tivesse caído do céu.

Sucesso!, pensei. Na manhã seguinte, Evan King falou sobre a atuação fantástica do meu marido.

– Vi nos seus olhos, amor – disse Patrick. – Ainda bem que não é você que cuida da segurança.

Bom, foi o fim das festas surpresa.

Ele ergue os olhos do fogão.

– Boas notícias?

– O quê?

– As notícias foram boas? Dos seus pais?

Sinto o peso do terror deslizar por mim e formar uma poça nos ladrilhos da cozinha.

– Ah, acho que sim. Meu pai vendeu uma loja para uma rede. Então acho que a notícia é boa.

– Está na hora de o velho se aposentar. Aqui. Prove isto e veja se falta alguma coisa.

Ele pega uma colherada dos legumes que estava refogando.

– Perfeito – digo, ainda que o gosto não esteja bom.

Nada tem cheiro bom neste momento. O vinho tinto que Patrick serve fede a óleo rançoso; a carne, que acho que é frango mas que para mim pode ser fígado de cabrito, enche a cozinha e a sala de jantar com um fedor infernal. Eu deveria estar morrendo de fome, mas não estou.

– Steven ainda não voltou? Ah, por falar no diabo...

Meu filho entra, batendo a porta. Sonia e os gêmeos se animam. Patrick e eu estamos prestes a dizer “Olá”, mas Steven passa por nós, pela geladeira, e vai direto para o quarto. Seu rosto está ruborizado, manchas vermelhas nas bochechas e no pescoço. De algum modo ele parece ter 37 anos, em vez de 17, parece carregar o peso do mundo nas costas.

Aí está o grande fardo de ser pai ou mãe, na forma de um adolescente carrancudo.

– Vou falar com ele. – Preciso de uma folga dos odores de comida antes que

meus nervos olfativos decidam se rebelar. – Peça para Sonia contar sobre o jogo de cartas.

A música de Steven faz meu corpo vibrar enquanto ando pelo corredor até a porta do quarto dele. Bato uma vez; não há resposta. Na segunda batida Steven resmunga um entediado “Entra”.

– Tudo bem, filho? – pergunto, enfiando o nariz pela fresta da porta.

O que quer que ele estava ouvindo é reduzido até um débil ruído de fundo.

– Tudo.

– Tudo bem na escola?

– Tudo.

– E Julia?

– Bem.

– Vem jantar? Já está quase pronto.

– Daqui a pouco.

Eu me viro para ir embora, e ele interrompe o encadeamento de palavras curtas: – Mãe? Se alguém que você conhece, talvez alguém que você ame de verdade, fizesse uma merda, você deduraria?

Preciso pensar na pergunta.

Antigamente eu teria dito que sim. Se vir alguém a cem por hora numa área escolar, anote a placa. Se vir um pai bater no filho no Walmart, ligue para a polícia. Se testemunhar um roubo na casa vizinha, denuncie. Para cada ação há uma reação oposta e adequada. Só que isso não é verdade, não mais. As reações podem ser opostas, mas sem dúvida não são adequadas. Eu sabia sobre Annie Wilson e seu amante da picape azul. Sei que Lin Kwan, que agora mora com o irmão, prefere a companhia de outras mulheres. Também sei que se eu – nas palavras de Steven – tivesse dedurado Annie, sentiria uma tremenda dificuldade para me encarar no espelho todo dia de manhã. A ideia de bancar a informante contra Lin é execrável, independentemente do que o reverendo Carl e o resto dos Puros tenham a dizer sobre isso.

– Depende. Por quê?

– Por nada. – Steven se levanta da cama. – Acho que vou tomar banho.

Enquanto ele passa por mim, me deixando com o zumbido da música eletrônica – uma música do tempo anterior, cuja letra provavelmente não combina com os *Fundamentos da filosofia cristã moderna*, a Masculinidade Pura ou a visão de mundo deturpada de Carl Corbin –, sinto o calor do nervosismo se irradiar por mim outra vez. E essa sensação comprime o ar para fora dos meus pulmões, me deixando sem fôlego.

Não é possível que Steven saiba sobre Lorenzo, digo a mim mesma. Não é possível. Nós fomos cuidadosos na última vez, nos encontramos por acaso no Eastern Market, seguimos pelo meio do trânsito em direção à nossa cabana do caranguejo em Maryland, eu espremida no piso entre os bancos da frente e o de trás. Era março, e Steven estaria na escola.

A fadiga e a preocupação me acertam como sacos de tijolos e volto pelo corredor para me juntar a Patrick na cozinha.

Ele ainda está assobiando.

TRINTA E QUATRO

As sirenes me acordam. São como animais gritando no silêncio da noite, ficando cada vez mais altas até parecer que estão na janela do meu quarto. Luzes vermelhas e azuis piscam através das persianas e sei que não estou sonhando.

– Que porra é essa? – pergunta Patrick, rolando uma vez, depois duas, em seguida apertando um travesseiro contra a cabeça.

Ele não se demora muito na caverna; a realidade penetra, empurrando a

cortina do sono, e ele acorda.

Só consigo pensar na conversa que tive com Lin na nossa sala hoje de manhã. *Ainda tem uma quedinha pelo nosso colega italiano?... Tenha cuidado, querida. Você tem muito mais a perder do que sua voz.*

E há Steven, com a pergunta enigmática ressoando nos meus ouvidos agora.

– Ah, meu Deus – digo, e vou até a janela.

Pelo que dá para ver, são dois carros e um veículo maior, quadrado como uma ambulância, mas não é branco. Um terceiro veículo para atrás do furgão, bloqueando nossa garagem.

Impedindo qualquer automóvel de entrar. Ou sair.

As palavras que digo em seguida raspam o ar, pouco acima de um sussurro áspero. Nada dentro de mim está funcionando, nem os joelhos, que viraram geleia, nem minha voz, nem meu estômago. Onda após onda de náusea me assola enquanto observo as cores vibrantes riscando a rua na frente da nossa casa.

Estou esperando que a campainha toque, um acontecimento tão comum que antigamente eu esperava com prazer. Campainhas significam visitas nos feriados; pacotes que eu estava esperando; duplas de rapazes mórmons, que, apesar de minha resistência a qualquer tipo de conversão, de algum modo sempre pareciam agradáveis e muito limpos. Campainhas significavam crianças pedindo doces, vestidas de fantasmas, goblins, das princesas ou dos super-heróis do mês.

– Deixe que eu vou – diz Patrick.

Espero o toque da campainha e penso em Poe com sua cicatriz, sua postura de ex-membro das Forças Especiais e seu silêncio fantasmagórico. Esta noite a campainha não será como sinos de prata ou ouro para mim, mas sim de ferro.

Ah, porra.

Agora os vejo entrando, uniformizados e armados com cassetetes pretos, andando sobre o piso de madeira reluzente da minha casa, deixando arranhões. Vejo Thomas, o reverendo Carl e outros homens, um carregando uma caixinha com um contador ajustado no zero, que vai se fechar no meu pulso como uma algema de ferro. Vejo as câmeras de televisão e os repórteres, todos espocando flashes e se esforçando para vislumbrar a ex-médica Jean McClellan, agora destinada a uma vida de silêncio e trabalho nos campos de Iowa, nos viveiros de peixes do Maine, nas fábricas de tecido do Alabama. Depois de ser humilhada em público, claro.

Steven, penso. *O que você fez?*

Eles não irão atrás do Lorenzo. Disso eu sei. A insensatez dos homens sempre foi tolerada.

Sonia entra correndo no meu quarto, os olhos brilhando. Os passos dos meninos vão na outra direção, para a parte principal da casa, para onde Patrick foi.

– Tudo bem, menininha – digo, pegando Sonia no colo. – Tudo bem.

Mas não está bem. Nada está bem enquanto fico aqui sentada, encostada na cabeceira da cama, balançando minha filha, esperando a campainha soar o toque inevitável do Juízo Final.

TRINTA E CINCO

Cinco minutos horríveis se passam antes que Patrick volte correndo pelo corredor.

– Parece ruim – diz ele. – O que quer que seja, parece ruim.

Seu rosto é um mapa de preocupações, linhas numa paisagem pálida como pergaminho.

Mas a campainha não tocou.

Pego Sonia no colo e sigo Patrick até a cozinha. O cortejo de carros ainda está na rua, ainda com as sirenes berrando e poluindo a noite com azul e vermelho. Seis homens montam guarda na varanda da frente da casa dos King, com outros dois junto à porta dos fundos.

Não sou eu, penso. Não sou eu. Não sou eu. Não sou eu.

Um grito feminino rasga a noite até nossa cozinha e eu me arrisco a olhar pela janela.

Leo faz menção de acender a luz.

– Não. Deixe apagada. Deixe tudo escuro – digo.

O que Olivia King pode ter feito?

Se alguém que você conhece, talvez alguém que você ame de verdade, fizesse uma merda, você dedia?

E então percebo que aqueles homens não estão ali para Olivia e, sim, para Julia.

Dou as costas para a janela. Ali está Patrick ao meu lado, ainda pálido como um fantasma. Sonia, sentada numa banquetta perto da ilha da cozinha. Sam e Leo espiando a cena na casa ao lado com olhos arregalados como pires.

Só Steven não está aqui.

Lá fora a gritaria piorou. Olivia – deve ser Olivia, das echarpes cor-de-rosa, Bíblias cor-de-rosa e o copo medidor vazio na mão – escancarou as portas do inferno.

– Vocês não podem levá-la! Evan! Faça alguma coisa! Pelo amor de Deus, não fique aí parado com as porras das mãos nos bolsos só olhando. Mate esses caras. Atire nesses filhos da puta escrotos. Diga a eles que não foi culpa dela! Não foi...

O jorro de palavras é interrompido por um grito de dor, mas só por um momento, um segundo. Então ela retoma, meio gritando, meio uivando enquanto dois homens arrastam Julia King para fora de casa, enquanto Evan fica parado em silêncio, com as mãos nos bolsos e a luz da varanda lançando uma claridade amarelada em seu rosto.

Antes que Patrick possa me impedir, saio pela porta dos fundos, ignorando a chuva de maio que começou a cair, correndo descalça pela nossa entrada de veículos e indo até o quintal dos King.

– Parem! Tirem o contador dela! – grito.

Todas as cabeças, menos a de Olivia, se viram para mim.

Olivia continua, agora implorando e chorando: – Por favor, não levem ela. Por favor. Me levem no lugar dela. Por favor.

Cada palavra é pontuada pelo zumbido nauseante de um choque elétrico e um grito.

– Tirem a porra do contador dela!

– Volte para dentro, senhora. – Reconheço a voz de Thomas do terno escuro e da alma mais escura ainda. Então, para um dos outros, ele diz: – Coloque-a no furgão.

Estão falando de Julia, que não disse uma única palavra. Ainda não. Quando ela se vira sob a claridade fraca da luz da varanda, seu rosto está completamente inexpressivo. Está em choque. Em volta do pulso esquerdo há uma larga algema metálica. Julia vai se juntar às mulheres do mercado, a Jackie e a só Deus sabe quantas outras naquela versão deturpada do confinamento solitário. *Nenhuma palavra por dia, garotas. Vamos ver quanto tempo demora para entrarem na linha.*

Nunca gostei muito de Olivia, mas meus pés me levam para seu quintal, até o corpo dobrado e convulsivo em sua camisola de cetim cor de pêssego, agora grudada nela como uma película, assim como a minha está grudada em mim. Deve ser de suor, já que a varanda dos King é coberta e não está ventando. Thomas sinaliza para um dos outros homens que vem na minha direção, a mão posicionada perto da arma no cinto.

– Vá para casa, senhora. Não há nada para ver aqui.

– Mas eu...

A mão chega dois centímetros mais perto do cinto.

Agora estou testemunhando o evento mais terrível da minha vida enquanto Julia King é levada da varanda para longe da mãe, em direção ao furgão escuro. O homem que a acompanha, que na verdade está segurando de pé seu corpo frouxo, lê seus direitos.

Só que não são direitos. Não há nada do tipo “Você tem o direito de”, apenas a repetição monótona de frases que começam com “Você irá”.

Meu pé chuta um pedaço de cascalho enquanto volto para nossa porta dos fundos. Há pedrinhas demais, muitos pedaços de pedra, e quero enfiá-las aos montes nos olhos para apagar tudo que vi e tudo que vou ver.

Por exemplo, Patrick parado na cozinha, sem fazer nada. Steven, que saiu de seu quarto quando piso pingando no capacho, e agora me espia com olhos inexpressivos – olhos de boneco – enquanto o furgão que não é uma ambulância leva Julia King para seu novo lar, seu lar permanente.

Sam e Leo me trouxeram toalhas. Pego-as e mando os gêmeos e Sonia para a cama. Depois parto para o ataque.

– Que merda você fez, Steven?

Ele se encolhe ao som da minha voz, não mais o adolescente presunçoso que era ontem no jantar.

– Nada.

– O que você fez?

– Me solta, mãe!

Estou segurando meu filho de dezessete anos pelo colarinho e sinto que posso apertar e apertar seu pescoço até ele ficar vermelho, suando. Mas não é assim que desejo estar. Essa não é a imagem que quero ver no espelho amanhã de manhã. Baixo a voz: – O que você fez, garoto?

Steven parece diminuir de tamanho, encolhendo-se no canto da cozinha perto da geladeira e da estante onde antes ficavam meus livros de culinária, mil ou um milhão de anos atrás. Meu olhar vai até Patrick. *Preciso de você agora*, é o que meus olhos dizem.

– Eu n-não – gagueja Steven. – A coisa não foi minha culpa!

A coisa. O que é a coisa? Então eu compreendo.

– Ah, Steven...

– Ela só disse que queria beijar, tentar alguma coisa. E... – Steven olha para Patrick, procurando apoio. Quando não encontra nada além de um balanço silencioso de cabeça, ele continua: – Aquela coisa não deveria acontecer.

Coisa.

Faço uma promessa silenciosa de nunca mais usar essa palavra.

Lá fora, sob a luz da varanda dos King, Evan está gritando algo que não consigo entender enquanto Olivia desmorona sobre a parede de tijolos.

– Ela nunca vai superar isso – digo, para ninguém em particular. Depois, virando-me para Patrick, acrescenta: – Você pode ajudar? Pode falar com Carl Corbin ou Myers?

As palavras de Patrick saem rançosas: – O que eu diria?

– Meu Deus. Não sei. Você é inteligente. E se dissesse que foi culpa do Steven? Que ele começou e Julia disse não, e ele continuou mesmo assim? Que eles ficaram confusos. Ou que a coisa não aconteceu de verdade. – Aí está, a coisa de novo. – Que eles não transaram. Você pode fazer isso?

– Seria mentira – intervém Steven antes que Patrick possa responder.

– Não estou nem aí – reajo. – Você sabe o que vai acontecer com a Julia? Sabe?

Ela surge na minha visão, como num velho filme de família, andando de skate ou bicicleta na rua, com a blusa curta e a música, falando por cima da cerca

enquanto eu podava as roseiras da Sra. Ray, segurando a mão de Steven. Agora a vejo na televisão, vestida com um hábito cinza, encolhendo-se sob os flashes de uma centena de máquinas fotográficas, em silêncio enquanto o reverendo Carl lê frases de seu manifesto dos Puros. Avanço rapidamente alguns anos e Julia está cansada e encurvada, fina como um junco, arrancando ervas daninhas ou limpando peixes.

E ninguém nesta casa pode fazer nada.

Como eu disse: a insensatez dos homens.

TRINTA E SEIS

Segundo o contrato, sexta-feira é meu dia de folga, mas há adrenalina demais percorrendo meu corpo para que eu consiga dormir, por isso me levanto, deixo Patrick roncando e vou para a cozinha. É onde reflito melhor.

Quero lutar e não sei como.

Se Jackie estivesse aqui, teria algumas palavras para me dizer. Penso principalmente em um dos seus últimos sermões, naquela tarde de fim de abril

no nosso apartamento de Georgetown com seus tapetes da Ikea, pratos da Ikea e talvez alguns potes e panelas de uma venda de garagem.

– Você pode começar pequeno, Jeanie – disse ela. – Vá a alguns comícios, distribua panfletos, participe de debates. Você sabe que não precisa mudar o mundo sozinha.

E as expressões de efeito vieram em seguida: *movimentos de base, um passo de cada vez, são as pequenas coisas, esperança-mudança-sim-podemos!* Todas as palavras das quais Patrick e eu zombávamos.

Às seis da manhã Steven se arrasta até a cozinha e se serve de um copo de leite, que ele leva de volta para o quarto.

Ótimo. Mal consigo olhar para ele.

Faço umas torradas e chá. Meu cérebro quer café, mas o resto do corpo se rebelou assim que abri o saco de grãos e coloquei no moedor. Até a torrada fede, como se todo o conteúdo da minha despensa tivesse apodrecido durante a noite. Tudo tem gosto de peixe velho.

Sonia acorda em seguida, cheia de perguntas sobre ontem à noite.

– O que aconteceu na casa dos King? Eu vou brincar com a Sra. King hoje? Julia está doente? – Sua fala é como música, mas a letra está totalmente errada.

– Está tudo bem, querida – minto. – Mas acho que a Sra. King precisa de uma folga hoje.

Isso significa, claro, que tenho de arranjar outra babá para Sonia enquanto estiver no trabalho.

Descarto as outras vizinhas, uma por uma. Velha demais, religiosa demais, esquisita demais, descuidada demais. A última coisa de que qualquer um de nós precisa é de Sonia caindo de um balanço ou – pior, penso – recitando passagens do manifesto dos Puros. Esfrego os olhos para afastar o sono e reviro a mente em busca de uma solução.

A ideia me atinge de supetão. Aquela piscadela tripla nos olhos do meu carteiro. E ele tem três filhas.

Enquanto Sonia está comendo seu cereal, delineio meu dia. Marcar consulta com o médico, esperar o carteiro, ver como Olivia está assim que Evan sair para o trabalho, ir ao laboratório e contar a Lin o que encontrei ontem no escritório de Patrick. O que não estou planejando fazer: assistir à humilhação pública de Julia King.

O programa irá ao ar hoje, e provavelmente durante a maior parte do próximo mês, até que haja uma nova vítima a ser exposta pela mídia. Eles sempre fazem isso, em geral inserindo vídeos em algum programa ao qual sabem

que as pessoas assistirão. É sinistro. Na verdade, ninguém é obrigado a assistir, mas a alternativa é manter a televisão desligada. As reprises passam quando você menos espera: durante programas de culinária, seriados, um documentário sobre zebras.

Steven volta para a cozinha.

– Não estou me sentindo bem. Acho que não vou à escola hoje.

Claro que ele não quer ir. Julia King vai ser o assunto principal.

– Você não está doente, Steven – digo. – Então chame seus irmãos e vá se vestir. – Olho o relógio. – O ônibus chega em uma hora.

– Mas, mãe...

– Não.

Ele precisa assistir ao programa, precisa estar amarrado na cadeira com as pálpebras forçadas a ficar abertas como aquele filho da puta no filme do Anthony Burgess. Talvez, para completar, eles coloquem alguns vídeos da vida futura de Julia nos campos ou nos criadouros de peixes.

O telefone toca enquanto estou lavando a louça.

– Atenda para mim, por favor. Depois acorde Sam e Leo. – Viro-me para Sonia. – Que tal ir dar uma olhada no seu pai? Pode levar isto para ele, se tiver cuidado.

Entrego a ela uma caneca de café pela metade, me encolhendo um pouco por causa do fedor. Nunca antes me ocorreu pensar em como café tem cheiro de merda.

– Certo! – exclama Sonia, e sai carregando a caneca com as duas mãos, andando a passo de lesma.

Com sorte, Patrick vai receber seu café em algum dia da semana que vem.

– É para você – diz Steven. – É o Babbo.

Esse apelido para o avô quase me mata, uma sobra da infância, de um tempo em que meu filho tinha a idade de Sonia, quando ainda corria por aí com calça de veludo cotelê vermelho-vivo e uma camiseta amarelo-canário com as palavras SUPERCRIANÇA! na frente. Tenho uma memória nítida, de nós dois na cozinha, antes da reforma, quando os utensílios eram verde-abacate e uma fórmica branca com salpicos dourados cobria as bancadas. Eu estava fazendo brownies, e Steven, em vez de pedir a colher para lambar, puxou a tigela vazia da batedeira, usando a mãozinha como espátula.

Por que eles crescem tão depressa?

Pego o telefone. É meu pai.

– Oi, Papà. Por que está ligando pelo telefone, e não pelo FaceTime?

Qualquer que seja a resposta que ele tenha para isso, não ouço. Meu pai está chorando, e o ruído de fundo de um hospital italiano se infiltra pela linha telefônica.

– Papà, o que aconteceu?

Uma voz nova substitui a dele.

– Professora McClellan? – pergunta uma mulher. Só que ela pronuncia o sobrenome não italiano de Patrick como *macalella*, evitando os grupos consonantais, transformando-o em algo familiar para ela.

– Sim. – O chá e a torrada começam a se revirar no meu estômago. – O que houve?

– Sua mãe – diz a médica depois de se apresentar. O inglês dela é bom, o suficiente para eu não ter de me preocupar com o jargão médico numa língua que não uso há mais de um ano. – Sua mãe teve um aneurisma hoje cedo.

Meu chá com torrada sobe mais ainda, ficando preso no peito.

– Onde?

– No cérebro – responde a médica.

– Sim. Eu sei. Em que parte do cérebro? Eu tenho alguma formação em neurologia.

– Na seção posterior do giro temporal superior.

– Esquerdo ou direito? – pergunto, já sabendo a resposta.

Papéis farfalham ao telefone.

– Hemisfério esquerdo.

Inclino-me para a frente, na bancada, a cabeça encostada no granito frio.

– Área de Wernicke – sussurro.

– Sim, perto da área de Wernicke. – Outro jorro de italiano vem pelo telefone, abafando as palavras da médica. – Sinto muito. De verdade. Mas tenho outro paciente que preciso ver. Se puder ligar de volta daqui a algumas horas, talvez saibamos mais sobre a situação da sua mãe.

Ela põe meu pai de novo na linha.

– Ela está consciente? – pergunto.

– Não.

Quando desligamos, sou deixada com as palavras de Jackie: *Um passo de cada vez, Jeanie. Comece pequeno.*

Não sei como começar, grande ou pequeno, mas sei que qualquer coisa que eu faça precisa ser enorme.

Gostaria que Jackie estivesse aqui.

TRINTA E SETE

Todo mundo, menos Sonia, já saiu de casa quando o furgão do carteiro surge na rua. Ele se desvia de poças a caminho da minha caixa de correspondência, perscrutando o monte de envelopes em sua bolsa.

– Bom dia, Dra. McClellan – diz ele.

– Bom dia.

– Ah, não desperdice palavras com gente como eu, senhora. Eu entendo.

Levanto os pulsos.

– Suspensão temporária, cortesia do irmão do presidente.

– Não entendo.

– Voltei a trabalhar. E precisaremos de pacientes para os testes clínicos.

Ele absorve a mensagem.

– É uma ótima notícia. Posso contar à Sharon? É a minha esposa.

– Claro.

– Ela vai ficar muito feliz. Minha mãe sempre tratou Sharon como uma filha. – Seu rosto fica sombrio. – Sei que ela vai ter de usar um desses contadores, mas mesmo assim... Cem palavras por dia é melhor do que nenhuma, não é?

– Acho que sim – digo, sem saber direito se concordo ou não. Estou tentando ler os endereços dos remetentes nas cartas, mas ele segura os envelopes perto do corpo. – Será que sua esposa iria querer trabalhar como babá? Eu tenho uma filhinha, e a pessoa que estava cuidando dela... bom... não está mais disponível.

– Acho que podemos dar um jeito. – Ele levanta a aba de metal e olha dentro da caixa trancada. – Ah, vocês estão enviando correspondência hoje. Só um segundo.

Ele pega o chaveiro preso à cintura e separa uma chave que parece nova, prateada, com dentes num padrão idêntico às que Patrick carrega. A portinhola da caixa se abre e ele tira um único envelope, cobrindo cuidadosamente a área do destinatário com a palma da mão. Tranca a caixa de correio de novo e, quase como numa decisão de última hora, deixa as cartas que estão na sua mão deslizarem pela boca de metal.

– A senhora é Pura, Dra. McClellan? – pergunta ele, piscando três vezes antes de virar os olhos para a câmera que está na nossa porta da frente. Um lembrete.

Balanço a cabeça. Não é bem um balanço, apenas um leve movimento para a direita e a esquerda. Lento, mas nítido o suficiente para passar a mensagem.

– Hum – diz ele. – Bom, deixe-me ligar para minha esposa e ver o que podemos fazer a respeito de sua menina. Qual é o nome dela?

– Sonia.

– Nome bonito. – O carteiro fala algumas palavras para seu relógio, que solta um bipe assim que ele termina. – Sharon, querida, estou com aquela doutora, aqui em AU Park, e ela precisa de uma ajudinha com a filha. Que tal eu mandá-la aí para casa daqui a pouco? – Outro bipe, e ele encerra a ligação. – Rá-

rá. Pisque uma vez para sim, duas para não, lembra?

Não tenho a mínima ideia do que ele está falando.

– Beleza. É melhor eu continuar com minha rota. Quando vir a Sharon, diga a ela que vou chegar tarde hoje. Preciso fazer um turno extra, ganhar mais um dindim, manter o fogo aceso e todo aquele lixo. Entende o que eu digo?

– Claro – respondo, mas estou começando a achar que o Sr. Carteiro e eu falamos línguas incompatíveis. – E vou deixar meu número, para a gente marcar a consulta da Sra. Ray.

Ele escreve num pedaço de papel couché, de um anúncio.

– Odeio essas coisas. Todo mundo odeia propaganda pelo correio. Mas não posso fazer nada. Bem, o endereço é esse. Sharon vai esperar a senhora.

Pego o papel.

– Obrigada. Faço contato em breve.

E ele vai embora, de volta pelo cascalho da entrada de veículos, desviando-se de poças e assobiando. É um assobio curioso, não é de fato uma música, mas ainda assim é melodioso, e há uma leve familiaridade.

Quando entro, Sonia ainda está assistindo a um desenho animado.

– Não, querida. Vamos desligar isso um pouco.

– Não!

No tempo que demoro para achar o controle remoto, Julia King surge na tela. Está usando um hábito cinza e feio de mangas compridas que vai até os tornozelos, mesmo neste calor. Seu cabelo está curto. Não me lembro de terem feito isso com Annie do Sr. Picape Azul, mas talvez eles tenham mudado alguma coisa, introduzido um novo tipo de humilhação no ritual. O reverendo Carl está ao lado dela, sóbrio e triste, e começa a recitar os trechos relevantes do manifesto dos Puros. “Não penses em ti mesmo, mas nos outros, como Cristo obediente até a morte, mesmo morrendo na cruz como um servo, aceitou seu fardo”, “Se sofreres pelo que é certo, és feliz. Pois é melhor, se assim for a vontade de Deus, que tu sofras. Pois essa aflição, que dura apenas um instante, é tua chave para a luz eterna e a glória no reino do céu”.

Blá-blá-blá-blá-blá.

Sonia se empertiga, mais atenta do que quando estavam passando desenhos.

– Julia? – diz ela.

– Não – minto. – É só uma garota parecida. – Desligo a televisão enquanto o reverendo Carl começa outra das suas asneiras. – Venha, vamos nos arrumar. Vamos ver uns amigos novos hoje.

Faço três coisas. Primeiro obrigo Sonia a escovar os dentes por mais de

cinco segundos. Depois corro para o banheiro e vomito chá e torrada no vaso sanitário. Em seguida, desdobro o panfleto que o carteiro me deu e leio.

Há um endereço. E também um aviso.

Não se surpreenda demais.

TRINTA E OITO

A residência de Sharon Ray é mais um celeiro do que uma casa de verdade, uma velha estrutura de madeira que parece ter sido espancada com um porrete gigantesco.

Sigo dois sulcos de terra que partem da estrada, passo por uma horta do tamanho de uma pequena fazenda e estaciono atrás de um jipe com a placa personalizada. As letras formam a palavra IMPURO.

Sonia solta o cinto de segurança e pula na direção de duas cabras.

– Opa, garotinha, vamos com calma. – Nos 45 minutos que levamos para chegar, expliquei que as meninas com quem ela vai passar o dia talvez não falem muito. – Como na escola. Lembre-se disso.

Mas, na verdade, numa sexta-feira as filhas do Ray devem estar na escola.

Uma porta de tela, torta nas dobradiças, se abre e Sharon sai numa varanda que não é totalmente paralela ao chão. Usa um macacão esgarçado e uma camisa de algodão xadrez. Um lenço azul amarrado na cabeça com o nó virado para cima mantém o cabelo preso, mas não o cobre. Músculos definidos se contraem nos antebraços, onde as mangas da camisa estão enroladas, e numa das mãos ela segura uma chave inglesa. Na outra, um balde de massa corrida.

Sharon Ray poderia ser uma “Rosie the Riveter”, ícone do feminismo americano, se Rosie tivesse quarenta e poucos anos, fosse negra e usasse um contador de palavras prateado no pulso.

Ela sorri da varanda, põe o balde e a chave inglesa no chão e vem até onde Sonia e eu estamos. Em seguida, inclina a cabeça ligeiramente para a direita, na direção de uma construção externa que parece em melhor estado do que a casa da família. Vamos em silêncio até o celeiro. Sonia está com os olhos arregalados para as cabras, as galinhas e as três alpacas que andam soltas pela propriedade.

– O que é aquilo? – pergunta Sonia, apontando para um daqueles bichos peludos.

– Shh.

Sharon sorri de novo, mas não diz nada até chegarmos ao celeiro. Ela desliza uma trave de madeira grossa como a coxa de um homem e empurra a porta. O odor perfumado de feno e não tão cheiroso de esterco me acerta como um tapa.

– Nada como um pouco de merda de cavalo para acordar a gente, não é? – diz Sharon. – Desculpe. Cocô. Às vezes eu esqueço.

– Tudo bem. – Nunca fui de medir palavras perto dos meus filhos.

– Então você é Sonia? – Ela se curva e pega a mão esquerda da minha filha, passando um polegar por onde o contador de pulso de Sonia deveria estar. – Sou a Sra. Sharon, e acho que você e eu vamos ser amigas. Você gosta de cavalos?

Sonia assente.

– Use as palavras, garota. Você tem palavras, não tem?

– Eu disse a ela... – começo.

– Você provavelmente está se perguntando por que eu falo tanto. – Sharon solta a argola prateada do pulso esquerdo e a tira. – É falsa. Del fez para mim no

ano passado, assim que ele descobriu como tirar a de verdade. Fez mais três para nossas meninas. – Ela se vira de novo para Sonia, como se nada que pudesse dizer fosse mais interessante do que os animais de fazenda. – Bom, aquele lá atrás é o Cato. Ao lado está Mencken. E aquela égua ruana cabeça-dura ali do lado é Aristóteles. Que tal dizer olá a eles enquanto eu converso com sua mãe?

Sonia nem precisa ouvir a sugestão duas vezes e corre para a baia de Aristóteles.

– Ela não vai morder, vai? – pergunta, indicando a égua.

– Não, a não ser que eu mande. – Sharon se vira para mim. – A senhora parece surpresa, Dra. McClellan.

– Pode me chamar de Jean. Acho que estou.

– Del é um engenheiro usando roupas de carteiro. Ajeitou as coisas todas aqui para parecer que estamos seguindo nos trilhos, direitinho e quietos. É um homem bom, o meu Del, mesmo sendo um branquelo da cidade. Venha cá, vou lhe mostrar uma coisa.

Ela me guia, passando por Cato e Mencken, nomes estranhos para cavalos, penso – mas não tão estranho quanto dar o nome de um filósofo clássico a uma égua – e abre uma porta nos fundos do celeiro.

A oficina de Del é ao mesmo tempo um laboratório e a antítese de qualquer laboratório que já vi. A maior parte das máquinas parece ter sido montada a partir de peças de videogames e equipamentos de cozinha. À direita há um velho projetor de slides que foi estripado; à esquerda, numa bancada limpa, estão cinco CPUs da década de 1980, com cada pecinha muito bem enfileirada.

– O que ele faz aqui? – pergunto.

– Um pouco de tudo.

– Por quê?

Sharon me encara.

– Precisa mesmo que eu responda? Dê uma boa olhada em mim, Jean. Eu sou negra.

– Deu para notar. E daí?

– E quanto tempo você acha que vai se passar até que o reverendo Carl e suas sagradas ovelhas Puras ponham na cabeça que não são só as mulheres e os homens que foram feitos diferentes aos olhos de Deus, mas também os negros e os brancos? Você acha que os casamentos inter-raciais como o meu fazem parte do plano? Se acha, não é tão inteligente quanto eu imaginava.

Sinto que estou ficando vermelha.

– Nunca pensei nisso.

– Claro que não. Olha, não quero ser grosseira, mas vocês, mulheres brancas, só estão preocupadas com... bom... só estão preocupadas com vocês, mulheres brancas. Eu tenho mais coisas com que me preocupar que não se resumem a ter apenas cem palavras por dia. E tenho minhas meninas. Nós ainda as mandamos para aquela escola e fazemos o que podemos nos fins de semana, até bolarmos um modo de atravessar a fronteira, mas Del e eu sabemos que a maré está vindo. Acho que antes do fim do ano vamos começar a ver mais do que escolas separadas para garotos e garotas. E, como agora, elas não vão ser iguais.

Não há emoção em sua voz, nenhuma autopiedade, só uma observação fria e calculada, como se estivesse passando uma receita ou dando a previsão do tempo. Eu é que estou suando.

– Enfim – diz Sharon, abrindo uma caixa de isopor e pegando um punhado de cenouras grossas.

Ela as dá aos cavalos, mostrando a Sonia como estender a mão com a palma para cima de modo que os animais possam pegar o alimento sem morder a mão junto.

– Que tal ir trabalhar enquanto Sonia e eu cuidamos um pouco da fazenda? Eu gostaria de falar com minha mãe. Na verdade é com a mãe do Del, mas ela é a única que tenho agora.

– É. Eu também gostaria.

Explico a ela sobre minha mãe e seu aneurisma.

– Parece que nós duas estamos no mesmo barco, Jean. – Sharon pega Sonia pela mão. – Mas não invejo sua posição. Assim que você conseguir a cura, aquela pulseirinha vai voltar. Se não fizer isso, sua mãe vai continuar balbuciando. Uma coisa ou outra, apenas uma opção para um freguês, como meu pai gostava de dizer.

– Eu poderia marcar um horário no início da semana que vem. Talvez na terça, o que acha?

– Seria ótimo.

Trocamos números, e Sharon me diz que Del vai ligar no fim de semana, se não for problema.

– Enquanto isso – continua ela –, não diga nada sobre nossa conversinha aqui, está bem? Del tem muito a perder como moleque de recados da resistência. Não quero que ele se encrenque. Nem ninguém.

– Há uma resistência?

O mundo parece doce quando digo isso.

– Querida, sempre há uma resistência. Você não cursou faculdade?

Enquanto voltamos para a casa, a mulher ao meu lado se parece cada vez mais com Jackie. Imagino-a erguendo cartazes e organizando manifestações enquanto eu ficava em casa com o nariz enfiado nos livros, ou enquanto Patrick e eu íamos comer cheeseburger e revirávamos os olhos para o último protesto no campus. Sharon, mesmo com suas botas enlameadas e o macacão rasgado, faz com que eu me sinta suja.

– Se não for muito tarde, venho pegá-la às seis – digo, antes de dar um beijo de despedida em Sonia.

– Tudo bem. Estaremos aqui.

No caminho para a consulta com meu médico, penso em Del, meu carteiro, levando mensagens para algum grupo clandestino de pessoas anti-Puros, e rio.

É claro que usariam um carteiro.

TRINTA E NOVE

É oficial: estou grávida.

O ginecologista que substituiu a Dra. Claudia na clínica diz que estou com mais ou menos dez semanas. A gente nunca sabe de verdade quando a concepção acontece, comenta ele antes de me entregar um envelope lacrado, endereçado a Patrick. Contém a data da minha próxima consulta, alguns textos informativos, um calendário de etapas e outras informações que eu posso considerar útil. É

isso que ele me diz.

Minhas palavras jorram feito um gêiser: – E se houver alguma complicação? Dor inesperada? E se eu precisar descrever sintomas?

Só consigo pensar no que vai acontecer quando o contador voltar a ser colocado.

O que não falo é: *E se eu não quiser esse bebê?* Já sei a resposta.

O Dr. Mendoza espera que eu termine, com o olhar calmo, a boca curvada ligeiramente para baixo. Não sei se essa minha explosão o irrita ou provoca simpatia.

– Sra. McClellan... – começa ele.

Não diz “Dra.”, nem “professora”.

– A senhora é uma mulher saudável e nós captamos um batimento cardíaco forte, regular. Está em idade avançada para ser mãe, o que me preocuparia se fosse sua primeira gravidez. Mas não é. A senhora não tem com que se preocupar. Confio que irá até o final e, vejamos... – ele faz uma pausa, gira alguns mostradores naquela rodinha que os médicos usam, mesmo tendo computadores para fazer o serviço – dará à luz um bebê saudável mais ou menos em 20 de dezembro deste ano. Um belo presente de Natal.

Não quero um bebê saudável mais ou menos em 20 de dezembro deste ano. Não quero um bebê. Especialmente se for menina.

– O Sr. McClellan terá todas as informações. – Ele dá um tapinha no envelope. – Ele estará atento aos sinais de problema: perda de apetite, alterações no tom da pele ou no peso, e assim por diante. E vamos monitorar seu progresso regularmente. Se a senhora quiser, posso marcar uma coleta de amostragem de vilosidades coriônicas para o início da semana que vem. Então a senhora ficará sabendo qual é o sexo do bebê. – O médico consulta um horário em seu iPad. – Que tal segunda-feira de tarde?

Eu assinto. Segunda-feira, quarta-feira, mês que vem, 20 de dezembro. É melhor descobrir logo.

Agora ele dá um tapinha no meu joelho. Um tapinha paternal. O tipo que você concede a um cachorro bem-comportado. Eu gostaria de erguer meu pé e acertar sua genitália. Poderia dizer que foi um reflexo involuntário, um espasmo.

– Certo. Combinado. Parabéns, Sra. McClellan.

Ele sai e eu visto rapidamente a calcinha, a calça jeans, a blusa. O cheiro de látex e desinfetante nesta sala ficou insuportável. Minha vagina está escorregadia com gel lubrificante ou sei lá o que eles usam para o ultrassom, porque não me demoro limpando. Não consigo respirar aqui. Não consigo respirar.

Volto para casa pelo caminho mais longo, parando numa loja de conveniência para pegar um maço de Camels. Eu poderia fumar até expulsá-lo, penso, envenenar o pequeno palácio, praticar teratologia básica na privacidade do meu lar. Aborto no velho estilo. Mas aborto não é uma opção.

Não é só por causa do reverendo Carl e seu bando de fanáticos. Eles precisam impor limites na escolha por outros motivos, mais pragmáticos. Do modo como as coisas estão, como as mulheres são, ninguém desejaria uma menina. Nenhum pai ou mãe quer escolher a cor de um contador de pulso para uma criança de três meses. Eu não quero.

Dentro de três dias saberei se vou precisar.

QUARENTA

Quando chego ao trabalho, Lorenzo e Lin estão no laboratório, as cabeças próximas, discutindo sobre extrações de proteínas e se precisamos acrescentar um primata ao zoológico de animais de laboratório.

– Não precisamos – respondo. – Temos é que verificar a segunda sala de ressonância.

Não há motivo para tal, pois Lin já fez isso. Mas eu estive perto das

máquinas por tempo suficiente e ouvi um paciente depois do outro reclamar do barulho, mesmo com a proteção auricular. Deitar-se num tubo de ressonância é como se aninhar perto do amplificador enquanto Eddie Van Halen faz a guitarra uivar num solo. Em outras palavras, é quase doloroso.

Quando estamos todos na sala, ligo a máquina. A força de um campo magnético sessenta vezes maior do que o da Terra faz meu corpo estremecer. Acima dos 125 decibéis de ruído capaz de rachar os tímpanos, conto a eles sobre minha mãe e o envelope que encontrei no escritório de Patrick na noite passada.

– Três equipes? – grita Lin. – Tem certeza?

– Tenho! – Minha voz é quase inaudível, mas Lin entende. – De qualquer modo, nós já terminamos. Eu tenho todos os números em casa e quero fazer a primeira tentativa com a Sra. Ray na terça-feira. Na segunda, se conseguirmos aprontar tudo. Isso quer dizer que teremos de trabalhar no fim de semana, aplicar o soro em alguns ratos. Ou melhor, Lin pode aplicar em alguns ratos.

– Eu sabia que você tinha terminado – diz Lorenzo, e me abraça, o que parece maravilhoso e medonho ao mesmo tempo. – Vi isso em seus olhos naquele dia em Georgetown.

Certo. Imagino o que mais ele viu nos meus olhos.

– Lin, preciso de um minuto sozinha.

Ela levanta uma sobancelha, mas não diz nada. Num momento, Lorenzo e eu estamos sozinhos na sala de ressonância.

– Tenho uma notícia. Não é muito boa – digo acima do barulho.

Não sei quando nem por quê, mas decidi contar a ele.

O rosto de Lorenzo fica branco como as paredes. Ele dá um soco na máquina atrás de nós, e o barulho fica irregular, depois volta ao normal. Um jorro de palavrões em italiano enche a sala.

– O que é, Gianna? O que você tem?

– Não. Não estou doente. Bom, também não estou bem, mas...

Ele verifica todos os cantos da sala, examina o piso de ladrilhos e a unidade de ventilação no teto. Durante cinco minutos inteiros fico parada num mar de ruídos enquanto Lorenzo passa um pente-fino ao nosso redor. Quando fica satisfeito, ele vem até mim, enfia os dedos compridos no meu cabelo e me beija. Suas mãos descem, acariciando meu pescoço, tocando silenciosas notas musicais nas minhas costas. A pele sob a blusa fica formigando e se arrepia, e agora estou perdida no beijo, sou toda feita de lábios, língua, saliva e amor silencioso, e não é um beijo de Patrick e, sim, de Lorenzo.

Não quero sair nunca mais deste lugar.

Quando nos separamos, nós dois estamos sem fôlego. Sua ereção faz pressão no meu baixo-ventre, como se ele estivesse sondando o que há dentro, que segredos esconde naquele lugar escuro e feminino.

Passa-se um tempo até que um de nós fale.

– É meu? – pergunta ele, movendo-se ligeiramente até haver espaço para sua mão onde aquela outra parte dele estava. – Gianna, diga.

Já repassei os números e não precisei de calculadoras nem planilhas. Há dez semanas houve um dia frio em março em que fui ao Eastern Market comprar um pedaço de queijo e voltei para casa com Lorenzo no meu corpo depois de uma tarde em nossa pequena cabana em Maryland. Cabana do amor, cabana do caranguejo, cabana do bebê. Fazia um tempo que Patrick e eu não dormíamos juntos.

– É – sussurro.

Ele me puxa para perto. Desta vez é tudo suavidade: sem arestas, sem sondagem, só um quente casulo de lábios, abraços e nossa respiração misturada. Estou segura aqui, nesta sala estéril com seus superímãs, seu barulho ensurdecador e nenhuma câmera para nos vigiar ou gravadores para captar sons. Durante alguns momentos somos só nós dois. Não tenho filhos nem marido, apenas Lorenzo e o bebê dentro de mim, e uma necessidade desesperada de permanecer assim.

– Estou trabalhando nisso, Giana – diz ele no meu ouvido. – Estou trabalhando nisso.

Quero perguntar em que ele está trabalhando. Se tem alguma coisa a ver com o dinheiro e o projeto pessoal sobre o qual falou ontem. Quero perguntar se ele encontrou uma saída para mim, para Sonia, para nosso bebê. Isso implicaria abandonar Patrick e os garotos, talvez temporariamente, talvez até eles poderem viajar para me encontrar. E aí? Patrick me aceitaria desse jeito? Nós voltaríamos ao normal em algum lugar novo? Será que Steven ao menos falaria comigo de novo?

Mas isso são apenas devaneios. Não há escapatória.

De repente cada nova pancada da máquina é a voz de Jackie dizendo: *Eu te avisei. Eu te avisei. Eu te avisei.*

QUARENTA E UM

As pancadas da máquina de ressonância param.

– Acabou, pessoal – diz Lin. – Temos visita. Ainda bem que levantei a cabeça no momento certo. Aquele tal de Poe não faz absolutamente nenhum som. Zero. É a porra de um vampiro.

Solto-me dos braços de Lorenzo com força suficiente para me jogar para trás, contra a parede. Meus ouvidos zumbem com as pancadas monótonas da

máquina e as palavras de Jackie. Lin, o retrato da calma, pega minha mão e me leva para a área principal do laboratório.

– Que diabo foi isso? – pergunta Poe. – Parecia que a porcaria do prédio estava desmoronando.

– Ressonância magnética – responde Lin. – O barulho é assim mesmo.

Poe resmunga.

– Por que ela estava ligada? As outras não estão.

– Só temos mais uma – digo, olhando para a primeira sala de ressonância.

Em vez de responder, Poe começa a percorrer lentamente o laboratório, abrindo gavetas e armários. Não faz nenhum som, como Lin disse, e me ocorre que, se ela não estivesse ali enquanto Lorenzo e eu nos agarrávamos ao som de uma máquina barulhenta, eu iria me juntar a Julia King num tablado enquanto o reverendo Carl recitava seus tratados moralistas. Nunca teríamos ouvido Poe entrar até ser tarde demais.

Pela expressão de Lorenzo, essa possibilidade também lhe ocorreu.

– Morgan quer conversar com você na sala dele – diz Poe a mim. – Agora.

Deixo o número de Sharon com Lorenzo e Lin, dizendo para eles marcarem um horário na manhã de segunda-feira. Com sorte estaremos prontos no fim de semana, e eu quero a Sra. Ray aqui quanto antes. Se eu conseguir devolver a voz dela, Sharon e Del podem ser mais receptivos ao favor que planejo pedir.

No elevador, Poe enfia o crachá numa fenda e aperta o botão do quinto andar. É a primeira vez que noto essa fenda e presumo que apenas os andares com nossas salas e o laboratório são acessíveis sem chave. A porta se abre e Poe estende a mão.

– Por aqui – diz.

O corredor do quinto andar é luxuoso, mais como um hotel cinco estrelas do que um prédio de pesquisa do governo. Meus sapatos não fazem som no carpete grosso – azul, naturalmente, a cor dos puritanos. Enquanto andamos, leio os nomes nas portas: General Fulano, Almirante Fulano, Dr. Fulano... Todos homens. Alguns me olham pelas portas semiabertas. Um deles faz uma carranca.

Morgan está sentado à mesa quando Poe bate. Ele grita numa vozinha que tenta fazer com que pareça retumbante: – Entre!

Sinto vontade dizer que isso não funciona.

– Onde você esteve hoje de manhã? – pergunta ele sem levantar os olhos do que quer que está lendo.

– Tive um problema familiar. Uma vizinha deveria cuidar da minha filha e...

Ele me interrompe, fechando o grosso fichário sobre a mesa, colocando um caderno vazio em cima para esconder a etiqueta. Então se recosta com as mãos atrás da cabeça, os cotovelos apontando para fora. Talvez pense que parece maior assim, mais poderoso.

– Veja bem, é por isso que o modo antigo não funcionava. Sempre há alguma coisa. Sempre alguma criança doente, uma peça de teatro na escola, cólicas menstruais ou licença-maternidade. Sempre havia um problema.

Abro a boca, mas não para falar. Fico de queixo caído, incrédula.

Só que Morgan não terminou. Ele pega uma caneta e começa a balançá-la.

– Você precisa colocar isso na cabeça, Jean. Vocês, mulheres, não são confiáveis. O sistema não funciona como antigamente. Veja os anos cinquenta. Tudo estava ótimo. Todo mundo tinha uma bela casa, um carro na garagem e comida na mesa. E as coisas ainda funcionavam bem! Não precisávamos de mulheres na força de trabalho. Você vai perceber isso assim que superar toda essa raiva. Vai ver que será melhor. Melhor para os seus filhos. – Ele baixa a caneta. – De qualquer modo, não vamos falar disso. Seja uma boa menina e chegue às nove a partir de agora, assim não preciso reportar nada.

– Eu tenho as sextas-feiras de folga – digo. – Está no meu contrato.

Preciso de todo o autocontrole para manter a voz firme e as mãos paradas.

– Bom, eu mudei seu contrato – replica ele, batendo numa pasta sobre a mesa. Ainda não pediu que eu me sentasse. – Antes de você assinar. E estamos adiantando o prazo final para a terceira semana de junho.

– Por quê?

Agora ele fala como um professor se dirigindo a uma criança pequena: – Jean, Jean, Jean... Você não precisa saber.

– Ótimo, Morgan. Que seja. Por sinal, nós vamos trabalhar no fim de semana e fazer um teste no primeiro paciente nesta segunda ou terça.

Eu me sento na cadeira diante dele.

Morgan parece chocado.

– Surpreso?

– É, estou. Eu não achava...

– Não achava o quê, Morgan? Que Lorenzo, Lin e eu poderíamos fazer com que isso desse certo? Qual é! Você trabalhou com a gente. Sabe que Lin é um gênio.

Não digo: *você provavelmente precisou baixar a cadeira da sala dela para encostar os pés no chão*. Não seria bom deixá-lo puto da vida quando eu precisava de um favor.

Ele me examina com aqueles olhos pequenos, brilhantes e alertas, como os de um terrier. Quer dizer, não, os terriers são inteligentes.

– Isso é fantástico, Jean. Simplesmente fantástico. – Ele se levanta, uma indicação de que a visita terminou. – Eu sabia que conseguiríamos.

Não o corrijo. Em vez disso, largo a bolsa. Quando me inclino para pegá-la, consigo ler a etiqueta na lombada do fichário que Morgan cobriu. Está de cabeça para baixo, mas as duas palavras são nítidas, letras de fôrma azuis em um fundo branco.

Está escrito PROJETO WERNICKE.

QUARENTA E DOIS

Poe, cujo trabalho parece abarcar tudo, desde oficial de segurança até babá e acompanhante de escritório, está esperando do lado de fora da sala de Morgan para me levar de volta ao laboratório. Eu o acompanho pelo corredor de generais, almirantes e doutores, seguindo pelo carpete azul até os elevadores. Na cabine, ele usa de novo seu cartão-chave.

Não precisei do crachá para acessar o nível do laboratório, então essa deve

ser a única saída do quinto andar. *Claro que é*, penso. Eles devem querer saber quem está saindo, e a que horas.

Ou querem impedir qualquer pessoa de sair.

Na descida, penso no fichário que vi na sala do Morgan. No total, minhas pastas junto com as de Lorenzo e as de Lin encheriam vários fichários. Tínhamos material de referência, estatísticas, projetos experimentais, pedidos de verba, relatórios de progresso – toda a parafernália acadêmica. Os documentos do Conselho de Revisão Institucional lotariam sozinhos um armário: toda a papelada, o material de divulgação, os formulários de consentimento dos participantes que recolhemos para garantir à universidade que não causaríamos outro escândalo, como aconteceu com os experimentos de sífilis em Tuskegee com pessoas que nem sabiam que eram cobaias.

Não haveria um único fichário do “Projeto Wernicke”; haveria uma centena, abrigando anos de pesquisas.

Mas Morgan tinha apenas um, e não estava rotulado com um número indicando sua posição numa sequência.

Além disso, a lombada estava gasta. Evidentemente o fichário de Morgan era bem usado.

Penso nisso enquanto o elevador começa a descer e Poe permanece quieto atrás de mim, ligeiramente à esquerda. É tão silencioso que parece não respirar.

Em primeiro lugar, existem três equipes: Branca, Dourada e Vermelha. Isso eu fiquei sabendo ao espionar o escritório de Patrick ontem à noite. Agora os lapsos de Poe sobre nossa equipe e os outros aparelhos de ressonância fazem sentido: outras equipes significam outros laboratórios. Outros laboratórios significam outros projetos.

Em segundo, nosso equipamento não foi instalado três dias atrás. De jeito nenhum. Esse projeto – por maior que seja, e o que quer que ele abarque – está sendo montado há meses.

Em terceiro, o fichário de Morgan tem a lombada gasta.

Vejo meu reflexo no aço polido das paredes do elevador e percebo que estive falando sozinha. Poe também está no reflexo, fazendo com que eu pareça uma anã. Ele tem um levíssimo sorriso no rosto, uma lasca de sorriso, e penso nos dentes afiados que devem estar por trás. Suficientemente afiados para me estraçalhar sem fazer nenhum ruído.

– Chegamos.

A voz me choca. Seu eco, frio e baixo, reverbera nas paredes do elevador. Forço mentalmente a porta a se abrir, e depois de alguns segundos intermináveis

é o que elas fazem, dando para o corredor branco do andar do laboratório. Meu cartão-chave ainda está dentro da bolsa, enterrado embaixo do batom, da carteira e de todas as outras bostas que meus dedos acham primeiro.

Lorenzo, penso. Preciso encontrar Lorenzo.

O salto do meu sapato fica preso no vão entre o piso e o elevador; saltos altos são coisas idiotas. Jackie sempre disse que eles eram tão sinistros quanto o antigo costume chinês de atar os pés para não crescerem. *Porra de saltos altos. Criados por algum escroto para atrapalhar as mulheres, fazer com que elas andem dois passos atrás dele*, dizia ela, girando o pé calçado com sandália, sentada num sofá. Mas nesse momento não estou andando para lugar nenhum; estou caída de cara no chão, metade no elevador, metade no corredor. Mais do que atrapalhada.

De cara no chão, vejo a porta fechada do laboratório a apenas 3 metros de distância e me levanto com dificuldade. Uma mão fria, pesada como um gancho de frigorífico, segura meu braço.

– Estou bem – falo, rouca. Ou acho que estou.

– Cuidado, Dra. McClellan – diz a voz pertencente ao gancho.

Agora estou de pé segurando o crachá, correndo para a porta principal do laboratório, com passos às minhas costas. Poe não está tão silencioso quanto antes. Passo o cartão na fenda; nada acontece.

Há um riso atrás de mim, um riso suave que me faz dar um pulo e largar o cartão.

E aquela mão de novo, os dedos compridos se cravando no meu ombro, virando-me.

– Você está bem, Gianna?

Mergulho o rosto no peito de Lorenzo. Atrás dele o corredor está vazio. Poe sumiu.

QUARENTA E TRÊS

Não podemos nos arriscar a ligar a máquina de ressonância de novo, por isso Lin e Lorenzo sugerem um plano diferente quando falo que precisamos conversar.

– Você está passando mal – diz Lin enquanto nos aproximamos do posto da segurança. – Vamos levá-la até seu carro.

Ela está à direita, fingindo me apoiar, e o braço de Lorenzo envolve minha cintura. Nossas bolsas e pastas são revistadas, e um homem uniformizado – do Exército, acho, mas pode ser um fuzileiro – nos revista, um de cada vez.

– Estão limpos – rosna ele para outro homem, e uma luz acima da porta muda de vermelho para verde. – Tenham um bom fim de semana.

O soldado diz isso como se não tivesse acabado de passar cinco minutos nos apalpando, como se este fosse qualquer outro prédio em Washington.

A porta dupla desliza, deixando que a gente saia para a tarde do fim de maio. Lorenzo não me solta, apenas me segura com mais força, encostando o quadril no meu. Alguém provavelmente está olhando das janelas cinco andares acima, por isso eu paro e me dobro ao meio, com as mãos apoiadas nos joelhos, como se estivesse recuperando o fôlego. Não é difícil fingir.

– Todos os projetos têm códigos de cor – digo, mantendo o foco no asfalto. – Um vermelho, um dourado. A nossa equipe é a branca.

– Morgan lhe disse isso? – pergunta Lorenzo.

– Até parece. Morgan só queria me dar um sermão sobre como o mundo era perfeito quando as mulheres ficavam em casa. Morgan não me disse nada, mas ele tinha um fichário grosso, que tentou esconder. Não adiantou, claro. Morgan é duas vezes mais idiota do que parece.

– Você pode perguntar a Patrick? – sugere Lin, agachada ao meu lado no estacionamento, de costas para o prédio. – Não, deixa pra lá. Você pode voltar ao escritório dele e dar outra olhada?

– Talvez. Patrick tem bebido mais ultimamente e hoje é sexta-feira. Talvez eu possa conseguir alguma informação.

Digo isso sem saber realmente de onde as palavras estão vindo. Esses pensamentos de espiã não podem ser meus. Jackie provavelmente bolaria um esquema para embebedar o marido e abrir as gavetas dele, mas não Jean. Em dezessete anos de casamento, nunca xeretei os papéis de Patrick, sejam pessoais ou profissionais, nunca procurei pistas de alguma amante ou de uma pulada de cerca. Certa vez, quando não consegui encontrar minha agenda, achei que tinha deixado no carro dele. Mesmo assim, enquanto abria a porta do lado do motorista, me senti uma invasora.

– Nós não escondemos segredos um do outro, amor – disse Patrick quando contei sobre a agenda perdida. – Nunca escondemos, nunca vamos esconder. Não me importo se você entrar no meu carro. Pode xeretar quanto quiser. Mas talvez você ache um lenço sujo no porta-luvas, portanto tenha cuidado. Piolhos, sabe. – Ele brincou com os dedos subindo e descendo de leve pelos meus braços enquanto dizia isso. – Cuidado com os piolhos irlandeses!

Claro, por acaso sou eu que tenho segredos. Um segredo italiano de mais de 1,80 metro.

Corrigindo: dois segredos. Um deles é mais ou menos do tamanho de uma laranja.

– É melhor eu ir – falo.

Vou demorar quase uma hora até chegar à pequena fazenda de Sharon Ray, e quero passar na casa de Olivia King antes do jantar, ligar para o hospital onde minha mãe está internada e – *não esqueça, Jean* – embebedar meu marido para roubar documentos secretos do governo em seu escritório. Um bocado de coisas para uma noite de sexta-feira.

Lorenzo me ajuda a entrar no Honda – não que eu precise, mas assim confere mais veracidade ao fingimento. Também dá a ele a oportunidade de falar sem que Lin ouça: – Você contou a ele?

– Não.

– Vai contar?

– Ele é médico. Vai saber que o filho não é dele.

O rosto de Lorenzo exibe uma expressão interrogativa.

– Nós não... Nós tivemos alguns meses pouco ativos.

Ele sorri.

– Sei. Então não há dúvida?

– Absolutamente nenhuma.

Já sinto o ligeiro volume, sinto o lugar onde a cintura da minha saia aperta mais do que há duas semanas. Cedo ou tarde – cedo, acho – não terei opção a não ser contar a Patrick.

Ele não vai me “dedurar”, como diria Steven. Sei disso. Mesmo se ele quisesse, a notícia atropelaria as crianças como um trem descarrilhado. Esse trem continuaria vindo, inesperadamente, na forma de um intruso enquanto Sonia assistisse a desenhos animados, durante um jogo de futebol, entre trechos de notícias na CNN. A escola se tornaria uma caminhada diária pelo inferno. Patrick saberia disso e ficaria em silêncio.

Mas a coisa, aquela *coisa* indizível, sempre pairaria sobre nós como uma

nuvem de tempestade. Não, não pairaria. Iria engatinhar, aprender a andar, iria rir e ser uma lembrança viva de como passei uma tarde fria de março fodendo com Lorenzo. E fodendo todo o resto.

– O projeto em que eu falei que estava trabalhando... Talvez fique sabendo alguma coisa na segunda-feira – diz Lorenzo, me trazendo de volta ao estacionamento. – Espere até lá, está bem?

– O que é?

Lorenzo se empertiga, afastando a mão da minha.

– Ei, vocês dois – fala uma voz. – O que está acontecendo?

Poe está parado na frente do Honda, os braços cruzados diante do peitoral enorme, os óculos de aviador obscurecendo os olhos. Odeio Morgan, mas a única pessoa de quem morro de medo é esse gigante silencioso chamado Poe.

Consigo dar um sorriso, colocar o carro em marcha a ré e ir embora sem encará-lo.

QUARENTA E QUATRO

Nunca deixe uma criança visitar uma fazenda, penso enquanto levo Sonia de volta para casa. Ela vai querer ficar lá para sempre.

Livre do contador há apenas dois dias, Sonia desenvolveu o dom da tagarelice. A fala contínua sobre Aristóteles, a égua – que na verdade é “um cavalo menina com nome de menino”, informa Sonia –, só é interrompida por uma narrativa sobre galinhas marrons que põem ovos marrons e galinhas brancas

que põem ovos brancos. Ela mal pode esperar para voltar no dia seguinte, e imagino se deveria tê-la deixado passar a noite com os Ray.

Não, é melhor trazê-la para casa. Se o teste com Delilah Ray correr bem na segunda-feira, talvez eu não tenha mais do que uma semana para falar com minha filha.

Eu planejava perguntar se Del faria por nós o mesmo favor que tinha feito pela sua família, retirar os contadores de pulso e substituí-los por falsos, mas não fiz isso. Ainda não. Uma vizinha fica me lembrando de Steven. Ele entrou nessa história de Puros de cabeça. Além disso, os gêmeos poderiam deixar escapar alguma coisa, revelar o segredo na escola. Não posso correr esse risco.

Enquanto seguimos de carro, a paisagem muda de rural para suburbana. Todas aquelas casas são pequenas prisões, penso, e dentro delas existem celas na forma de cozinhas, lavanderias e quartos. As palavras de Morgan voltam a mim, sua fala casual sobre como as coisas eram melhores antes, muito tempo atrás, quando os homens trabalhavam e as mulheres ficavam em suas esferas particulares, cozinhando, fazendo faxina e bebês.

Não creio que eu realmente acreditasse que isso um dia aconteceria. Acho que nenhuma de nós acreditava.

Depois da eleição começamos a acreditar. Algumas participaram de um protesto pela primeira vez na vida. As mulheres, na maior parte, foram a ponta de lança da campanha anti-Myers. Nós nos apinhamos em ônibus e vagões de metrô, congelando no inverno de Washington. Lembro que também havia homens. Barry e Keith, que juntos tinham três décadas de luta pelos direitos dos gays, passaram um sábado pintando cartazes na casa deles, pertinho da nossa; cinco alunos de pós-graduação do nosso departamento disseram que estavam do nosso lado. E ficaram mesmo, durante um tempo.

É difícil identificar contra o que – ou quem – estávamos protestando. Sam Myers era uma opção terrível para presidente. Jovem e inexperiente em políticas importantes, com formação militar de um ano no curso preparatório de oficiais da reserva na época de faculdade, Myers fez sua corrida presidencial apoiado em duas muletas. Bobby, seu irmão mais velho e senador de carreira, dava os conselhos práticos, um monte de bosta. A outra muleta era o reverendo Carl, fornecedor de votos, o homem a quem as pessoas ouviam. Anna Myers, bonita e popular, não prejudicava a campanha, se bem que no final a campanha a prejudicou. Muito.

Nossa única esperança de verdade foi o Supremo Tribunal. Mas, com um lugar vazio numa bancada que já tendia para a direita e mais duas aposentadorias

se aproximando, os juízes do Supremo não ofereceram muita resistência. Mesmo agora dizem que vão demorar meses até que o punhado de ordens de restrição percorram o sistema labiríntico. Se é que vão percorrer.

Patrick tolerou minha ausência há dois invernos, requentou sopa e outras refeições simples, cuidou das crianças nos fins de semana enquanto eu ia a passeatas, dava telefonemas, escrevia e protestava. Ele não parecia exigir explicações nem pedidos de desculpa, não como Evan King, o vizinho, faria se Olivia decidisse de repente carregar cartazes contra o governo. Patrick e eu tínhamos uma compreensão tácita da direção que nossa vida – minha vida – poderia tomar se eu ficasse quieta.

A tolerância não se estendia aos que estavam no comando, aos homens para quem Patrick trabalha.

Houve barulho, e muito mais alto do que o que eu fazia.

Num dia em que as magnólias estavam carregadas de estrelas brancas – posso apontá-lo no calendário (frequentemente fiz isso naquele primeiro ano depois da colocação dos contadores) –, Patrick mandou as crianças mais cedo para a cama e me levou para o quintal, embaixo da copa das árvores.

– Ouvi coisas no café – disse ele, me abraçando, sussurrando. – A administração está discutindo meios de fazer vocês se calarem.

– Vocês quem?

– Todas as mulheres. Portanto, me faça um favor e não vá à passeata da semana que vem, até o Capitólio. Deixe as outras mulheres irem, se quiserem, mas fique no seu laboratório, Jean. O trabalho que você faz é importante demais, é muito...

Bati a palma da mão num tronco de árvore, interrompendo-o.

– E o que, exatamente, eles estão planejando? Laringectomia forçada? Cortar nossa língua? Pense, Patrick. Você também é cientista. Ninguém pode calar metade da população, nem mesmo aquele sacana para quem você trabalha.

– Escute, eu sei mais do que você, Jean. Fique em casa conosco desta vez.

Acima de nós, um vento forte afastou as nuvens. Os olhos de Patrick, suaves e úmidos, refletiram o luar.

Naquele fim de semana, não fui à passeata. E em nenhum outro.

Mas no dia seguinte contei à minha ginecologista, a Dra. Claudia, o que Patrick dissera. Contei a Lin e às mulheres do meu clube de leitura, à minha instrutora de ioga. A todo mundo. Quanto mais eu contava, mais o aviso parecia absurdo, como uma história mal escrita de ficção científica, o tipo de coisa que a gente vê nos filmes. Sombria e soturna, a Dra. Claudia retrucou: – Isso nunca vai

acontecer.

Lin replicou esse sentimento um dia em sua sala.

– Economia simples – disse ela. – Imagine cortar a força de trabalho pela metade assim – ela estalou os dedos –, da noite para o dia.

– Talvez a gente devesse ir embora. Na Europa é melhor. Eu tenho um passaporte e posso conseguir um para Patrick e as crianças. A gente poderia...

Ela me interrompeu:

– E o que você vai fazer na Europa?

Eu não sabia.

– Vamos pensar em alguma coisa.

– Olha, Jean, eu odeio o desgraçado. Odeio todos eles. Mas aquele reverendo Carl é uma piada. Dê uma boa olhada nessa cidade. Você vê alguém que acredita de verdade no papo furado dele?

– Minha vizinha acredita.

Ela se debruçou na mesa, erguendo o indicador.

– Isso é uma amostra única, Jean. Única. Você sabe o suficiente sobre estatística para não ligar para um caso único.

Lin estava certa e errada ao mesmo tempo. Minha vizinha Olivia era uma criatura isolada, mas só era isolada aqui em Washington. O que Lin não pensou – o que nenhuma de nós pensou – foi em como nossa cidade era uma bolha, como era diferente do resto do país, de caipiras barbudos e comunidades cristãs brotando feito ervas daninhas. Havia um documentário sobre um desses lugares, *Glorytown* ou *Gloryville*, ou algo assim, onde todas as mulheres usavam vestidos azuis bonitos com gola alta, seguiam dietas especiais e ordenhavam vacas. Quando entrevistado, o diretor disse que era “excelente”.

Jackie já tinha feito a referência à bolha, aquela observação irônica sobre mim em meu laboratóriozinho seguro, e a acompanhou com uma cesta de presentes de infeliz aniversário que estouravam: chiclete de bola, balões, espumante. Ela pediu – parece que foi há um milhão de anos – que eu pensasse no que faria para continuar livre.

O que eu faria?

Lorenzo tem um plano, eu sei. Um plano que custa muito dinheiro, mais do que ele poderia poupar como acadêmico. Não ousa ter esperança de que seja uma passagem para fora do país, um passaporte falsificado, algo assim. Mas estou pensando exatamente nessas coisas enquanto sigo pela nossa rua e passo pela antiga casa de Annie Wilson, agora habitada por um homem e um menino enquanto Annie trabalha longas horas em alguma terra de ninguém.

Circunstâncias extraordinárias exigem ações extraordinárias.

– Mamãe, olha! – grita Sonia. – Mais luzes!

Estamos diante da casa dos King, e desta vez o furgão é de fato uma ambulância.

QUARENTA E CINCO

Julia King não foi a primeira garota a ser vítima da polícia de fornicação do reverendo Carl, e Olivia não foi a primeira mãe que viu a filha ser levada no meio da noite para reaparecer na TV, transformada, no dia seguinte.

E Olivia também não foi a primeira mulher a tentar escapar. Eu as vi no mercado, as freguesas de sempre que desaparecem e voltam depois de uma semana, com o olhar meio entorpecido, os curativos nos pulsos surgindo por

baixo das mangas quando levantam a mão para pegar uma lata de ervilhas ou sopa de frango numa prateleira alta.

E houve enterros, claro, nem todos de homens e mulheres idosos que morreram de causas naturais.

O carro de Evan ainda estava na garagem hoje cedo, quando saí com Sonia. Presumi que ele tinha permanecido para consolar a esposa – não que eu acredite que Evan seja capaz de dar muito consolo. Talvez tenha permanecido para vigiá-la até que fossem tomadas as providências para prevenir qualquer tipo de suicídio ou que Olivia ficasse dopada o suficiente para não cair em tentação.

Paro e mando Sonia para dentro de casa assim que a maca sai pela porta da frente dos King.

– Vá para a sala de TV assistir a alguma coisa com seus irmãos, está bem?

– Por quê?

Por quê? *Porque o corpo de Olivia King está naquela maca.*

– Porque eu mandei, filha. Agora.

Eu estava certa. Vejo o rosto descoberto e sereno. O braço esquerdo pende abaixo do lençol branco.

Ou o que resta do braço.

Os dedos são cinco cotocos queimados, pretos, com tecido necrosado que sobe pela palma até o pulso, ou o que restou do pulso. Acho que até uma das pulseiras de quando Sonia era pequenina ficaria frouxa nele, batendo no osso exposto. Um odor acre enche o ar, e fiapos de fumaça saem pela porta da frente.

Ah, meu Deus...

A nossa porta de tela se abre com barulho e Patrick me segura a tempo, justo quando meus joelhos cedem.

– Tudo bem. Não olhe, Jean. Não precisa ver essas coisas.

Coisa. É sempre uma coisa.

Dentro de casa ele me serve uma bebida e diz que as crianças estão assistindo a um vídeo.

– Nada de televisão hoje. Não depois... – Ele faz uma pausa. – Conto mais tarde. Beba isso.

– O que aconteceu com ela? – Minha voz está fina, esganiçada.

Tomo um gole de uísque, que desce queimando. Patrick também se serve de uísque – não sua cerveja de sempre – e se apoia na bancada da cozinha.

– Evan disse que tinha pensado em tudo. Trancado todas as facas, qualquer coisa afiada. Tirou tudo que ela poderia usar como corda, até desligou a eletricidade.

– Bem pensado.

Mas se esqueceu de alguma coisa, não foi?

– Depois do almoço, Olivia disse que ia dormir um pouco. Por isso ele arrumou a cama e tirou do quarto tudo que ela pudesse... você sabe, usar. Ah, meu Deus, Jean. Não consigo continuar. – Ele toma um grande gole de uísque. – Certo. Ela tinha um gravador pequeno, saca? Um daqueles ditafones, talvez de quando trabalhava como secretária, não sei. Evan a ouviu falando quando foi ver como ela estava, mas Olivia não disse muita coisa, só algumas palavras sobre Julia. Umas vinte. Então ela ficou quieta e ele achou que Olivia estivesse dormindo. Você não quer ouvir o resto, Jean. Juro que não quer.

– Eu preciso ouvir.

Patrick toma mais um gole para ganhar coragem, e continua: – Evan foi à garagem pegar umas caixas, acho, talvez para guardar as facas ou algo assim. Ele não disse. Estava lá há uns dez minutos quando viu a fumaça saindo da janela do quarto. Eles sempre deixavam uma fresta aberta, apesar do calor. Parece que gostavam do ar puro. Não sei, Jean. – A voz de Patrick começa a falhar.

– Tudo bem – digo, pondo a mão sobre a dele.

Ele vira a garrafa de novo.

– Ela gravou vinte palavras e botou o gravador para repeti-las sem parar. Colocou o aparelho fora do alcance. Se ao menos sabia o que estava fazendo depois dos primeiros choques, não pôde alcançar a máquina para desligar.

– Ah, não...

Patrick tomba contra a bancada, a cabeça nas mãos, ainda falando, apesar de a voz sair num sussurro: – Evan disse que, quando entrou no quarto, a gravação ainda estava tocando. As mesmas palavras, repetidamente. “Sinto muito, Julia.” E o tempo todo aquilo a estava queimando, aquele maldito monstro de metal no pulso, consumindo a pele até... até...

Ponho um pano de prato embaixo da torneira, embrulho alguns cubos de gelo nele e o coloco na nuca de Patrick.

– Shh. Fique parado um minuto.

– Quando foi que ficou tão ruim, Jean? Nós estamos fazendo tudo que podemos. Mas quando foi que ficou tão ruim, porra?

Nós.

Um gemido... Não, um soluço alto, como um animal agonizante, vem da sala. Deixo Patrick na bancada, com a toalha em sua cabeça imóvel, atravesso a sala de jantar e estico o pescoço na direção da janela.

Steven está ali, olhando a ambulância dar marcha a ré, descendo a entrada de veículos dos King, e vai embora tocando a sirene. Os ombros do meu filho estremecem num padrão espasmódico, sem ritmo.

– Ela vai ficar bem – digo, chegando perto dele, mas ainda mantendo alguma distância.

– Nada está bem!

Não é a hora certa para falar sobre plantar vento e colher tempestade, por isso fico quieta.

– Você não faz ideia, mãe. Você não faz ideia do que falaram sobre ela hoje. Ele assistiu a tudo na escola, a transmissão com Julia e o reverendo Carl.

– Sobre a Julia?

Steven se vira, e seu rosto é uma imagem do horror, pálido e abatido, os olhos inchados. Seu nariz está escorrendo e ele o limpa com a manga da camisa.

– Quem você acha?

De repente ele tem cinco anos de novo, fungando e chorando por causa de um joelho ralado ou a palma da mão machucada quando tombou com a bicicleta e derrapou. Nem um pouco o adolescente carrancudo de dezessete anos.

– Quer falar sobre isso?

– Não foi como no dia em que viram a dona que morava no fim da rua. Você se lembra dela? A Sra. Wilson? Enquanto ela estava na televisão, eles só bocejaram. – Outra fungada, outra manga limpando o nariz. – Talvez porque ela era velha ou porque não a conheciam. Mas todos conheciam Julia. Nós todos estudávamos juntos antes... antes de a coisa toda mudar.

– A coisa – repito.

– Ela apareceu na tela, e o Sr. Gustavson disse que era o tipo de garota para a qual todos nós deveríamos ficar alertas, porque tinha o demônio e iria arrastar a gente para baixo. Saca, tipo, pro inferno.

– Meu Deus, Steven.

Ele está se recompondo, respirando fundo e firmando a voz.

– Sabe o que ele disse?

Acho que não quero saber.

– Não. O quê?

– Disse que a gente nunca deveria xingar as mulheres de coisas feias, chamá-las de prostituta, vagabunda ou puta. Mas então falou que algumas mereciam ser chamadas assim. Como Julia. Por isso ele fez a gente xingá-la enquanto Julia estava na televisão. Ela parecia tão pequena, mãe! Tão triste! E cortaram todo o cabelo dela. Todo. Tipo corte de fuzileiro. O Sr. Gustavson disse

que isso era bom. Era o que faziam com os hereges na Inquisição espanhola e com as bruxas de Salém.

Steven começa a rir, quase gargalhando. É um riso histérico.

Ele continua:

– E foi ficando pior. Ele andou pela sala, rindo, e entregou um pedaço de papel com o lixo mais imundo escrito. Você se lembra daquela lista antiga sobre as sete palavras sujas? Bom, elas estavam lá, e mais umas cinquenta. Ele queria que a gente pegasse os cadernos e escrevesse uma carta, uma carta de cada um de nós, para Julia King, usando o máximo de merdas que a gente conseguisse inventar. A gente deveria dizer que ela merecia qualquer coisa que sofresse, que se divertisse ferrando as costas nas plantações.

Não me encolho quando Steven diz “merdas”. Comparado com todo o resto que ele está falando, o palavrão parece um maldito acalanto.

– Você fez isso?

– Eu *tive* que fazer, mãe. Se não fizesse, todos iriam pensar... – Ele para, e um sorriso se esgueira pelo canto da sua boca. – O mal triunfa quando homens bons não fazem nada. É o que dizem, não é?

Steven captou a essência das palavras de Burke, ainda que não as palavras exatas. Mas sei o que ele quer dizer, e assinto.

Jackie gostaria disso.

QUARENTA E SEIS

É uma situação quase normal. Estamos sentados em volta da mesa em meio a caixas de pizza, Sam e Leo discutindo sobre os melhores times de futebol, Sonia nos instruindo sobre os pontos positivos e negativos de ordenhar vacas e limpar estábulos. Se eu fechar os olhos, Patrick não está largado frouxo na cadeira, quase encolhido, e Steven está devorando sua sexta fatia, com borda e tudo. Há conversas, discussões e interrupções. Toda aquela merda normal de jantar em

família.

Só que não é o que acontece.

Patrick bebeu mais do que deveria. Steven tirou o pepperoni de uma fatia e fez pilhas na lateral do prato. E eu? O cansaço virou uma música chiclete, um círculo de exaustão sem fim percorrendo minha cabeça e meu corpo, me puxando para baixo.

Mas, afinal de contas, esta é minha chance, e aconteceu por conta própria.

Ponho Patrick na cama – um feito e tanto, considerando o tamanho dele e a minha fadiga – e leio uma história para Sonia. Ela dorme antes que o Ursinho Pooh fique entalado na toca de Abel.

Bom para você, menina, penso.

O pequeno relógio em sua mesinha de cabeceira me diz que são oito horas – muito cedo para os gêmeos estarem na cama, e cedo demais para Steven. Preciso dar uma olhada nos três.

Sam e Leo estão ensinando truques de cartas um ao outro na sala – também algo normal. Quando bato à porta do quarto de Steven, ele diz que quer ficar sozinho. “Para se desligar”, explica através das paredes grossas.

Isso me faz pensar em Olivia.

– Tem certeza de que está bem? – pergunto.

O que não digo é *Não faça nada estúpido, garoto.*

Talvez ele tenha lido a minha mente; talvez tenha mais juízo do que acho.

– Eu não vou... você sabe.

Nada como ter uma conversinha sobre suicídio com seu filho antes da hora de dormir, penso, e vou pegar as chaves de Patrick.

Meu marido tem um ritual noturno: uma hora em seu escritório com uma cerveja depois do jantar, escovar os dentes e – em ocasiões que ficaram mais raras no correr dos anos e tão raras quanto dentes numa galinha nos últimos doze meses – sexo. Em algum ponto entre o tempo passado no escritório e o arrastar até a cama, ele tranca as chaves num cofre de aço em sua mesinha de cabeceira, uma daquelas caixas com um teclado que a gente vê em quartos de hotel.

Uma vez ele tentou me convencer de que esse hábito é um efeito colateral de seu novo emprego, mas sei que não é verdade. Sei que, se ele se demitisse do cargo de conselheiro amanhã e voltasse a ser consultor da AMA, essas chaves, gavetas e caixas continuariam lá, como estão em todas as outras casas. Vi Evan King fazendo as mesmas coisas no mês passado, numa noite em que ele se esqueceu de baixar as persianas. E Evan não é conselheiro de ciências do presidente dos Estados Unidos. Evan é uma merda de contador de uma rede de

mercearias. Não pode haver muitos segredos nesse cargo.

Agora é tipo *Papai sabe tudo*, amor. Totalmente.

Esta noite Patrick deixou de lado boa parte de seu ritual de trancar e destrancar, mas o hábito o obrigou a rolar na cama, abrir a gaveta e digitar o código de seis números que ele mantém mais em segredo do que uma amante. Ouvi as chaves caírem em seu esconderijo e o som eletrônico de mais cinco números antes de ele fechar a gaveta e rolar de costas, murmurando alguma coisa sobre se esforçar muito e precisar de mais tempo.

Enchi um copo com água gelada e o coloquei num descanso ao alcance da mão dele, junto com três aspirinas para a manhã. Depois fui ler para Sonia. No meio das aventuras de Abel, Pooh e Tigrão, pensei naqueles cinco bipes quando Patrick trancou o cofre.

Cinco bipes. Não seis.

Depois de dar uma olhada nos meninos, tiro os sapatos e sigo pelo corredor até meu quarto. Patrick está roncando baixinho nos travesseiros, o peito subindo e descendo sob o lençol fino. Na claridade fraca do relógio ao lado da cama, tateio o puxador de latão do criado-mudo e, com certa hesitação, tento abrir a gaveta com um único dedo. A umidade deixou a madeira velha pegajosa, e um dedo não basta. Minha mão inteira se fecha em volta do puxador.

A física é uma coisa fascinante. Penso nas ocasiões em que saí para beber com amigos, num daqueles bares onde servem cerveja em pesadas canecas de vidro, só que você descobre – justo quando a cerveja atinge sua cara – que as canecas não são feitas de vidro e, sim, de plástico, algum tipo de composto que tem a aparência de vidro, mas não o peso. Você calcula a força necessária para levantar cerca de meio quilo de caneca de cerveja e – epa! – fica com a cara cheia de *lager*. “Problema de bebida”, você diz, e começa a se enxugar.

Bom agora eu tenho um problema de puxão.

A força que exerço sobre a gaveta seria suficiente para abri-la. Seria, se o puxador de latão não tivesse se soltado.

Voo para trás, com a peça na mão, e minha cabeça bate no piso. Patrick para de roncar.

– O que você está fazendo, amor? – murmura ele.

– Tropecei no tapete. Pode voltar a dormir.

Espantosamente, isso funciona, e espero cinco minutos inteiros ouvindo sua respiração se suavizar antes de ir à cozinha procurar uma chave de fenda.

São nove horas quando consigo abrir a gaveta do criado-mudo o suficiente para enfiar a mão dentro, tatear a porta do cofre – fechada, mas não trancada – e

enfiar uma unha na fresta. O cofre se abre e eu pego o metal frio das chaves de Patrick antes de fechar a gaveta.

Hora de mandar Sam e Leo para a cama.

Eles resistem, Sam me dizendo que quer fazer só mais um truque.

– Agora – ordeno, e espero até ouvi-los se acomodar.

Então vou até o fim do corredor, até a porta fechada do escritório de Patrick.

Já tenho a mentira pronta, para o caso de Patrick acordar e me encontrar sentada atrás da sua mesa, folheando pilhas de papéis e envelopes. Afinal de contas, minha mãe está num hospital a milhares de quilômetros, com o centro de linguagem do cérebro provavelmente danificado de forma irreversível. Claro que preciso telefonar, mesmo sendo tarde. Papai não vai dormir hoje.

Mas estou sozinha, eu, meus dedos pegajosos e as pilhas organizadas de Patrick arrumadas como soldados de papel em fileiras sobre a mesa. Tudo parece exatamente como estava na noite anterior, e não é de espantar, já que ninguém esteve nesta sala hoje. A medonha eletrocussão de Olivia não deixou tempo para banalidades como trabalhar com a papelada. *Tentativa de eletrocussão*, lembro, tentando tirar da mente a imagem do braço queimado.

Tudo está exatamente igual, exceto a presença do envelope pardo com o carimbo de ALTAMENTE SECRETO.

Às onze horas já examinei cada gaveta e armário, olhei embaixo dos dois tapetes persas falsos, tateei cada centímetro de rodapé procurando uma tábua solta. Finalmente desisto e me deito no chão duro, a cabeça ainda latejando da queda de antes.

Estou cansada demais, totalmente exausta. Seria bom ficar aqui, os membros esticados e os olhos semicerrados, até de manhã.

Seria bom, mas me colocaria numa encrenca das boas, mesmo com o pretexto de tentar falar com meu pai pelo FaceTime.

Levanto-me, forçando as pernas a aceitar o peso, e ando uma última vez até a mesa de Patrick, ajustando as pilhas de relatórios e memorandos. Se ele falar alguma coisa de manhã, eu digo que ele tentou trabalhar enquanto estava bêbado.

Enquanto a chave do escritório gira na fechadura, as outras tilintam. Fecho a mão em volta delas para mantê-las imóveis e silenciosas, e reviro a mente pensando no que elas poderiam destrancar. São três no total: a do escritório e outras duas, menores. Acho que uma se encaixa na fechadura do baú do sótão, onde está a maioria dos meus livros. Mas a menor de todas, arredondada, me

lembra Jackie.

Nós tínhamos um chaveiro de parede, um negociozinho cafona que Jackie comprou numa venda de garagem, e ficava perto da porta do apartamento. Ela o repintou com um tema nativo americano, colorindo por cima das marcas de pegadas e do texto que proclamava VOCÊ SÓ PRECISA DE AMOR... E DE UM CACHORRO, substituindo o texto pelos nossos nomes, por PORTA e CORREIO. Eu vivia colocando a chave da caixa de correio no lugar errado, dizia ela, de modo que a partir de então a sacaninha ficaria pendurada no gancho. Ainda consigo visualizá-la, aquela chave minúscula arredondada.

Quando tenho certeza de que o escritório de Patrick está trancado e de que Steven não saiu do quarto procurando uma tigela de cereal ou uma barra de chocolate no meio da noite, saio pela porta da frente. O ar noturno faz minha pele pinicar, me lembrando de que estou suada.

A casa dos King está totalmente às escuras, sem ao menos uma luz da varanda acesa. Claro, Evan saiu na ambulância com Olivia enquanto o sol ainda estava alto no céu. Talvez ainda não tenha voltado. Tateio a parede, procurando o interruptor que apaga nossa luz, aperto-o e espero que meus olhos se acostumem com a noite. Acima de mim, acima do telhado dos King, paira uma lasca da lua crescente. Parece um anzol.

Enxugando o suor das palmas das mãos na saia, seguro a chavezinha. Com a mão trêmula, encontro a fechadura da caixa de correio em que Del Ray espiou hoje de manhã, encontrando um único envelope. A chave gira com facilidade assim que a enfio na fechadura, e eu prendo a respiração.

Que diabo você está esperando, Jean?, penso. *Documentos altamente secretos do governo em sua caixa de correio?*

No entanto, sob aquela lasca de lua que parece capaz de flutuar para baixo e carregar a casa vizinha para longe, até as nuvens noturnas, vejo a silhueta de um envelope de papel pardo.

QUARENTA E SETE

Dois minutos atrás, meu nome deixou de ser Jean.

Meu nome agora é ladra.

Ou traidora, penso, e por um momento imagino que tipo de castigo o reverendo Carl e seu bando de Homens Puros escolheram para os subversivos. Num mundo em que as mulheres são mandadas para a Sibéria de Dakota do Norte por crimes insignificantes como a fornicação, onde Jackie cumpre prisão

perpétua num campo de concentração para homossexuais, certamente há algum horror novinho para mulheres que roubam segredos de Estado.

Eles vão me levar, isso é certo. Nunca mais vou ver meus filhos, ou Patrick, ou Lorenzo.

Tento imaginar uma vida em que passo cada dia vendo as fotografias mentais de todo mundo se desbotarem com o tempo até que não reste nada além de uma silhueta fraquíssima. Ou talvez eu não precise fazer isso. Talvez minha última imagem seja do interior de um capuz enquanto o nó corrediço passa em volta do meu pescoço, ou o capacete melado de gel de uma cadeira elétrica sendo preso firmemente na minha cabeça careca, ou uma agulha penetrando minha veia.

Não, não seria uma agulha. Seria gentil demais.

O relógio toca doze badaladas, acompanhando meus batimentos cardíacos. Posso sentir cada batida nos ouvidos, como os tímpanos de uma orquestra.

Mas já cheguei até aqui. Que diferença faria ir um pouco mais longe?

Tranco a caixa de correio depois de pegar o conteúdo, apenas aquele envelope, e volto para casa. Apesar do ar parado e quente do lado de dentro, um calafrio sobe e desce pelos meus braços, eriçando os pelos num braile de arrepios.

Para nós a coisa não é tão ruim quanto para Winston Smith, tendo de se agachar num canto cego de seu apartamento de um cômodo enquanto o Grande Irmão vigia através de uma tela na parede, mas temos câmeras. Há uma na porta da frente, uma na dos fundos e uma acima da garagem, apontada para a entrada de veículos. Eu as vi sendo instaladas um ano atrás, no dia em que Sonia e eu recebemos os contadores. Ninguém poderia monitorar todas as casas o tempo todo – não existe gente suficiente para a vigilância constante. Mesmo assim, tenho o cuidado de manter o envelope pardo grudado no corpo enquanto dou as costas para a caixa de correio e volto pela porta da frente. Então vou da sala de estar para a de jantar e sigo até o lavabo na lateral da cozinha. Parece um lugar bem privado.

Dentro, eu me sento no chão, com as costas apoiadas na parede, e desamasso as pontas do grampo de metal.

A folha de rosto está ali, o mesmo memorando que li ontem à noite. Embaixo há três conjuntos separados de documentos, cada um preso com um clipe numa capa colorida, uma branca, uma dourada e uma vermelha. Abro primeiro a branca, revelando um resumo dos objetivos da minha equipe:

Desenvolver, testar e produzir em massa o soro anti-Wernicke.

Atrás dessa página estão os diagramas de Gantt usuais – a ferramenta escolhida pelo gerente do projeto – estipulando prazos para relatórios intermediários e testes clínicos. O resto do pacote consiste nos currículos da equipe. Nada de novo aqui, mas noto que o de Morgan tem apenas uma página, ao passo que os restantes têm meia dúzia. Arrumo as folhas como estavam e ajeito o clipe de papel antes de deixar o maço branco de lado nos ladrilhos do banheiro.

O pacote dourado é quase uma duplicata do da minha equipe. Os objetivos são:

Desenvolver, testar e produzir em massa o soro Wernicke.

Mais diagramas de Gantt e cinco currículos – todos documentando o histórico de publicações e os cargos acadêmicos de vários biólogos e químicos que não conheço – também estão nessa pasta, junto com as credenciais de Morgan. Parece que eles vêm duplicando, aumentando as apostas. É típico do governo. Por que ter uma equipe quando você pode pagar duas?

A pasta dourada vai para a pilha ao meu lado, e eu passo para o pacote da equipe vermelha, esperando mais uma redundância, mas esta é diferente.

Para começo de conversa, seu objetivo é singular:

Explorar a solubilidade do soro Wernicke na água.

Os membros da equipe nas páginas seguintes – os seis – também são cientistas, todos doutores. Abaixo de cada nome há um posto militar. Fecho os olhos com força contra a luz forte acima da pia do banheiro e penso nesta tarde, em todas as portas pelas quais passei enquanto Poe me levava pelo corredor do quinto andar até a sala de Morgan.

Um dos nomes – Winters – traz uma lembrança fraca mas nítida, ao mesmo tempo que o relógio da sala toca uma badalada. Uma hora.

Com cuidado organizo os maços de papel como estavam antes: branco, dourado e vermelho. Antes de enfiá-los de volta no envelope, verifico o

diagrama de Gantt no maço branco. A linha temporal, uma barra horizontal com código de cores para as tarefas, remonta ao ano anterior, 8 de novembro, data em que o equipamento do nosso laboratório foi requisitado.

Então eu estava certa: o projeto Wernicke não foi criado ontem. Teve início sete meses atrás.

Minhas pernas não querem se levantar. São membros desobedientes, com câibras e formigamento por eu ter ficado sentada com as pernas cruzadas no chão durante tanto tempo. Eu me encosto na pia e alongo as panturrilhas.

– Jean?

A voz do outro lado da porta do banheiro está abafada, mas é inconfundível: Patrick. Ele bate uma vez; depois a maçaneta gira.

Eu não tranquei. Não achei que precisaria.

Merda. Merda, merda, merda.

Rapidamente abro a torneira, enfiando o envelope no espaço estreito entre o espelho e a parede. Quanto Patrick abre a porta, estou jogando água fria no rosto.

– Santo Deus, amor – diz ele. – Você está um horror.

Meu reflexo concorda. Círculos de rímel manchados de suor nos olhos, a blusa de algodão que vesti hoje de manhã se gruda na pele como uma fina camada de cola e meu cabelo está escorrido ou espetado em todos os lugares errados. Fecho a torneira e me enxugo, sorrindo meio sem graça para Patrick, que parece muito menos bêbado e muito mais preocupado.

– Não estava me sentindo muito bem. Deve ter sido a pizza.

Ele encosta a mão na minha testa, uma mão fria, limpa, de médico, a pele rosada e lisa. Por um instante penso nas mãos de Lorenzo e em como elas são diferentes. Penso em como as mãos de Patrick podem não ser tão limpas como parecem.

– Você nunca fica doente, amor. – Depois, diz com um risinho: – Bom, a não ser que esteja grávida.

Tento rir junto com ele, mas minha voz sai rouca, esquisita.

– Você não está...

O olhar de Patrick vai do meu rosto para minha barriga, e ele franze a testa. Ele não é idiota. Com a matemática e seu conhecimento de embriologia, deve saber que é impossível. Nossa vida sexual nos últimos meses significa que estou grávida de três dias ou carregando uma bola de praia por aí.

– Claro que não – digo. – Acho que foi mesmo a pizza. O gosto estava estranho.

– Certo, então. Volte para a cama.

Ele pega minha mão e apaga a luz do lavabo, me tirando da minha leitura noturna.

– Já vou indo, depois de beber um copo d’água. E talvez eu ligue para Papà, já que estou de pé.

Quando os passos dele se afastam pelo corredor em direção ao nosso quarto, tiro o envelope do esconderijo temporário, volto à varanda da frente e revento o processo do roubo. Paro na cozinha para pegar um copo d’água gelada e bebo enquanto digito de cabeça o número do celular do meu pai.

– Pronto – diz ele, não parecendo nem um pouco meu pai, mas um homem muito mais velho.

– Papà, é Jean. Como vai Mamma?

Sua voz me diz tudo, mesmo antes de ele falar as palavras “dano cerebral”, “aquela área que começa com W” e “por que não posso mais conversar com ela?”.

– Você pode dar um jeito nela, Gianna?

– Claro que posso. – Injeto o máximo de confiança possível na voz, esperando que isso camufle o tremor evidente que sinto na garganta. – Em breve, Papà. Em breve mesmo.

Depois de mais um copo d’água, a maior parte da qual acabo passando no rosto, sigo pelo corredor até nosso quarto.

Patrick está roncando de novo.

Deixo as chaves no tapete, ao lado da mesinha de cabeceira, e me arrasto para a cama, para seis horas de sono.

QUARENTA E OITO

No meu pesadelo as crianças foram embora.

Uma a uma eu as vejo sendo tiradas de mim, os rostos escurecendo e desbotando. Alguém – Olivia, talvez, ou possivelmente um soldado – segura Sonia no colo em meio a um clarão de flashes fotográficos. Os gêmeos acenam, e Sam joga um baralho para o alto, acima da cabeça de Leo. Steven dá um sorriso torto e grita: “Tchau, mãe!” Em seguida, inclina a cabeça de lado, como

se dissesse que sente muito.

E o tempo todo Patrick observa sem falar nada.

Não é realmente assim que meu sábado começa.

Patrick abre as persianas, deixando o sol da manhã entrar no quarto. Os gêmeos e Sonia entram com uma bandeja cheirando a café e pãozinhos quentes – cheiros que em qualquer outro dia poderiam estimular meu apetite, mas hoje provocam uma onda de náusea. No centro de um pãozinho coberto de queijo cremoso está uma vela.

– Parabéns! – gritam quatro vozes.

Quase esqueci que hoje faço 44 anos.

– Obrigada... – falo, rouca tentando parecer faminta. – Cadê Steven?

– Dormindo – responde Sam.

O relógio ao lado da minha cama reluz “9:11”. Eu disse a Lin e Lorenzo que estaria no laboratório às dez.

– Sobre a vela e faça um pedido, mãe – pede Sonia.

Faço isso, pingando cera no meu café da manhã, depois saio da cama e corro para o banheiro.

– Volto num minuto. Acorde Steven. Quero falar com ele antes de ir para o trabalho.

A comitiva de aniversário dá marcha a ré e sai. Trinta segundos depois, enquanto estou derramando meu café intocado na pia, Patrick entra.

– Steven se foi – diz ele, baixinho.

Penso em Steven saindo para dar uma corrida, para um lugar qualquer. Não penso nos termos mais simples. Não penso que “se foi” significa foi embora, como no sonho. Não penso em morte.

Patrick estende uma folha de caderno.

– Isso estava no quarto dele. No travesseiro.

Poderia ser pior, penso, lendo a letra de Steven. Mesmo assim, a coisa – aquele horrível *a coisa* – basta para tirar meu fôlego.

Fui procurar a Julia. Amo vocês. S.

Em quatro dias tudo mudou de ruim para uma verdadeira merda.

– Devemos chamar a polícia? – pergunto.

Patrick balança a cabeça como se soubesse o que estou pensando.

– Provavelmente é melhor não.

Ele toca meu braço e tira a caneca vazia da minha mão sem perguntar *Qual é o problema com o seu café?* e sem olhar as riscas marrons na pia. O que ele diz é: – Não tenho sido um bom marido, não é?

Então, como ímãs, estamos juntos, grudados, abraçando um ao outro. Ele toca com um dedo aquele ponto macio atrás da minha orelha, e sinto minha pulsação bater num ritmo, a princípio sincopado, depois firme. É estranho pensar em amor numa hora assim, com nosso filho sumido e a mancha marrom de café na pia, mas as mãos de Patrick descem do meu pescoço, seguem pelas costas até meus seios, intumescidos na camisola de seda, reagindo ao seu toque daquele modo automático que a pele tem de se eriçar, mesmo quando a mente diz não.

– Não posso me atrasar – digo, recuando.

Também não posso me deitar embaixo do meu marido nesta manhã, pensando na primeira vez, na vez em que fizemos Steven.

Estou pensando no que Patrick faria se, em vez de Julia, fosse eu que o reverendo Carl tivesse arrancado de casa e colocado na frente das câmeras de televisão antes de me levar para uma vida de silêncio e servidão. Iria atrás de mim?

Lorenzo iria, mas Patrick, não.

– Aonde você acha que ele foi? – pergunto, abrindo o chuveiro. – Steven. – Julia pode estar em qualquer lugar: no litoral ao norte, no interior, do outro lado do país num laranjal na Califórnia. – Encontrá-la seria como achar uma agulha no palheiro.

Patrick balança a cabeça.

– Acho que não. Deixe-me mostrar uma coisa. – Ele me deixa no banheiro e vai ao criado-mudo do seu lado da cama. – Que diabo é isso?

A mentira já está preparada, e é mais fácil de recitar quando não estou olhando-o nos olhos.

– A porcaria do puxador soltou ontem à noite. Não lembra?

Há uma pausa enquanto ele pensa. Finalmente ouço o som das chaves e um único e perplexo “Aham” no quarto, antes que eu entre embaixo do chuveiro.

– Posso fazer um chá, se você quiser! – grita Patrick. – Quando terminar, venha ao meu escritório. Acho que sei aonde Steven foi.

Tomo o banho mais rápido da minha vida, penteio o cabelo não lavado e visto uma calça jeans larga e uma blusa de linho que não preciso enfiar no cós. Foda-se o código de vestimenta; estou com calor, apressada e grávida. Sigo pelo corredor até o escritório de Patrick.

O rosto do reverendo Carl preenche a tela e suas mãos estão levantadas

como se ele rezasse. É sua pose preferida para discursar. A câmera apontada para ele recua, abrindo o quadro e revelando o restante do palco. Julia King está irreconhecível.

Rasparam a cabeça dela, claro – eu esperava por isso. Não esperava que o serviço fosse tão malfeito, como uma tosquia amadora realizada por um cego com paralisia. Tufos de cabelos cor de ferrugem espetados na cabeça.

– O que eles fizeram, usaram uma gilete cega? – pergunto, sem desviar os olhos da imagem que está no laptop de Patrick.

Steven viu isso, foi obrigado a assistir e a se juntar aos xingamentos de sua turma.

O reverendo Carl convoca a plateia a rezar e baixa a cabeça.

– Senhor, perdoe nossa filha desgarrada e a guie enquanto ela se junta às irmãs nas Black Hills de Dakota do Sul. Amém.

Um coro de gritos e sibilos acompanha a oração. Algumas pessoas repetem “Amém”, mas a maior parte é um festival de ódio. O reverendo Carl baixa as mãos erguidas e pede silêncio, mas quando levanta a cabeça para as câmeras, vejo seu olhar sorridente quase imperceptível.

Agora a câmera dá um close no rosto de Julia, riscado de lágrimas. Seus lábios tremem e os olhos procuram da esquerda para a direita, buscando um fiapo de simpatia entre as pessoas que gritam. A mão do reverendo Carl aparece no ombro dela, e ela tenta se livrar, mas a mão só parece apertar com mais força, os dedos se cravando na clavícula sob o tecido cinza. A roupa tem gola alta e mangas compridas. Ela deve estar morrendo de calor.

Não é a primeira vez que penso em como odeio o reverendo Carl Corbin, mas é a primeira em que tenho vontade de matá-lo.

QUARENTA E NOVE

Se eu tivesse passado os últimos cinco minutos em casa olhando pela janela da frente em vez de desembaraçando o cabelo, talvez visse o utilitário preto parado do outro lado da rua, o motor ligado e soltando fumaça pelo escapamento.

Mas não fiz isso. Quando saio pela porta lateral e ligo meu carro, é tarde demais.

Del, o carteiro, já está subindo os degraus da varanda com a bolsa do

correio pendurada no ombro, a chave da nossa caixa de correspondência numa das mãos. Ele acena para mim, e eu aceno de volta pelo vidro de trás do Honda.

A percepção me acerta como um maremoto: chaves, um envelope, Del espiando dentro da minha caixa de correspondência ontem e tirando um único item, Sharon me alertando sobre uma organização clandestina que usa um carteiro como mensageiro. E finalmente as palavras de Patrick ontem à noite, depois de me contar o que Olivia tinha feito consigo mesma, no quarto dela, com o gravador repetindo sem parar a interminável sequência de suas próprias palavras.

Nós estamos fazendo tudo que podemos.

Quando os pontos se ligam, fico com uma explicação terrível, assustadora e que ao mesmo tempo é um alívio: Patrick não trabalha para o governo. Trabalha contra ele.

Recuo até a metade da entrada de veículos, parando quando estou alinhada com a varanda. Del abre a caixa de correio, com o cuidado para bloquear a visão da rua e da câmera da varanda. Quero gritar para ele: *Pare! Pare! Não abra!*

Ele tira o envelope pardo, segurando-o próximo ao corpo e escondendo em sua bolsa do correio antes de trancar a caixa. Ele não vai escutar os passos silenciosos de Poe atrás, vindo pela entrada, subindo os degraus da varanda. Não vai escutar o estalo e o zumbido da arma de choque na mão direita enorme de Poe, nem o estalo quando ela se comprimir contra suas costelas, dando dois choques – primeiro na mente, depois no corpo.

Poe se vira para mim e sinaliza para eu continuar saindo com o carro, como se dissesse: *Circulando. Não há nada para ver aqui.*

E agora mais dois homens sobem correndo até a casa, vindos do automóvel preto do outro lado da rua. Levantam Del pelas axilas, arrastando seu corpo como uma boneca de trapos pelos degraus, seguem pela entrada de veículos e vão até o carro enquanto eu espero, impotente, para ver se Poe aperta a nossa campainha e repete o show com Patrick.

Ele não faz isso; só se afasta da nossa casa, entra no banco de trás do automóvel preto perto de Del inconsciente, e espera que eu vá embora. Então o carro preto se afasta do meio-fio, seguindo meu Honda até a Connecticut Avenue, onde vira e vai para o sul. Penso em dar meia-volta e ir até a fazenda dos Ray alertar Sharon, mas afasto o pensamento. Eu seria apanhada, chegaria tarde demais ou – na melhor das hipóteses – Morgan pegaria no meu pé por não ter chegado a tempo no trabalho.

Enquanto sigo pelo tráfego matinal, absorvo os acontecimentos da manhã.

Poe deve pensar que Del estava com o envelope o tempo todo, que ia entregá-lo, talvez em algum outro endereço.

Não tenho memória fotográfica, nem de longe. Mas tenho cabeça boa para textos. Numa vida anterior, ou numa vida futura em que eu tivesse acesso a livros, poderia ser uma editora decente. Não que eu consiga escrever alguma merda, mas sou capaz de processar erros. E os que estou processando enquanto serpenteio pelo tráfego a caminho de encontrar Lorenzo e Lin são os dois erros de digitação que encontrei nos pacotes vermelho e dourado.

Os erros não são as únicas coisas que estão na minha mente como hamsters girando numa roda. A simples natureza de três equipes diferentes duplicando o trabalho uma da outra não deveria receber o status de documento secreto. E minha equipe não era sigilosa ou, se era, nosso presidente a revelou numa entrevista coletiva há três dias.

Estaciono o Honda na vaga designada, entre o Mustang de Lorenzo e o espaço onde o Smart de Lin deveria estar, mas não está. Dentro do prédio, um soldado me faz passar pelo posto de segurança, depois de pegar minha bolsa e colocá-la na esteira da máquina de raios X.

– O que é isso? – pergunto.

– Novos procedimentos de segurança – responde o soldado, me observando.

Desta vez não há sorriso, nenhum *Bom dia!* animado, só olhos semicerrados me vigiando por baixo da aba do boné enquanto pego minha bolsa e vou na direção dos elevadores onde Morgan me espera de braços cruzados.

– Você está atrasada – diz ele.

– Eu trabalhei à noite – minto, e entro no elevador aberto.

Morgan vem atrás.

– Você não deveria levar serviço para casa, Jean. Ou se esqueceu dessa regra simples?

Eu me viro para ele, desejando que estivesse usando algo mais do que um par de sandálias, para olhar o sacana de cima a baixo. Mesmo assim, nossos olhos estão no mesmo nível.

– Não, não esqueci, Morgan. Não esqueço as coisas. Mas meu cérebro funciona, portanto, a não ser que você queira que eu o deixe trancado na porra do seu laboratório, largue do meu pé e me deixe fazer o que preciso, seu escrotinho.

– Não vou ficar aqui escutando esse tipo de coisa.

– Então saia, vá se catar, não estou nem aí. Tenho mais o que fazer.

– Vou anotar tudo isso. Vou mandar um relatório para...

– Para quem? O presidente? Ótimo. Diga a ele que vou ficar o resto do mês fora, de castigo por mau comportamento.

Aperto o botão para fechar a porta do elevador antes de sair e deixo Morgan fumegando.

– O que foi isso? – pergunta Lorenzo.

Ele está no corredor entre o elevador e o laboratório, vestido de modo casual mas elegante, com camisa polo e calça cáqui por baixo do jaleco branco.

– Odeio aquele merdinha. Cadê a Lin?

– Ainda não chegou. Acho que o laboratório é só nosso.

A malícia ilumina seus olhos enquanto ele reduz a distância entre nós.

Uma rapidinha nas bancadas de resina epóxi não faz parte da minha programação de hoje, mas precisamos conversar.

– Me mostre em que você estava trabalhando – digo, inserindo meu crachá na porta principal do laboratório.

Ratos e coelhos nos recebem com uma cacofonia de guinchos. Desejo que Lin estivesse aqui, não só porque não quero dar injeção nos animais.

O que sei precisa ser compartilhado.

Lorenzo abre a torneira do laboratório de bioquímica e começa a lavar as mãos, esfregando sabão entre os dedos, limpando uma unha de cada vez, inspecionando cada dedo.

– E então?

– As três equipes. São mais ou menos iguais, mas diferentes.

Penso nas declarações de objetivos, em como duas equipes pareciam idênticas num sentido, e outras duas, em outro. Tudo por causa de um radical: “anti”. Na ocasião, sentada com as pernas cruzadas no piso do banheiro frio, pensei que fosse um erro de digitação.

Lorenzo continua fingindo lavar as mãos, abrindo mais a torneira, inclinando-se mais para perto dela.

– O objetivo da nossa equipe é desenvolver o soro anti-Wernicke – prossigo. – A princípio, achei que o objetivo da equipe dourada era o mesmo, mas então percebi: não há nada altamente secreto no que estamos fazendo aqui. Quer dizer, na missão em que você, Lin e eu estamos trabalhando.

– Ninguém anuncia merdas secretas numa entrevista coletiva – concorda Lorenzo.

– Certo. E a pasta da equipe dourada deixou quatro letras de fora.

Ele ergue uma sobancelha.

– Anti – sussurro. – Aquela equipe não está desenvolvendo um soro anti-

Wernicke, e a equipe vermelha não está trabalhando na solubilidade de um soro anti-Wernicke em água. O “anti” também estava faltando.

– Puta que pariu – diz ele, olhando para as mãos. – Tem certeza de que não era um erro de digitação?

– Não. Não tenho certeza. Mas faz sentido. É a única coisa que explica por que os materiais são sigilosos, e por que Morgan tem uma única pasta etiquetada com “Projeto Wernicke”. Nós sempre chamamos de Anti-Wernicke ou, mais tarde, WernickeX. Assim como você não trabalharia numa cura para o câncer e chamaria seu estudo de “Projeto Câncer”.

– A não ser que você esteja desenvolvendo câncer num laboratório – completa ele. – Isso parece errado.

Conto a ele sobre Patrick e Del, a caixa de correio trancada, os homens de Poe vindo para levar Del hoje de manhã.

– Eles sabem – concluo. – Poe ou alguém sabe que há uma operação clandestina, e sabe que o grupo descobriu o que realmente está acontecendo.

Durante um longo tempo, nós nos olhamos onde a água corre, tendo o cuidado de manter a cabeça curvada na direção da pia. Não há nada a dizer, porque nós dois sabemos que nosso trabalho está passando por engenharia reversa em algum lugar deste prédio.

Não importa se o reverendo Carl está por trás, ou Morgan, o presidente ou o Movimento Puro. Podem ser todos eles, todos trabalhando para criar um soro que não cura, mas que provoca a afasia.

CINQUENTA

Lorenzo e eu preparamos dois grupos de camundongos para as injeções. Cada um vai receber uma das duas neuroproteínas que ele esteve formulando. E, com sorte, saberemos que direção precisamos tomar no fim do dia, quando metade dos ratos estiverem mortos. Enquanto retiro as criaturinhas das gaiolas e raspo um quadrado de pelos neles, um por um, uma pergunta quica feito uma bola de pingue-pongue no meu cérebro.

Por quê?

A resposta vem muito facilmente, na forma de uma única palavra: *silêncio*.

Lorenzo estende a mão e pega o camundongo marrom das minhas mãos trêmulas.

– Eu faço isso – afirma ele, deslizando o tosquiador pelo flanco do bichinho. – Pronto. Ponha o Mickey na gaiola do Grupo Um. E não se preocupe, eu cuido das injeções.

– Estou tão mal assim?

– Digamos que nesta manhã você está um pouquinho insegura. Nada de mais. – Ele me dá um tapinha no ombro, e eu pulo. – Uma coisa de cada vez, Gianna.

Olho as mãos dele – com calos nas pontas dos dedos longos, devido aos anos em que tocava bandolim – enquanto ele seda o rato seguinte, espera que o bichinho relaxe na palma de sua mão e raspa outro quadrado de pele.

– Este é do Grupo Dois – diz, me devolvendo o corpo frouxo do bicho. Outro Mickey ou Minnie vai para a segunda gaiola.

– Eles são monstros.

Lorenzo assente. Sabe que não estou falando dos ratos.

Agora me vejo há dois invernos e estou de volta à minha sala, sentada perto de Olivia King enquanto ela toma café e vê Jackie batalhar contra três Mulheres Puras, cujos tailleurs em cores pastel fazem um contraste silencioso com o terninho vermelho de Jackie. Olivia assente para as mulheres que parecem gêmeas e sacode a cabeça violentamente toda vez que Jackie abre a boca.

– Alguém deveria calar essa mulher – diz Olivia. – Permanentemente.

Ah, Olivia, era o que você esperava que fosse acontecer?

Eles vão começar com as mulheres nos campos de concentração, suponho. Jackie, Julia, Annie Wilson. Não veremos nada disso pela televisão. Em seguida, o reverendo Carl vai ajuntar pessoas como Del e Sharon, esmagando qualquer esperança de resistência. Mas, antes de tirarem a voz de Del, trabalharão nele, talvez usem suas três filhas como incentivo. E Del, claro, vai falar. Que pai não falaria?

Patrick será o próximo da fila. Sinto o coração parar quando penso nos métodos que utilizarão com ele, nas ameaças a Sonia que vão encorajá-lo a confessar. E assim por diante, até que todos os membros do que já deve ser uma operação esgarçada sejam encontrados, obrigados a falar e silenciados.

Com o uso da minha criação maldita.

Não acredito que esse será o fim.

Lorenzo toca no meu ombro de novo.

– Por agora terminamos. Você está bem?

Balanço a cabeça.

Sem um marido e com o contador de pulso que vai voltar assim que terminar o serviço aqui, não terei meios de cuidar de uma casa nem dos meus filhos. Steven talvez consiga manter as coisas por um tempo, se voltar. Se não, com os pais de Patrick mortos e os meus na Itália, o clã McClellan estará terminado, extinto.

E há o meu bebê. O bebê de Lorenzo.

Passei tempo demais pensando em como tudo era antigamente, em como eu era, mas o futuro sempre permaneceu como um borrão. Isto é, até agora. Agora vejo fantasmas dos anos vindouros, a princípio apenas redemoinhos malformados, depois se fundindo em imagens absolutamente nítidas e coloridas. Eu, balbuciando frases absurdas depois de me injetarem um soro que criei. Eu, com as costas encurvadas e grisalha, arrancando ervas daninhas com uma mão que não reconheço mais. Eu, deitada num catre sob um cobertor fino, tremendo no inverno. Eu, de olhos vazios e, talvez, oscilando no limite entre a consciência e a insanidade, imaginando para onde foram todos. Steven, Sam, Leo, Sonia. O bebê.

Só quando Lorenzo segura meu braço e me puxa para cima percebo que estava sentada no chão do laboratório, as costas apoiadas na fila de baixo de gaiolas de arame.

– Tudo bem, Gianna – diz ele, enxugando as lágrimas dos meus olhos com os dedos. – Está tudo bem.

– Não está. Você sabe disso.

– Vai ficar.

Quero mergulhar no corpo dele, mas me lembro das câmeras.

– Estou bem – digo, me ajeitando. – Vamos continuar com as injeções.

Quando comecei as experiências com animais de laboratório, tinha uma regra de ouro: não dê nomes a eles. Em outras palavras, não pense neles como bichos de estimação; não pense neles como nada além de um modo de ir do ponto A ao ponto B. Pense neles como tubos de ensaio, placas de Petri ou lâminas de microscópio, nada além de veículos inatos para preencher e observar. Enquanto seguro cada camundongo minúsculo para Lorenzo injetar com uma dose que irá curá-lo ou matá-lo, só consigo pensar nos nomes que dei a eles: Jackie. Lin. Jean.

CINQUENTA E UM

A ideia de Lorenzo é arriscada, mas necessária.

Depois de ligarmos solicitando um assistente para limpar o laboratório e preencher um relatório para Morgan, eu saio primeiro, voltando pelo posto de segurança. Há uma nova dupla de soldados de guarda no turno da tarde, com os vincos dos uniformes bem passados, as botas com um brilho que reflete as luzes fluorescentes do vestíbulo de entrada. Minha bolsa volta à esteira para ser

escaneada enquanto um dos soldados me revista, as mãos fazendo arcos curtos e rápidos nos meus quadris, nas costas, na barriga, nos seios. Assim que sou liberada, saio ao sol de maio.

Hoje é dia 31, penso, meu aniversário, o dia em que Steven fugiu com um maço de notas da carteira de Patrick e o dia em que terei um encontro secreto com Lorenzo na Cabana do Caranguejo, em Maryland.

Decidimos pegar rotas opostas saindo da cidade, por isso sigo o tráfego para o sul em direção à via expressa que corta Washington, passando pelo mercado de peixes que ainda existe à beira do rio. Imagino de onde vêm os peixes. Do Maine? Da Carolina do Norte? Provavelmente dos dois lugares. Não penso em quem trabalha nas fábricas de processamento, tirando tripas e escamas, empacotando e congelando. Talvez um dia eu tenha um trabalho fazendo a mesma coisa. Longas horas. Sem pagamento. Fedor de peixe que não sai da pele.

Lin estava errada com relação ao desmoronamento da economia. Ela pode não estar prosperando, mas a máquina funciona numa velocidade constante. Nossa força de trabalho não foi cortada ao meio, só foi remontada e redistribuída. Homens que realizavam trabalhos sem especialização foram substituídos pelos que os Puros consideravam indignos de permanecer na sociedade. As indústrias – e aquela indústria que tudo abarca, o governo – escolheram homens recém-formados nas principais universidades do país para preencher as lacunas deixadas pelas mulheres: executivos, médicos, advogados, engenheiros.

Foi uma reforma eminentemente viável do sistema.

Estive afastando Steven do pensamento durante todo o dia, e agora a tristeza é desenvolvida e se derrama de mim. Houve muitas vezes em que eu quis culpá-lo, mas não posso. Os monstros não nascem assim, nunca. Eles são feitos, pedaço por pedaço e membro por membro, criações artificiais de loucos que, como o equivocado Dr. Frankenstein, sempre acham que sabem mais.

Mas ele não vai chegar longe, nem com o dinheiro. Steven achará o caminho de volta para casa. Preciso acreditar nisso.

O tráfego diminui ao mesmo tempo que minhas lágrimas secam, quando levo o Honda para a saída da rodovia e viro para o leste, na direção da baía de Chesapeake, a terra do escritor William Styron, com caranguejos-azuis e veleiros deslizando em águas calmas. É uma viagem longa, mas calma, e me dá tempo para pensar.

Se a cura para a afasia de Wernicke funcionar, e acho que isso vai acontecer, pedirei a Morgan que mande uma dose para minha mãe no hospital

italiano. Esse pequeno benefício é o único raio luminoso de sol numa paisagem estéril. Não é grande coisa, mas é algo em que me agarrar.

O carro de Lorenzo está na entrada de veículos da cabana, irradiando ondas distorcidas de calor do capô. Claro que ele chegou primeiro: você pode tirar o motorista italiano maluco da Itália, mas não pode tirar a loucura dele. Passo pelo automóvel, indo até o terreno seguinte, que permaneceu vazio desde que Lorenzo alugou o lugar. A regra é: o primeiro a chegar estaciona diante da cabana; o segundo, no terreno vazio. Nunca fui a primeira.

Ele está na cozinha, ou no que seria uma cozinha se contivesse mais do que uma pia, um fogão de duas bocas e uma geladeira em forma de cubo, para água e vinho. Nunca perdemos tempo cozinhando neste lugar.

Eu tinha planejado tudo durante a viagem: entrar, conversar e sair. Mas, quando ele toca minha bochecha direita, todos os planos vão para o inferno. Não é Lorenzo que me leva da cozinha para o quarto pequeno, escuro, forrado de madeira, com uma única janela que nunca abrimos. Sou eu que pego a mão dele e o levo.

Na última vez não houve conversa. Eu ainda estava com o contador de pulso e Lorenzo ficou em silêncio, talvez por solidariedade. Não sussurrou meu nome, como Patrick, e não disse palavras de piedade. Simplesmente não falou enquanto se mexia em cima de mim e dentro de mim. Hoje ainda estamos silenciosos, as mãos e os corpos recitando as palavras para nós, mas dentro de mim estão os pratos e as trombetas de uma orquestra tocando a todo volume.

Depois de uma rodada de amor, recomeçamos, desta vez devagar e sem pressa, como se tivéssemos dias ou anos, e não horas. Não frações de horas.

Quando Lorenzo finalmente amolece (em todos os sentidos da palavra), ele se deita sobre mim, me cobrindo com o corpo como um escudo que deixa o mundo longe.

– Posso tirar você daqui – diz ele.

Por um momento, não tenho certeza do que Lorenzo quer dizer, mas ele estende a mão até onde sua calça jeans está junto da minha, duas poças de brim no chão de pinho, e exhibe uma fina caderneta vermelha.

Reconheço aquilo imediatamente, a roda dentada e a estrela de cinco pontas cercada por galhos – oliveira para a paz, carvalho para a força.

– Como você conseguiu isso? – digo, folheando o passaporte novo. A página dois tem minha foto, mas com o nome de outra mulher: Grazia Francesca Rossi. A data de nascimento combina com minha idade mais ou menos.

– Tenho amigos – diz ele. – E amigos podem ser convencidos pelo valor

certo.

– Quem é Grazia? – Rossi é um sobrenome comum na Itália, mas a coincidência parece exagerada. – Sua irmã?

Lorenzo balança a cabeça.

– Não. Não tenho irmã. Grazia é... era... minha esposa. – Ele não espera que eu pergunte e explica: – Ela morreu há cinco anos.

– Ah – digo, como se ele tivesse me dado uma notícia comum, uma previsão do tempo, o resultado do torneio de beisebol, onde acontecerão as próximas Olimpíadas. Não faço perguntas e ele não oferece respostas. – Não posso ir embora, você sabe.

Não há argumento, apenas sua mão percorrendo meu corpo, começando na clavícula e parando dois centímetros acima do meu sexo.

– E se for uma menina, Gianna?

CINQUENTA E DOIS

E se for uma menina?

Fico deitada de lado, um dedo acompanhando o emblema dourado na frente do meu passaporte, esse presente que custou uma fortuna a Lorenzo, meu bilhete de saída deste inferno. *Nosso bilhete para fora daqui*, penso, mantendo a outra mão sobre a barriga. Apenas uma hora atrás eu estava pensando em Styron, e agora aqui estou, uma terrível escolha de Sofia pairando no espaço acima de nós.

Qual? Qual eu salvo?

– Até quando preciso pensar? – pergunto, na escuridão do nosso quarto.

Nós dois sabemos que não tenho muito tempo, pelo menos até organizarmos o primeiro teste na segunda-feira.

– Poderíamos empacar o projeto – digo. – Ganhar algumas semanas.

– Isso bastaria?

– Não.

De repente estou pensando numa praia de mais de vinte anos atrás, não uma praia chique, não Cancún, Bermuda nem nada assim – Jackie e eu mal podíamos juntar dinheiro para duas noites num motel vagabundo sem vista para o mar. Mas íamos todo verão a Rehoboth, em Delaware, tomar cerveja, pegar sol e escapar da loucura da faculdade durante alguns dias. Na última vez que fomos, eu disse a ela que tinha juntado um pouco de dinheiro. Podíamos ficar mais um dia, talvez dois.

– Isso bastaria? – perguntou Jackie, tomando uma Corona que ela havia pegado no *cooler* e na qual havia enfiado uma fatia de lima.

– Não – respondi, gargalhando.

– Tudo acaba, Jeanie. Cedo ou tarde. Você sabe que não pode ficar na bolha das férias para sempre.

Não lembro se ficamos o dia extra naquele quarto de motel ou se voltamos na manhã seguinte. O que me lembro é de pensar, assim que colocamos as bolsas de praia e as malas cheias de biquínis e bronzeadores no nosso apartamento, que realmente não importava. Cedo ou tarde estaríamos no nosso pardieiro em Georgetown, tirando da geladeira sobras de comida transformadas em experiências científicas, verificando a correspondência empilhada, perdendo o bronzeado e voltando para o moedor de carne acadêmico.

De novo, Jackie estava certa. Cedo ou tarde tudo acaba.

– Fiquei pensando... – digo a Lorenzo. – Quando o reverendo Carl me ofereceu pela primeira vez o trabalho, achei que ele tinha inventado a história sobre o irmão do presidente. Lembro de ter ficado parada na cozinha, imaginando se ele pegaria meu trabalho e faria engenharia reversa.

Tombo de volta no travesseiro desejando que ele me engolissem inteira.

– A culpa não é sua.

Mas é. E minha culpa não começou quando assinei o contrato de Morgan na quinta-feira. Minha culpa começou há duas décadas, na primeira vez em que não votei, nas vezes incontáveis em que disse a Jackie que estava ocupada demais para ir a uma das suas passeatas, fazer cartazes ou ligar para meus congressistas.

– Diga que não preciso sair desta cama. Nunca mais.

Lorenzo olha seu relógio.

– Os ratos ainda têm duas horas. Vamos demorar 24 minutos para voltar ao laboratório.

– Uma hora. Pelo menos para mim. Lembre-se, não sou Mario Andretti, não sou nenhum piloto de Fórmula 1.

– Então temos uma hora.

Falo que não posso, mas faço. E dessa vez não estou em silêncio. Grito com meu corpo e minha voz, as unhas se cravando nas roupas de cama ou na pele de Lorenzo. Mordo, gemo e arranho como um felino selvagem com anfetamina, liberando todo o estresse, todo o medo e todo o ódio, derramando-o para dentro dele. Ele absorve cada gota, depois devolve um pouco, puxando meu cabelo, mordiscando meus lábios e meus seios, me atacando com beijos. É violento, mas ainda assim é amor, um grito duplo, de nós dois para o resto do mundo e para todos os pecados do mundo.

CINQUENTA E TRÊS

Nós nos damos quinze minutos para tomar banho e decidir o que fazer.

– Há outro laboratório – digo, deixando a água quente do chuveiro cair com força na pele, ardendo quando bate num arranhão. Olho para baixo e percebo que estou um horror. – Ah, meu Deus.

– Seu rosto está ótimo. Na verdade, está perfeito – afirma Lorenzo, passando espuma no meu cabelo. – E você está certa: tem que haver outro laboratório. Mas não vamos entrar nele.

– Precisamos entrar.

Ele se enxágua e me deixa cuidando do ninho de rato em que meu cabelo se transformou. Dois minutos depois, volta ao banheiro apertado, apoiando o quadril na pia enquanto fala: – Escute, Gianna. Mesmo que encontrássemos o outro laboratório, e daí? Vamos pôr fogo? Seríamos apanhados. Roubar os suprimentos deles? Claro, e se não fôssemos pegos por aqueles seguranças sinistros com uma braçada de frascos, o que aconteceria depois? É o governo, querida. É uma máquina. Eles só iriam recomeçar. No ano que vem, você e Lin estariam tirando tripas de peixe de baixo das unhas. – Lorenzo faz uma pausa e diz: – Se você ficar.

Reflito sobre isso. Ele está certo.

– Então não fazemos nada? – Saio de baixo do chuveiro e começo a me enxugar. – Absolutamente nada?

– Não. Vamos fazer uma coisa. Dar o fora daqui.

– Eu tenho filhos, Enzo. Quatro. Mesmo se pudesse deixar Patrick...

Ele me olha de cima a baixo, se detendo no volume da barriga.

– Bom, eu também tenho um. Posso opinar?

– Você poderia levá-lo, levá-la, o que for. Você poderia levá-la embora.

Mas sei que isso é impossível. Quando este bebê nascer, quem sabe que novas determinações estarão sendo cumpridas?

– Nós dois sabemos que isso não vai acontecer – diz ele, sério, decidido. – É agora ou nunca, Gianna.

– Não. É na semana que vem ou nunca. Vou fazer um exame na segunda-feira e o resultado deve sair no meio da semana.

– E...?

E aqui, na Cabana do Caranguejo, que cheira a suor, sêmen e amor, tomo uma decisão.

– Se for menina, eu vou com você. Quando você quiser.

Ele espera, observando enquanto me visto e penteio o cabelo. Espera uma eternidade antes de falar. Depois me puxa para perto, sussurrando no meu

ouvido: – Está bem, Gianna. Está bem.

Sua voz sai forte, mas sei que ele está rezando, para um deus em que nenhum de nós acredita, para que a análise genética volte com um X duplo. Uma menininha.

– Venha. Precisamos voltar. Eu vou primeiro.

Agora o ar está mais fresco, e as poucas casas de veraneio lançam sombras onde não havia nenhuma quando cheguei. Abro a porta do Honda, entro e penso: vou rezar para que seja o quê, um menino ou uma menina? Ficar ou ir embora. Ver Sonia ser tirada de mim ou, num cenário um pouquinho mais agradável, ver algum enfermeiro uniformizado, seguindo ordens, injetar nela uma mistura que vai tirar todas as palavras dela para sempre. Não creio que eu suportaria nenhuma das duas opções.

Rezo a um deus em que não acredito para que seja uma menina, para não ter que testemunhar nada disso. E rezo a esse mesmo deus para que seja um menino, para nunca ter que deixar minha Sonia.

CINQUENTA E QUATRO

Lin não apareceu hoje, informam os soldados no posto de segurança enquanto me revistam pela terceira vez.

– Não, senhora – diz um deles.

É o mesmo rapaz arrumadinho que me revistou quando eu saí. O nome acima do bolso esquerdo do peito é PETROSKI, W.

– Preciso falar com Morgan.

– Quem?

– O Dr. LeBron.

Chamá-lo de doutor traz um gosto ruim de bile à minha boca. Ele não merece o título.

O sargento Arrumadinho Petroski verifica minha bolsa, ainda que ela já tenha passado pelo raio X, e assente para seu parceiro. Depois de dois toques, Morgan atende.

– O que é? – pergunta ele.

O soldado pega meu crachá, vira-o nas mãos e lê meu nome.

– A Dra. McClellan diz que precisa ver o senhor.

– Diga a ela que estou ocupado.

Aquela voz estridente, aguda feito o guincho de um rato de laboratório, rasga o ar entre mim e o soldado. É como penso em Morgan, como um rato, uma criatura imunda e maligna, mas não muito inteligente.

– Diga a ele que vamos verificar os camundongos – peço ao soldado. – Mas primeiro quero passar as informações para ele.

De novo o guincho, desta vez com uma leve esperança: – Mande-a para cá. Com um acompanhante.

Trinta segundos depois, estou no elevador com um homem – não, um garoto – não muito mais velho do que Steven. Por alguma razão, penso em como ele devia ser quando estava na faculdade, tomando cerveja barata através de um funil, fazendo juramento para uma fraternidade estudantil, arrastando-se sonolento para a aula de cálculo de manhã cedo.

– Você fez faculdade? – pergunto.

– Sim, senhora.

– Formou-se em quê? – Estou pensando em ciência política, direito ou história.

Ele se enrijece ao meu lado, mas não se vira.

– Filosofia, senhora.

– Ensinaaram você a disparar uma dessas na aula de Epistemologia 1? – pergunto, indicando a pistola em seu quadril.

Espero que ele se feche e diga que não é da minha conta. *Circulando, senhora. Não há nada para ver aqui.*

Mas não. Em vez disso, seu lábio inferior treme ligeiramente e eu vejo o menino dentro do uniforme elegante de sargento Petroski.

– Não, senhora.

O velho ditado diz *Mantenha o lábio superior rígido*, significando que a

pessoa deve se manter impassível. Mas, olhando seu reflexo nas paredes de aço do elevador, penso que não é com o lábio superior que precisamos nos preocupar. O de baixo revela nosso terror. Todas as vezes.

Decido não torturá-lo com mais perguntas. Afinal de contas, Petroski é apenas um garoto, um menino que pegou a curva errada em algum lugar da estrada da vida, não muito diferente de Steven. Ainda que, depois de um breve desvio, Steven tenha voltado ao caminho certo. Talvez este também volte.

– Ainda há tempo – digo, sem saber realmente se estou falando com o jovem soldado ou comigo mesma.

A porta dupla do elevador desliza ao mesmo tempo que uma voz mecânica – feminina, por acaso – diz “Quinto andar”, e o jovem Petroski se vira ligeiramente, estendendo o braço, sinalizando para eu sair. É tão rápido que quase não percebo as três piscadelas.

Pisque uma vez para sim, duas para não.

Ou três vezes para Não Puro.

Pisco para ele, um gesto que as câmeras podem captar ou não, mas, se captarem, posso inventar alguma coisa. Um inseto no olho, um cílio solto, tensão.

– Vamos.

Na tarde de sábado, o corredor do quinto andar deveria ser uma cidade fantasma, todos aqueles generais e almirantes longe, jogando golfe, tênis ou War em seus porões. Mas todas as portas das salas estão abertas, e atrás de cada uma há um homem a uma mesa, ocupado e concentrado.

A terceira porta à minha direita, depois de sairmos do elevador, tem uma placa de latão onde está escrito WINTERS, J. Dentro, o homem atrás da mesa levanta os olhos, faz uma carranca e volta a ler. É o mesmo que vi ontem à tarde, e o mesmo nome que li na lista da equipe dourada ontem à noite.

– Cá estamos – diz o sargento Petroski.

Ele bate à porta fechada de Morgan, três batidas militares, nítidas.

– Entre.

Petroski gira num calcanhar engraxado.

– Boa sorte, senhora. Quer dizer, com o projeto. Eu a levo para baixo quando estiver pronta.

Morgan se levanta quando entro, me oferece uma cadeira e aperta um botão no telefone da mesa.

– Andy, café para dois. – Ele me olha. – Leite? Açúcar?

– Puro – respondo, retribui o sorriso.

Se ele está se sentindo magnânimo, por que não entrar na festa, mesmo que seus olhos me lembrem um pouco dos ratos de laboratório nos quais Lorenzo aplicou as injeções hoje cedo?

Ele repassa a ordem para Andy, seu assistente, e se acomoda na cadeira atrás da mesa, a cadeira cujo assento ele levantou ao máximo para parecer maior. Penso que deve ser doloroso ficar sentado assim, sem os pés tocarem o chão.

– E então, algum progresso?

Olho o relógio acima da cabeça de Morgan.

– Vamos saber dentro de trinta minutos. Cadê a Lin?

A mudança brusca o deixa lento, como se alguém tivesse acabado de lhe oferecer sorvete e depois pedido para optar entre anchova e atum. Enquanto ele processa o que eu disse, os cantos de sua boca se curvam, primeiro para baixo, depois ficam retos, e em seguida sobem de novo.

– Fantástico. Acha que estaremos prontos para testar amanhã?

– Nossa primeira paciente está marcada para segunda-feira.

– Mude para amanhã – diz ele, então acrescenta: – Se você puder, Jean. Só se você puder.

Aproveito a deixa para bancar a boazinha. Ele quer alguma coisa; eu quero uma coisa.

– Sem dúvida.

Agora Morgan relaxa e Andy bate de leve à porta antes de entrar com uma bandeja.

– Deixe que eu sirvo – digo inclinando a jarra sobre duas canecas brancas com um emblema do P azul. – Escute, desculpe ter gritado com você mais cedo.

– Todos estamos passando por um enorme estresse, Jean. Paz.

Claro. Paz. Quase lembro a Morgan que a palavra “paz” e a palavra “submissão” são praticamente idênticas em algumas línguas, mas não há sentido em confundi-lo. Preciso demais do sacana.

– Preciso pedir um favorzinho. Minha mãe teve um rompimento de aneurisma. Hemisfério esquerdo. Área de Wernicke.

Os olhos de Morgan se estreitam, mas ele não fala nada.

É difícil dizer se esses olhos revelam preocupação, simpatia ou desconfiança, por isso vou em frente, tateando o caminho, um passo de cada vez.

– Eu estava pensando, já que estamos começando os testes clínicos de qualquer modo, será que poderíamos colocá-la na lista de pacientes?

– Claro que podemos. Traga-a amanhã e pode prepará-la.

– Bom, isso vai ser difícil. Ela está na Itália.

Ele se recosta, um cotovelo em cada braço da poltrona, como se tentasse ocupar o máximo de espaço possível.

– Itália – repete.

– É. Você sabe, a terra da pizza e do café maravilhoso.

Diferente da bosta que Andy trouxe, penso.

– Tenho um problema com isso, Jean. As relações entre nós e a Europa estão... – ele procura uma palavra – ... ruins.

É a cara do Morgan. De todos os termos que ele poderia escolher – “tênuas”, “tensas”, “problemáticas”, “adversas”, “hostis”, “desfavoráveis” –, Morgan escolhe “ruins”.

Ele continua, os olhos se movendo ligeiramente para cima e para a esquerda, sinal claro de que está criando uma mentira ou se contendo, mas não creio que Morgan tenha noção desse tique subconsciente; a maioria dos mentirosos não tem.

– Você entende, não é, Jean? Quer dizer, não podemos simplesmente mandar um produto valioso assim para a Europa. Não com o clima atual.

Meu café fica mais amargo a cada gole.

– E se você me mandar? Eu poderia administrar o soro e...

– Rá! – A sílaba é mais um latido do que uma palavra. – Você conhece as regras para viagens – diz ele, suavizando a voz, mas só um pouquinho. – De jeito nenhum.

Como eu poderia ter esquecido?

– Certo, então. Lorenzo. Ele pode viajar.

Morgan balança a cabeça, como se fosse explicar um complexo problema de matemática a uma criança, um conceito tão fora da minha capacidade de entender que ele acha que seria inútil dividi-lo em partes.

– Ele é italiano, Jean. Cidadão europeu.

– Ele é um de nós.

– Na verdade, não.

– Então é isso?

Ele começa a folhear papéis em sua mesa, o clássico gesto de Morgan para dizer “nossa reunião terminou”.

– Desculpe, Jean. Me ligue quando os ratos estiverem prontos, está bem?

– Claro. – Eu me viro para sair da sala. – Por sinal, cadê a Lin?

– Não faço ideia – responde ele, e seus olhos se movem para cima e para a esquerda.

CINQUENTA E CINCO

Enquanto desço de elevador até o subsolo, uma série de vinhetas horríveis lampeja na minha mente.

Médicos na França, com cérebros intactos em todas as partes, menos uma, são incapazes de processar as instruções escritas numa garrafa de desinfetante para as mãos, quanto mais falar com os pacientes, escrever receitas, realizar cirurgias. Corretores de valores na Alemanha dirão animados aos clientes *Cavar!*

em vez de *Comprar!*, e *Garfo!* em vez de *Vender!*. Um piloto de avião na Espanha, encarregado de transportar em segurança duzentos passageiros, interpreta os alertas de um controlador de tráfego aéreo como uma piada engraçadíssima e ri enquanto seu avião mergulha nas águas do Mediterrâneo. E assim por diante, assim por diante, até que um continente inteiro esteja se afogando num caos sem linguagem, prontinho para ser dominado.

– Avise se precisar de alguma coisa – diz o sargento Petroski quando o elevador chega ao primeiro andar.

Ele sai sem olhar para trás e ocupa seu lugar no posto de segurança enquanto cinco homens passam pela porta principal.

Bom, Lorenzo e eu não somos os únicos trabalhando hoje. *Quelle* porra de surpresa.

Continuo a descer até o subsolo, cada segundo parecendo outro passo numa jornada para o inferno. Dentro do laboratório, Lorenzo está sentado diante de duas gaiolas de ratos, estudando uma papelada.

– Grupo Um – diz ele baixinho.

Não precisa acrescentar nada. A gaiola rotulada com UM é um circo de roedores animados, tagarelando e guinchando, movendo-se em sua pequena comunidade de ratos como se estivessem num evento de igreja. A segunda gaiola tem uma dúzia de criaturas sem vida, com os corpos peludos já se enrijecendo.

Eu me odeio por ter dado nomes a eles.

Os ratos não têm a capacidade de linguagem, mas não precisamos que eles tenham, pelo menos para esse teste final. Devido ao trabalho anterior de Lin – felizmente – não precisei participar das experiências com macacos há dois anos; já isolamos os componentes neurolinguísticos do soro. Hoje os ratos servem a um único propósito: testar as duas neuroproteínas que Lorenzo desenvolveu. Nenhum de nós quer injetar uma toxina num paciente humano.

Mas, claro, é exatamente isso que vai acontecer.

Sento-me ao lado de Lorenzo e puxo uma folha em branco de sua pilha. Em letras pequenas escrevo duas palavras no canto superior da folha, cobrindo-as com a outra mão: *Arma biológica*.

Assim que ele lê, eu amasso a página e a levo pela porta interna até o laboratório de bioquímica. Lorenzo vem atrás, e juntos vemos o papel ficar amarelo, depois preto, desintegrando-se na chama azul de um bico de Bunsen.

– Tem certeza? – pergunta ele, abrindo a torneira da pia e olhando as cinzas.

– Não, mas faz sentido. – Conto a ele sobre a conversa com Morgan lá em cima. – Pense bem, Enzo. Projeto Anti-Wernicke. Projeto Wernicke e Projeto

Solubilidade em Água. Aplicar injeções demora: juntar as pessoas, treinar os técnicos. Isso daria a eles uma chance de escapar. Se você colocar a coisa no suprimento de água de uma cidade, seria o mesmo que jogar uma bomba de nêutrons. – Estalo os dedos. – *Pou!* Mas sem o som.

– Isso é insano.

– O reverendo Carl também é. E, por sinal – digo, enxugando a bancada de resina epóxi, tirando qualquer traço do papel queimado antes de chamarmos Morgan –, nosso intrépido líder quer que os testes sejam remarcados para amanhã.

– Eles estão com pressa.

– É. Estão.

Deixo Lorenzo chamar Morgan pelo interfone, para não ter que falar com o filho da puta mais do que o absolutamente necessário. Enquanto isso, preparo frascos com o primeiro soro de neuroproteína e preencho o relatório do dia. Tranco os ratos – os mortos – num freezer para que Lin possa realizar sua magia *post-mortem* com eles quando chegar.

Se Lin chegar.

– Ela não disse nada a você ontem, disse? – pergunto quando Lorenzo desliga o interfone.

Ele balança a cabeça.

– Só que ia jantar com uma amiga.

– Que amiga?

– Você se lembra da Isabel?

– Como poderia esquecer?

Isabel Gerger costumava passar no nosso laboratório quando não estava dando aula de conversação avançada em espanhol. Era argentina, mas com ascendência suíça, uns trinta centímetros mais alta do que Lin, usava o cabelo numa cascata loura descendo pelas costas e falava com um ciciar leve e charmoso. As duas eram o exemplo máximo de opostos, mas combinavam de todos os modos que um casal pode combinar.

Até o ano passado, quando cortaram o relacionamento, cancelaram o noivado e fizeram o que todos os gays e lésbicas podiam fazer para não ser mandados para um campo de concentração: jamais falaram de novo uma com a outra. Não que houvesse muita coisa a falar assim que os contadores de pulso de Lin e Isabel foram postos.

– Espero que estejam sendo cuidadosas – comento.

A ideia de Lin, com seu cérebro grande e corpo pequeno, trabalhando para

pagar os pecados da carne com as mãos nuas, me causa arrepios. Jackie podia enfrentar esse tipo de merda. Mas Lin não é Jackie. E então outro pensamento, mais sinistro, abre caminho: *e se todos nós estivermos sendo seguidos?*

Afasto a questão da cabeça – não há espaço para mais nenhum pensamento, nenhum neurônio de sobra – e lavo o ranço de rato morto das mãos enquanto esperamos Morgan.

– Então... Segunda-feira – diz Lorenzo.

Ele não está falando de trabalho.

– Segunda. De tarde.

O relógio na parede do laboratório informa que são cinco horas. Tenho menos de 48 horas para tomar uma decisão que sei que será irreversível.

Meus pais, este bebê dentro de mim e Lorenzo de um dos lados da balança. Patrick e as crianças do outro. Dois destinos aparentemente inevitáveis, mas diferentes, pairam sobre cada escolha, como nuvens de tempestade. Ficar e esperar que o reverendo Carl piore ainda mais esse jogo terrível ou ver de perto a Europa cair de joelhos, na primeira fila, os melhores lugares da casa.

Lorenzo chega mais perto, o suficiente para nossas mãos se tocarem. É uma sensação sólida, esses dedos roçando nos meus.

Mas não basta.

CINQUENTA E SEIS

São quase sete horas quando estaciono meu Honda na entrada de veículos. O céu ainda está suficientemente claro para eu não conseguir imaginar o inverno ou a escuridão que ele traz. Nesta época do ano sempre me iludo pensando que o inverno não virá.

Mas virá. Sempre vem.

Patrick contou uma mentirinha a Sonia e aos gêmeos – mas não sei bem até

que ponto é uma mentira pequena –, explicando por que eles estão no meio de três jogos de tabuleiro simultâneos em vez de se preocupar com a ausência de Steve. Sonia se afasta dos irmãos para me abraçar.

– Estou ganhando! – exclama ela. – De novo.

Levanto uma sobancelha para Patrick.

– Eu disse que ele foi passar uns dias com um amigo – explica ele, depois olha para as crianças e sua floresta de peças de plástico. – Sam, Leo, vigiem sua irmã. Sua mãe e eu vamos lá fora um minutinho.

– Vamos? – pergunto.

– Vamos. Aqui, Jean. – Ele me entrega a garrafa de cerveja que acabou de destampar.

Jean. Não “amor” ou “querida”, mas “Jean”. Patrick está em modo profissional. Ou está puto, o que faz sentido. Nas últimas 24 horas eu cometi dois crimes. Talvez mais, se contar com a mexida na correspondência.

– Venha. – Ele abre a porta dos fundos e me leva o mais longe da casa possível. – Tem alguma coisa para me contar?

Engulo em seco, sem ter certeza do que é pior – roupar o envelope do projeto e lê-lo ou passar metade da tarde com Lorenzo. Ou estar grávida de dois meses e meio, penso. *Não esqueça isso, Jean.*

Ele afasta uma mecha de cabelo de cima da testa.

– Olha, sei que você esteve no meu escritório.

– Eu queria falar com meu pai pelo FaceTime – minto.

– Bela tentativa, amor, mas sei que não foi isso. Verifiquei a lista de chamadas no telefone da cozinha.

Bom, pelo menos voltamos ao “amor”.

Ele se senta numa ponta do banco, me puxando para me juntar a ele. Recuo.

– Não vou engolir, você sabe – diz ele.

Automaticamente minha mão direita vai até a gola da blusa e eu aperto o tecido em volta do pescoço. Só para o caso de eu ter trazido alguma lembrança da Cabana do Caranguejo.

– Certo – falo, e me sento ao lado dele.

– Eu vi um homem ser executado uma vez – continua Patrick, olhando direto para as azaleias que agora já passaram da explosão de cor do fim de primavera. – Foi no último mês de setembro. Na verdade foi em primeiro de setembro. Às 14h23.

Não sei o que dizer, por isso faço a primeira pergunta que me vem à mente: – Você se lembra da hora? Da hora exata?

– Lembro. Antes disso, nunca tinha visto um homem, ou uma mulher, morrer. Na verdade, nunca vi nem um animal morrer. Isso gruda no cérebro, sabe? Enfim, ele era do meu departamento. Um dos cientistas mais novos, trabalhava como elo entre a administração e as outras organizações, Fundação Nacional de Ciência, Centros de Controle de Doenças, NIMH, coisas assim. Jimbo vivia falando siglas. O nome dele era Jim Borden, mas todo mundo o chamava de Jimbo. Era um cara bom. Tinha uma esposa jovem e uma menina mais ou menos da idade de Sonia, talvez um ano mais nova. Gostava de contar piadas. É o que eu lembro dele. Não é engraçado, Jean?

Não, mas eu digo que é.

Patrick toma um gole de cerveja e estala os lábios.

– A outra coisa engraçada era que Jimbo vivia piscando. Quero dizer, como a gente pisca quando tem um cílio solto ou um grão de poeira no olho. Ele fazia isso de três em três. Pisca, pisca, pisca. Não para todo mundo, mas eu o pegava fazendo isso de vez em quando. Já viu alguém fazer isso?

Confirmo com a cabeça.

– Bom, Jimbo mantinha a cabeça baixa na maior parte do tempo, folheando papéis e fazendo cópias. Toda tarde, por volta das três horas, ele saía do escritório dizendo que tinha uma reunião com um cara do outro lado da cidade. Pegava a pasta e saía pela porta. Não sei se alguém notou, pelo menos a princípio, mas quando ele voltava, a pasta parecia mais leve. Dava para ver pelo modo como ele a balançava. Nunca falei nada sobre isso. Com ninguém.

Agora minha cerveja está quente e eu não quero beber. Ponho a garrafa no piso de pedras e me viro para Patrick.

– Mas alguém o pegou.

– Alguém sempre pega, amor. Sempre. Cedo ou tarde você faz merda. – Há uma pausa, então ele continua: – Não quero dizer você. Quero dizer “você” tipo... num sentido genérico. – Ele dá um tapinha na minha mão e eu só noto como sua mão está limpa. – Jimbo deve ter visto que a coisa ia acontecer porque, uma semana antes de atirarem nele, ele veio me procurar. Perguntou se eu era Puro como o resto. – Patrick dá um riso leve, mas sem humor. – Acho que eu não pareço um cara ruim, não é?

– Não. Não parece.

Nunca pensei em Patrick como um cara ruim, só um tipo de cara que fica de cabeça baixa e cala a boca. Mas não digo isso. Sei para onde a conversa está indo.

– Jimbo deixou uma coisa para mim antes de ser levado algemado para fora

do departamento. Só um nome e um número. Disse que a decisão de fazer contato ou não era minha, e que esperava que eu fizesse, mas não ficaria chateado se eu recusasse. Foi assim que fiz contato com o Del. Você viu o que aconteceu com o Del hoje de manhã.

– Vi.

– Vão atirar nele, você sabe. Como atiraram em Jim Borden. Eles colocaram a gente num ônibus, Jean. Bom, em dois ônibus. Levaram a gente até Fort Meade, sem dizer uma palavra sobre o destino. O boato era de que seria uma dinâmica para melhorar o trabalho em equipe. Ainda consigo vê-lo. Eu o vejo todo dia às 14h23. Jimbo algemado num poste, olhando para todos nós enquanto o reverendo Carl lia as Escrituras. Glória, glória, aleluia, merda, estamos com uma raposa no galinheiro, caras, e só há um modo de cuidar de uma raposa invasora. Thomas... você se lembra do Thomas... bom, foi o filho da puta que atirou. Sem julgamento, sem júri, sem último pedido. Eles simplesmente atiraram nele, porra, ali, na área de treino de tiros do Fort Meade. Vi Jimbo tombar, escorregar pelo poste ao qual estava algemado, vi enquanto ele sangrava até morrer num trecho de areia que já estava manchado de vermelho.

Patrick se inclina, pega minha cerveja e a toma num gole só.

– De qualquer modo, foi por isso que não contei a você. Quando vierem me pegar, é melhor que você não saiba nada.

“Quando”, não “se”.

– Mas agora sei.

– Acho que sim, amor. Acho que você sabe.

– Steven? – Não quero fazer a pergunta, mas não consigo evitar. – Se ele chegar a Dakota do Norte e for encontrado...

Em vez de responder, Patrick enterra a cabeça nas mãos.

CINQUENTA E SETE

Não há amor esta noite, mas há.

Colocamos três crianças na cama e desejamos em silêncio que Steven retorne antes que seja tarde demais. Então Patrick me leva para a cama e me envolve com seus braços.

– Você precisa ir embora. De qualquer modo.

– Não posso – digo, apesar de poder.

– Você conhece alguém, não conhece? Aquele italiano que trabalhava no seu departamento.

Então é assim, ter meu próprio marido sancionando meu caso amoroso.

Saio da cama e pego a mão de Patrick.

– Vamos tomar uma bebida.

No caminho para a cozinha, ainda não descobri a história, não toda a história, não o fim da história, mas sei como ela começa. E pode muito bem começar com a verdade. Pego dois copos e sirvo dois dedos de uísque puro no de Patrick e encho o meu com água.

– Nada de grapa esta noite? – pergunta ele.

Tudo está para ser revelado: aquele primeiro dia na sala de Lorenzo com a caixa de música, quando vi seus dedos compridos de músico e os imaginei tocando minha pele. A velhice que senti ao ver Steven, que ontem era apenas um bebê, entrar na adolescência. O tédio depois de tantos anos com o mesmo homem, o mesmo sexo. Por fim, a raiva pela passividade de Patrick, o encontro com Lorenzo depois de esbarrar com ele no Eastern Market. O bebê. Meu novo passaporte.

Só que, antes de falar, eu penso.

Penso em todas essas coisas, imaginando as palavras ricocheteando nos azulejos da cozinha. Na realidade, não existe moto perpétuo; toda energia acaba sendo absorvida, mudando de forma, mudando de estado. Mas essas palavras que estou para soltar jamais serão absorvidas. Cada sílaba, cada morfema, cada som individual vai reverberar para sempre nesta casa. Vamos carregá-las como aquele personagem de desenho animado que está sempre cercado por uma nuvem de sujeira. Patrick vai senti-las como dardos invisíveis, venenosos.

No fim das contas, não preciso dizer nada.

– Acho que você deveria ir com ele – comenta Patrick, como se tivesse visto toda a história nos meus olhos. – Com o italiano.

Penso que eu deveria estar aliviada por não precisar dizer as palavras. Em vez disso, sinto náusea por ter que ouvir Patrick dizendo-as, percebendo que seu conhecimento de quem eu sou não resulta de bisbilhotice e, sim, de anos de intimidade. Sua voz está fria; um gelo artificial afia o gume. Estendo a mão e ponho sobre o braço dele.

Então sua mão cobre a minha. E ele se vira de costas.

Ficamos parados, um casal de meia-idade numa cozinha, uma frigideira do jantar cheia de água na pia, a cafeteira pronta para entrar em ação quando a manhã chegar. Tudo neste quadro é normal, a rotina simples de uma vida juntos.

Por fim ele se afasta. Não é nada, realmente, só Patrick se virando para limpar uma migalha de pão na bancada ou verificar a frigideira com água. E, ao mesmo tempo, essa separação é tudo. Quando ele se vira de volta para mim, o V em sua testa parece mais profundo, quase gravado na pele.

– Leve Sonia – diz ele baixinho. – Eu fico com os garotos e penso em alguma coisa.

– Patrick, eu...

Agora é sua vez de reconfortar, e a mão que ele pousa em mim parece um peso.

– Não, Jean. Prefiro deixar as coisas... – Ele suspira. – Não sei. Acho que prefiro que a gente não entre nesse assunto. Saber já é suficientemente ruim. Está bem?

Não tenho ideia do que dizer, por isso empurro toda a dor para algum lugar escuro, para ser enfrentada mais tarde, para sentir a pontada sozinha, no meu tempo particular. Por enquanto Patrick não precisa saber sobre o bebê.

– O que você vai fazer?

– Eu disse que vou pensar em alguma coisa. Ele franze ainda mais o cenho.

– O quê, por exemplo? Você sabe o que eles estão planejando, não sabe? Um novo soro, uma porcária de um soro solúvel em água. Quanto tempo você acha que a gente vai durar na Itália, ou em qualquer lugar, antes que toda a porcária do mundo fique Azul Puro?

Ele não tem resposta.

Mas eu tenho. Não preciso de Patrick e de seu conhecimento político para dizer o que já sei. Todos aqueles sorrisos, assentimentos e *Que tal um pouco de café*, Jean na sala de Morgan não me enganam. Sou tão dispensável quanto um batom vazio, ou serei no momento em que testarmos o soro novo. O laboratório vai me manter por um tempo, até estabelecermos um registro bem-sucedido, até eles terem certeza de que não sou mais necessária.

Estarei na minha sala no trabalho, talvez sentada à mesa sem telefone, talvez parada junto à parede que deveria ter janela mas não tem. Morgan vai bater à porta, uma batidinha só para constar, porque não posso impedi-lo de entrar, de penetrar no meu espaço. A porta da minha sala não tem fechadura.

– Dra. McClellan – dirá ele, possivelmente enfatizando o título, porque está cansado de ter que usá-lo ou porque está aliviado por não ter que usá-lo mais. – Quer vir comigo, por favor?

Não será um convite.

Vamos caminhar pelo corredor de escritórios, Morgan esticando as pernas

curtas para se manter um passo à minha frente. Não saberei se isso é um gesto de liderança ou se ele não quer me olhar nos olhos, mas vou achar que tem algo a ver com as duas coisas.

Vou perguntar a Morgan aonde vamos. Outra reunião? Ele encontrou uma falha no soro? O que desejarei dizer, mas não direi, é: *eu sou a próxima, não é?*

Se eu partir agora com Lorenzo vou me tornar Grazia Francesca Rossi. Vou fazer compras em feiras e açougues, visitar meus pais, fazer amor com um homem que é meu marido apenas no papel. Um dia, talvez dentro de algumas semanas ou meses, depois de voltar de uma caminhada agradável pelas ruas da velha Roma, tomarei um copo d'água na minha cozinha, como estou fazendo agora.

As palavras de Jackie voltam para mim, banais mas duras: *Tudo acaba, Jeanie. Cedo ou tarde.*

– Água – digo a Patrick.

Ele me serve outro copo, sem entender. Afinal de contas, eu mesma só descobri agora.

– O que você faria para se livrar de todos eles? – pergunto. – Para fazer as coisas voltarem a ser como eram?

De novo ouço Jackie: *Pense no que precisa fazer para continuar livre.*

Patrick engole o resto do uísque, examina a garrafa e se serve de mais um dedo. Preciso tirá-la dele antes que a bebida se derrame na bancada – suas mãos normalmente firmes estão tremendo.

– Qualquer coisa – diz ele depois de um longo gole. – Absolutamente qualquer coisa.

“Qualquer coisa” é uma expressão engraçada, usada demais e raramente literal. *Eu faria qualquer coisa para ter um encontro com ela. Eu pagaria qualquer coisa para ter ingressos na primeira fila do show. Qualquer coisa que você quiser.* “Qualquer coisa” jamais cobre toda a gama da existência.

Inclino-me por cima da bancada, suficientemente perto para sentir o cheiro doce do uísque no hálito dele, até que nossos narizes estão quase se tocando.

– Você mataria? – pergunto.

Patrick não pisca. Por um momento imagino se ele ainda está respirando, tamanha a imobilidade.

Preciso me lembrar de quem Patrick é, e do que ele é. O cara silencioso. O que não quer se envolver, que preferiria falar de teoria do que de prática. O homem que Jack chamou de babaca intelectual tantos anos atrás em nosso apartamento vagabundo em Georgetown, com o sofá de segunda mão comido

por ratos e os móveis da Ikea cujo laminado se soltou um ano depois de ter sido montado. Além disso, ele uma vez jurou lidar cuidadosamente com questões de vida e morte, e recitou a promessa: *não devo bancar Deus*.

Ao responder, ele diz apenas uma palavra: – Sim.

A cozinha, quente e abafada, esfria.

Então ele completa:

– Mas você sabe que não precisamos.

– Exatamente.

Só precisamos tirar as vozes deles.

CINQUENTA E OITO

Dizem que o mal não descansa, por isso nenhum de nós dorme esta noite. Vou para a sala e pego minha pasta, a que tem o X vermelho, que escondi de Morgan apenas dois dias atrás, e levo para o escritório de Patrick.

Ele está me esperando no escuro, mas acende a luminária da escrivaninha quando entro.

Página por página, Patrick examina os dados. Para na seção que contém

fórmulas escritas na letra bonita, europeia, de Lorenzo.

– Você fez isso?

Balanço a cabeça, depois percebo que ele não pode me ver.

– Não. Lorenzo.

– Aham.

– O quê? – pergunto, me esforçando para ler à luz fraca.

– É uma coisa linda.

Eu entendia, e ainda entendo, um pouco do trabalho de Lorenzo, mas Patrick tem a formação em bioquímica para processá-lo. Ele lê cada anotação, cada comentário rabiscado, os lábios se movendo enquanto vai de página em página. Quando chega ao fim da quarta página, vira-a, colocando o papel sobre os outros, voltado para baixo.

Não sou suficientemente rápida.

A cabeça de Patrick se move um pouquinho à esquerda, para longe da página cinco das anotações de Lorenzo, e seu olhar pousa no verso da folha anterior.

Patrick e eu trabalhamos de modo diferente. Minhas mesas sempre foram atulhadas de coisas desnecessárias: uma foto emoldurada, um pacote de chiclete, creme para as mãos, canetas e lápis além do que preciso. Em consequência eu examino a papelada pegando a folha de cima e colocando na parte de baixo da pilha. Patrick, com uma mesa estéril feito um piso de hospital, faz duas pilhas, uma lida e uma não lida, virando cada página terminada e colocando-a à esquerda.

E é por isso que nunca vi o que Lorenzo escreveu no verso da página quatro.

Parece um poema, mas não muito estruturado. Os versos são cortados aqui e ali, uma palavra numa linha, depois uma pausa, em seguida uma frase. De onde estou sentada, diante de Patrick, é impossível ler o texto de cabeça para baixo, mas identifico o título com bastante clareza.

A Gianna.

– Ah... – diz Patrick.

Seu italiano é tão fluente quanto seu suaíli, por isso sei que não vai entender nada. Mas há certas palavras que entregam: *amore*, *vita*, meu nome. Ele tira os óculos de leitura e olha para mim do outro lado da mesa. A luz da luminária mostra cada ruga em seu rosto.

– Ele está muito apaixonado por você.

– É.

– É mútuo?

Hesito, e acho que é isso que me entrega, ali no escuro, ainda que meu rosto não deva ser nada mais do que uma silhueta vaga.

– Certo – diz ele. – Certo.

Como se tudo estivesse certo.

– Que tal você fazer um café, amor? – pede ele.

– Claro.

Sei que ele precisa de um minuto, talvez de vários.

Na cozinha meço cinco colheres de café forte, encho o reservatório com água e olho a cafeteira pingar lágrimas pretas na jarra vazia. Quando o café está pronto – quando eu estou pronta –, coloco, numa bandeja, canecas e açúcar, assim como leite de uma caixa quase cheia, uma lembrança medonha de que Steven foi embora. E volto ao escritório.

Se Patrick chorou ou não, não dá para saber. Agora ele se porta de modo totalmente profissional, tomando notas e examinando símbolos estequiométricos esquecidos num livro de química que ele abriu na mesa.

– E então? – pergunto.

Ele balança a cabeça.

– Parece reversível, até fácil, mas não sei fazer. Para começo de conversa, eu não tenho um laboratório. Em segundo lugar, faz vinte anos que trabalhei em um. E o seu... – Ele faz uma pausa, se corrigindo. – E Lorenzo? Afinal, ele é o pai dessas equações, não é?

Ao ouvir a palavra “pai”, meu café desce pelo lugar errado.

– Certo. E o problema de solubilidade em água?

Patrick chega a sorrir.

– Essa é a parte brilhante. Ele já é solúvel em água, pelo menos para nossos propósitos. Presumindo que você não se incomode com efeitos colaterais indesejados.

Ele aponta para o trabalho final de Lorenzo, a chave cognitiva que, quando virada na fechadura de células do giro temporal superior do hemisfério esquerdo do cérebro, abrirá a porta para a recuperação. Ou, no caso do antissoro, cria uma sala cheia de caos de palavras.

Sei o que Patrick quer dizer, e não me importo com qualquer efeito colateral de uma aplicação sistemática da droga, não quando estamos falando do sistema do reverendo Carl Corbin. Ou do presidente.

– Acha que ele pode ter isso pronto até segunda-feira de manhã? – pergunta Patrick.

- É pouco tempo.
 - É para quando a próxima reunião de todo o pessoal do Projeto Wernicke está marcada. Todo o pessoal do seu prédio vai estar na Casa Branca.
 - O reverendo Carl também?
- Patrick assente.
- Ele também.
- Certo, penso. Segunda-feira. O relógio na mesa de Patrick marca 6h41.*

CINQUENTA E NOVE

Má ou não, eu durmo e, durante três horas doces e sem sonhos, não penso no plano, em Patrick nem em Lorenzo. Não penso no lugar onde Steven pode estar nem se Del, o carteiro transformado em espião, está numa sala fechada decidindo se abre o bico ou se vê suas filhas implorarem enquanto Thomas trabalha nelas. Não penso no cotoco queimado onde antes estava a mão de Olivia King, nem se Lin e Isabel foram apanhadas e agora estão a caminho da prisão.

O sono é uma bênção enquanto dura.

Sem nada além de café no estômago, vou para o laboratório, com as anotações de Patrick dobradas dentro do pó compacto que levo na bolsa.

Lorenzo está em sua sala, fazendo café.

– Quer um pouco? – pergunta ele.

– De jeito nenhum. – Já posso sentir uma úlcera no estômago. Pego o pó compacto, abro, tiro rapidamente o papel e o deslizo pela mesa. – Vou deixar tudo preparado para a Sra. Ray. Encontre-me lá embaixo quando estiver pronto.

Minha sala está vazia e escura, exatamente como a deixei ontem. Sei que Lin não voltou. Pior, tenho certeza de que ela não vai voltar.

Portanto, tenho um plano. Esperança, não tanto.

Meu reflexo no elevador me olha de volta, dos três lados. Pela frente não estou tão ruim, um pouco de olheiras, o cabelo despenteado como sempre, o rosto meio abatido pela dieta recente de café e água. A visão lateral mostra uma eu diferente daquela com a qual estou acostumada. Eu me lembro de endireitar as costas e levantar o queixo. Não há sentido em permitir que a Sra. Ray me veja derrotada; ela só iria se preocupar. Tento encolher a barriga, mas não adianta. O volume irregular embaixo da blusa me lembra de que precisei deixar o botão da calça jeans aberto.

Meu Deus, espero que Patrick não tenha notado quando se despediu de mim com um beijo, hoje cedo.

Dentro do laboratório, digo olá aos roedores e coelhos remanescentes, ignoro o freezer onde os doze ratos mortos esperam para ser dissecados e preparo uma sala lateral para a Sra. Ray. É simples e estéril, não exatamente o que eu tinha em mente para seus primeiros momentos se juntando de novo ao território da linguagem, mas posso melhorar.

Volto para a sala das gaiolas e pego um coelho da fila de cima, colocando-o num cubo de acrílico com buracos altos de cada lado, acrescentando uma cama de lascas de madeira, um tubo para água e algumas bolinhas de ração. Sei que são feitas de alfafa, mas têm cheiro de bosta.

– É isso aí, Tambor – digo a ele. – Tenho uma nova amiga para você conhecer.

Morgan entra.

– O que é isso, Jean? – pergunta ele. – Pensei que você tinha terminado os testes com animais.

De novo meu cérebro diz para o meu corpo ficar ereto.

– Ele está aqui para a Sra. Ray. Achei que ela fosse querer ver alguma coisa

além de uma parede branca.

Ele dá de ombros, como se nossa primeira paciente não fosse nada mais do que um animal de laboratório – na mente de Morgan, provavelmente é o que ela é.

– Você vai descer para o teste? – pergunto, carregando a casa de plástico de Tambor mais para perto da sala onde vou aplicar a injeção em nosso primeiro indivíduo humano.

– Eu não perderia isso por nada.

Abro o armário refrigerado, onde Lorenzo guardou os frascos com nosso soro antiafasia. Ele rotulou o segundo grupo de frascos – os que mataram os camundongos – com um X vermelho e os segregou numa prateleira diferente. Onde os seis tubos de vidro deveriam estar, há apenas um.

– Você pegou os outros? – pergunto a Morgan.

– O quê? – Seus olhos se movem para cima e para a esquerda enquanto ele se esquia da pergunta.

Morgan se vira para sair, e eu tenho uma ideia.

– Até que ponto você está conectado?

Seus olhos se estreitam e seu rosto se enrijece, uma mistura de suspeita e medo.

– Ah – digo, forçando um sorriso de menina. – Eu só estava pensando se você já esteve dentro... você sabe... da Casa Branca.

Como um peixe em busca de um anzol, ele engole a isca que eu joguei e relaxa.

Anda, peixinho, penso. Pegue. Morda a isca.

– Na verdade... – continua Morgan, e estufa o peito, de novo tentando ocupar mais espaço do que pode. – Fui convidado para ir lá na segunda-feira. E graças a você, Jean. Você é parte imprescindível desta equipe.

O sorriso continua grudado no meu rosto, mas desta vez não preciso forçá-lo.

– Que maravilhoso, Morgan. Maravilhoso mesmo. Olha, a gente precisa se preparar, portanto...

Ele me interrompe:

– Sem dúvida, Jean. O que você precisar. Vamos trazer a Sra. Ray para baixo quando o... quando ela chegar. – Ele enfia o indicador na gaiola do coelho, sacudindo-o. – Oi, coelhinho.

– Não é uma boa ideia, Morgan. Eles são territoriais.

– Ah, é só um coelhinho bonitinho. – Ele recolhe a mão como se tivesse

encostado no fogo. – Porra! Ele me mordeu! – Mal consigo conter uma gargalhada enquanto ele grita. – Bicho escroto!

– Só serve para uma coisa, não é? – Observo o sangue brotar no dedo de Morgan. – Espere aí. Você não vai morrer.

Enquanto estou fazendo um curativo no dedo dele, Lorenzo entra.

– O que aconteceu? – pergunta ele.

– Ferimento infligido por coelho – respondo, colocando mais iodo do que o necessário no furo no dedo de Morgan.

Lorenzo sorri.

– Não é o *Sylvilagus floridanus*, Dra. McClellan? Eles foram testados para raiva? – Ele se inclina e inspeciona o ferimento, balançando a cabeça. – Pode ser ruim.

O rosto de Morgan passa por todo o espectro, de rosa a verde e ao tom doentio de cola de papel de parede. Ele não vê Lorenzo piscar para mim, por cima da sua cabeça.

– Você vai ficar bem. – Eu termino o curativo e levo Morgan para fora do laboratório. – Vejo você em uma hora mais ou menos. – Depois, virando-me para Lorenzo, acrescento: – Quem será que vai buscar a Sra. Ray?

Não será o Del, sei disso. Sharon é uma acompanhante igualmente improvável – deve estar presa junto com o marido. Visualizo Poe e seu bando de capangas de terno, utilitários pretos e óculos escuros indo pela estrada de terra até a fazenda dos Ray, revirando celeiros e estábulos até achar a oficina de Del. É uma imagem mental terrível.

– E então? – pergunto a Lorenzo.

Ele assente.

– Laboratório de bioquímica. – Depois, em italiano, sussurra: – Preciso trabalhar à noite e o dia de amanhã inteiro, mas dá para fazer.

Ponho a casa de acrílico de Tambor na sala onde a Sra. Ray vai ficar e penso em colocar Lorenzo a par das minhas atividades e conversas da madrugada. O poema. O cansaço derrotado, mas de algum modo com aceitação, nos olhos de Patrick. Em vez disso, enquanto andamos pelos ladrilhos brancos do laboratório principal até a porta trancada do outro lado, mudo a abordagem.

– Morgan vai à Casa Branca na segunda-feira de manhã – digo, dando o tom necessário de espanto à minha voz. – Grande reunião. Você acha que algum dia a gente vai ver o interior daquele lugar? – Depois acrescento: – Patrick vai estar lá.

A compreensão ilumina o rosto de Lorenzo, mas ele não diz nada.

Vou dizer o resto a ele assim que estivermos no laboratório de bioquímica.
Ou não.

Ele enfia o crachá na fenda e, desta vez, no lugar de a luz ficar verde, ao invés do *ping* suave, dos estalos eletrônicos e mecânicos, há um som agudo de campainha e uma luz vermelha piscando. Experimento o meu, com o mesmo resultado.

Estamos trancados do lado de fora.

SESSENTA

Estou falando com Morgan pelo interfone antes que Lorenzo possa me impedir.

– Precisamos de acesso ao laboratório de bioquímica. – Depois, percebendo a fúria na minha voz, acrescento: – Deve haver algum erro, Morgan. Será que você pode...

Ele me interrompe:

– Não, não precisam. E não, não posso.

– O quê? – A palavra sai como se eu tivesse acabado de cuspir bem na cara de rato de Morgan, exatamente o que eu gostaria de fazer.

– Jean, Jean, Jean... – diz ele, e eu me preparo para seu sermão de professor impaciente do jardim de infância. – Se o teste com a tal Sra. Ray for bem-sucedido, seu trabalho terminou. Você e Lorenzo não têm mais serventia.

Ah, temos sim, penso.

– E Lin – completo, jogando verde. – Ou Lin não está mais na equipe?

– Claro. Quis dizer você, Lorenzo e Lin. Toda a equipe.

Lorenzo, que está ouvindo com a cabeça tão perto da minha que posso sentir seu queixo barbado espetar, intervém: – Morgan, nós precisamos do laboratório para a propagação. Temos uma quantidade limitada do soro. Você sabe disso.

Silêncio. Então Morgan responde: – Isso está sendo resolvido. Por outra equipe. Quero dizer, a propagação.

Certo. E a engenharia reversa. A equipe dourada deve estar ocupada feito uma colmeia.

Assinto para Lorenzo e aponto para a geladeira atrás dele, depois prendo o fone do interfone entre o ouvido e o ombro, deixando as mãos livres. Levanto seis dedos, depois só um.

– Maravilha – diz Lorenzo depois de abrir a geladeira e contar os frascos. Ele fala sem som: – Morgan?

Dou de ombros, como quem diz: *Quem mais?*

– Jean? Me ouviu? Eu falei que a Sra. Ray está aqui. Vamos levá-la para baixo dentro de alguns minutos.

– Sim, Morgan, ouvi.

Eu desligo.

Ontem à noite, ou hoje de manhã, perguntei a Patrick sobre a viabilidade de reverter o soro, transformar nossa cura numa arma usando apenas o produto.

– Dá para fazer sem as fórmulas de Lorenzo – respondeu ele na escuridão do escritório. – Se eles tiverem o tipo de químicos certos na equipe dourada.

Ele examinou as anotações, dessa vez usando meu método, a página de cima indo para baixo, em vez de virá-las e colocar de lado quando terminava. Claro que não queria ver o poema de novo. Bastava levar o tapa na cara uma vez, obrigado.

– Sem dúvida dá para fazer, só que demoraria mais. Veja bem, eles precisam isolar os componentes do produto e...

Todo o resto que Patrick disse foi um borrão. Não sou química.

– Lorenzo – digo, pegando o frasco de soro na geladeira e dois pacotes de seringas esterilizadas no armário ao lado. Finjo estudá-los e baixo a voz até um sussurro: – As anotações que eu tenho são as únicas cópias, não é?

Ele bate na bancada com a palma da mão e corre para a sala dos ratos e coelhos. Ouço a porta principal do laboratório se abrir e se fechar.

SESSENTA E UM

Mesmo ausente, Lin me orienta. Suas anotações são claríssimas, detalhadas como plantas de arquitetura. Se ela estivesse aqui, eu não estaria manuseando a seringa, e a injeção não introduziria uma mistura de proteínas e células-tronco no sangue da Sra. Ray. Lin cuidaria disso, através de um furo aberto estrategicamente no crânio da paciente – uma operação que eu não estava ansiosa para realizar.

Como se tivesse previsto seu desaparecimento súbito, Lin montou dois procedimentos separados. Deixo de lado as instruções para a aplicação direta no cérebro, encolhendo-me diante das fotos de crânios, estruturas de imobilização e instrumentos de perfuração, imaginando que tipo de maluco alguém precisaria ser para experimentar isso em si mesmo. Então me lembro da mulher que usou uma furadeira elétrica na própria cabeça nos anos 1970. Ela disse que isso abriu sua mente.

Certo.

O que estou para fazer é mais fácil, uma vez que a Sra. Ray já foi preparada com um cateter antes de sair do asilo onde passa os dias atualmente. Acho que ela vai voltar para lá quando o teste terminar; não tem casa para onde ir, com Del fora de cena. *Tremendo favor estou fazendo a ela*, penso, e imagino se a velha que plantou meu jardim não está melhor na condição atual. Pelo menos não vai entender o que está acontecendo quando algum burocrata de terno informar o que aconteceu com seu filho e sua nora.

E as netas.

A oferta de Lorenzo ainda está em cima da mesa, mas como posso ao menos debatê-la comigo mesma? Que tipo de monstro embarcaria num voo com um passaporte falso deixando quatro filhos para trás? Mas até que ponto eu seria uma pessoa fodida se ficasse sabendo exatamente o que será feito desse próximo bebê?

Superfodida, decido. De um jeito ou de outro, eu perco.

A porta principal se abre sibilando e se fecha de novo, e passos ecoam no laboratório vazio. Os ratos guincham com a intromissão em seu espaço.

– Enzo?

Mas não é Lorenzo. O intruso é Morgan, e atrás dele um rapaz usando roupa de ordenança empurra a cadeira de rodas da Sra. Ray para dentro da sala.

Ela parece muito mais velha do que na última vez em que a vi.

Steven, agora numa missão idiota para encontrar sua namorada, ainda lutava com as tabuadas de multiplicação quando Delilah Ray foi à nossa casa com as plantas para o meu jardim. O primeiro presidente negro dos Estados Unidos tinha assumido o cargo e a Sra. Ray estava em ótima forma, falando de política, esperança e que “já estava na hora, querida, de esse país entrar nos trilhos”. Ela sempre me chamou de “querida”, com aquele seu jeito sulista.

Até ter o derrame.

Ocorreu não muito depois de o presidente auspicioso entregar as chaves a um novo sujeito que a Sra. Ray jamais chamaria de querido, auspicioso,

carismático ou qualquer outra coisa na extremidade positiva de seu rico espectro vocabular.

Quando liguei naquele dia para perguntar sobre um problema numa das minhas roseiras, o filho dela atendeu e me deu a notícia. Ainda posso ouvir a esperança na voz dele, sentir o otimismo ofegante, sem palavras, pairando entre nós enquanto eu delineava minha pesquisa.

– E se não funcionar? – perguntou Del. – E se minha mãe continuar sem falar coisa com coisa?

– Então tentaremos de novo. E vamos continuar tentando.

E foi então que ele falou de dinheiro. Eu disse para nem pensar nisso; todo o tratamento seria gratuito.

Agora me viro para minha primeira paciente humana, uma velha numa cadeira de rodas fitando o vazio branco do laboratório em volta.

– Como vai, Sra. Ray? – pergunto, sabendo que ela só vai interpretar isso como uma sequência de palavras desconhecidas.

Delilah Ray, a botânica que projetou meu jardim e falava de política e receitas de torta, me olha através de um véu de confusão e incompreensão.

– Belos brilhos hoje. Biscoito pelos seus pensamentos e quando o Red Sox fofocando e galopando, não sei. Vai haver hipertensão!

Sua fala é fluida, desimpedida e sem sentido.

Espero mudar isso.

Olhando em retrospecto, não consigo me lembrar se esperava sucesso ou fracasso, mas nos meus sonhos sempre imaginei quais seriam suas primeiras palavras com significado verdadeiro desde o derrame. Enquanto encho a seringa com o líquido do frasco, percebo que minhas mãos estão tremendo.

– Aqui. Deixe que eu faço.

É Lorenzo. Eu estava tão perdida nas lembranças que não o ouvi entrar no laboratório.

Ele pega o frasco e a seringa e tira habilmente a quantidade certa do soro, seguindo as instruções de Lin. Bate nela duas vezes com o nó do indicador e a observa contra a luz.

Não faço ideia do que ele está fazendo.

Lorenzo assente para Morgan, sinalizando que é hora. Enquanto o ordenança empurra a Sra. Ray para a sala que eu preparei, Lorenzo segura meu braço. E balança a cabeça negativamente.

A equipe dourada – seja quem for – está com o soro e as fórmulas.

– Certo – digo. – Vamos lá.

– Eu tenho bilhetes – sussurra ele.
– Bilhetes para quê? – Morgan pôs o nariz para fora da sala da Sra. Ray.
– Para a sinfônica na semana que vem – mente Lorenzo. – Beethoven, sabe.
É difícil conseguir, se você não estiver na lista principal.

– Bom, eu não estou nem aí para sua lista principal ou sua sinfônica. Estamos esperando aqui e eu tenho outros compromissos.

– Claro que tem, Morgan. Um figurão feito você... – diz Lorenzo. Ele está quase rosnando.

Afasto os pensamentos sobre a fuga, pelo menos por enquanto, e entro na sala estéril com Lorenzo logo atrás. A Sra. Ray está olhando para Tambor com uma expressão interrogativa, como se estivesse se lembrando de alguma coisa.

– Beleza é como beleza faz e pés de milho. Tão bobo – diz ela.

O ordenança lhe dá um tapinha tranquilizador nas costas. Morgan ri. Lorenzo e eu trocamos um olhar.

Sei o que ele está pensando: uma cidade inteira, um país, um continente assim. Uma torre de Babel moderna, só que, em vez de causada por uma divindade invisível, a confusão será provocada pelas mãos de um homem bem visível, que gosta de aparecer na televisão e que sentiu o gosto do poder que vem de milhões de seguidores cegos, só que ainda anseia por mais. Um homem que não tem ideia do inferno cujas portas está para abrir.

O reverendo Carl Corbin deve ser louco, realmente louco. Será que ele pensou no resultado inevitável? Será que percebe o tumulto que sua trama vai causar não somente na Europa, mas em toda parte? Cadeias de suprimentos destruídas. Bancos e bolsas de valores destruídos. O mesmo transporte de massa, na verdade qualquer tipo de transporte, além de tráfego a pé e um ou outro cavalo. Fábricas destruídas. Em semanas, a maior parte da população do mundo morrerá de fome, desidratação ou violência. Os que restarem estarão ganhando a vida numa deturpada existência no estilo de *Os Pioneiros*, construída a partir do zero, um monte de feno e um silo de milho de cada vez.

Mas talvez seja isso que ele queira. Talvez Carl Corbin e seus seguidores Puros não sejam tão insanos assim. Certamente não são insanos demais para manipular o presidente Myers como uma marionete.

– Estamos prontos, Jean – diz Lorenzo, estendendo a seringa. – Faça as honras.

Pego-a, inspeciono o líquido procurando alguma bolha de ar – uma substância tão necessária, a não ser que entre na circulação cerebral da Sra. Ray – e tiro a tampinha plástica.

Morgan umedece os lábios enquanto eu insiro a agulha no cateter, prendendo o fôlego, e aperto o êmbolo com firmeza.

– A senhora vai ficar bem.

A sala virou uma sauna, quente e abafada, o ar pesado.

Ao meu lado Lorenzo liga um cronômetro e nós esperamos, todos os olhares fixos na mulher na cadeira de rodas.

Parecem horas, mas fico sabendo que só se passaram dez minutos quando Delilah Ray verifica o cateter, esfrega um ponto no lado esquerdo da cabeça grisalha e se vira para a caixa de acrílico onde Tambor está.

– Que coelho lindo – diz. – Um coelho-da-flórida. Eu tinha um viveiro cheio deles quando era pequena.

A sala se ilumina feito os trópicos depois de uma monção.

SESSENTA E DOIS

Sinto vontade de comemorar. Ou dançar. Ou dar cambalhotas no corredor vazio do laboratório. Quero champanhe, chocolate e fogos de artifício.

Sinto-me, só um pouquinho, como um deus.

E sinto que minha vida pode ter terminado.

Morgan nos deixa depois de uma rápida conversa pelo telefone, a maior parte da qual faz referências a “minha equipe”, “meu projeto” e “meu trabalho”.

Ele ainda está dando risinhos quando passa por nós e sai pela porta principal do laboratório, pedindo para o ordenança se apressar e levar a Sra. Ray de volta ao asilo. Morgan, claro, tem mais trabalho a fazer.

– Bom... – digo, virando-me para Lorenzo. – Acho que é isso.

– Não necessariamente.

Seu olhar vai até o armário refrigerado onde ainda estão seis frascos, todos rotulados com o X vermelho da morte.

– De jeito nenhum – sussurro.

– É o único jeito.

As palavras que falei com Patrick ontem à noite brincam na minha cabeça, um disco arranhado repetindo: *Você mataria?*

– Nunca vamos conseguir tirá-los daqui.

Ele abre a porta da geladeira e puxa a bandeja com as neuroproteínas mortais, o veneno que, mesmo numa quantidade ínfima, matou uma dúzia de ratos.

– Só precisamos de um, Giana.

Consulto o relógio na parede do laboratório. Os dois ponteiros apontam para cima. Quando cheguei de manhã, o sargento Petroski estava de serviço no posto de segurança. Ele bocejou, disse olá e bocejou de novo. Se ficou acordado a noite toda, o único aliado que tenho neste prédio deve estar em casa, dormindo para descansar do turno noturno.

Certo. Plano B.

Só que eu não tenho um plano B.

Ou talvez tenha.

Há um lavabo do tamanho de um armário perto do laboratório principal, não mais do que um quadrado de um metro e meio por um metro e meio de ladrilho com um vaso sanitário, uma pia e um daqueles secadores de mão que rugem como motores a jato e fazem a pele se esticar num efeito especial como de ficção científica. Tiro um frasco da bandeja e o enfio na parte da frente do sutiã, depois pego uma luva cirúrgica – daquele tipo sem pó – na caixa sobre a bancada.

– Já volto – digo, soprando ar na luva.

Depois de pensar no que estou para fazer, pego mais duas e vou na direção do lavabo.

– Seis frascos, certo? – pergunto, e ouço um armário se abrindo atrás de mim, depois a água correndo na pia do laboratório.

Os soldados nunca nos revistam muito meticulosamente quando entramos

no prédio de manhã ou quando saímos à noite. Afinal de contas, são homens. Talvez, depois de um ano sem ter que se preocupar com mulheres faladeiras, astúcias e poder femininos, talvez depois de tanto tempo em seu mundo de homens, esqueceram nossos segredos, nossos meios de esconder pequenos objetos cilíndricos. Talvez, depois de todo esse tempo com nosso silêncio, até suas suspeitas tenham se reduzido a nada.

Verifico a tampa do frasco cinco vezes antes de considerar que é seguro, depois coloco o tubo no dedo de látex de uma luva, dou um nó antes de cortar o excedente e repito o processo com as outras duas luvas. O resultado é um chumaço de látex azul, não exatamente cilíndrico e pequeno, mas provavelmente à prova de vazamento. Quatro bebês saíram de dentro de mim. Posso suportar um pequeno desconforto durante a próxima hora.

Depois que me arrumei e sequei as mãos, encontro Lorenzo no laboratório. Ele me dá um olhar de alerta e Poe vem na minha direção. Por algum motivo, o sujeito parece ainda maior quando estou de pé.

– Algum problema, Dra. McClellan? – pergunta Poe.

– Só se você reduzir minha cota de idas diárias ao banheiro.

Poe não tem resposta para isso, mas, depois de verificar cada sala do laboratório e se deter para olhar Tambor em sua gaiola de acrílico, ele se vira para nós.

– Sigam-me.

– Nós não terminamos – retruco. – Terminamos, Lorenzo?

O olhar que lanço a ele é duro e, inconfundivelmente, uma pergunta distinta.

– Terminamos.

Poe xereta durante mais uns cinco minutos e eu prendo o fôlego quando ele abre a geladeira e passa mais tempo do que acho necessário contando os frascos. Depois nos leva pela porta do laboratório, pelo corredor, e aperta o botão de subida do elevador.

– Crachás, por favor. – Ele estende a mão carnuda.

– É isso? – pergunto, passando o cordão pela cabeça.

Ele se prende no cabelo e Poe estende a mão para soltá-lo. Sua mão roça minha têmpora e provoca um arrepio. Ele é gelado.

Penso de novo em Del, em Sharon e nas três meninas. Por algum motivo estranho imagino quem estará alimentando os animais da fazenda dos Ray.

Uma vez, quando era mais criança do que homem, Steven me perguntou se os animais tinham linguagem.

– Não – respondi.

– Eles pensam?

– Não.

Ele tinha lido um livro sobre abelhas na escola e me mostrou uma tarde, na cozinha. Era na época em que Steven, e não Sonia, queria chocolate quente todo dia às quatro.

– Aqui diz que as abelhas podem ir encontrar pólen, voltar para a colmeia e contar às outras onde está o pólen. – Ele leu parte do capítulo em voz alta e concluiu: – A dança da abelha é como uma linguagem. É isso aí.

Olhei o livro, examinando a biografia de um dos autores. Era uma criadora de abelhas com uma longa lista de credenciais, nenhuma das quais tinha muito a ver com linguística.

– É isso aí, nada – retruquei. – Sim, as abelhas dançam. Elas fazem uma dancinha tipo “Ei, pessoal! Aqui está o pólen bom!”. Mas é só isso, garoto. Amarre as asas delas e faça com que andem de volta até a colmeia e elas vão dar orientações até a pedra mais próxima. O que as abelhas têm é comunicação, e somente uma forma especializada de comunicação. Isso não é linguagem. Só os humanos têm linguagem.

– E a gorila Koko?

O livro dele era escrito por uma equipe de especialistas em animais.

– Koko é fantástica e sabe algumas centenas de sinais, mas, ainda assim, não faz o que os seus irmãos conseguem fazer.

Na época, Sam e Leo estavam com quatro anos. Koko tinha 45.

Steven pegou seu livro e foi para o quarto, carrancudo. *Outra bolha estourada*, pensei. É agradável imaginar que nossos amigos de duas e quatro patas têm um mecanismo linguístico próprio. Talvez seja por isso que as pessoas ficam procurando provas. Mas não é verdade.

Aqui, no elevador, eu me pego desejando que fosse.

– Pronto – diz Poe quando chegamos ao primeiro andar. – Podem pegar seus laptops. Eles foram formatados.

Lorenzo e eu reavemos nossas bolsas. Ele tem permissão de levar a cafeteira de seu escritório, porém nada mais, antes que Poe feche a porta e nos conduza até o posto de segurança. Tudo está igual: dois soldados, uma máquina de raios X para nossas bolsas e nenhum sorriso agora que o sargento Petroski está fora de serviço. Somos apalpados um por um, nossos bolsos, revistados, e o soldado que trabalha em mim passa um desagradável tempo extra na minha virilha e no decote. Pela expressão de Lorenzo, ele está recebendo o mesmo

tratamento lá embaixo.

Agora todas as possibilidades passam pela minha mente. Busca total. Mãos anônimas me apalpando – *só estamos cumprindo ordens, senhora* –, enfiando-se em lugares que não lhes dizem respeito, encontrando o frasco embrulhado em látex. *O que é isso, Jean?*, perguntará Morgan. Eu me vejo em mil telas de televisão, uma apresentação de surpresa interrompendo um noticiário, um documentário sobre tigres-de-bengala ou um desenho animado. Eu ao lado do reverendo Carl enquanto ele lê outro capítulo e versículo, enquanto uma câmera espoca me ofuscando, enquanto meu couro cabeludo arde por causa de um trabalho malfeito com a lâmina de barbear. Vejo o horror nos olhos de Patrick sendo levado de ônibus para Fort Meade e obrigado a ficar em posição de sentido enquanto meu corpo se mistura com os restos de Jimbo, Del, Sharon e Deus sabe quem mais. Talvez Steven.

Em vez disso, somos levados à porta.

– A porta da rua é a serventia da casa – digo quando estamos do lado de fora, à luz do fim da tarde.

Poe nos observa ir na direção dos carros. Não sei se ele ouve o que eu falo, mas grita para nós: – Vão embora! E não voltem!

Ele desaparece no prédio com as mãos enfiadas nos bolsos. Acho que o vejo suspirar.

SESSENTA E TRÊS

Uso o telefone de Lorenzo para entrar em contato com Patrick e dizer que estou indo para casa. Lorenzo, claro, ainda tem celular; eu, não.

Você teria se estivesse na Itália, digo a mim mesma, mas afasto o pensamento da cabeça. Não posso pensar nisso agora. Não posso pensar em nada, a não ser em entrar no carro e tirar esse veneno de dentro de mim.

– Então... – fala Lorenzo, segurando meu pulso esquerdo e acariciando a velha queimadura com o polegar. – Preciso ir, você sabe. Enquanto ainda há tempo.

– Sei.

Ele se afasta e abre a porta do carona do seu carro. Tira do porta-luvas um envelope fino e me entrega.

– Isso é para você.

Parece um passaporte e algo mais, chato e duro. Imagino que seja um celular.

– Me dê um segundo – peço.

Fecho a porta e levanto a saia, me livrando do embrulho de látex e colocando-o dentro de um copinho com canudo, de Sonia. Ela já tem idade para não usar canudo, mas suco num copo de plástico sempre foi uma boa alternativa a suco espalhado por todo o para-brisa do Honda. Fecho a tampa e suspiro de alívio.

– Jean!

Morgan está correndo até nós, os braços estendidos, frenético. O soldado atrás dele dá passos comedidos, os braços relaxados, a não ser pelo cotovelo esquerdo e a mão espalmada, perto demais da arma. É a própria imagem da disciplina militar. Morgan tem sorte de não estar por aqui na era dos alistamentos obrigatórios. O cara provavelmente morreria em sua primeira trincheira. Isto é, se o seu pelotão não acabasse com ele antes.

O envelope de Lorenzo vai para baixo do banco do carro, como se a mão de outra pessoa estivesse obedecendo a instruções de um cérebro estranho. De modo automático, abaixo a mão, escondendo a prova antes que Morgan, agora junto da janela, me pegue com o passaporte da esposa morta de Lorenzo. Não sei qual é a pena por andar com documento de identidade falso e não estou ansiosa para descobrir.

O soro, infelizmente, precisa ficar onde está por mais um tempinho.

– Precisamos de você lá dentro – diz Morgan.

– Por quê? – pergunto, ligando o motor do Honda e fingindo ignorância. – Se esqueci alguma coisa, posso vir buscar amanhã. Não vi meus filhos durante

todo o fim de semana.

Só então me ocorre por que querem que eu volte para dentro. O projeto acabou, assim como minha liberação do silêncio.

Morgan enfia a mão pequena e rosada pela janela. Lorenzo se coloca entre nós na mesma hora.

– Deixe ela ir – manda Lorenzo.

O soldado não se moveu, a não ser para sacar a arma. Não sei merda nenhuma sobre armas, mas sei o suficiente para entender onde isso pode acabar se eu não assumir algum controle. Depressa.

– Enzo, você precisa ir embora – peço, vendo em seus olhos que ele não tem nenhuma intenção de sair de sua posição entre a dureza daquele cano de aço e minha janela aberta. Ele comprova minha percepção.

– Nenhum dos dois vai embora – diz Morgan.

O relógio no meu painel leva uma eternidade para passar de 13h36 para 13h37.

– Certo. – Tiro as mãos do volante. – Estou desligando o carro. – Com a mão esquerda ainda no ar, desligo o motor usando a direita. – Está bem? Posso sair agora?

Morgan, que se encolheu o mais para longe possível da linha de tiro, sinaliza para o soldado e a arma baixa ligeiramente. Ela não volta para o coldre enquanto abro a porta do carro.

Morgan guia os três pelo estacionamento. Sinto pouco consolo em saber que Lorenzo está alguns passos atrás de mim, um escudo vulnerável entre várias balas e meu corpo. Passamos pelo posto de segurança e somos arrebanhados até um elevador. Em vez de apertar o botão para o subsolo, Morgan insere seu crachá e aperta SS2, subsolo 2.

Encaro Lorenzo. Meu olhar é uma mistura de dúvida, medo e derrota enquanto a porta se abre. Ele põe a mão na base das minhas costas, me firmando, e seguimos Morgan, com o soldado atrás de nós, imóvel e silencioso, mas definitivamente presente.

SESSENTA E QUATRO

Se o andar do nosso laboratório e o dos escritórios eram tumbas solitárias, o subsolo 2 é uma colmeia zumbindo de atividade. Cubículos lado a lado abrigam dois homens cada. Suas paredes frágeis, da altura dos ombros, não permitem privacidade, apenas observação constante por parte dos guardas uniformizados que patrulham os corredores. Conto doze deles, todos desprovidos de jovialidade como o homem que agora anda atrás de mim, suficientemente perto para eu

sentir cheiro de tabaco, café e alguma loção pós-barba enjoativamente doce. Nenhum dos ocupantes dos cubículos levanta a cabeça quando passamos; estão de cabeça baixa, examinando pilhas de gráficos do Excel e fórmulas escritas à mão ou olhando inexpressivos para as telas dos computadores.

Deve haver cinquenta pessoas na sala sem janela, abafada. Alguns – a maioria – são jovens, mal saídos da faculdade.

Paro e olho dentro de um cubículo, pensando reconhecer a letra de Lin. Morgan estala os dedos diante do meu rosto.

– Olhos para a frente, Jean.

A mistura de loção pós-barba, tabaco e café está quente na minha nuca. A mão de Lorenzo roça na minha, demorando-se, me lembrando de que não estou sozinha.

Passamos pelos cubículos e chegamos à extremidade oposta da colmeia. Morgan enfia seu crachá em outra fenda e uma porta dupla se abre para uma sala que não é diferente da toca de roedores e coelhos um andar acima de nós. Aqui, em vez de ratos guinchando e coelhinhos farejando, as gaiolas abrigam primatas. Grandes símios, para ser específica. Três fileiras de portas de aramado cobrem as paredes à esquerda e à direita, cada uma rotulada com um número de identificação e quatro linhas de dados: idade, espécie, data do experimento, técnico supervisor. Os gritos e grunhidos dos chimpanzés, quando entramos, são ensurdecedores.

Mas não é isso que me incomoda.

A maioria das gaiolas está vazia. Os rótulos continuam nas portas: BONOBO, GORILA, ORANGOTANGO – três dos cinco grandes primatas. Com os chimpanzés que gritam, são quatro, e metade deles já se foi.

Engulo em seco e olho para Lorenzo, pálido a ponto de se fundir com as paredes brancas do laboratório. Claro que está lívido. Sem dúvida pensa o mesmo que eu.

Eles estão trabalhando com os símios, uma espécie de cada vez, e guardaram os chimpanzés, o parente mais próximo dos humanos, para o último lugar.

Ou o penúltimo. Há um último primata que ainda não está nas jaulas, pelo menos por enquanto, um que eles não ousaram colocar. Todo o sangue nas minhas veias gela.

A quinta espécie de grandes primatas somos nós. Humanos.

Meus joelhos cedem e eu cambaleio para a esquerda, batendo na jaula do Experimento Número 412, um chimpanzé macho que deve ter uns 35 quilos a

mais do que eu. Os alertas repetidos de Lin soam na minha cabeça como uma sirene antiaérea.

– Nunca, Jean, nunca chegue perto deles. Nós temos técnicos e treinadores para isso. Não dê comida, não faça carinho, nem chegue à distância de uma cuspida das jaulas. Fique no meio do corredor. Esses caras alcançam até um metro e, acredite, não são fofinhos – disse Lin no nosso primeiro passeio pelo laboratório, alguns meses depois de sua verba chegar e permitir que comprássemos dois chimpanzés.

– Eles parecem fofinhos – falei. – Olhe só aquele ali.

Mason, um macho de 1,20 metro usando fralda, chupava picolé numa jaula perto.

– Espere até ele mostrar os caninos, querida. Esses caras são bombas-relógio instáveis. Nem um lutador profissional conseguiria segurar um deles, mesmo se tentasse. Já ouviu falar de Charla Nash?

Balancei a cabeça.

– Deveria querer ouvir?

– Não. Pense naquele tal de Hannibal Lecter. Pense no que ele fez com aquela linda enfermeira quando esqueceram de colocar a máscara de hóquei esquisita nele. Comparado com um chimpanzé, Lecter é inofensivo como um gatinho anestesiado. E você nem vai saber o que a acertou.

O que me acerta agora é um tapa na cara e o gosto amargo de sangue nos lábios. Parte do meu couro cabeludo – a parte que o Número 412 está puxando com a força de uma picape-monstro num campeonato de reboque – foi incendiada ou cravada com a extremidade hedionda de uma picareta. Meus joelhos cantam um dó agudo quando o osso encontra os ladrilhos e duas forças opostas agem sobre mim: a gravidade me puxando para baixo e o chimpanzé tentando me levantar pelos cabelos.

A voz de Lorenzo, fraca e distante, grita: – Faça alguma coisa, pelo amor de Deus! Faça alguma coisa!

Ele está falando comigo? Ergo o braço para o fogo na minha cabeça, e uma mão que não é uma mão, mas uma garra, a segura com um aperto de torno. *Charla Nash, Charla Nash, Charla Nash*, penso, o nome surgindo dentro de mim junto com fotos dos olhos dela arrancados, das mãos que pareciam ter sido postas num moedor de carne, do talho no lugar onde deveria estar a boca.

Um disparo atravessa o ar acima da minha cabeça, e eu caio.

SESSENTA E CINCO

Não estou inconsciente. Se estivesse, não sentiria dedos passando pelo meu cabelo embolado, apagando o fogo da dor. Não estaria acrescentando zoológicos, safáris e fantasias infantis com a primatologista Jane Goodal à minha lista de coisas em que nunca mais devo pensar de novo. Não ouviria Morgan gritando como uma criança petulante que acabou de ter a chupeta arrancada da boca: – Por que você fez isso?!

Abro os olhos e vejo o soldado, com a mão ainda tremendo depois do que deve ter sido sua primeira morte, olhando de mim para Lorenzo e Morgan, depois para o Número 412 estirado na gaiola. Antes que ele possa responder, Morgan abre a boca de novo: – Isso é fantástico. Ótimo. Seu idiota. Eu deveria colocar você numa jaula dessas, só que você não tem cérebro suficiente. Sabe quanto esses animais custam?

– Aparentemente, mais do que eu, Morgan – digo.

– Meu Deus. – Ele se vira para Lorenzo. – Qual é o dano?

Lorenzo soltou os dedos do chimpanzé dos meus cabelos e me deita no chão de ladrilhos, inspecionando o talho no meu rosto. Um fio de sangue quente escorre até minha boca.

– Dói? – pergunta ele, tateando um ponto perto da minha têmpora.

Se dói? Não, só parece que minha cabeça foi arrastada numa lixa grossa. *Queima.*

– Dói – respondo, levando a mão ao ferimento.

– Não faça isso. Preciso limpar. Morgan, arranje um kit de primeiros socorros.

– Como vou saber onde eles guardam as merdas de primeiros socorros? Sou gerente de projeto.

– Você é um gerente de projeto de merda, Morgan – retruca Lorenzo. – Você é um cientista vagabundo, um pesquisador péssimo, e se algum dia eu pegar você sozinho, vou te fazer em pedaços, um osso de cada vez. Comece a procurar. Tente no armário do canto, o que tem uma cruz vermelha. – Baixinho, ele diz: – Escroto.

– Eu estou ok? – pergunto, querendo tocar no rosto, garantir que tudo ainda está onde deve.

– Melhor do que ok – responde Lorenzo. – E, Morgan, quando achar o tal kit, chame um médico.

Os sapatos de Morgan voltam, até ele estar tão perto que quase consigo ver meu reflexo neles.

– Não dá. Esta é uma instalação confidencial, para o caso de você não ter notado.

Lorenzo o ignora enquanto banha o lado direito do meu rosto com água oxigenada e coloca um curativo limpo sobre o ferimento que vai da linha dos cabelos até o canto da boca.

– São principalmente arranhões superficiais. Você consegue ficar de pé?

– Acho que sim. – O laboratório, com os chimpanzés que restam, entra em

foco. – O que está acontecendo, Morgan?

Agora ele está no modo profissional, tendo esquecido minha condição de quase vítima de um primata furioso.

– Precisamos que você volte ao trabalho.

– Fazendo o quê? Você disse que tínhamos terminado. Aquele capanga de aluguel chamado Poe falou que tínhamos terminado. Vocês apagaram nossos arquivos.

Espero enquanto Morgan estuda os cadarços dos próprios sapatos.

– Me sigam.

Deixamos a sala dos animais e passamos por outra porta dupla. Dentro, uma réplica do laboratório do subsolo zumba com atividade. Aparentemente ninguém ouviu meus gritos. Nem o tiro.

Ou talvez tenham ouvido e não se importam.

Demoro alguns segundos até ver os emblemas dourados nos jalecos e os pequenos quadrados dourados nos crachás pendurados no pescoço de todos os homens. Aqui, como na sala atulhada de cubículos do lado de fora, todo mundo fica de cabeça baixa e soldados patrulham os corredores.

– Bem-vindos à equipe dourada – diz Morgan, parecendo mais um apresentador de programa de auditório do que um cientista.

Nenhuma surpresa: o cara não consegue achar um kit de primeiros socorros nem quando o negócio está na sua cara.

Ele nos leva até pouco mais de um metro quadrado de bancada vazia e para, esperando até nos sentarmos.

– Certo, Morgan, vou morder a isca – digo. – Que diabo é isso?

– É sua nova equipe. – Ele estende um braço. *E você pode ganhar todos esses prêmios*, imagino-o falando.

– Não entendi.

– Vai entender. – Morgan assente para alguém atrás de mim.

Um homem com lentes bifocais grossas como um tijolo de vidro aparece e coloca dois fichários grossos na nossa frente, cada um com ALTAMENTE SECRETO em letras douradas. Dentro está a maior parte dos dados que eu tinha no meu laptop. Antes que o cara das bifocais saia, capto outro brilho de ouro em seu anelar esquerdo. Morgan se vira para o soldado que matou o chimpanzé – *no último instante*, penso – e dá instruções que não consigo ouvir.

– Gianna – diz Lorenzo, cutucando meu cotovelo.

Ele não me encara; seu olhar permanece no laboratório. Depois bate no dedo anelar da mão esquerda.

O banquinho em que estou sentado é um daqueles ajustáveis, com alavanca embaixo do assento. Levanto-o até que consigo ver a maior parte do laboratório. Homens estão coçando cabeças, girando lapiseiras, esfregando olhos cansados. Todos, sem exceção, têm uma aliança de ouro no dedo anelar da mão esquerda.

E todos parecem muito assustados.

– Eles não são voluntários, Enzo, são?

Ele balança a cabeça.

– Ah, meu Deus. – Cada homem dentro desse complexo é casado, talvez tenha filhos. – Tremendo incentivo.

Depois de dar uma bronca no pobre soldado, que parece ter visto seu último contracheque sair voando, Morgan volta.

– Preciso de uma fórmula, pessoal. Esta noite. Amanhã de manhã preciso de um soro que funcione.

– Nós acabamos de lhe dar o soro que funciona – replico. – E você tem os frascos. Os cinco.

Preparo-me para o papo de *Jean, Jean, Jean* e seguro a borda da bancada com as duas mãos. Melhor mantê-las segurando qualquer coisa, pois o que elas querem fazer agora é se fechar em volta do pescoço de Morgan. Com força.

Ele sorri.

– Você me deu *um* soro que funciona, Jean. Eu quero outro.

Finjo completa ignorância.

Morgan une as mãos com um estalo.

– Certo. Deixe-me explicar em termos simples. Nós temos um processo anti-Wernicke. Ele funciona. Todos vimos a Sra. Não-Sei-das-Quantas passar de uma idiota balbuciante para uma entusiasta dos coelhinhos.

– A Sra. Ray – digo. – Ela tem nome.

– Tanto faz. Agora queremos a mesma coisa, mas diferente.

Lorenzo revira os olhos.

– Você quer opostos semânticos, Morgan?

Se essa cutucada incomoda nosso chefe, ele não demonstra. Talvez não entenda a piada. Morgan nunca foi uma estrela brilhante no universo da linguística.

– Quero o oposto do que vocês já me deram. Quero uma neuroproteína que induza a afasia de Wernicke, e para amanhã. Portanto, trabalhem.

Lorenzo fala primeiro:

– O que eles prometeram a você, Morgan? Um título de sócio vitalício na melhor boate de striptease de Washington? Eu não sabia que você conseguia

levantar a coisa.

– Só me deem o que eu quero.

Agora cada par de olhos no laboratório está voltado para nós.

– Não – respondo.

Morgan se inclina até que seu nariz quase toca no meu.

– Perdão? Não escutei.

– Eu disse “não”. É uma negativa, Morgan. Uma recusa ao seu pedido. O oposto da concordância.

Pela primeira vez desde que o conheço, Morgan dá uma gargalhada. É uma gargalhada baixa e ofegante.

– Não é um pedido, Jean.

Ele consulta seu relógio, suspira como se esse negócio estivesse tomando mais do seu tempo valioso do que ele havia previsto, e chama um dos soldados que patrulham no canto do laboratório.

– Cabo, leve esses dois à Sala 1 e mostre o que há lá dentro. Quando eles derem uma boa olhada, traga-os de volta.

A Sala 1 fica do outro lado do laboratório, após atravessar uma porta dupla trancada capaz de deter qualquer coisa. Tento não pensar em possibilidades orwellianas como ratos e cobras. De qualquer modo, na verdade meus piores medos andam em duas pernas e têm nomes como Sam, Leo e Sonia. Meus piores medos são meus filhos.

O cabo, vestido com roupa de camuflagem e botas de combate, nos leva até a porta de aço. Com a mão esquerda – noto que ele também usa aliança –, ele enfia um cartão no leitor eletrônico e fica de lado enquanto a porta se abre, revelando um vestíbulo e outra porta que permanece fechada quando deixamos o laboratório para trás. Só quando a porta de entrada desliza fechando-se, eu percebo que esse espaço é como um túmulo.

Odeio espaços confinados, sempre odiei.

Lorenzo estende a mão para a minha. Sua pele está quente; toda a sala é uma fornalha e o suor escorre por meu rosto no que parecem rios de sal, me queimando por baixo do curativo na bochecha. Mas não me sinto quente. Sinto como se um lençol de gelo tivesse se enrolado em volta de mim enquanto o cabo avança e destranca a outra porta.

Dentro, sentadas na única mobília da sala, além de um vaso sanitário sem tampa, estão três pessoas.

Penso nos grandes primatas, nos hominídeos. Gorilas e orangotangos, bonobos e chimpanzés. E, claro, nos humanos.

O humano da esquerda fala meu nome antigo, um nome que não ouço há vinte anos. Na segunda sílaba de “Jeanie”, uma pontada de dor a joga para trás contra a parede de aço. A pancada nauseante ecoa na sala.

Parece o som abafado de uma arma.

SESSENTA E SEIS

Salto para frente, as pernas ainda bambas, mas Lorenzo me segura pelo braço. Seu aperto é firme, quase machucando.

– Não – diz ele. – Se ela falar de novo, o choque vai...

Ele é mais forte do que eu, mas me solto, atirando-me na direção da mulher no banco, cujo corpo está frouxo como uma boneca sem vida sob as luzes fortes no teto. Ela não está como me lembro, não usa calça jeans de cintura baixa e

uma blusa com estampa louca, não está sorrindo, com uma franja de uma cor a cada semana enquanto prepara chá de ervas num apartamento vagabundo em Georgetown e xinga as instruções de montagem da mesa da Ikea que desafia mentes com vários diplomas. Está vestindo uma túnica cinza que combina com o cabelo e a cor da pele, a não ser pelas palmas das mãos, esfoladas até quase ficar em carne viva por um ano de trabalho forçado que faria até mesmo o camponês mais firme virar as costas para a terra e procurar um trabalho num escritório. Está usando uma argola preta no pulso esquerdo, onde antes ficava uma pulseira com penduricalhos em forma de animais do horóscopo chinês.

– Jacko – falo, pondo uma das mãos nos seus lábios rachados. – Jacko, não diga mais nada. Não deixe que eles piorem sua situação.

Jackie Juarez, a mulher que eu achava que faria o mundo parar de girar, relaxa nos meus braços e começa a chorar.

A porta atrás de mim se fecha deslizando, e abre de novo. Não preciso me virar para ver quem é. Sinto o cheiro do sacana.

– Morgan – digo.

Então ouço o tapa, o guincho surpreso, e o estalo metálico de uma arma de fogo sendo engatilhada. Essa é outra coisa que sei sobre as armas: você não engatilha e mira se não estiver pronto para matar.

– Cuidado, Morgan – alerta, ainda segurando Jackie. – Você precisa dele. Precisa da fórmula dele.

Ele não precisa, claro; Morgan já tem as anotações de Lorenzo. Só estou ganhando tempo.

E então me dou conta: Lorenzo correu para fora do laboratório lá em cima, para verificar em sua sala, voltou e balançou a cabeça para dizer que os papéis não estavam lá. E Morgan exigiu a fórmula para amanhã.

– Soldado – fala Morgan. – Guarde isso.

Viro-me de Jackie para Lorenzo, que está totalmente imóvel, pronto para ganhar uma bala em troca de um tapa, e percebo que Morgan não pode ter levado as anotações.

Então quem, diabos, fez isso?

A pergunta fica na minha mente, mas eu a enfio de volta num canto silencioso para mais tarde, enquanto me volto para as outras mulheres na cela.

Lin olha para mim, depois para Lorenzo. Ao lado dela está a beldade suíço-argentina que costumava ir ao nosso departamento. Ainda é linda, mesmo sem a cascata de cabelos louros descendo pelas costas.

Isabel Gerber.

As duas estão usando a mesma roupa cinza e sem graça de Jackie, sentadas lado a lado, as mãos cruzadas no colo. Argolas pretas nos pulsos.

– Pegamos as duas transando num carro – explica Morgan. – Sapatões de merda.

Lin abre a boca para falar, depois pensa bem e a fecha de novo. O processo de decisão demora um segundo, mas está ali, no seu olhar.

Por cima do ombro vejo os punhos de Lorenzo se cerrando.

– Não faça isso, Enzo. Não vale a pena.

De repente desejo não ter deixado o frasco no carro. Eu o pegaria agora e jogaria o negócio pela garganta de Morgan, com vidro e tudo. Ou, melhor ainda, iria saborear a imagem de Jackie, Lin e Isabel trancadas numa salinha com o filho da mãe. Uma sala à prova de som, sem janelas.

– Então, prontos para trabalhar agora, pessoal? – pergunta Morgan. – Ou mando uma delas para Fort Meade?

As expressões das mulheres dizem que Morgan já as colocou a par do que acontece na base militar, uma imagem vívida de cada vez.

Tempo, penso. Tudo tem a ver com tempo de uma forma ou de outra: o tempo que eu não tinha vinte anos atrás, quando os livros, as provas orais e os trabalhos para nota eram mais importantes do que as passeatas de Jackie e as festas da Federação de Paternidade Planejada. As 24 horas que vou esperar antes de descobrir se a criatura dentro de mim é um menino ou uma menina. Lorenzo precisando ir embora “enquanto ainda há tempo”, se bem que não tenho mais certeza se ainda há, pelo menos para nós dois. Os prazos rígidos de Morgan. A reunião matinal daqui a apenas dezoito horas.

A vez em que eu dei um tapa em Steven. E todos os momentos que passei desejando poder voltar atrás.

Morgan avança e pega três cadernetas cor-de-rosa e idênticas no bolso de dentro do seu paletó. Entrega-as como se fossem cartas de baralho, primeiro para Isabel, depois Lin, e em seguida Jackie.

– Não se esqueçam de ler seus manifestos, garotas – diz ele. Há uma ênfase maligna em “garotas”.

– Sêrio, Morgan? – digo.

– Ei, Jean, não sou eu que faço as regras. Fale com o reverendo Carl, se não gosta. – Ele olha para o meu pulso e dá um riso de escárnio. – É melhor se apressar, antes que a sua pulseira volte.

Jackie, cujos olhos estão secos durante todo esse tempo, pega a caderneta no banco ao lado e, sem ao menos olhar para ela, joga-a em cima de Morgan. Ela

o acerta direto na testa, com um barulho agradável.

Ele não se curva para pegá-la, mas a chuta de volta pela saleta.

– Você vai aprender – diz ele, e sinaliza para o cabo abrir a porta interna.

Lorenzo pega a minha mão, me ajudando a ficar de pé, já que estou ajoelhada perto de Jackie.

– Fique fria, Jacko. Promete?

Ela assente.

– Vou fazer tudo que puder – acrescento.

Tudo que eu deveria ter feito, penso enquanto sigo Morgan para fora da sala, de volta à colmeia do laboratório.

SESSENTA E SETE

Há um televisor de tela plana no laboratório, do tamanho de um campo de futebol americano. Um tamanho razoável, suponho, considerando que os tipos de homens que compram essas coisas passam a maior parte dos fins de semana olhando outros homens jogando um pedaço de porco num pedaço de grama artificial com cem metros de comprimento.

Quando o reverendo Carl aparece na tela, vestido em seu estilo fúnebre de

sempre, é impossível não fitá-lo. Além disso, alguém aumentou o volume até o máximo do tolerável.

– Amigos – diz ele, abrindo os braços daquele seu jeito característico, como se fosse o próprio Cristo Redentor. – Amigos, tenho uma notícia triste.

– Aposto que sim – sussurro para Lorenzo ao meu lado.

Ele esteve ocupado de novo com a estequiometria, uma linguagem tão estranha para mim quanto as palavras que vêm da televisão.

– Sentem-se, por favor, sentem-se.

As mãos do reverendo Carl fazem um movimento para baixo e o murmúrio da plateia diminui. É difícil dizer onde ele está, mas a multidão é grande demais para a sala de imprensa da Casa Branca. E ele se encontra num palco. No Kennedy Center, talvez. Ou no Arena Stage, no sudoeste de Washington. Mais de um ano se passou desde que vi algo parecido com entretenimento ao vivo. As peças de teatro, as poucas apresentadas, são baboseiras para famílias, censuradas até ficar irreconhecíveis, ou estão proibidas para a maioria de nós.

Ele continua lendo o manifesto dos Puros, linha por linha, afirmação por afirmação, crença por crença. O tema atual é o sofrimento. É um dos seus prediletos.

– Amigos, caros amigos, o sofrimento é uma realidade inevitável no nosso mundo terreno. Às vezes somos chamados a sofrer para fazer o bem, e neste momento ninguém sofre mais do que eu. – Agora uma pausa longa, para causar efeito. O reverendo Carl gosta de alongar as coisas, sofrendo ou não. – Temos aqui uma ovelha perdida. – A câmera se aproxima de seu rosto, sorridente e riscado com lágrimas, depois recua e mostra-o estendendo o braço direito e acenando para a coxa do palco. – Venha agora.

Uma figura solitária aparece à direita do palco. Não sei quem eu espero. Del Ray, provavelmente. Ou outra Julia King. Qualquer uma.

Só não espero meu filho.

O som chocado da multidão na TV – se é que há uma multidão; o barulho pode ser gravado – é abafado por cinquenta pessoas ofegando no laboratório. Piscando sob as luzes fortes, Steven arrasta os pés timidamente até o centro do palco, na direção dos braços estendidos do reverendo Carl.

– Ele tem dezessete anos – sussurro para Lorenzo. – Só dezessete.

Não preciso explicar; Lorenzo já viu fotos dos meus filhos. Houve um tempo em que aqueles retratos se espalhavam pela minha sala.

– Foi apanhado – diz o reverendo Carl. – Foi apanhado num lugar onde nenhum homem ou garoto deveria estar. – Ele se vira para Steven. – Não é,

filho?

Steven faz menção de falar, então apenas confirma com a cabeça. A fúria ferve dentro de mim, através de cada veia e artéria, e a pressão cresce até virar um grito preso.

Perco a maior parte do resto do discurso. Não consigo ouvir nada além do som do meu coração, ensurdecendo meus ouvidos. As poucas palavras que atravessam se acomodam nas minhas entranhas como pesos de chumbo: “fornicador”, “traidor”, “exemplo”, “julgamento”.

O reverendo Carl pede que a plateia se junte a ele em oração, baixa a cabeça e segura a mão de Steven. Outro close mostra os dedos dos dois entrelaçados. Os de Carl estão enrolados como jiboias tenazes; os de Steven estão frouxos, cinco dedos impotentes com a vida sendo espremida para fora. Alguns centímetros acima da mão de meu filho se vê uma larga tira de metal em volta do pulso.

Há um milhão de anos – são apenas vinte, mas parece um milhão, parecem dezenas de milhões, como todos os tempos de vida do mundo –, Jackie me perguntou o que eu faria para continuar livre. Ontem à noite, acima de uma bancada de cozinha que parece tão distante quanto aquele apartamento em Georgetown, perguntei se Patrick faria qualquer coisa, se ele mataria.

Nesse momento, com uma fórmula pela metade na mesa e o reverendo Carl censurando Steven na televisão, junto todas as perguntas e tenho uma única resposta.

Sim, eu faria qualquer coisa. Eu mataria.

A mulher que pensa essas palavras não fala como eu.

Ou talvez fale.

E eu gosto um pouco dela, dessa nova Jean. Gosto muito mais dela quando flagro Morgan sorrindo para a tela plana.

SESSENTA E OITO

Às cinco horas de domingo, no que deveria ser uma tarde luminosa anunciando o verão, com cheiro de churrasco e besouros no jardim, Morgan nos informa que ninguém vai para casa.

– O refeitório é no terceiro andar, pessoal. Dormitórios no sexto e no sétimo. Se precisarem dar um telefonema, peçam ao sargento Petroski. – Morgan indica com a cabeça um posto de segurança improvisado na entrada do

laboratório. – Boa noite, gente – diz ele, antes de dar meia-volta e sair.

– Fique perto das jaulas quando passar pela sala dos chimpanzés! – grito para ele.

A ideia de Morgan tendo o rosto retalhado por animais de laboratório furiosos me provoca um arrepio de satisfação. Viro-me para Lorenzo.

– Petroski é a chave. Como vai o trabalho?

Ele se apoia no encosto do banco de laboratório, dando um sorriso largo.

– Está feito.

– O quê?

Lorenzo me explica a química.

– Preciso de seus olhos nisto, Gianna. – Ele aponta para um conjunto de correlações entre a antiga neuroproteína que testamos na Sra. Ray e a fluência semântica, depois desce um dedo pela página até as anotações em que passou a tarde trabalhando. – Parece bom?

Parece fantástico. Também parece que libertamos o próprio diabo.

– Com essa quantidade, Enzo, estamos falando de contaminação total, o rompimento completo de... – comparo os números com meus dados pela segunda vez – ... de mais de três quartos do giro temporal superior. Esqueça a disfluência da Sra. Ray; essa coisa transformaria Henry Kissinger num mudo. Em cinco segundos.

O sorriso não sumiu do rosto dele.

– É lindo, não é?

Dependendo de qual é sua ideia de beleza, penso. Tenho uma ideia deliciosa que deve estar estampada na minha cara, porque Lorenzo ergue uma das sobrancelhas.

– Creia que possa preparar isso em algumas horas. Tem uma primeira cobaia em mente?

– O que acha? – digo, examinando o laboratório.

Ninguém parece estar nos ouvindo. As poucas conversas se concentram no reverendo Carl e naquele “pobre garoto. O que será que ele fez?”

– Acho – responde Lorenzo, mexendo uma sobrancelha e depois a outra – que grandes mentes pensam igual.

– E às vezes nós também – completo. – Melhor Morgan do que uma daquelas mulheres. – Eu aponto o queixo para as portas trancadas do outro lado do laboratório. – Você viu quantos chimpanzés restam. Quando todos morrerem, Morgan vai querer subir pela cadeia alimentar dos grandes primatas.

Lorenzo para de mastigar a ponta da caneta e bate com ela de leve nos

dentes. É um hábito antigo, que eu não o via fazer há mais de um ano.

– Temos um problema – diz ele.

– O que é? Faz as pessoas ficarem azuis?

O bom humor desaparece do seu rosto.

– Não, azul, não.

– Ah, meu Deus. É letal?

– Talvez.

Ele aponta para uma série de fórmulas no caderno entre nós.

– Elas não se parecem nada com as fórmulas antigas. – Enquanto continuo lendo, o trabalho de Lorenzo fica claro. – Isso não é solúvel em água. Nem injetável na corrente sanguínea.

– Correto. Se você tentar injetar, vai fritar o cérebro dele. O soro precisa ser administrado por via local. *In situ*, como diria César. Uma coisa é reparar células. Se errar o alvo, tudo bem, não é grande coisa, alguns neurônios extras vão ficar felizes. Destruí-los são outros trezentos.

– Outros quinhentos. – A correção vem naturalmente, tão naturalmente que não a escuto acima da palavra que está gritando no meu cérebro: *Trepanação*. – De jeito nenhum, Enzo. Nunca vamos conseguir.

Além disso, a ideia de usar uma furadeira elétrica tão perto de um cérebro humano, até mesmo o de Morgan, me deixa nauseada.

– Talvez não. – Ele olha em volta, contando cabeças com a ponta da caneta.

– Temos cinquenta pessoas aqui, sem contar nossos garotos de azul. Alguns deles parecem ter sido recrutados jovens, saídos da escola. Mas não são *tão* jovens, Gianna. São no mínimo estudantes de pós-graduação. Que tal darmos uma volta por aí e ler crachás? – Ele aponta para a entrada do laboratório. – Comece por lá; eu começo pela parte de trás. Nada meticuloso, só um rápido exame de títulos, está bem? Se alguém perguntar, diga que está indo ligar para seu marido. Para falar do carro.

É verdade, preciso ligar para Patrick, pois parece que não vou sair deste prédio tão cedo. Ele vai precisar do Honda, ou pelo menos do que deixei dentro do Honda. Saio do meu metro quadrado de espaço de trabalho e começo a andar pelo corredor mais próximo, na direção da mesa do sargento Petroski. Devagar.

– Preciso dar um telefonema – digo. – Para avisar ao meu marido que não vou voltar para casa hoje.

Petroski sorri.

– Claro, senhora. Qual é o número?

– Eu digito.

– Infelizmente, preciso fazer isso pela senhora.

Claro que precisa. Provavelmente também precisa falar por mim.

Estou certa: Petroski pergunta qual é o recado e me entrega uma folha de caderno em branco e uma caneta.

– Escreva tudo aqui e eu passo o recado. Palavra por palavra.

O bilhete é curto: *Venha pegar o carro, pegue o copinho de Sonia. Ela vai chorar se for para a cama sem ele.* Não é de fato uma mentira, não se você colocar alguns verbos no pretérito. Entrego o papel a Petroski e pisco três vezes.

Ele pisca de volta.

– Mais alguma coisa, Dra. McClellan?

Eu me lembro de outro soldado sentado atrás desta mesa quando Lorenzo e eu chegamos, portanto Petroski deve ter chegado recentemente.

– Está de serviço esta noite?

– Sim, senhora.

Meu olhar se fixa na mão esquerda dele.

– Você é casado.

Claro que é.

– Sim, senhora. Este mês fazemos dois anos. – Sua boca se curva num sorriso sem graça. – Nós namoramos desde o ensino médio.

– Eu me casei nova. – Só não acrescento que tenho dúvida se foi uma das decisões mais inteligentes para nosso relacionamento. – E tive filhos nova também. Você tem filhos?

Petroski hesita, e o sorriso tímido some.

– Sim. Uma menina. Fez um ano em abril. – Mais baixo, ele diz: – Um ano. Posso fazer uma pergunta?

– Claro.

– Olha, não sou cientista nem nada. Tenho diploma do ensino médio e algumas horas numa faculdade comunitária. Depois me alistei. Achei que o Exército me daria um salário estável e tudo o mais. Além disso, a senhora sabe, se fizer vinte anos de serviço, a gente recebe pensão. É uma segurança financeira, e coisa e tal.

– Eles fazem com que pareça algo bom.

Petroski se inclina para a frente.

– Mas sei uma coisa ou outra sobre filhos. Sou o mais velho. Tenho cinco irmãos. O mais novo nasceu quando eu tinha quinze anos. O nome dele é Danny. Um bom garoto.

Confirmo com a cabeça. O sargento Bom Samaritano continua: – Danny

sabia o que significava “não” quando tinha cinco meses. Antes de um ano sabia falar “mamãe”, “papai” e “Bu”. Bu era o nome do nosso cachorro. As frases dele não faziam muito sentido, mas o que importava é que estava falando. E então... – Petroski dá um tapa na mesa – Pou! Duas palavras, perguntas, coisas tipo “Cadê Bu?” e “Quer suco”. Era uma espécie de milagre, sabe?

Sei. Vi quatro bebês passando por todos esses estágios. Balbuciar pré-linguístico; holófrases, de uma palavra; frases com duas palavras, geralmente nada mais do que um sujeito e um predicado. Depois, como disse Petroski, *pou*. Tudo começava a acontecer. Aos três anos Steven fazia exigências: de manhã *me leva pra escola*; à tarde *por favor faz chocolate*.

Mas conheço o outro lado, e Petroski também.

– Uma vez eu vi um documentário, senhora – prossegue ele. – Não consegui assistir tudo, era horrível demais. Umas pessoas mantiveram a filhinha trancada num quarto e não falaram com ela durante uns doze anos. Doze *anos*, senhora. Dá para imaginar?

Balanço a cabeça, mesmo podendo imaginar. Isso aconteceu em casos raros.

Petroski continua, um linguista de poltrona de TV que não percebe como está certo: – Então se você pegar uma criança, qualquer criança, e deixar ela falar, ela fala. Se não deixar... – a outra mão bate na mesa entre nós: *pou* –, é isso aí. É como se tivessem um relógio dentro.

– Elas têm.

Não preciso mencionar ao sargento Petroski as hipóteses do período crítico, também conhecidas como teoria “use ou perca”. Ele saca, mesmo sem o jargão chique.

– Então minha pergunta é – diz ele, me encarando. Seus olhos estão calmos e azuis, mas há dor ali. – Minha pergunta é: o que vai acontecer com minha filhinha se ela não falar? Se ficar igual aquela tal de Genie? E acabar num abrigo?

Tenho mil respostas para ele, e nenhuma. Genie, a criança do documentário, nunca aprendeu a falar. Depois de anos de exames e pesquisas por parte de linguistas com mais interesse no próximo grande livro do que na própria Genie, a garota acabou exatamente onde Petroski sugeriu. Em algum abrigo.

Depois de dar os últimos toques na mensagem para Patrick, entrego-a a Petroski. Ele segura minha mão.

– A senhora pode ajudar? A senhora é médica, não é?

Assinto. Mais ou menos.

– A senhora pode ajudar? – Ele para, olha para as três divisas na manga e diz: – Eu fiz um juramento, a senhora sabe. Talvez devêssemos tentar aguentar. Esse negócio Puro não pode durar para sempre.

É hora de jogar lenha na fogueira: – Você está certo. Provavelmente não vai durar. Mais alguns anos e o reverendo Carl vai ser apenas uma nota de rodapé num livro de história. Mas, claro, ele pode ficar por aí um tempo.

– É. – Petroski está em cima do muro.

– Sabe, sargento – continuo, inventando enquanto falo, me odiando um pouco à medida que atijo as chamadas. – Eu li um artigo há alguns anos. Nós pensávamos que as crianças tinham até os treze ou catorze anos para, você sabe, esse *pou* acontecer. Mas vou lhe dizer, como especialista: elas têm muito menos tempo. Três, quatro anos, talvez. Depois disso, o cérebro meio que... – procuro a palavra certa – desliga.

Seu rosto empalidece, e eu me encolho, ainda que essa seja a reação que eu desejava.

– Bom, é melhor eu voltar ao trabalho.

Melhor dar alguns minutos para ele pensar enquanto elaboro os detalhes com Lorenzo.

Deixando-o com a chave do Honda na mesa, retorno para meu canto do laboratório, desta vez por um caminho diferente. Metade dos crachás está virada do lado errado, mas leio uma dúzia deles, tendo em mente o conselho de Lorenzo para me preocupar apenas com os títulos.

SESSENTA E NOVE

Aproximadamente 2% da população tem doutorado. Se você ignorar os doutores em inglês, a porcentagem é menor. Muito menor mesmo.

– Contei nove – digo. – De uns doze.

Lorenzo parece que teve mais sorte do que eu com os crachás.

– Contei quinze em vinte.

Dois terços, três quartos, não importa. Estamos num laboratório cheio de

especialistas. Com tempo suficiente, você pode conseguir que um macaco datilografe uma obra de Shakespeare. Num laboratório assim, você seria capaz de construir um foguete para Marte em tempo muitíssimo menor. Uma neurotoxina que embaralha o cérebro? Eu avaliaria que conseguiríamos em uma noite.

Bem a tempo para a reunião matinal à qual Patrick vai comparecer amanhã.

Examino a sala de novo. Os olhos de todos estão exaustos, mas ocupados. Lorenzo lhes dá até a manhã para conseguir algo que possa satisfazer Morgan.

– Acho que arranjei um aliado – comento.

– É?

– Ali. Na mesa da segurança.

Lorenzo estica o pescoço para olhar por cima das pessoas.

– Está brincando.

Petroski pode não ser a pessoa mais inteligente do mundo, mas tem duas qualidades que eu desejo: é forte e está morrendo de medo por causa da filha. O fato de usar um uniforme e ter um chaveiro no cinto também não é ruim.

– Dê uma olhada em volta, Enzo. Esses caras vêm trabalhando 24 horas por dia. Estão mortos de cansaço.

Quando digo isso, três homens, cada qual aparentando quarenta e poucos anos, saem do laboratório escoltados por um único soldado.

– Não vejo meus filhos há uma semana – reclama um deles.

– Filhos? – diz outro. – Meus filhos aceitam isso bem. Já minha esposa...

– Se eu não comer e dormir um pouco, vou estar ferrado amanhã. – O terceiro homem parece a ponto de dormir em pé.

– Está vendo o que quero dizer? – pergunto enquanto outras cinco abelhas operárias sinalizam que estão prontas para cair na cama. – Só precisamos esperar.

– Errado, Gianna. – Lorenzo me olha de cima a baixo. – O que você precisa é dormir um pouco. Pelo menos duas horas.

Tenho tanta chance de dormir quanto de ganhar um prêmio Nobel, mas ele está certo. Eu colidi contra a parede da fadiga a toda velocidade, e minha próxima tarefa no laboratório exige estar absolutamente alerta.

– Duas horas. No máximo. Presumindo que Morgan passe a noite aqui.

– Ele vai passar. Verifique com seu novo coleguinha na saída. – Lorenzo abre um sorriso. – E não flerte muito. Sou ciumento. – Da prateleira atrás, ele tira um tablet, passa um daqueles seus dedos absurdamente longos e elegantes, clica algumas vezes e depois me entrega. – Um pouquinho de leitura leve para

você.

Leio o título na tela.

– *Neuroanatomia comparativa dos primatas*? Você chama isso de leve?

– No sentido literal. O iPad pesa menos de quinhentos gramas.

– Quanto o livro pesa?

– Tem umas quinhentas páginas. Você vai querer ler os capítulos 7 e 8. –

Ele deve estar vendo as perguntas não verbalizadas nos meus olhos, porque continua: – Olha, eu faria isso, mas estaria começando do zero. Também não posso ler essa merda e aprontar tudo aqui embaixo ao mesmo tempo. Portanto, dê uma estudada, está bem?

Ele se vira para o computador que está atrás, puxa o teclado e começa a preencher uma requisição de animal de laboratório depois de consultar um gráfico de indivíduos disponíveis. No espaço para o número de identificação, ele digita 413, depois desce pela página até um bloco vazio e começa a catar milho de novo. Olho-o digitar *sedação, trepanação e injeção intracraniana de soro experimental Wernicke* 5.2.

– Ah, cara... – digo, me visualizando com uma furadeira numa das mãos e, na outra, um iPad aberto num tutorial. Não foi para isso que eu me candidatei. – Não sou realmente do tipo que põe a mão na massa, Enzo.

– Você é tudo que eu tenho. – No espaço vazio onde o formulário de requisição diz *Técnico*, ele escreve *Dra. Jean McClellan*.

– Nós precisamos fazer, não é?

– É isso ou vamos acabar matando Morgan. – Um canto da boca de Lorenzo se curva para cima. – A não ser que seja isso que você quer.

Claro que é o que eu quero. Mas não há sentido em ser gananciosa. Um Morgan mudo vai funcionar tão bem quanto.

– Certo. Estou subindo. Mande alguém me chamar se eu não estiver de volta às dez. Está bem?

– Feito.

Não paro na mesa de Petroski para pegar um acompanhante. Em vez disso, vou até o soldado mais perto e falo suficientemente alto para minha voz chegar longe.

– Preciso tirar um cochilo. Pode me levar ao dormitório?

Enquanto meu acompanhante grita para o laboratório, agora com metade dos ocupantes, perguntando se mais alguém quer ir ao refeitório ou para a cama, Petroski sinaliza para eu me aproximar, com um ligeiro movimento de cabeça.

– Dei o seu telefonema – diz ele.

– Ótimo. Obrigada.

Não quero lhe pedir ajuda, é melhor que a oferta venha da parte dele.

E vem.

– Posso fazer alguma coisa?

– Na verdade, sargento, sim.

Seu rosto, liso, sem pelos e inocente como o de uma criança, se ilumina enquanto explico, em detalhes, exatamente o que preciso que ele faça.

SETENTA

Enquanto Lorenzo está oito andares abaixo sedando a chimpanzé número 4-azarado-13 e arrumando o equipamento necessário, estou sentada numa cama estreita, totalmente vestida, digerindo um sanduíche rançoso do refeitório e o capítulo 7 do texto de neuroanatomia dos primatas, também conhecido como mapas detalhados do cérebro do nosso parente mais próximo, o chimpanzé. Por enquanto, meus melindres ficaram de lado, principalmente graças à quase

mutilação da tarde causada pelo compatriota do 413.

Passo para uma nova janela no iPad, verifico o banco de dados de publicações médicas em busca de artigos sobre procedimentos de craniotomia e trepanação e dou uma última olhada na metade não comida do meu sanduíche. O pão com queijo não é o companheiro perfeito para minha leitura na cama, por isso o coloco de lado enquanto revejo os componentes da minha nova amiga, a furadeira Cushing.

Quando penso que de jeito nenhum vou fazer um buraco no crânio de um macaco, quanto mais no de um humano, me lembro de Jackie, Lin e Isabel.

Fique firme, Jean.

Continuo lendo até minhas pálpebras sucumbirem à gravidade e o iPad escorregar das minhas mãos.

A batida à porta parece vir no momento exato em que caio no sono.

– Dra. McClellan? – A voz é abafada, nebulosa.

– Sim?

– Hora de ir. O Dr. Rossi disse que precisa da senhora no laboratório.

Todo mundo precisa de alguma coisa. Eu preciso de mais ou menos uma semana de sono ininterrupto.

– Certo, estou indo.

Saio da cama e aliso as roupas. Pela aparência delas, dormi profundamente, ainda que não por muito tempo. Então abro a porta. É Petroski, e ele parece ter envelhecido uma década desde que o deixei no subsolo 2.

– Descansou bem, senhora?

Minha boca emite o som de “sim”; minha cabeça latejando questiona. Um pé acompanha o outro pelo corredor, ordens automáticas de marcha ordenando que eles prossigam mais um pouquinho, e entro no elevador com Petroski.

– Tudo pronto – diz ele. – Tudo está exatamente como a senhora pediu.

– Ótimo. Agora escute, sargento. Seu serviço está feito. A última coisa que você sabe é que o Dr. LeBron foi ao laboratório às... Que horas são agora?

– Dez e cinco, senhora – responde ele, levantando o pulso esquerdo para eu ver.

– Certo. LeBron entrou no subsolo 2 às nove e cinquenta. Ele falou a você que estava com dor de cabeça. É só isso que você sabe.

Com uma postura militar já esperada, Petroski responde com um rígido “Sim, senhora” e mantém a porta do elevador aberta para mim. Ele para diante da porta do laboratório.

Por favor, não vá amarelar agora. Não tenho certeza se estou falando com

Petroski ou comigo mesma.

Ele passa o crachá no leitor e espera a luz verde, e eu entro. Passamos pelos chimpanzés que restam, ainda gritando nas suas jaulas, e noto que a do chimpanzé número 413 está vazia.

Assim como o laboratório principal.

O primeiro serviço de Petroski era a evacuação do subsolo 2. A julgar pelos bancos desocupados e pelo caos de papelada deixada em cada mesa, ele foi bem-sucedido. Só foram necessários Lorenzo, um bico de Bunsen, um pouco de folha de alumínio e uma mistura de açúcar e nitrato de potássio. Deve ter parecido que uma bomba explodiu no laboratório de bioquímica.

Essa era a ideia.

Deixo o sargento junto à mesa da segurança e ando em meio à confusão de cadernos, calculadoras e óculos de leitura, até onde Lorenzo está esperando, meio de pé, meio sentado, na bancada onde o deixei há duas horas. É a própria imagem da tranquilidade, e desejo que ele não tivesse tornado tão fácil me apaixonar.

– Foi um sucesso, Gianna. Silencioso, cheio de fumaça e não letal. A primeira coisa que fiz quando ganhei um kit de química foi uma bomba de fumaça. Arruinei a melhor panela de preparar massas da minha mãe. – Uma malícia diabólica e infantil lampeja nos olhos dele.

Meninos..., penso. Eles adoram explodir merdas. Ou pelo menos fazer parecer que explodiram merdas.

Ele balança uma perna, saindo de cima da bancada.

– Está pronta?

– Não sei se posso fazer isso – respondo, sentindo o sanduíche de queijo ir na direção que não deveria. – Onde eles estão?

– Aqui.

Lorenzo abre a porta para uma sala lateral. Está vazia, a não ser por duas macas e uma mesa cirúrgica sobre rodas coberta com uma variedade de implementos de aço inoxidável que só vi em fotos: retratores, fórceps, algo que parece um boleador. Na maca mais perto de mim está uma chimpanzé de 1,20 metro com o escalpo parcialmente raspado do lado esquerdo. Na outra está uma forma de vida de 1,80 metro e ordem biológica ligeiramente inferior. Ambos estão fortemente sedados, o peito subindo e descendo em ritmo constante.

Petroski conseguiu que Morgan viesse para o laboratório; Lorenzo terminou o serviço.

– Acho que gosto mais dele desse jeito – digo. – Qual primeiro?

Lorenzo aponta para a chimpanzé.

– Certo. Piada ruim.

Mas preciso do humor para passar por isso. Assim que vejo a furadeira de craniotomia com sua broca de aço irregular, meio parecida com um dente malformado, repenso. Não preciso de humor. Preciso de uma porcaria de neurocirurgião.

– Gianna? – Lorenzo olha seu relógio. – Eles não vão ficar apagados para sempre.

Pego a furadeira e ligo. Ela faz um zumbido baixo enquanto a broca gira. Esse negociozinho não vai atravessar um osso de crânio de jeito nenhum.

– Não posso – respondo, pousando a furadeira.

Isso é que é estar disposta a fazer qualquer coisa!

SETENTA E UM

Não sei quantas vezes falei “Eu poderia matá-lo” em meus quarenta e poucos anos. Talvez alguns milhares de vezes.

Eu poderia matá-lo por ter deixado as roupas na máquina de lavar. Poderia matá-lo por não ter ligado para dizer que ia se atrasar. Poderia matá-lo por ter quebrado o vaso maiólica de mamãe. Poderia, poderia, poderia. Matar, matar, matar. Claro que nunca falei a sério. As palavras são tão vazias semanticamente

quanto “morro de amores por você”, “estou com tanta fome que comeria um cavalo” e “aposto minha vida que os Sox vão se ferrar no campeonato deste ano”. Ninguém morre de amor fora de um romance de uma das Brontë, não come um cavalo inteiro nem arrisca a vida por causa de um jogo de beisebol. Ninguém. Mas a gente fala esse tipo de lixo o tempo todo.

O fato é que não sei se eu poderia ter matado o chimpanzé número 412 nem enquanto ele estava pirando de vez.

Sei que não vou levar uma furadeira craniana para perto dos dois hominídeos adormecidos nessas macas.

E não preciso.

– Chame Petroski – digo a Lorenzo.

Ele me encara.

– Não. Não vou pedir para ele fazer isso. Preciso das chaves da Sala 1.

De novo, ele apenas me encara.

– Para tirar Lin. E as outras. Explique ao garoto que vou dizer que nós o dopamos e roubamos as chaves, se for preciso. Mas acho que ele vai topa.

Explico sobre a filha.

– Eu toparia – diz Lorenzo. – Se a filha fosse minha. – Seu olhar desce pelo meu corpo, se detendo no ligeiro volume na altura da cintura. – Eu não teria ido embora sem você, Gianna. Nunca.

– Verdade?

– Verdade. – Ele faz um rápido giro pela sala, procurando qualquer coisa que possa ser uma câmera, e me beija. – Nunca.

– Agora você sabe como me sinto com relação a Sonia. E aos meninos.

Mas principalmente Sonia, penso. Nada é tão ruim quanto a ideia de deixá-la para trás enquanto tudo vai para o inferno. Nada, a não ser trazer outra menina para o inferno. Afasto o pensamento pelas próximas doze horas.

– Vá, convença Petroski a promover a fuga da prisão.

Cinco minutos depois, Lorenzo volta com Lin. Quando vê as duas macas, ela se vira na minha direção, boquiaberta e de olhos arregalados. Peço que Lorenzo explique enquanto vou ver Jackie e Isabel. Elas não precisam estar aqui dentro para o que vamos fazer. Bom, eu também não quero estar aqui.

Lorenzo me informa que não tenho opção. Lin faz um sinal de polegar para cima com a mão direita e bate na mão esquerda.

– Ela precisa de você para ajudar – diz ele.

Olho a pulseira de Lin.

– Como ela conseguiu dizer isso?

Lin revira os olhos, balança as duas mãos na frente do peito, depois junta o indicador e o dedo médio de cada mão e os aponta para mim, sacudindo-os.

– Ela está dizendo para não se preocupar e andar logo – diz Lorenzo. – Eu traduzo.

– Vocês dois sabem a linguagem de sinais? – pergunto. – Por quê?

Ele dá de ombros.

– Você fala um pouco de vietnamita, não é?

– Falo.

– Por quê?

– Certo. Entendi o argumento.

Por meio de Lorenzo, recebo cada uma das instruções de Lin enquanto nos lavamos até os cotovelos numa pia do laboratório de bioquímica. É como Cirurgia Cerebral Para Leigos. *Monitore os sinais vitais o tempo todo. Entregue os instrumentos com o cabo à frente. Não bloqueie a droga da minha luz.* E, bem ao estilo de Lin, *Por favor, não desmaie.*

As três primeiras coisas eu consigo fazer. Quanto à quarta, não sei.

De volta à sala branca, Lin demora dois minutos para retrainir a pele na cabeça da chimpanzé e mais trinta segundos para abrir um furo do tamanho de uma moeda de dez centavos. Desliga a furadeira, passa-a para mim com um pedaço de crânio de chimpanzé e sinaliza para Lorenzo.

– Ela disse para pensar nisso como um tampão de ralo de pia – diz ele, repassando essa pérola de conselho.

– Para você é fácil, Lin. Sempre fui mais interessada na metade linguística da neurolinguística.

Ela ri, mas suas mãos estão ocupadas demais para conversar enquanto apalpa o tecido mole dentro do crânio do chimpanzé. É uma coisa de revirar o estômago, fascinante e milagrosa ao mesmo tempo. Como é que pessoas como o reverendo Carl e Morgan LeBron querem pegar essa mulher e descartá-la? Como alguém pode pensar que isso faz sentido?

– Certo. Lá vamos nós.

Lorenzo enche duas seringas com um líquido transparente tirado de um frasco na mesa cirúrgica. Parece inofensivo como água. Põe um na mesa entre as macas e estende o outro para Lin.

Fito suas mãos calmas enquanto ela insere a ponta fina da agulha alguns milímetros no tecido cortical do chimpanzé e aperta o êmbolo, observando as leituras. Assente, aparentemente satisfeita por não ter matado a cobaia, e injeta o resto do soro antes de recolocar o pedaço redondo de crânio – *tampão, Jean, é só*

um tampão – e suturar. Todo o processo demorou cinco minutos.

Ainda bem que foi rápido, pois o chimpanzé e Morgan começaram a se mexer.

SETENTA E DOIS

Um contato íntimo e pessoal com um primata furioso já bastou para mim. Não tenho vontade de reviver a experiência.

– Precisamos tirá-la daqui, Enzo. Agora – ordeno, olhando horrorizada o peito da chimpanzé subir e descer mais depressa. – Lin, quanto tempo temos até ela acordar?

Lin meneia a cabeça para a frente e para trás, levanta quatro dedos, depois

dois. Não é necessário que Lorenzo traduza.

– Seis minutos? – digo, esperançosa.

Ela balança a cabeça, levantando dois dedos e apontando-os na minha direção.

Olho em volta procurando alguma coisa – qualquer coisa – que possamos usar como contenção, e só encontro fio de sutura na mesa cirúrgica. Nada bom.

– Certo. Certo. – Não há tempo a perder. – Lin, certifique-se de que a jaula está aberta. Enzo, você e eu vamos empurrar essa bebê para o lugar dela.

Meus batimentos cardíacos marcam cada segundo que passa enquanto Lin sai correndo da sala de operação improvisada e segue o barulho dos outros chimpanzés que gritam na parte da frente do laboratório.

A chimpanzé número 413, com olhar perplexo, estende um braço comprido e peludo na direção da cabeça. Depois olha para mim.

– Enzo, empurre!

A maca bate em dois bancos, derrubando-os. Lorenzo pega um antes que ele trombe em outros dois, impedindo por pouco um efeito dominó com móveis que poderiam bloquear nosso caminho. Jackie e Isabel estão no centro do laboratório, horrorizadas e impotentes.

– Não fale nada, Jacko – imploro. – Não fale nada. Leve Isabel para outro lugar. Tranquem-se num armário se for preciso.

A imagem mental que tenho é de Charla Nash, a mulher mutilada que perdeu o rosto inteiro, menos a pele da testa.

– Petroski! – grito para o laboratório enquanto Lorenzo empurra a maca passando por bancadas cheias de papel voando, óculos, uma régua de cálculo. – Petroski!

Petroski sai correndo de seu posto. A chimpanzé solta um gemido grave, não um uivo, não um berro, mas um gemido triste, surdo.

Não olhe para ela, Jean. Não ouse olhar para ela.

Mas, claro, eu olho.

A fúria reluz em seus olhos castanhos suaves quando chegamos à jaula aberta.

Petroski saca a arma. Sua mão treme enquanto ele faz algo estalar com o polegar. A trava, talvez.

– Não atire nela se não for necessário – ordeno. – Certo, Enzo, na minha contagem. Um...

A mão da chimpanzé se afasta da cabeça e se estende para mim.

– Dois – digo, ofegante.

O iodo do ferimento preenche minhas narinas enquanto ela estende o braço.
– Três!

Com toda a força que me resta, tiro o bicho da maca, Lorenzo pegando a maior parte do peso. Uma garra roça nos meus lábios enquanto a chimpanzé 413 rola para dentro da jaula. Lorenzo tranca a porta e se afasta para a linha central do cômodo, me levando junto. Uma pata peluda salta entre as barras, os dedos em garras, e em seguida se retrai. A chimpanzé volta a massagear a lateral da cabeça.

Quase parece que ela está tentando se lembrar de alguma coisa.

– Ai, meu Deus, Enzo. Morgan. Cadê o Morgan?

Sei que só há uma entrada e saída do laboratório, e Morgan não passou por nós. Lorenzo retrocede pela sala em quatro passos largos enquanto grito para ele tirar Jackie e Isabel do caminho. Não sei se me escuta.

Lin sinaliza alguma coisa que eu não entendo, aponta para mim e para o chimpanzé enjaulado.

– Foi por pouco – falo, sem saber se é isso que ela quer dizer.

Ela assente.

– Vá ver como estão Jackie e Isabel – peço. – Vou ajudar Lorenzo.

Outra confirmação.

Não sei se me dou conta enquanto ainda estou na sala dos primatas ou quando passo pelo laboratório com os bancos caídos e os papéis espalhados. O baque é tão violento quanto um piano de cauda caindo de um andar alto. Morgan. Uma seringa. Lorenzo.

Isso não é solúvel em água. Nem injetável na corrente sanguínea.

Se tentar injetar, vai fritar o cérebro dele.

Minhas pernas parecem se mover por vontade própria.

SETENTA E TRÊS

Morgan LeBron tem 1,62 metro de altura e beira os setenta quilos. Lorenzo é capaz de me levantar com o outro braço amarrado às costas. Não é nem mesmo uma disputa, a não ser que o menor tenha uma vantagem.

Morgan tem.

E no momento está segurando-a junto ao pescoço de Lorenzo, naquele ponto macio um centímetro atrás da orelha.

– Saia!

Não sei se é Lorenzo ou Morgan que grita na sala. Só uma palavra que não tem outro objetivo a não ser me aterrorizar.

– Morgan... – começo.

Ele não permite que eu termine: – Sua puta. Sua *escrota*.

O maxilar de Lorenzo fica tenso, mas as palavras não me incomodam. A seringa, sim, mas todo o resto que Morgan tem para oferecer não passam de oclusivas emboladas. Posso me isolar disso.

Mas aquela maldita seringa é um problema real.

Dou um passo à frente, muito devagar, como um movimento em câmera lenta num filme antigo de ficção científica.

– Gianna. Não. – Lorenzo parece tão firme quanto seu corpo aparenta estar.

– Gianna? Quem é Gianna, porra? – Quando Morgan diz meu nome, meu outro nome, seus olhos brilham. – Ah, saquei. Vocês dois têm um casinho, não é? Cara, isso é que é matar dois coelhos com uma cajadada só. – Agora ele está quase rindo. – Ah, cara, isso é uma beleza. Os pobres amantes trágicos. Diga, Lorenzo, ela é boa de cama? Parece meio velha para mim. Mas talvez você goste das putas usadas e largadas.

Os músculos no braço esquerdo de Lorenzo se retesam e seu punho se fecha.

– Ah, ah, ah... Dr. Rossi... – Morgan empurra a ponta da agulha com mais força contra a carne.

Um ponto vermelho aparece no local de contato e uma única gota de líquido transparente rola pelo pescoço de Lorenzo. É impossível dizer se é suor ou soro.

– Sabe – diz Morgan, a voz doce como xarope mas ainda ameaçadora –, não sou um grande cientista. Todo esse negócio de ficar examinando dados e refazendo a mesma porra de experiência de novo e de novo. Odeio essa merda. Mas sou um bom leitor. Um bom leitor de pessoas. E sei ler outras coisas. Tipo aquele frasquinho ali onde está escrito “Apenas injeção local”. – Com o queixo, ele indica o conteúdo derrubado da bandeja cirúrgica sem desviar os olhos de

mim. – Eu vi isso e precisei me perguntar: por quê? Por que somente local? O que aconteceria se eu enfiasse essa agulha assim... – A agulha se enterra um milímetro ou dois no pescoço de Lorenzo, perto demais da veia jugular. – O que aconteceria se eu comesse a apertar o êmbolo? Alguma ideia?

– Vá em frente, Morgan – diz Lorenzo. – Gianna, saia daqui. Há uma chave extra embaixo do para-choque do meu carro. Pegue e vá embora.

– Não seja tão corajoso, porra. – Os olhos de Morgan, aqueles medonhos olhos de rato, se fixam nos meus. – Se você se mexer, sua puta, eu começo a enfiar esta coisa nele. – Os olhos se viram ligeiramente para a esquerda, por cima do meu ombro. – Volte para o laboratório.

Demoro um momento antes de perceber que ele não está falando comigo. Um aperto firme, não tão forte quanto de um homem, mas bem forte, segura meu cotovelo, me virando ligeiramente.

Jackie.

Sua cabeça faz um movimento brusco, deliberado. *Vamos*. Na mão livre estão as chaves de Petroski. Elas fazem um som metálico de sinos minúsculos no silêncio de uma sala onde todo mundo parece prender a respiração.

– Chame Petroski – digo a Morgan. – Vamos acabar logo com isso.

Preciso de cada parte do meu cérebro humano para afastar o instinto de fuga.

– Não faça nada idiota, Jean – ameaça Morgan.

– Escute. Se ainda lhe resta um fiapo de humanidade, Morgan, você vai fazer isso do modo certo. Mande Petroski atirar nele. Faça uma coisa limpa. Mais tarde você pode dizer que foi um acidente.

Há uma pausa enquanto Morgan pondera.

– Legítima defesa? – sugiro. – O soro vai ser mais difícil de explicar. Estamos falando de um bioquímico famoso, e não de um idiota que você recrutou numa faculdade. Pense nisso. Pense no que vai dizer quando Lorenzo Rossi sair deste prédio sem falar coisa com coisa. Depois pense no que a embaixada italiana vai dizer.

Morgan demora uma eternidade pensando. Passo metade dela pensando em armas.

Como qualquer mecanismo, elas têm partes. A parte em que você coloca uma bala, a parte por onde a bala sai e a parte que faz a bala ir de um lugar ao outro. Fácil. Simples. Sem alterações durante séculos. Fecho, cabo e cano. Numa ordem ou em outra.

Durante a outra metade do tempo em que Morgan pensa, avalio o sargento

Petroski, o estudante de filosofia transformado em soldado. Marido. Pai. Um homem cuja mão treme quando saca a pistola de serviço. Um homem que sabe onde fica a trava e como soltá-la.

Jackie puxa meu braço de novo e eu me viro para ela.

– O que você faria para continuar livre, Jacko? Porque neste momento eu faria praticamente qualquer coisa.

Ela não diz nada, mas sorri.

– Petroski! – grita Morgan.

Botas pesadas ecoam no laboratório. Sob elas, papéis farfalham. Um estalo alto marca a destruição de uns óculos largados. O mundo inteiro fica mais lento enquanto o sargento Petroski se aproxima da porta aberta atrás de mim.

– Senhor! – grita Petroski.

Tudo acontece num piscar de olhos, mas sei que minha mente está registrando cada imagem, cada quadro do filme. Talvez um dia eu possa diminuir a velocidade dessas imagens, repassá-las em tempo real. Neste momento, a sequência é aleatória e entrecortada, a trilha sonora é confusa.

– Atire nele.

Petroski saca a arma. Está tão perto da minha orelha que consigo sentir as pequenas perturbações no ar, ver os pequenos tremores nas mãos dele enquanto tenta estabilizar a pistola.

– Está com a trava? – pergunto.

O estalo é como um tiro, automático e ensurdecador.

– Agora, Jackie!

Ela está em cima dele. A mão de Petroski se afrouxa. Nunca saberei se ele cooperou ou se foi apanhado de surpresa, mas faço o movimento que planejei, fecho os dedos no cabo e miro alguns centímetros abaixo do broche azul que brilha no colarinho de Morgan.

E aperto o gatilho.

SETENTA E QUATRO

Morgan cai e eu caio junto com ele, os ouvidos gritando uma nota na tessitura de uma coloratura enquanto Jackie tenta me pegar por baixo dos braços antes que eu bata no chão. Ela é forte, ou pelo menos era, mas a gravidade vence o jogo. Atinjo o piso com uma pancada que sinto mas não ouço, e percebo que estou segurando alguma coisa.

Lorenzo está ao meu lado, a respiração quente no meu rosto. Vejo sua boca

se movendo enquanto ele abre meus dedos, soltando o aço volumoso.

– Relaxe.

A palavra sai como se ele estivesse falando embaixo d'água, mas dá para distinguir cada som. Ele trava de novo a pistola de Petroski com o polegar, usa a camisa para limpar o cabo e o gatilho e a devolve ao soldado que está inclinado sobre Morgan, olhando o sangue brotar no peito dele. Uma poça escarlate e nauseante mancha o chão de ladrilhos brancos.

– Onde você aprendeu a fazer isso? – pergunto a Lorenzo. A pergunta soa como: *On ce prede faz iss?*

– Dois anos no exército italiano. Eles ainda têm alistamento. – Depois, mais sério, pergunta: – Está ouvindo?

– Um pouco.

– Você vai ficar com os ouvidos zumbindo um tempo. Talvez uma hora. Mas vai melhorar, acredite.

– Machuquei ele, não foi?

Lorenzo olha por cima do ombro, para onde Morgan está caído.

– É. Pode-se dizer que sim. – As palavras ainda estão abafadas, só que ligeiramente mais inteligíveis.

– Precisamos tirá-lo daí.

Jackie já pensou nisso. Está parada junto à porta com Lin, Isabel e uma braçada de paletós e jalecos – deixados pelos homens quando evacuaram a sala. Ela toca no meu braço e depois sinaliza para o chão, onde Morgan está caído, aponta para si mesma e faz círculos com o dedo. É menos elegante do que a linguagem de sinais estruturada que Lin e Lorenzo usam, mas entendo. Jackie vai cuidar da coisa sangrenta no canto.

Ligeiramente recuperado do choque – fico pensando se ele vai se recuperar de verdade –, Petroski ajuda Lin e Isabel a virar Morgan e enrolá-lo em roupas enquanto Jackie começa a limpar a sala. É uma cena de um filme *trash*, sangue no chão e uma feia mancha no estilo de um teste de Rorschach na parede atrás de onde Morgan estava mantendo Lorenzo na ponta da agulha. Lorenzo vê minha expressão e explica: – Calibre .45, Gianna. Você abriu um buraco nele do tamanho do estado da Virgínia.

– Matei ele, não foi?

Não é realmente uma pergunta, é mais uma ajuda para processar. Matei. Matei um ser humano.

– É – diz ele, baixinho. – E precisamos ir embora. Todos nós.

Lorenzo e Petroski arrastam o corpo sem vida de Morgan LeBron para a

maca e o empurram para fora. Vejo a porta da Sala 1 deslizar se abrindo e depois fechando. Um minuto depois, eles estão de volta ao laboratório principal, sem a maca. Nós seis trabalhamos em silêncio com água sanitária e panos, limpando a sujeira das paredes e do chão, jogando uma série de trapos encharcados de sangue num grosso saco de plástico que Lin pegou num armário de suprimentos. De vez em quando ela e Isabel sinalizam uma para a outra. Não entendo, mas o que elas dizem parece reconfortante, esperançoso.

Quando não resta nada além do cheiro de cloro, saímos e lavamos da nossa pele o que restou de Morgan. Lin desaparece e volta com seis jalecos limpos, que ela distribui. Não preciso de mais do que uma olhada na minha roupa para perceber por que preciso cobri-la. Todos os outros parecem igualmente sujos.

Viro-me para Petroski.

– Você pode tirar a gente daqui, passando pela segurança?

Nenhum dos seis pares de ouvidos escutou o intruso, o gigante que agora está entre nós e a saída.

Ah, merda, penso. Talvez tenha dito em voz alta, talvez não, mas ouço, claro como uma sirene antiaérea.

O homem que entrou em silêncio no laboratório é a última pessoa que quero ver, e a que fiquei vendo durante toda esta semana, sempre quando não espero, como se sua única tarefa fosse nos vigiar.

Poe.

Agora percebo que talvez essa fosse a tarefa dele o tempo todo.

– Deixem tudo e venham comigo – ordena ele.

A mão de Petroski vai até a .45 em sua cintura, e eu sigo o olhar de Lorenzo acompanhando o movimento.

– Não seja estúpido, Dr. Rossi – diz Poe.

Abro a boca para falar. Não sai nada.

Poe olha para o soldado parado entre ele e o resto de nós. Parece que um olho permanece fixado na arma enquanto o outro examina nosso grupinho de rebeldes. Ele avança, tira a .45 do coldre e empurra a trava.

– Melhor eu ficar com isso por enquanto. – Assentindo para Petroski, ele continua: – Primeiro você. Depois o Dr. Rossi. Senhoras, em fila, como na escola. E não digam uma palavra.

Nós obedecemos e Poe segue atrás, pela sala dos chimpanzés. Junto à porta dupla, ele instrui Petroski a abri-la e nós caminhamos a curta distância do laboratório até o elevador de serviço.

Ele já está aberto.

E dentro há um rosto que eu reconheço como uma mãe reconhece o próprio filho.

SETENTA E CINCO

É como se a porta do elevador fosse a boca do inferno, até mesmo com o alerta medonho, *Abandonai toda a esperança*, gravado onde deveriam estar os números acesos. Mesmo assim, eu entro atrás dos outros. Dane-se a esperança.

Esse é o meu filho.

Steven cambaleia até mim, de súbito mais menino do que homem. Em dois dias ele emagreceu e os ossos das costelas estão pronunciados sob minhas mãos

enquanto eu o puxo para perto. Para onde quer que Poe esteja nos levando, vamos fazer essa viagem juntos.

Poe nos interrompe, separando gentilmente o abraço.

– Mais tarde a senhora terá tempo para isso, Dra. McClellan. Quando chegarmos ao térreo, não levantem os olhos e não falem. – Ele tira três pulseiras pretas do bolso do quadril e as entrega a mim, Lorenzo e Petroski. – Ponham isso.

– De jeito nenhum – diz Lorenzo. – Nem pensar, porra.

Petroski fica pálido, balançando a cabeça.

– Elas são de plástico – explica Poe. – Só façam isso. O sargento Petroski não pode tirar vocês daqui. Mas eu posso. Desde que me obedecem.

Prendo a argola no braço enquanto a porta do elevador se fecha sibilando. Os homens fazem o mesmo.

Olho interrogativamente para Poe.

– Diga.

– O que está acontecendo? – pergunto, me preparando para a dor familiar.

Mas não sinto dor.

– Confiem em mim. Mantenham a cabeça baixa e... não sei... tentem parecer abatidos até passarmos pela segurança.

Nenhuma das pessoas no elevador – inclusive eu, como percebo ao ver meu reflexo na parede de aço polido – precisa fingir abatimento. Olho o relógio de Lorenzo e vejo que são duas da manhã, mas a impressão é que passou um ano inteiro desde que Morgan nos trouxe de volta na tarde de ontem.

Poe aperta o botão do térreo.

– Quando sairmos, fiquem em fila e entrem na traseira do furgão.

A subida parece demorar uma eternidade.

– Certo – diz Poe. – Primeiro as damas.

Saímos. Lin, Isabel, Jackie e depois eu. Sinto alguma coisa me comprimindo as costas quando saio do elevador, e por um momento breve e irracional penso que é o cano da .45 de Petroski, mas é uma coisa quente e tranquilizadora: a mão de Lorenzo. Ele sussurra: – Estou bem aqui, Gianna.

Onde havia dois soldados, agora conto dez pares de coturnos lustrosos. Um par avança num passo vigoroso.

– Não posso deixar que eles saiam, senhor – diz uma voz. – Ordens do Dr. LeBron.

Estou doida para responder que o Dr. LeBron não vai dar nenhuma ordem num futuro próximo ou distante, se bem que ele pode fazer algumas requisições

de gelo enquanto queima no inferno. Me pego sorrindo e mordo o interior da bochecha.

Poe, bem à minha frente, balança um envelope de aparência familiar. No canto superior direito está o brasão presidencial. No canto esquerdo, onde ficaria normalmente um endereço de remetente, há um P maiúsculo em relevo prateado.

– Diga isso a ele – ordena Poe, entregando o envelope.

Há um farfalhar ansioso de papel enquanto o envelope é rasgado e a carta dentro é desdobrada.

– Fort Meade – diz o soldado. – Sei. Certo, o senhor sabe aonde ir. – Então, numa voz mais carrancuda: – Fiquem de lado, homens. Deixem que eles passem.

Sussurros circulam ao meu redor.

– Essa não é a médica?

– Ei... é o garoto que apareceu na televisão ontem à noite.

– Acho que eu a conheço de algum lugar.

– Maldição, sete hoje.

A citação de Burke me vem à cabeça, a mesma que Steven parafraseou quando os homens foram pegar Julia King: “A única coisa necessária para o triunfo do mal é que os homens bons não façam nada.”

Enquanto passamos pelas fileiras de coturnos, ouvindo os sussurros e murmúrios desses homens, não sei se sinto nojo ou pena.

Talvez uma mistura das duas coisas.

Lorenzo é o último a subir no furgão e ocupa um lugar ao meu lado no banco. Antes que Poe nos tranque, noto uma desconfortável ausência de janelas ou de uma maçaneta interna na porta traseira. O terror se esgueira para baixo da minha pele quando o motor é ligado, e me pergunto se eu, se nós não acabamos de ser enganados.

– Todo mundo está bem? – pergunta uma voz. É masculina, suave e baixa. É familiar, mas não consigo situar o timbre. – Acenda as luzes, Christopher.

A voz é *bastante* familiar.

Quando as luzes se acendem, iluminando não sete, mas nove rostos, vejo por quê: Del e Sharon estão conosco no furgão. Estendo a mão e pego a de Sharon, apertando-a. Ela aperta de volta. Minha vontade é me jogar nos braços dessa mulher que mal conheço.

– Mais tarde teremos tempo para isso – diz ela.

– Sharon, querida, comece a trabalhar nas pulseiras – pede Del, apontando para as que estão nos pulsos de Jackie, Lin e Isabel. – Você se lembra de como fazer?

Sharon revira os olhos.

– Eu fiz nas nossas meninas, não fiz? – Depois, dirigindo-se a mim, ela acrescenta: – Homens... Aham que são os únicos especialistas. – Ela dá um beijo no marido. – Não se preocupe, querido. Amo você até sua morte. Talvez até um pouco depois disso.

Ela trabalha no contador de Jackie com a mesma firmeza de Lin fazendo trepanação na chimpanzé.

– Talvez você receba um pequeno choque, garota, mas não diga uma palavra se não quiser que nós duas caiamos de bunda. Del é bom, mas a chave dele não é a mesma daqueles capangas que colocaram isto. Tudo bem. Preparada?

Jackie assente, depois olha nos meus olhos.

– Pronto! – exclama Sharon, triunfante, e vai até Lin.

As primeiras palavras a saírem da boca de Jackie são exatamente as que eu espero: – Puta que pariu. Isso foi pior do que aquele retiro de meditação de merda aonde eu fui vinte anos atrás.

A mesma velha Jacko, penso, e falo com ela – falo *realmente* com ela – pela primeira vez em duas décadas.

SETENTA E SEIS

Quando pegamos a estradinha de terra que serve como entrada de veículos dos Ray, Del e Sharon já deram uma ideia geral de tudo: a bem-sucedida infiltração de Poe, a falsa prisão de Del e o resgate de Steven.

– Essa parte foi fácil – diz Sharon. – Ele estava um andar abaixo do laboratório, junto com uns caras do Exército que acharam que podiam tomar o prédio. Não deu certo. Esses rapazes têm mais coragem do que miolos. – Ela fita

Petroski, que está olhando para a frente, inexpressivo. – Desculpe, não estava falando de você, soldado.

Pelo modo como os olhos dela se movem para cima e para a esquerda, sei que é exatamente dele que ela estava falando.

– Ele se saiu bem, Sharon – digo, vendo um brilho de confiança nos olhos de Petroski.

Poe desliga o motor e dá a volta para nos deixar sair. Quando ele ajuda Lin a descer, a mão pequenina dela desaparece na dele. Os dois juntos criam uma imagem ridícula no estilo de King Kong. Lorenzo salta fora e estende os dois braços para mim.

– Jean?

A voz de Patrick corta o ar noturno ao mesmo tempo que me deixo cair contra Lorenzo. Em seguida, me solto e atravesso a estrada de terra até o meu marido, sentindo-me puxada nas duas direções, como se fosse rasgada ao meio.

– Graças a Deus, amor! – exclama Patrick, me abraçando.

Quando Steven aparece, nós três permanecemos num abraço triplo até que Poe precisa interrompê-lo.

– Mais tarde – diz ele. – Alguns de nós têm uma noite longa pela frente.

Minha noite longa começa com uma verificação rápida das três crianças adormecidas num colchão de ar na sala de Sharon Ray. Termina quando desmorono no espaço vazio ao lado de Sonia. A última coisa que sinto antes de o sono me levar é o peito minúsculo dela subindo e descendo sob meu braço. A última coisa que escuto é Poe, na cozinha dos Ray, fazendo os planos para minha fuga.

SETENTA E SETE

Neste último dia os fatos se sucedem assim: Patrick dá um beijo de despedida, primeiro nos gêmeos, depois em Sonia, em seguida em mim e finalmente em Steven. Dedicar uma atenção especial a Steven. Acho que a gente nunca se esquece do primogênito. Não os ama mais do que os outros, porém o elo é diferente, primal. Enquanto ele se afasta de carro com o frasco do soro escondido na pasta, fico feliz porque não temos mais um cachorro. Já tivemos,

uma mistura idiota de collie, beagle e pastor, que ficava sentado triste no capacho desde o momento em que Patrick saía de manhã até voltar para casa ao pôr do sol. Acho que eu não aguentaria olhar aquele cachorro esperando.

Já é suficientemente ruim para mim.

Depois de o carro dele desaparecer, as luzes traseiras brilhando antes da alvorada, passa na minha cabeça uma invenção, um vídeo enquanto as crianças brigam pelo último brownie que Sharon oferece, enquanto Sonia diz aos irmãos, com toda a certeza, que *sabe* que eles estão trapaceando no jogo, enquanto a caneca de Patrick com café pela metade jaz na bancada de pessoas estranhas, o líquido evaporando e se condensando numa borra marrom e grossa. Ainda tem cheiro de merda, esse café americano, mas ainda assim saboreio.

– Só vou me deitar um minuto – aviso a Sharon, que está fazendo o café da manhã para uma dúzia de pessoas famintas.

Ela sinaliza para mim com uma compreensão sombria demais, dizendo para eu usar seu quarto, se quiser.

Vou com o resto do meu café para um lugar desconhecido com persianas ainda fechadas e um ventilador de teto zumbindo, monótono.

Visualizo Patrick diminuindo a velocidade e parando junto ao portão da segurança, estendendo seu cartão de identificação para o agente do serviço secreto, um homem que usa um pequeno fone branco no ouvido em vez de um distintivo com SS bordado no braço. Patrick estaciona, e eu penso que ele olha para o céu, talvez na direção daquele lugar no leste onde o sol desafia a escuridão.

A reunião acontece durante o café da manhã, mas para Patrick deve ser como a Última Ceia, e ele é o Judas do grupo, passando uma taça envenenada.

Esse era o plano, colocar na água. Ou no café. Ou no champanhe que será aberto e servido em delicadas *flûtes* de cristal para doze convidados ilustres bebericarem enquanto se parabenizam.

Um é o presidente Myers. Outro é Bobby Myers, milagrosamente recuperado de sua jornada de seis dias na terra da afasia. Nunca saberei se o dano cerebral era verdadeiro ou inventado, mas, se tivesse de apostar, sei onde colocaria as fichas. Há o reverendo Carl e Thomas, o Intimidador. Seis membros do Estado-Maior Conjunto estão presentes, além do procurador-geral e do presidente da Suprema Corte, ambos notórios seguidores do Movimento Puro.

Patrick é o número treze. O Judas Iscariotes do Salão Oval.

Enquanto estou deitada na cama, entorpecida pelo giro do ventilador de teto, essas coincidências religiosas parecem engraçadas. Água, vinho, treze

homens. O reverendo Carl e sua insanidade. Dizem que Cristo era uma de três coisas: maluco, mentiroso ou mestre. Louco, mau ou Deus. Não posso acreditar que Carl Corbin seja um deus – nem se acreditasse em entidades divinas. Os deuses podem jogar dados ou não, mas certamente não os enchem com venenos que alteram a mente.

Meu café esfriou, mas bebo mesmo assim.

Na noite de domingo – foi apenas doze horas atrás? –, Patrick decidiu que primeiro colocaria o soro na água e no café. Depois, o que restasse no frasco deixaria de lado para si mesmo, caso houvesse necessidade. Estremeço ao pensar nessa saída, a fuga de Judas, mas Poe me diz que Patrick insistiu. Um grande número de planos bem-feitos dá errado.

É só isso que posso visualizar. Talvez minha imaginação não esteja à altura da tarefa. Talvez esteja mais do que à altura, vívida como technicolor e extremamente focada. Afinal de contas, quem quer devanear sobre a morte do marido?

Olho o relógio no criado-mudo de Sharon. Os ponteiros dizem que está na hora.

SETENTA E OITO

Não durmo. Não consigo. Então vou com as crianças até o estábulo, olhando Sonia guiar os irmãos num tour. Agora ela está cheia de palavras, um gêiser de palavras.

– Essa é Aristóteles – diz ela, dando um tapinha na égua com uma das mãos e a acariciando entre os olhos com a outra. – É um cavalo menina. Apesar de Aristóteles ter sido um homem. E é minha predileta. Sharon falou que ela é

superinteligente.

Enquanto Sonia distribui pedaços grossos de cenoura, instruindo os garotos *exatamente* sobre como manter as palmas das mãos abertas e deixar a égua pegar o legume sem arrancar alguns dedos junto, tiro o celular de Sharon do bolso e digito um número.

O recepcionista não fica empolgado com minha mudança de planos.

– Sra. McClellan – diz ele, a voz anasalada como a de Morgan.

– Dra. McClellan – corrijo.

Ele não pede desculpas, apenas continua com o sermão: – Nós marcamos esses exames com antecedência por um motivo. A senhora deveria estar aqui há uma hora. Não sei se poderemos encaixá-la até... – Ouço papéis farfalhando. – O mais cedo que temos é na semana que vem.

– Não faz mal. Não vou fazer o exame. – Então desligo.

– Vem, mãe! – chama Sonia. – É sua vez de dar comida à Aristóteles.

– Se Aristóteles comer mais cenoura, a Sra. Sharon vai ter um problema. E adivinha quem ela vai pedir para limpar o cocô?

– O nome certo é estrume, mãe. – Sonia parece absolutamente em êxtase com a ideia de passar uma tarde tirando bosta de cavalo.

Bom para ela, penso.

– Posso ser veterinária quando crescer?

– Talvez. Mas precisa estudar muito. Acha que consegue?

– Você conseguiu, mãe – fala Steven.

Acho que meu coração pode explodir, e sei que tomei a decisão certa.

– Vou voltar para a casa, está bem? – digo, e saio enxugando as bochechas com as costas das mãos.

O lado esquerdo queima, mas não tanto, desde que Lin refez o curativo. Mesmo assim, o sal arde.

Lorenzo está sentado no para-choque traseiro do furgão.

– E então? – pergunta ele, quando chego perto.

– Não posso ir sem as crianças.

– Poe diz que você precisa ir. Mesmo se... – ele faz uma pausa, como se não quisesse pronunciar o nome do meu marido – ... mesmo se Patrick tiver sucesso, nada vai mudar da noite para o dia. Eles sabem nosso nome. Têm fotos. Precisamos sair do país.

– Onde está Poe, afinal? – indago, mudando de assunto. Minha decisão está tomada. Preciso de seis passaportes, e não de um.

– Foi com seu marido – responde Lorenzo. E depois, erguendo os olhos. –

Por falar nele...

O carro de Patrick vem na nossa direção feito um trem descarrilhado, derrapando até parar perto do furgão. Uma nuvem de poeira se espalha enquanto a porta do motorista se abre e Poe desce.

A porta do carona não se abre.

– Cadê Patrick? – questiono. – Onde ele está?

Poe responde gritando para Lorenzo. Ouço todas as outras palavras: Vá. Lin. Estanque. Sangramento. Tentei. Ajudar. Não. Tempo.

Meu cérebro completa o restante e abro a porta de trás, acertando a lateral do furgão. O som é uma pancada surda. Dentro de mim há gritos, um grito longo e final que se estende e se esvai em nada.

– O que aconteceu com ele? – pergunto, mas nem era necessário.

SETENTA E NOVE

Planejei o enterro de Patrick como um evento discreto, mas olhando em volta, para o grupo de homens e mulheres na pequena fazenda dos Ray, percebo que meus esforços foram em vão. Vizinhos que eu não achava que se importavam estão aqui, inclusive Olivia e Evan King. Julia também, claro. Ela e Steven estão conversando com o ar hesitante de crianças amedrontadas – o que, eu sei, é o que os dois são. Alguns poucos amigos vieram de carro da Costa Oeste, já que as

viagens aéreas foram interrompidas temporariamente.

Todo o país está em meio a uma transição caótica graças a Patrick.

Em muitos sentidos, eu ainda o amo. Em muitos sentidos, lamento sua morte.

Os rádios e as televisões ficaram mudos nos primeiros dias, e os jornais estão publicando matérias velhas. Washington está mais trancada do que um cofre de banco. O furacão do terror pode ter acabado, mas todos sabemos que a tempestade vai permanecer por um tempo. Todos sabemos que ainda não estamos em segurança.

Mas Del e Sharon decidiram ficar, e Jackie vai permanecer na fazenda para ajudar com a resistência, para tirar o entulho e reconstruir.

– Eu também vou ficar – afirmo depois de enterrarmos Patrick. – Eu quero.

Ela me trata com a mesma mão pesada de sempre, de quando éramos jovens e idiotas. Ou quando *eu* era idiota. Não creio que Jackie algum dia tenha sido idiota.

– Você precisa ir – retruca Jackie. – Agora mesmo. – Quando tento protestar, ela põe a mão na minha barriga. – Você sabe que precisa, Jeanie.

Ela está certa, claro. Jackie sempre esteve certa com relação a algumas coisas. Ela me abraça, agora magra e musculosa devido ao trabalho físico, e no abraço eu sinto tudo. Gratidão. Orgulho. Perdão. Não mais uma bolha ao meu redor.

– Vá, garota. Seu homem está esperando – diz ela, e me solta.

Meu homem.

Parece cedo demais para pensar em Lorenzo como meu homem, meu amor. Mas sinto sua mão na minha cintura, às costas, enquanto ele me leva para a casa da fazenda. O gesto é simples e complexo ao mesmo tempo. Parte de mim quer dar meia-volta, correr para o monte de terra onde Patrick está enterrado, só que não faço isso. Fico com Lorenzo e reúno as crianças, pedindo para começarem a fazer as malas.

Talvez um pequeno pedaço de mim permaneça aqui nesta fazenda. Para fazer companhia a Patrick.

Chris Poe apenas balançou a cabeça quando perguntei o que aconteceu no centro da cidade. Mas insisti. É bom ser capaz de insistir de novo, mesmo que a informação seja difícil de escutar.

A vida é cheia de pequenas ironias. Assim, o fato de que Morgan LeBron, o merdinha incompetente em quem dei um tiro apenas alguns dias atrás, foi a causa da morte de Patrick me surpreendeu menos do que deveria.

– Eu não estava lá dentro – disse Poe, os olhos examinando um torrão de barro entre os sapatos. – E o senhor... e Patrick... saiu correndo pela porta lateral como um javali selvagem que sente cheiro de sangue fresco.

Assenti, deixando claro que ele podia continuar.

Poe pisoteou o torrão de barro, girando o bico do sapato até não restar nada além de terra solta.

– Tudo que ouvi foi “Tranquem! Tranquem!”, e alguma coisa sobre o memorando de Morgan. Bom, isso não é verdade. – Outra bolota de barro sofreu sob o bico da bota esquerda de Poe. – Eu ouvi tiros. Você sabe como eles sempre têm aqueles caras no telhado da Casa Branca? Aqueles que ninguém nunca vê?

– Sei.

– Acho que foram eles que atiraram. Não tenho mais nada para contar, Dra. McClellan.

– Jean – falei, segurando a mão dele. – Pode me chamar de Jean.

Ele se virou para ir embora, os ombros caídos e os punhos enfiados nos bolsos. Depois olhou para trás.

– Sei de mais uma coisa, Jean. Quando seu marido levou aquele tiro, juro que ele estava sorrindo.

– Obrigada. Isso basta para mim.

E ainda basta.

OITENTA

O Canadá esteve quente nos meses de junho e julho enquanto nos atolávamos na burocracia e esperávamos que seis solicitações de passaporte percorressem as repartições de Montreal. Eu teria gostado de ficar, nem que fosse só durante o verão. Alguma coisa nos lagos e rios, enquanto os dias ensolarados e quentes se esvaíam em noites frescas e calmas, era tranquilizadora. Mas o lar me chamava, e falar francês nunca foi fácil para mim. Além disso, precisava ver minha mãe.

O litoral sul da Itália, em comparação, não está nem um pouco calmo. Turistas invadiram nossa cidade sonolenta, e um número ainda maior virá em agosto. Mesmo assim, é o lugar onde quero estar.

Lorenzo vem trabalhando em seu projeto dia e noite, desde que chegamos na segunda-feira. Diz que terá o soro pronto no fim de semana, graças às anotações que Poe roubou de sua sala em Washington. Ele prometeu levar as crianças para uma caminhada em Capri quando terminar. Acho que Lorenzo é bom para elas. Ainda que a princípio se mostrasse relutante, Steven passou a tratá-lo como um irmão mais velho.

Vou aceitar isso.

Nós nos mantivemos a par das notícias desde que atravessamos a fronteira do Maine para o Canadá, e depois o Atlântico, do Canadá até aqui.

As rádios e televisões voltaram à vida; as gráficas começaram a cuspir jornais. Mulheres fizeram manifestações em silêncio até que seus pulsos e palavras foram libertados. Jackie parece estar à frente de cada passeata. Ela escreve dizendo que, quando estiver pronta, virá nos visitar.

Não creio que voltaremos aos Estados Unidos agora, ainda que meu segundo país tenha voltado a ser o que deveria ter sido no ano passado, nem mesmo agora que um novo presidente recebeu as chaves das mãos do antigo, declarando que jamais verá os Estados Unidos repetir os danos causados nos doze meses anteriores. Como os primeiros onze homens na linha de sucessão não são mais... bom... o que eram antes que seu soro de afasia atuasse, o trabalho de reconstrução passou justamente para o secretário de Saúde e Serviços Humanos. É engraçado pensar que esse poderia ser o próximo cargo de Patrick.

Jackie também se ofereceu como coordenadora de campanha. Sua carta da semana passada me relatou tudo sobre as eleições de meio de mandato, contou que o Congresso voltará ao normal – talvez até fique melhor – com tantas mulheres se candidatando. *Imagine, Jeanie*, escreveu ela. *Vinte e cinco por cento do Senado e da Câmara. Vinte e cinco! Você deveria voltar e entrar nessa.*

Talvez ano que vem, escrevi de volta. E falei a sério.

Mas, por enquanto, Jackie só tem meu apoio financeiro e moral. Não estou pronta para entrar na política. Ainda não. Os garotos amam o sol e o clima da Itália, a segunda língua de Sonia está a caminho de ser tão expressiva quanto a primeira, e todo mundo está empolgado com a vinda do bebê.

Além disso, gosto de observar as mulheres daqui. Elas falam com as mãos, com os corpos e as almas, e cantam.

AGRADECIMENTOS

Um homem chamado Stephen King disse uma vez: “Ninguém escreve um romance sozinho.” Eu tinha cerca de dez anos quando li essas palavras pela primeira vez no início de *Salém*. Elas continuam verdadeiras.

Vox é filho de muitas mães e pais, e eu agradeço a todos eles.

À minha agente, Laura Bradford, por sua honestidade, clareza e apoio. Nenhum escritor poderia desejar um defensor melhor de sua obra.

À minha editora nos Estados Unidos, Cindy Hwang, da Berkley; à minha editora no Reino Unido, Charlotte Mursell, da HQ HarperCollins; e a toda a equipe das duas editoras por seu feroz entusiasmo.

Aos meus primeiros leitores, Stephanie Hutton e Caleb Echterling, por fazerem leitura dinâmica de um romance escrito em dois meses e ajudarem a fazê-lo brilhar.

A Joanne Merriam, da Upper Rubber Boot Books. Se ela não tivesse me pedido para mandar um conto para a antologia *Broad Knowledge: 35 Women Up to No Good*, talvez a história da Dra. Jean McClellan nunca tivesse existido.

A Ellen Bryson, Kayla Pongrac e Sophie van Llewyn, que criticaram o conto com olhos atentos e me disseram para ir em frente.

Ao grupo incrivelmente solidário de escritores e editores de narrativas curtas que alardearam meus contos no correr dos anos. Vocês sabem quem são.

A você, caro leitor, que em última instância vai julgar esta história. Espero que goste. Acima de tudo, espero que ela deixe você com um pouquinho de raiva. Espero que o faça pensar.

E, por fim, ao meu marido, Bruce, que apoia quase tudo que eu faço. E que nunca, jamais, me diz para não falar tanto.

SOBRE A AUTORA



CHRISTINA DALCHER é linguista e professora universitária com doutorado pela Universidade de Georgetown. Seus contos figuraram em mais de 100 publicações ao redor do mundo. Ganhadora de diversos prêmios, foi finalista do Bath Flash Award e indicada ao Pushcart Prize. Ela vive em Norfolk, Virgínia, com o marido.

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br



Sumário

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

[Doze](#)

[Treze](#)

[Catorze](#)

[Quinze](#)

[Dezesseis](#)

[Dezessete](#)

[Dezoito](#)

[Dezenove](#)

[Vinte](#)

[Vinte e um](#)

[Vinte e dois](#)

[Vinte e três](#)

[Vinte e quatro](#)

[Vinte e cinco](#)

[Vinte e seis](#)

[Vinte e sete](#)

[Vinte e oito](#)

[Vinte e nove](#)

[Trinta](#)

[Trinta e um](#)

[Trinta e dois](#)

[Trinta e três](#)

[Trinta e quatro](#)

[Trinta e cinco](#)

[Trinta e seis](#)

[Trinta e sete](#)

[Trinta e oito](#)

[Trinta e nove](#)

[Quarenta](#)

[Quarenta e um](#)

[Quarenta e dois](#)

[Quarenta e três](#)

[Quarenta e quatro](#)

[Quarenta e cinco](#)

[Quarenta e seis](#)

[Quarenta e sete](#)

[Quarenta e oito](#)

[Quarenta e nove](#)

[Cinquenta](#)

[Cinquenta e um](#)

[Cinquenta e dois](#)

[Cinquenta e três](#)

[Cinquenta e quatro](#)

[Cinquenta e cinco](#)

[Cinquenta e seis](#)

[Cinquenta e sete](#)

[Cinquenta e oito](#)

[Cinquenta e nove](#)

[Sessenta](#)

[Sessenta e um](#)

[Sessenta e dois](#)

[Sessenta e três](#)

[Sessenta e quatro](#)

[Sessenta e cinco](#)

[Sessenta e seis](#)

[Sessenta e sete](#)

[Sessenta e oito](#)

[Sessenta e nove](#)

[Setenta](#)

[Setenta e um](#)

[Setenta e dois](#)

[Setenta e três](#)

[Setenta e quatro](#)

[Setenta e cinco](#)

[Setenta e seis](#)

[Setenta e sete](#)

[Setenta e oito](#)

[Setenta e nove](#)

[Oitenta](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)